ISKARI
vol. 2



Kristen Ciccarelli

A RAINHA Aprisionada

SEGUINTE

Kristen Ciccarelli

A RAINHA Aprisionada

ISKARI
vol. 2

Tradução
ERIC NOVELLO

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

1. Capa
2. Folha de rosto
3. Sumário
4. Dedicatória
5. Mapa
6. Regras para a Renúncia
7. A faca da Tecelã do Céu
    1. Um
8. Um conto de duas irmãs
    1. Dois
9. Um povo dividido
    1. Três
10. A colheita branca
    1. Quatro
    2. Cinco
11. Três meses antes
    1. Seis
12. Três meses antes
    1. Sete
13. Dois meses antes
    1. Oito
14. Antes
    1. Nove
    2. Dez
15. Antes
    1. Onze
16. Antes
    1. Doze

17. Antes
    1. Treze
18. A história de Essie
    1. Catorze
19. Sem irmã
    1. Quinze
20. Uma visita inesperada
    1. Dezesseis
21. A não renunciada
    1. Dezessete
22. A Tecelã do Céu
    1. Dezoito
    2. Dezenove
    3. Vinte
23. A última Renúncia
    1. Vinte e um
24. Um espírito corrompido
    1. Vinte e dois
    2. Vinte e três
    3. Vinte e quatro
    4. Vinte e cinco
    5. Vinte e seis
    6. Vinte e sete
25. Sozinha
    1. Vinte e oito
26. Antes
    1. Vinte e nove
27. Trinta
    1. Trinta e um
    2. Trinta e dois
    3. Trinta e três
    4. Trinta e quatro
    5. Trinta e cinco
    6. Trinta e seis
    7. Trinta e sete
28. Agradecimentos
29. Sobre a autora

30. Créditos

Landmarks

1. Title Page
2. Body Matter
3. Acknowledgments
4. Copyright Page
5. Cover
6. Table of Contents

Para Ferra'ol, Baldhina e Grace,
três centelhas brilhantes de esperança


Ilhas da Estrela
EIXO
MAR DE PRATA
Darmoor
Firefall
MONTANHAS DA FENDA
Casa do Céu
Novo Refúgio
PLANICIES
MAR DE AREIA
SAVANAS
Casa das Primaveras
Casa da Música
FIRGAARD
Casa das Estrelas
Casa da Sombra

Regras para a Renúncia
Apague as luzes.
Tranque as portas.
Se precisar chorar, procure água corrente para abafar o som.
Deixe o pão torrar. Deixe o vinho azedar. Troque o açúcar pelo sal.
Não viaje depois do pôr do sol.
Esconda o rosto para não ser reconhecido.
Abandone todo o medo que vier a sentir.

A faca da Tecelã do Céu

Era uma vez um homem chamado Sunder que adorava tudo na sua vida. Ele levantava todo dia ao nascer do sol e caminhava pelas suas terras. Ele se maravilhava com a chuva que nutria suas plantações e com o sol que as fazia crescer. Apreciava a força de suas próprias mãos, que tinham plantado, debulhado e construído sua casa. Que embalavam sua filha para fazê-la dormir.

Sunder amava tanto sua vida que, quando a Morte foi atrás dele, se escondeu.

Ela vasculhou sua casa, mas não o encontrou.

Gritou seu nome pelos campos, mas ele não atendeu.

Até que a Morte desistiu, e levou outra pessoa no lugar de Sunder.

Quando ele saiu do seu esconderijo, sorriu diante da própria esperteza. Caminhou a passos largos para casa, pelas estradas de terra, assoviando feliz. Quando se aproximava da porta de casa, um som o deteu.

Alguém estava chorando.

Sunder abriu a porta e encontrou a esposa ajoelhada no chão da cozinha, segurando a filha pequena contra o peito. Quando ele caiu de joelhos do lado dela, viu que os olhos da menina estavam sem vida. Seu corpo estava frio.

Sunder praguejou contra a própria esperteza. Chorou e trincou os dentes.

Depois daquele dia, não acordou mais ao amanhecer. Não se encantou mais com a chuva ou o sol. Quando olhava para a casa que construíra, enxergava apenas o que tinha perdido.

Ele implorou que a Morte devolvesse sua filha. Mas não era possível. A alma dela estava com a Tecelã do Céu.

Então Sunder decidiu que corrigiria seu erro.

Encontrou a deusa das almas no seu tear. A urdidura era feita dos sonhos dos vivos; a trama, das memórias dos mortos. Diante do som da invasão de Sunder, a ferramenta parou. A Tecelã abandonou o trabalho.

Sunder caiu aos seus pés e implorou.

— O seu pedido tem um preço — disse ela.

— Seja qual for, eu pagarei.

A Tecelã do Céu levantou.

— É sua alma que está em dívida. Foi sua morte que faltou.

Sunder fechou seus olhos, pensando na chuva que nutria suas plantações, no sol que as fazia crescer e na força de suas próprias mãos.

— Posso devolver a alma de sua filha. Posso recuperar a vida dela. — A Tecelã do Céu pegou sua faca. — Mas só você pode pagar o preço.

De joelhos, Sunder levantou a cabeça para a deusa sem rosto e disse:

— Pegue, então.

A Tecelã do Céu levantou a lâmina…

e cortou as amarras da alma dele.

Um



A IRMÃ DE ROA DISSERA QUE LEVARIA UM ANO para recrutar um exército, derrubar um tirano e casar com um rei.

Ela tinha conseguido tudo aquilo em apenas três meses.

E lá estava Roa, na mesa esculpida em acácia polida e brilhante, no menor pavilhão da casa de seu pai. O cheiro da fumaça adocicada do fogo-coração se espalhava. Essie estava em seu ombro, suas garras apertando e soltando, enquanto os pés descalços de Roa batiam impacientemente no tapete artesanal.

Cinco dias de negociação dos termos de paz estavam começando a deixar as duas tensas.

As armas cerimoniais de cada homem e mulher presentes estavam empilhadas no meio da mesa — facas longas e curtas, maças finamente esculpidas, foices reluzentes —, deixadas fora de alcance como uma demonstração de confiança. Havia apenas três cadeiras vazias. Tinham sido reservadas para representantes da Casa do Céu, e tinham permanecido desocupadas a semana toda — algo que todos evitavam comentar. Principalmente Roa.

Ela observou a cadeira vazia à esquerda, imaginando o jovem que deveria sentar ali. Ombros fortes. Olhos dourados como trigo. Cabelo castanho-escuro puxado para trás, deixando o belo rosto à mostra.

Theo, o herdeiro da Casa do Céu.

Antigo prometido de Roa.

Ele sempre foi teimoso. Os pensamentos de Essie inundavam sua mente enquanto suas garras apertavam sua pele. *Mas nunca* tão *teimoso.*

Roa acompanhou o delicado osso da asa do falcão no seu ombro. A conexão que compartilhavam — e que Essie chamava de *murmúrio* — brilhava quente e calorosa entre elas.

Eu o traí, pensou Roa. *Não ficaria surpresa se ele nunca mais falasse comigo.*

A conversa silenciosa das duas de repente foi interrompida pelos roncos de alguém.

A nova rainha e seu falcão viraram abruptamente da cadeira de Theo para o jovem que estava ao lado dela. A luz calorosa do sol da tarde entrava pelas janelas, iluminando os cachos castanhos e rebeldes dele. Seu cotovelo estava apoiado na mesa, o queixo descansava no punho cerrado, e os longos cílios negros tocavam suavemente suas bochechas.

Aquele era o rei-dragão. Dormindo em uma reunião importante.

Roa sacrificara tudo por aquele… *desperdício*.

Ela se irritou com os roncos e levantou os olhos para a dúzia de homens e mulheres reunidos em torno da mesa, todos representantes das grandes casas das savanas.

Roa rezou para que não notassem os roncos.

Mas de nada adiantava — claro que notavam. Dax tinha caído no sono em reuniões a semana toda, revelando a verdade para todos: ele não se importava que as sanções de seu pai não tivessem sido suspensas ou que o povo de Roa continuasse passando fome.

Não eram coisas para as quais Dax dava valor.

Aquele era o motivo pelo qual Roa estava ali. Tinha insistido em viajar pelo mar de areia para preparar pessoalmente um documento oficial. Uma vez que o tratado estivesse assinado, Dax não poderia continuar quebrando suas promessas. Não sem consequências.

Por isso todos estavam ali, no lugar onde Roa crescera, com as cabeças inclinadas sobre um pergaminho.

O olhar dela passou pelo rei adormecido e pela pilha de armas até

encontrar o olhar de seu pai, um homem de quase cinquenta anos, com cabelo escuro e encaracolado, começando a ficar grisalho. Parecia mais magro e cansado. Seria possível? Tamanha mudança nos meros dois meses que ela havia passado fora? Ele vestia uma túnica de algodão com o padrão da Casa da Música desaparecendo em torno do colarinho. Combinava com a vestimenta de Roa.

Uma rainha-dragão propriamente dita vestiria um caftã de cores vibrantes, sandálias finas e um diadema de ouro na cabeça. Mas Roa era, antes de qualquer outra coisa, uma nativa. Usava um vestido de linho cru feito pela mãe e um colar de contas de berilo azul-claro.

O pai a encarou, então olhou de relance para o jovem roncando ao lado dela. Sua expressão era inconfundível.

Pena.

O estômago de Roa se apertou como um punho cerrado.

Ela se *recusava* a ser alvo de pena. Ainda mais do próprio pai.

Por baixo da mesa, deu uma cotovelada com força nas costelas do novo marido. Surpresa com o movimento, Essie flexionou as asas para permanecer equilibrada no ombro dela. Dax acordou com um sobressalto, arregalando os olhos enquanto soltava um "Ufa!" discreto. Em vez de sentar direito e prestar atenção ou de demonstrar qualquer sinal de remorso, ele bocejou alto e se espreguiçou, deixando bem claro que tinha dormido.

Como se quisesse que todo mundo soubesse quão pouco se importava.

Os homens e as mulheres em torno da mesa olharam para Roa. Quando ela encarou um rosto depois do outro, todos desviaram o olhar. Como se sentissem a humilhação da rainha.

Eram as mesmas pessoas que tinham confiado nela quando pedira por um exército para ajudar Dax a tirar o pai dele do trono. Agora estavam ali, observando-a com vergonha.

Filha da Música, ela podia ouvir todos pensando, *o que você fez?*

Os olhares a queimavam. Roa agarrou o vestido de linho. Queria desesperadamente que a reunião terminasse. Mas o pergaminho ainda estava sendo assinado.

Ela olhou para Dax, que bocejava de novo.

— Estamos te entediando, meu rei? — Roa nem tentou disfarçar o tom de amargura na voz.

— Nem um pouco — ele disse devagar, com a atenção fixa em algo do outro lado da mesa. — Não dormi muito na noite passada.

Essie ficou inquieta, pisando em uma só garra e depois na outra, enquanto Roa virava para onde Dax estava olhando. Uma jovem tinha acabado de entrar no pavilhão. Era Sara, sua prima, com uma bandeja apoiada contra o quadril.

Seus cachos castanhos estavam presos em um coque com um pente de marfim. Ela usava três pulseiras feitas de conchas brancas e brilhantes.

Enquanto recolhia os copos de chá frio da mesa, Sara deu um sorriso alegre diante do olhar do rei. Roa se lembrou da noite anterior, com relutância. Depois de uma rodada de jogo e de muita bebida com o irmão e os primos dela, Dax tinha flertado abertamente com todas as mulheres, incluindo Sara. Os flertes de Dax seriam algo com que teria que se acostumar.

Roa tinha razoável certeza de que flertaria com um dragão se estivesse bêbado o suficiente.

Ela parou de olhar para o rei e sua prima. Não queria ver os sorrisos que trocavam. Nem saber até onde tinham ido.

Mas havia apenas dois outros pontos para onde olhar: os rostos envergonhados dos representantes das casas ou a cadeira vazia ao lado dela.

Era uma escolha terrível.

No fim das contas, Roa optou pelas consequências da quebra de sua promessa. Olhou para a cadeira de Theo como se ele estivesse ali, encarando-a de volta.

Às vezes ela se permitia imaginar como sua vida teria sido se houvesse mantido a promessa feita a ele. Com certeza não haveria um rei na casa de seu pai, flertando com suas primas, humilhando-a na frente daqueles que mais amava.

E não haveria ninguém mantendo as savanas seguras, Roa ouviu Essie dizer em sua mente. As garras dela apertaram o ombro da rainha com carinho. *O pai de Dax teria tirado todo o nosso sangue.*

Era verdade, claro.

Você fez o que precisava fazer, Essie disse, roçando as penas do topo da cabeça contra a bochecha de Roa. *E todos sabem disso.*

De fato, Roa tinha feito aquilo pelos nativos, incluindo Theo. Ela não permitiria que outro rei de Firgaard tirasse o que quisesse deles. Já haviam tomado o suficiente.

Roa olhou para Dax enquanto acariciava as penas suaves de Essie. Quando o pergaminho chegou ao rei, ele o assinou, então pegou uma pitada de areia

da tigela na frente deles e jogou por cima da tinta molhada. Quando secou, Dax soprou a areia para longe, enrolou o pergaminho e o ofereceu a Roa.

O alívio na sala era palpável. O rei estava fiel às suas promessas. Finalmente ficariam livres da tirania de Firgaard.

Vozes se levantaram, conversando, o riso mais fácil agora que tudo havia terminado.

Quando uma moringa de vinho chegou, Roa franziu a testa. Fazia anos que seu pai não servia vinho para convidados. Poucas pessoas nas savanas podiam se dar ao luxo. Ela se perguntou o que sua família precisaria sacrificar aquele mês para compensar tal indulgência.

Cego a tudo aquilo, Dax serviu o vinho em dois copos de barro vermelho, então passou preguiçosamente o braço em torno do encosto da cadeira de Roa. Surpresa com a proximidade, Essie voou para longe.

A rainha, que estava mais acostumada ao peso da forma aprisionada de sua irmã do que à sua ausência — seus ombros tendo aguentado oito anos de pequenas cicatrizes por causa das garras de Essie —, gelou imediatamente.

Dax se inclinou em direção a Roa, estendendo um copo cheio.

— À paz — ele disse suavemente, envolvendo Roa com seu cheiro de hortelã.

Ela não ousava olhar para Dax. Sabia dos feitiços que aqueles olhos castanhos calorosos conjuravam. Das promessas na curvatura daquela boca. Já tinha visto um número grande de garotas sucumbirem aos encantos de Dax para saber que precisava se proteger deles.

A rainha desviou os olhos para o pescoço dele, observando o batimento constante de sua pulsação. Então pegou seu copo e disse:

— Um brinde a reis que mantêm suas promessas.

O olhar dela cruzou com o dele. Pelo mais breve dos instantes, Roa acreditou ver divertimento nos olhos de Dax. Então aquilo desapareceu atrás de um sorriso sereno.

Roa odiava aquele sorriso. Odiava o efeito que causava nela.

Ela pousou o copo na mesa e levantou com um impulso.

— Se terminamos aqui — disse, olhando para o pai e esticando a mão em direção à pilha de armas conquistadas sobre a mesa —, devo pedir licença. Preciso ir a outro lugar.

Roa pegou a foice do topo da pilha sem esperar pela resposta do pai. Ela virou as costas para a mesa e saiu pela porta aberta sem olhar para trás.

Essie a seguiu.

Roa cavalgou rapidamente pela fronteira da Música. Os cascos de Poppy golpeavam a terra quente e rachada, colocando distância entre ela e a casa do seu pai. Entre ela e o menino-rei.

Foi como se o grande mundo aberto que um dia conhecera — tão ilimitado quanto o céu acima — tivesse se tornado uma prisão. Roa havia entrado nela de livre e espontânea vontade, mas as correntes ainda incomodavam.

No meio do caminho, ela sentiu um murmúrio familiar ressoando dentro de si. O instinto a fez procurar nos céus por um falcão branco.

Essie.

Mesmo com tanta distância entre as duas, Roa podia sentir o desconforto da irmã.

Aonde está indo?, Essie perguntou. *Você vai perder a Colheita.*

Poppy desacelerou e passou a trotar quando Roa se reclinou na sela, se lembrando de que a Colheita era aquela noite.

Uma vez por semana, a Casa da Música preparava um jantar para os mais impactados pelas sanções de Firgaard. Nas noites de Colheita, a casa costumava ficar lotada. Os mais pobres podiam comer e levar embora o que mais fosse oferecido.

Você precisa estar lá, disse Essie, ainda tentando alcançá-la. *É quem dá esperança a eles, Roa.*

Mas retornar à Casa da Música significava encarar Dax. Significava vê-lo beber o vinho do pai enquanto flertava com outras garotas.

Roa cerrou seus dentes.

Me mantive obediente ao lado dele por dias. Os pensamentos dela ardiam na mente da irmã gêmea. *Se tiver que fazer isso por mais um instante, eu…* Sua pegada nas rédeas apertou. *Vou desistir de tudo.*

Ainda dava tempo. O casamento não tinha sido consumado. O que significava que podia ser anulado.

E quem vai nos proteger, então?, foi a resposta de Essie.

Aquele era o problema. Roa tinha tomado sua decisão. Cabia a ela manter seu povo seguro.

Roa tinha achado que trocar sua liberdade pela proteção das savanas seria mais fácil. Não havia percebido que custaria muito mais.

A voz da irmã surgiu suave e baixa na sua cabeça: *Você deveria ter mais cuidado. Estão começando a notar suas ausências.*

Roa passava todas as noites fora desde que tinham voltado para casa, seis dias antes.

Deixe que percebam, ela pensou, atiçando Poppy a galopar.

Ao longe, a terra marrom-avermelhada mudava para um borrão verde de floresta. Roa foi direto para o caminho oculto pelas acácias. Estavam adentrando o distrito das sombras, onde a quinta grande casa um dia se ergueu orgulhosa… até sua ruína.

Uma pontada da frustração da sua irmã a atingiu. Roa a ignorou.

Roa. A voz inundava sua cabeça enquanto Essie se esforçava para acompanhar o ritmo. Suas elegantes asas brancas lutavam contra o vento que continuava a arrastá-la para trás. *Você não pode simplesmente sair correndo!*

Sou a rainha, ela pensou. *Posso fazer o que quiser.*

Você não está agindo como uma. Os pensamentos de Essie ficavam mais distantes. *Está agindo como uma… criança… egoísta… assustada.*

Aquilo doía.

Em resposta, Roa enviou pensamentos frios para a irmã. Essie retribui de forma mais afiada.

Logo antes de Poppy começar a caminhar entre as árvores, o falcão branco guinchou. Roa sentiu uma pontada dolorosa e parou, franzindo a testa em concentração. Olhou por cima do ombro para ver Essie, um pontinho branco no céu de cornalina, ainda lutando contra o vento, tentando chegar até ela.

Então sentiu uma segunda pontada, mais forte. Roa inspirou com dor. Ela apertou as rédeas de Poppy e se comunicou com a irmã. *Se está tentando me machucar, está funcionando.*

Essie não respondeu.

Roa tinha pensado que a irmã entenderia. Essie sabia melhor do que ninguém o que era ser uma prisioneira. Mas ela parecia ficar cada vez mais do lado de Dax, assim como Lirabel. Como se o charme ridículo dele estivesse fazendo efeito nelas também.

Com certa raiva, Roa deu as costas à irmã. Nem esperou Essie alcançá-la, voltando para as árvores sem ela.

Essie ia encontrá-la. Sempre conseguia. A conexão entre as duas era forte e vibrante. Roa podia sentir sua irmã — podia sentir a forma de sua alma — mesmo se houvesse um deserto entre elas.

Jacarandás floriam ali. Suas flores roxas cobriam o chão como um tapete, mais bonito do que qualquer tapeçaria palaciana. Roa inspirou o cheiro adocicado enquanto Poppy caminhava até a entrada da Casa da Sombra.

Corrompido, as pessoas diziam daquele lugar. Um homem havia morrido ali, muito tempo antes, e seus familiares não tinham seguido com os ritos

apropriados. A ligação entre os vivos e os mortos não fora rompida. Então, na Renúncia — a noite mais longa do ano —, a alma do homem se perdera e ele chacinara toda a família.

Ou pelo menos era como contavam.

Espíritos corrompidos eram perigosos, motivo pelo qual as regras da Renúncia precisavam ser seguidas.

Mas, mesmo se a história fosse verdadeira, o espírito daquele homem já teria seguido viagem havia muito tempo.

Depois de apear e amarrar Poppy a um galho, Roa atravessou a entrada desmoronada da casa em ruínas. Conforme andava pelos corredores sem teto, pensou naquela cadeira vazia. Era obviamente um insulto. Mas Theo havia sido insultado primeiro. A Casa do Céu tinha sido a única das grandes casas a votar *contra* Roa ajudar Dax na revolta. E um voto unânime era necessário antes que alguém das savanas pudesse marchar com um exército pelo mar de areia. Roa tinha violado a lei dos nativos.

E depois havia partido o coração de Theo.

Ela verificou cada aposento em ruínas. Estavam todos vazios. Então verificou mais uma vez.

Ele não veio, pensou, desanimada.

Theo não queria que Roa ajudasse Dax. Havia dito que, se ela partisse, não voltaria.

Você estava errado, Roa pensou. *Eu voltei.*

Ela estava ali, não estava? Esperara por ele exatamente onde costumavam se encontrar antes, por cinco noites seguidas.

E por cinco noites seguidas, Theo não tinha aparecido. Porque Roa se casara com Dax. Porque ela havia se tornado rainha.

Era tarde demais para Roa e Theo.

Enquanto o vento balançava a copa das árvores acima, Roa escalou o parapeito da janela de uma parede parcialmente desmoronada. Encostando na pedra fria e empoeirada, levou as mãos ao rosto.

Você é rainha agora, disse a si mesma. *Rainhas não choram.*

Era algo que Essie diria. Se estivesse ali.

Enquanto esperava a irmã, Roa pensou na vergonha nos olhos do pai. Nos olhos de todos eles.

Talvez fosse melhor daquele jeito. Ela não tinha certeza se conseguiria aguentar aquela mesma expressão no rosto de Theo.

Depois que milhares de segundo tinham se passado e Essie ainda não

aparecera, Roa ergueu os olhos para a copa. Para o pedaço de céu escurecendo acima dela.

Instintivamente, seu olhar foi para as duas estrelas favoritas da irmã. *Estrelas gêmeas,* Essie costumava dizer. A irmã adorava as histórias da Tecelã do Céu, a deusa que tecia almas com estrelas e as costurava no firmamento.

Roa pensou na Tecelã transformando a alma de Essie em uma estrela e então colocando-a lá em cima, sozinha, sem sua companhia.

Um calafrio se espalhou por suas entranhas.

Por que Essie estava demorando tanto?

Roa tentou alcançar o murmúrio normalmente vibrante. Mesmo antes do acidente de Essie, sempre havia estado ali, dentro de ambas, caloroso e brilhante.

Naquele momento, a ligação parecia fraca e tênue. Como uma pulsação baixa demais.

Essie?

Nenhuma resposta.

Roa deu impulso para descer do parapeito e voltou pelos aposentos arruinados e vazios.

— Essie? — Sua voz ecoava. — Cadê você?

Só houve silêncio como resposta.

Roa acelerou, pensando no modo como os pensamentos da irmã tinham oscilado estranhamente. Em quão distante ela havia parecido antes.

Essie, se isso é uma piada, não tem graça.

Na saída, Roa desamarrou Poppy e subiu nela com um pulo, conduzindo-a na direção da linha das árvores. Quando chegaram lá, o sol já tinha se posto fazia tempo e o céu estava azul-escuro. Ela não conseguia encontrar sinal de um pássaro branco em suas profundezas.

Roa fez uma concha com as mãos e gritou.

— Essie!

Sua voz ecoou e morreu. O vento farfalhou as folhas atrás dela.

Era um assunto sobre o qual as duas irmãs nunca conversavam, como se fosse torná-lo verdade: uma alma que não tinha atravessado não poderia existir para sempre no mundo dos vivos. Cedo ou tarde, o chamado da Renúncia ficava forte demais.

Essie resistia havia oito anos.

Levantando a cabeça para as estrelas, Roa murmurou:

— Essie, cadê você?

Um conto de duas irmãs

Era uma vez duas irmãs que nasceram na noite mais longa do ano.

Mas aquela não era uma noite para comemorar vidas novas; era uma noite para se despedir dos mortos. Por isso a chamavam de Renúncia.

As parteiras fizeram de tudo para trazer as irmãs mais cedo. Quando falharam, tentaram adiar sua vinda.

Mas as garotas chegaram à meia-noite, em desafio.

A maioria dos recém-nascidos chorava quando provava a vida pela primeira vez. A maioria vinha ao mundo com medo, precisando do conforto da mãe.

As duas irmãs não choraram. Elas vieram em silêncio, segurando uma na outra. Como se não precisassem de nada além do que a gêmea oferecia. Como se, desde que estivessem juntas, não haveria nada a temer.

E aquela não era a parte estranha.

A parte estranha veio mais tarde.

Desta, a mãe delas, foi quem notou primeiro: quando uma garota chorava, a outra a consolava. E, quando ambas choravam, as rosas no jardim morriam. Desta percebeu que, se uma garota se enfurecia, a outra a acalmava. Mas, quando elas se enfureciam juntas, janelas trincavam e espelhos estilhaçavam.

Como se, quando seus sentimentos estavam em consonância, o mundo mudasse e se curvasse diante de sua vontade.

Quando a mãe perguntou às duas quem tinha quebrado o espelho, uma dizia a ela:

— Não fomos nós, mamãe. Foi o murmúrio.

— O murmúrio? — ela perguntava. — O que é isso?

As duas a encaravam.

— O fio quente e brilhante que nos liga. Você e papai não têm algo assim?

Não. Desta e o marido não tinham. Quando ela contou aquilo, o marido deu de ombros e atribuiu a ideia à imaginação fértil de crianças que

passavam tempo demais juntas. As duas irmãs brincavam, estudavam, dormiam e faziam tudo uma ao lado da outra… Quase não havia um momento em que se separassem.

— Faria bem a elas ter outros amigos — o marido disse a Desta.

Ela concordou. Escreveu para sua amiga mais antiga, Amina, cujo filho Dax ficava mais para trás nos estudos a cada ano que passava. Os tutores tinham desistido dele, afirmando que era impossível ensiná-lo e que seria analfabeto. Amina estava doente de tanta preocupação. Desta pediu que a amiga o mandasse para passar o verão na Casa da Música.

Talvez isso cure minhas filhas do murmúrio, *pensou. Ela estava cansada de suas rosas morrendo.*

Talvez, se elas tivessem outros amigos, Desta não precisaria de tantos espelhos novos.

Dois



NINGUÉM ENTENDIA A CONEXÃO DE ROA E ESSIE. Antes do acidente, consideravam algo estranho — ou pior: algo temível. Mas para Roa simplesmente era daquele jeito. Ela não sabia como poderia ser diferente.

Essie dera à ligação o nome de murmúrio, porque era o que parecia: algo profundo e brilhante, quase como uma música suave, vibrando entre as duas.

Depois do acidente, o murmúrio mudou. As irmãs não conseguiam mais se manter à margem dos pensamentos e sentimentos uma da outra, e muito menos da *dor*.

As duas eram uma só.

Por quase oito anos, Essie tinha estado na cabeça de Roa, e Roa tinha estado na cabeça de Essie.

Aquele era o motivo pelo qual o silêncio da irmã parecia tão forte.

Talvez ela tenha retornado para a Casa da Música, pensou Roa, enquanto a respiração de Poppy preenchia o silêncio da noite.

Ela fixou seu olhar nos maciços escarpados emergindo da terra à distância, cada um com um tom mais escuro de azul do que o anterior. Acima deles, a meia-lua subia, inundando as planícies com luz prateada e fazendo o suor no

couro de Poppy reluzir.

De vez em quando, sombras passavam lá no alto.

Dragões, Roa sabia.

Eles já tinham sido numerosos na região. Não fazia muito tempo, o povo de Dax cavalgava aquelas ferozes criaturas pelos céus. Mas, no reinado da avó dele, draksors e dragões tinham se voltado uns contra os outros. Os antigos aliados haviam se tornado inimigos amargos. Até que Asha, irmã de Dax, colocara um fim no regime corrupto.

Desde então os dragões vinham retornando pouco a pouco.

Já passava de meia-noite quando Poppy chegara trotando aos estábulos da casa, e Roa foi recebida pelos suspiros suaves dos cavalos. As baias tinham sido limpas no final do dia e cheiravam a lama seca e feno fresco.

Roa desamarrou Poppy rapidamente, então caminhou pela ruela até a casa. Exceto pelo fogo-coração no pavilhão central, que ardia a noite inteira, as luzes estavam apagadas.

— Essie? — ela chamou, tentando mais uma vez alcançar aquele murmúrio normalmente vibrante.

Os cães — Nola e Nin — foram os únicos que responderam, latindo com sua aproximação. Quando se deram conta de quem era, foram correndo lambê-la. Roa passou por eles, atravessou as fileiras de árvores magricelas e entrou na casa.

Estava tudo escuro lá dentro. Ela seguiu as paredes de pedra empoeirada com as mãos. Pedra. Tão diferente do estuque caiado do palácio. Roa preferia a simplicidade do chão de terra batida e das janelas de madeira bruta aos azulejos precisamente cortados em mosaicos do palácio. Preferia o cheiro de fumaça e acácia ao de hortelã e limão.

Era um mundo diferente ali. Era *seu* mundo. O lugar que ela deixaria para trás no dia seguinte — pela segunda e última vez.

Mais uma vez, chamou a irmã.

Mais uma vez, ficou sem resposta.

Essie não saía sozinha sem avisar Roa. Eram inseparáveis. E na manhã seguinte Roa cavalgaria de volta pelo deserto, com o marido que não amava, para uma cidade que não era a sua. Não podia ir sozinha. Precisava da irmã ao seu lado.

Na soleira da porta do quarto que dividia com Dax, tentou não entrar em pânico.

Ela só está com raiva porque fugi, pensou, tentando se acalmar. Tentando

se convencer de que Essie estaria no seu lugar cativo no travesseiro de Roa pela manhã.

Tentando ignorar o desconforto, ela entrou no quarto e fechou a porta. O luar entrava pelas janelas e iluminava a cama.

Vazia.

Aquilo não a surpreendia. Roa evitava a cama de Dax como uma doença, enquanto ele buscava a cama de outras mulheres.

A família não sabia daquilo. Não sabiam dos rumores que corriam pelo palácio de Firgaard, de que o rei levava uma garota diferente para a cama toda noite.

Roa não costumava se importar com a quantidade de camas em que ele passava a noite desde que ficasse longe da dela. Tornava o casamento mais fácil.

Mas aquela noite… Talvez fosse a ausência dolorosa da irmã, ou os cinco dias de humilhação nas mãos dele… mas Roa sentia que a cama vazia era um insulto.

Aquela era a casa dela. Quase toda jovem sob aquele teto tinha alguma relação de sangue com Roa.

Ela sentia vontade de arremessar alguma coisa, mas então a família acordaria, querendo saber qual era o problema. Então ela foi até o baú de madeira ao pé da sua cama e levantou a tampa decorada com marfim. Tinha sido um presente da mãe.

Roa tirou o vestido de linho e vestiu uma camisola. Depois de confirmar que a faca que mantinha embainhada na panturrilha permanecia segura — a faca de *Essie*, que Roa prometera manter consigo —, começou a fechar os botões.

Então ouviu vozes no corredor.

Os sussurros eram abafados e baixos, mas Roa foi capaz de deduzir que vinham de um casal de jovens. Eles davam risadinhas como se estivessem bêbados, então silenciaram um ao outro. Embora não conseguisse dizer *quem* eram, tinha alguns palpites.

Eles se aproximaram da porta.

Roa fechou as mãos em punho. Parte dela *queria* que ele abrisse a porta. Queria um motivo para desembainhar a faca da sua irmã. Mas a parte mais cansada e infeliz dela sussurrou: *Corra.*

E foi o que Roa fez.

Ela empurrou a janela e escalou o parapeito justo quando as vozes

chegavam ao quarto. Roa desceu para o jardim. Quando a porta foi aberta, ela já estava a caminho do quarto de Lirabel, sem saber com quem Dax estava.

Ela tinha passado a semana toda dividindo a cama da amiga. Mais uma noite não faria diferença.

Era um hábito adquirido com o acidente. Saber que não estava sozinha, que havia outro coração batendo perto de si… ajudava Roa a se acalmar.

Ela sabia que chegaria uma noite em que Dax cobraria o que lhe devia. Seria difícil evitar. Um rei precisava de um herdeiro, e Roa era a rainha. Era seu dever fornecer um a ele.

Mas não seria aquela noite.

Um povo dividido

Quando o primeiro namsara fundou Firgaard com a chama sagrada do deserto, nenhum rei governava. Nenhuma muralha os prendia. O povo do Antigo governava a si mesmo. Cada voz era ouvida e decisões eram tomadas coletivamente. Aqueles que tinham muito compartilhavam com os que não tinham nada. E os doentes e fracos eram valorizados tanto quanto os saudáveis e fortes.

O povo do Antigo acreditava que eles pertenciam uns aos outros, e portanto cuidavam uns dos outros.

Mas, à medida que os anos passavam e a população crescia, desacordos geravam divisões. Eles esqueceram de se enxergar como iguais, independentemente de suas diferenças. Esqueceram de que aqueles que não possuíam nada eram tão importantes quanto aqueles que possuíam muito. Esqueceram de que a voz de todos importava.

Eles esqueceram de cuidar uns dos outros.

Queriam um rei que criasse leis para governá-los. Queriam um exército para protegê-los. Queriam uma muralha para manter os outros do lado de fora.

Aquele não era o modo do Antigo.

Mas seu povo não se importava… exceto alguns devotos.

Aqueles poucos acreditavam que decisões deveriam ser feitas do mesmo modo como uma árvore cresce: a partir de muitas raízes na terra. Não acreditavam em construir muralhas ou contratar homens com espadas para manter os inimigos longe, pois não acreditavam em inimigos.

Eles foram perseguidos por suas crenças e chamados de fanáticos. Então, com a consciência pesada, decidiram deixar Firgaard.

Não foi fácil.

Estavam sob o domínio de um rei agora. Um rei que não tinha interesse em deixá-los partir. Um rei que governava Firgaard e as terras ao redor, das montanhas do outro lado do deserto até o mar.

— Contudo — disse o rei — serei generoso com vocês.

Ele ofereceu as savanas além do deserto e disse que ia deixá-los partir em paz sob uma condição. Enquanto vivessem além das muralhas de Firgaard, pagariam a ele uma taxa em troca da sua generosidade: um décimo das colheitas.

Sem outra escolha, eles concordaram.

Cruzaram o mar de areia juntos e chegaram às savanas, onde construíram as cinco grandes casas, jurando manter as tradições antigas intactas. Seriam hospitaleiros e não construiriam muros. Ajudariam todos que pudessem. Sempre tomariam decisões coletivamente, para que ninguém fosse pisoteado.

E, acima de tudo, nunca esqueceriam que pertenciam uns aos outros.

Quando as pessoas de terras distantes fugiram por causa de guerra, fome ou inundações, quando Firgaard fechou seus portões, as cinco grandes casas das savanas abrigaram os forasteiros. Deram terras para que construíssem novas casas e compartilharam o que possuíam. Então os forasteiros ficaram, morando e se casando por ali. Defendendo-se daqueles de quem tinham fugido e propagando suas novas histórias e divindades, incluindo a da Tecelã do Céu, guardiã de todas as almas, e seu presente, a Renúncia. Os recém-chegados ensinaram a arte de uma lâmina bem forjada. Convenceram os outros de que algumas vezes, em tempos de grande perigo, era necessário pegar em armas para proteger a família.

Conforme os anos viraram séculos, os nativos se pareciam cada vez menos com aqueles que deixaram Firgaard para trás. E era quando você não conseguia se enxergar no outro que o transformava em inimigo.

Então os nativos deixaram de proteger as tradições antigas, esquecidos justamente de que não acreditavam em inimigos.

Três



— COMO ASSIM, VOCÊ NÃO TROUXE MINHA TENDA?

Roa cercou seu irmão, que estava soltando as rédeas do cavalo para passá-las por cima da sua cabeça.

Depois de um dia de viagem, o sol do deserto ardia baixo no céu e ondas de calor emanavam das areias douradas. Eles tinham parado cedo, depois de avistar um bando de dragões. A maioria via o retorno das criaturas como um sinal de que o reino estava se recuperando, mas eles ainda eram predadores perigosos que seria melhor evitar.

— Não havia espaço — disse Jas, depois de amarrar seu cavalo com os outros. Ele tinha um lenço castanho desbotado amarrado solto em torno da cabeça e dos ombros para se proteger do sol, e as duas facas que havia conquistado estavam embainhadas na cintura. As lâminas tinham o padrão da Música gravado.

— Então você deixou minha tenda para trás?

Virando para ela, ele levantou as mãos, com as palmas abertas.

— Sinto muito, mas não tive escolha.

— E onde vou dormir?

Jas olhou para longe, para a caravana. Roa acompanhou seu olhar.

Ela conseguia ver Dax dali, montando sua tenda, sem camisa e sozinho. O suor reluzia em suas costas arqueadas enquanto ele martelava estacas na terra. Estacas que não seriam fortes o suficiente para manter a tenda presa se uma tempestade chegasse.

Roa tinha discutido com Dax sobre aquilo no caminho *para* as savanas, e ele tinha prometido comprar novas enquanto estivesse na Casa da Música.

Outra promessa quebrada, Roa pensou. Dax não tinha providenciado tendas novas assim como não levantara as sanções sobre o povo dela ou formara um conselho mais representativo.

Ele tinha prometido ambas as coisas antes da revolta.

Mas é para isso que o tratado serve, ela pensou, tentando se acalmar, *para fazê-lo manter a palavra.* Quando voltassem, ele estaria preso a mais do que honra. Roa garantiria aquilo.

— Você pode dormir na tenda de Dax — disse Jas.

Ela virou rápido para encarar seu irmão.

Aquilo parecia subterfúgio. Quase uma traição. Jas sabia como Roa se sentia sobre dormir na tenda de Dax. Por que diria aquilo?

— Não entendo qual é o problema. — A voz de Jas tinha um tom de frustração. Suor se acumulava ao longo da linha do seu cabelo, umedecendo seus cachos escuros. — Vocês não estão casados? Não é normal dormirem juntos? — Baixando a voz, ele disse: — Estão começando a comentar.

Ela encarou o irmão, furiosa.

Jas a ignorou e seguiu em frente.

— Você perdeu a Colheita ontem. Onde estava?

— Não é da sua conta.

Estava quente embaixo do seu lenço. Roa limpou o suor da sua testa com o pulso.

— Você está casada com o rei. Não pode sair correndo para encontrar Theo quando sente vontade.

Roa olhou rápido ao redor, mas estavam bem para trás. Ninguém tinha ouvido.

— Se sabia onde eu estava — ela grunhiu —, por que perguntou?

Jas não respondeu. Só manteve o olhar fixo à frente, onde Dax tinha parado de martelar. Ele levantou quando Lirabel se aproximou. Os dois se afastaram da caravana, então começaram a conversar.

— De qualquer modo, não é o que você pensa — Roa admitiu. — Posso

ter ido me encontrar com Theo, mas ele não apareceu.

Jas tirou os olhos de Lirabel para encarar Roa.

— Não o vejo há meses. Ele nem mesmo responde minhas cartas — continuou Roa.

— Bom, não dá pra culpá-lo. Você partiu o coração dele.

Roa desviou o olhar, se sentindo uma criança levando bronca.

Mais uma vez, Jas desviou o olhar para a garota que conversava com o rei. Roa olhou para Lirabel também. A cama dela estava vazia quando Roa subiu nela depois da meia-noite, e estava igual quando acordara, ao nascer do sol.

Ela tentava não se perguntar por quê.

O cabelo de Lirabel estava amarrado sob o lenço celeste, mas alguns cachos escuros apareciam sorrateiros, e havia meias-luas escuras sob seus olhos. Ela parecia… chateada com alguma coisa. Mais de uma vez, Dax esticou a mão para tocá-la, em um gesto que parecia consolo.

Roa se manteve calada, observando seu irmão de olho em Lirabel. Refletindo sobre a semana anterior, ela percebeu que nunca mais vira Jas e Lirabel no mesmo aposento. Na verdade, alguns dias antes, no jantar, quando Jas entrara, Lirabel saíra de repente. Roa não teria parado para pensar naquilo se Lirabel não tivesse feito a mesma coisa na manhã seguinte, no café da manhã.

Era estranho estarem se evitando. A vida inteira, Jas se mantivera perto de Lirabel. Ele a seguia por toda a parte, como um cachorrinho; ela, que tinha passado anos como protegida da casa deles, se sentia em dívida com o pai de Roa e acreditava que não tinha escolha a não ser deixá-lo.

No entanto, desde a coroação, quando Dax tinha elevado o status de Lirabel de protegida a emissária real, era com o rei que ela passava seu tempo. Sentada ao lado dele em reuniões. Transcrevendo suas cartas. Atendendo quando chamada, indo para onde ele a mandasse. E não era só de Jas que Lirabel mantinha distância. Uma fenda se abrira entre ela e Roa também, e parecia estar ficando cada vez maior. Roa não fazia ideia do motivo. Não sabia como contorná-la. Lirabel estava sempre com o rei, ou nas savanas. Como se a estivesse evitando.

— Theo precisa de tempo. — A voz de Jas trouxe Roa de volta ao presente. — Talvez você devesse dar isso a ele. Deixá-lo em paz.

Roa parou.

— Desistir dele, você quer dizer.

Jas pôs o braço sobre seus ombros, puxando-a para si. Apesar de ser um

ano mais novo que Roa, era bem maior do que ela.

— Sei que não é fácil. Só não quero que se machuque.

Roa sentiu o cheiro em suas roupas — como uma fumaça adocicada, como fogo-coração.

— Theo nunca vai me machucar — ela disse.

Jas suspirou mais uma vez, exasperado.

— Estou falando de Firgaard. Consideram você uma rainha forasteira. Não confiam em você, Roa. — Ele apertou o ombro dela. — Suas ausências noturnas não passam despercebidas. — Essie dissera o mesmo. — Se der à corte um motivo concreto para acreditar que é infiel…

— Como o rei é? — Roa se irritou. — Todos parecem muito tranquilos em relação às *ausências noturnas* dele, mas meu próprio irmão me acusa de traição quando sumo?

— Não estou… — Jas tirou o braço dos ombros dela. — Não estou te acusando de nada. Só quero mantê-la segura.

Roa se ressentiu do comentário.

— Nunca precisei de você para isso.

— Roa…

Ela não queria mais discutir aquilo, então mudou de assunto.

— Você vai conosco até o final?

Jas suspirou, ciente do que ela estava fazendo, então assentiu.

— Prometi ao papai que te deixaria sã e salva em Firgaard.

— Vai ficar um pouco na capital?

— Só até a Renúncia.

Faltavam apenas duas semanas para a Renúncia, um festival nativo celebrado na noite mais longa do ano. Era o momento do ano pelo qual Roa mais ansiava, porque Essie assumia sua forma verdadeira.

A conversa com Jas ficou para trás diante da lembrança da irmã. Roa encostou no ombro vazio, onde Essie normalmente estaria empoleirada. Ela se sentia desequilibrada sem o peso ali. Era como se metade dela estivesse faltando.

Onde você está?, pensou, olhando para o céu vazio.

A irmã não estava dormindo no travesseiro quando Roa acordara naquela manhã. Ela a chamou, mas não obteve resposta.

Seu estômago doía com a lembrança. Essie nunca havia passado tanto tempo longe.

Roa tentou suprimir a sensação de mal-estar. *Onde quer que esteja, ela vai*

me encontrar.

Essie sempre encontrava.

Mas, conforme se aproximavam do acampamento, em algum lugar lá no fundo Roa sentiu o murmúrio tremular. Como uma vela lutando para ficar acesa.

No caminho para as savanas, Roa tinha ficado indignada com aquelas tendas. Agora não se importava que não fossem fruto do trabalho de criadores de tendas práticos e experientes. Não se importava com os painéis de cores vibrantes e a costura decorativa, que não haviam sido feitos para as condições áridas do mar de areia, embora bonitos. Não se importava com serem uma típica demonstração de Firgaard de riqueza e talento artístico, ignorando as noções básicas de sobrevivência e o conhecimento do local.

Naquele exato instante, ela só se importava com a ausência da irmã.

Essie não aparecia havia uma noite e um dia, e sem ela Roa começava a desmoronar.

Quando o sol desapareceu e a lua emergiu prateada sobre a areia reluzente, o frio veio junto. Ao longe, o deserto era uma lâmina de dois gumes. Com o dia vinha o calor escaldante; com a noite, o frio letal. Quando não se estava adequadamente preparado, qualquer um podia matar. E era aquele o motivo pelo qual quando a noite caía todos voltavam para as tendas.

Roa ficou do lado de fora por mais tempo do que a maioria, tremendo enquanto vasculhava os céus atrás da irmã. Quando o frio se tornou insuportável e ela não pôde mais adiar o inevitável, foi para a tenda de Dax.

Roa abriu a aba de lona e entrou, tirando os sapatos de couro de cabra.

O rei-dragão se remexeu no saco de dormir, sentando em seguida. A lanterna da tenda iluminou seu rosto. Seus cachos estavam esparramados em todas as direções e uma sombra rastejava por sua mandíbula e seu queixo, indicando que ele tinha passado um dia sem se barbear. Aquilo o fazia parecer mais velho. E um pouco imprevisível.

— Roa? O que está…?

— Jas não trouxe minha tenda — ela disse depressa.

O rei a observou à luz da lanterna.

— Então você pensou em vir se deitar comigo.

A voz dele era áspera. Como se a presença de Roa ali fosse uma invasão. Uma inconveniência.

Talvez seja, ela pensou. *Talvez ele esteja esperando outra pessoa.*

Mas Roa não tinha outro lugar aonde ir. Então, levantando o queixo, disse:

— Sou sua esposa, não sou?

Ela esticou a mão para pegar a coberta de lã dele, dobrada cuidadosamente sobre uma pilha. O cheiro de hortelã inundou seus sentidos.

Desde que era criança, Dax mastigava folhas de hortelã quando estava preocupado. Aquilo limpava sua cabeça e o ajudava a pensar.

Depois de se esticar ao lado do saco de dormir, Roa apagou a chama da lanterna com um sopro.

A escuridão caiu.

Dax ainda estava sentado. Ela podia ver a forma dele assomando sobre si.

— Tem espaço para dois aqui.

Nem pensar. O deserto poderia congelar e *ainda assim* Roa não entraria naquele saco de dormir com ele.

— Vai ficar bem mais frio — ele insistiu.

Roa deu as costas para o rei.

— Você que sabe — ele disse, deitando novamente.

Mas Dax estava certo. Roa tinha crescido naquele deserto. Ela sabia muito melhor do que ele o frio que fazia. O bastante para não deixar dormir. Logo Roa estava tremendo, apertando os joelhos contra o peito. Quando seus dentes começaram a bater, ela sentou, escutando cuidadosamente a respiração de Dax. Roa esperou que ficasse profunda e constante, para ter certeza de que ele tinha caído no sono. E então, com muito cuidado, rastejou para seu lado.

Dax se remexeu. Meio dormindo, meio acordado, murmurou:

— Minha estrela, seus pés estão gelados.

Minha estrela? Parecia um apelido carinhoso.

O pensamento a fez congelar. *Ah.*

Ele achava que era outra pessoa. Uma das garotas que levava para a cama.

Em pânico, Roa tentou colocar algum espaço entre eles. Mas não havia espaço. Só havia Dax e o calor irradiando dele como uma fogueira crepitante.

Ele levou o braço à cintura dela, puxando-a para si.

— Aproveite meu calor.

Roa ficou tensa, esperando que ele quisesse algo em troca. Esperando que exigisse aquilo que lhe devia, o que outras mulheres ofereciam a ele de bom grado.

Mas nada aconteceu.

Uma centena de segundos se passou. Decidindo que era seguro, Roa

pressionou os pés gelados lentamente contra os pés quentes dele. Dax hesitou, mas não recuou. Colocou cada um dos pés dela entre os dele, esfregando-os um depois do outro, para aquecê-los.

Roa tentou não pensar em como a respiração dele gentilmente acariciava seu pescoço. Tentou não pensar no modo como seus corpos se encaixavam.

Principalmente, tentou não pensar em como, nos dias antes da revolta, havia vislumbrado um Dax diferente. Um rei que talvez conseguisse respeitar, mesmo se não pudesse amar. Mas aquela pessoa tinha desaparecido assim que uma coroa fora colocada em sua cabeça, deixando-a sozinha.

Ou talvez Roa só tivesse imaginado aquele rei — decidido, atencioso, corajoso — para se convencer de tudo o que tinha feito: casar-se com o inimigo e deixar para trás o que amava.

De qualquer modo, só por aquela noite, ela se permitiu fingir que era *aquele* Dax que estava atrás dela — o que parecia um rei de verdade.

Só aquela noite, Roa se permitiu adormecer em seus braços.

A colheita branca

Num certo verão trágico, os campos das savanas embranqueceram.

No início, foi apenas um. Quando colhidos, os grãos de trigo daquele campo se desintegravam em um pó prateado. Os vizinhos do proprietário balançaram a cabeça e coçaram a barba. Ninguém tinha visto uma praga daquele tipo. Os outros deram parte de sua própria colheita ao homem, secretamente aliviados por seu próprio cultivo não ter sido atingido.

— O próximo ano será melhor — disseram os coletores de impostos de Firgaard, que levaram uma parte do trigo que os vizinhos haviam dado ao homem.

Mas, no ano seguinte, a praga se espalhou.

Daquela vez, atingiu todos os campos de trigo. Era uma visão perturbadora, todo aquele branco onde deveria haver ouro. Como um mar de neve. Fazendeiros que não tinham plantado trigo ajudaram os outros e ofereceram porções de suas próprias colheitas, secretamente aliviados que a cevada e o linho não tivessem sido afetados.

— Não pode continuar para sempre — disseram os coletores de impostos, levando os dízimos dos nativos em seus cavalos. — No ano que vem, a praga não voltará.

No verão seguinte, ela percorreu toda a savana, de campo a campo, cortando indiscriminadamente as fontes de comida. Fazendeiros tentaram salvar o que podiam. Mas a pequena parcela de grãos intocada pela praga foi levada pelo rei.

No quarto ano, a maioria dos nativos era incapaz de se alimentar. Todos imploravam ajuda a Firgaard, pedindo que o dízimo fosse perdoado.

Firgaard recusou.

Então, da próxima vez, foi só o cadáver do coletor de impostos que retornou à capital. Furioso, o rei enviou seu comandante e uma legião de soldados para as cinco grandes casas, a fim de punir sua insubordinação.

Os nativos escorraçaram o exército.

— Eles não me dão escolha — disse o rei.

As sanções caíram como a espada de um carrasco.

Ninguém poderia mandar ajuda para os nativos. Ninguém poderia oferecer empréstimos. Ninguém poderia fazer qualquer tipo de comércio com eles — do coração da capital até a cidade portuária de Darmoor.

Enquanto isso, a colheita branca se espalhava. Os armazéns e celeiros ficaram vazios. O gado foi abatido antes que morresse de fome. Secaram a carne para compartilhá-la com aqueles que possuíam menos. Por mais três anos, Firgaard deu as costas enquanto os nativos passavam fome. Mães, incapazes de alimentar os filhos, eram forçadas a abandoná-los. Pais partiram para encontrar trabalho do outro lado do deserto ou do mar, enviando o que podiam para a família.

Aqueles que ficaram para trás se recusaram a desistir. Aproveitaram o que podiam de suas colheitas, comendo as pequenas porções de grãos que não tinham sido afetados pela doença. Pescavam e caçavam. Recebiam os filhos dos vizinhos e davam a pouca comida que tinham para aqueles que mais precisavam dela.

Eles sobreviveram.

E sua raiva cresceu.

Quatro



ROA DESPERTOU COM UM SOM ALTO E PERSISTENTE.

Paf! Paf! Paf!

Ela se viu sozinha no saco de dormir de Dax. O sol batia forte na tenda de lona, dando a ela um brilho cor de mel. A temperatura aumentava.

Aquele som — como de panelas batendo — acelerou.

Paf! Paf! Paf!

Estranho, pensou Roa, levando as mãos até os ouvidos. *Devem estar…*

Um grito de gelar o sangue interrompeu seus pensamentos.

Ela levantou rapidamente e saiu correndo da tenda, com os pés descalços.

Roa os viu imediatamente: dois dragões. Um marrom como a rocha das savanas, outro de um ouro pálido da cor do trigo. Cada um tinha duas vezes o tamanho de um cavalo e chifres curvos afiados. Aproximavam-se da montaria de asas abertas. Os cavalos relinchavam, os olhos tomados pelo pânico.

Eles não podiam fugir. Estavam amarrados.

Do outro lado dos animais estava a fonte do barulho. Perto da tenda da cozinha, onde havia uma fogueira, estava Jas. Ele segurava um pote de ferro em uma mão e uma colher de ferro em outra. Batia na panela com toda a

força, mantendo a atenção fixa nos predadores enquanto tentava afugentá-los.

Jas sabia tão bem quanto Roa que precisavam daqueles cavalos.

O som era quase ensurdecedor. Os dragões balançavam a cabeça, mas aquilo não os impedia. Eles se aproximavam lentamente, na espreita. Em poucos segundos, suas garras estariam cortando como navalhas o flanco dos cavalos.

Roa não podia permitir aquilo.

A atenção de Jas fraquejou quando a viu. Quando viu o que ela estava prestes a fazer.

— *Roa, não!*

Mas ela já estava sacando a faca da irmã e correndo para os cavalos.

Roa segurou a corda e desceu com força com a faca, serrando de um lado para o outro, rezando para que a Tecelã do Céu — que era boa em cortar coisas — ajudasse.

A corda era grossa demais, queimando sua mão e resistindo à lâmina. Os dragões estavam cada vez mais perto.

Finalmente!

A corda se rompeu. Os cavalos dispararam, passando direto por Jas e pelas tendas, deixando Roa sozinha e desprotegida.

Ela olhou para o alto. Os dragões estavam logo acima, sibilando e clicando, debatendo o rabo bifurcado. Eles abriram as asas, grandes como velas, e Roa parou para observar as membranas translúcidas por onde a luz do sol brilhava.

— Roa!

Alguma coisa zuniu perto da sua cabeça. Ela sentiu o cheiro de algo queimando antes de ver o rastro de fogo.

Uma flecha incendiária voou em direção aos dragões, errando-os por muito pouco. Roa olhou de relance por cima do ombro e viu Lirabel ao lado de Jas, acendendo sua próxima flecha no fogo da cozinha e puxando-a no arco.

— Corra!

Roa cambaleou para trás, para longe dos dragões.

Mais flechas voaram. Elas não seriam capazes de matar um dragão. E dragões se tornavam ainda mais agressivos quando feridos. Lirabel devia estar errando de propósito, contentando-se em assustá-los.

Onde está Asha quando precisamos dela?, Roa pensou.

A irmã de Dax era boa com dragões.

Se ele tivesse pelo menos metade dessa habilidade…

Quando Roa olhou em volta, não viu sinal de Dax nas tendas.

A quarta flecha de Lirabel foi atirada, e o dragão cor de ouro pálido parou. Jas tinha cessado o barulho. Roa observou a criatura arquear o pescoço serpentino, olhando na direção de onde viera, sentindo algo que ela mesma não conseguia enxergar. O dragão soltou um estalo para seu companheiro e então — como se decidisse que aquela luta não valia a pena — bateu as asas, preparando-se para voar. O outro o seguiu.

Areia foi levantada, voando no rosto de Roa e arranhando sua pele.

Ela se virou, fechando os olhos e prendendo a respiração.

Enquanto os dragões decolavam, Roa sentiu ondas de frio chegando. Ela observou suas formas maciças bloqueando o sol. Sentiu a força de suas asas enormes fazendo o vento bater em seu rosto.

Quando a areia parou de cortar, Roa abriu os olhos e levantou a cabeça.

A silhueta de ambos os dragões voava para leste.

Já vão tarde, ela pensou, mesmo deslumbrada com sua terrível beleza.

Quando se virou para encontrar Lirabel, o acampamento atrás dela era um dourado borrado. Os dragões tinham partido, mas o vento havia acelerado, e a areia chicoteava mais uma vez, tornando difícil enxergar as tendas.

Roa apertou os olhos para tentar enxergar através da areia. Ela encontrou Lirabel, que olhava na direção oposta aos dragões, então baixou o arco e arregalou os olhos. Jas largou a panela e a colher.

— Amarrem os cavalos! — ele gritou para os guardas, sua voz lutando contra o vento. — Amarrem tudo!

Roa se virou. Areia serpenteava no ar, obscurecendo sua visão. Enquanto o vento gritava em seus ouvidos, sua pele se arrepiou.

Ventos gritantes no meio do deserto só podiam significar uma coisa.

Tempestade de areia.

Ela levantou o braço para proteger os olhos.

À distância, uma muralha de areia vermelha e dourada retumbava e se levantava em direção ao acampamento.

Cinco



ENQUANTO LIRABEL GRITAVA ORDENS, Roa correu de volta para a tenda de Dax. A areia cobria seus dentes. A poeira fazia seus olhos arderem. Ela enrolou o lenço vermelho bem firme na cabeça, ajustando-o sobre o nariz e a boca. Em seguida, pegou o manto dele, vestiu e saiu rapidamente.

Roa deu de cara com o caos. O sol reluzia nos sabres de aço dos guardas que zanzavam como abelhas em uma colmeia perturbada, correndo de um lado para o outro para proteger a caravana.

As tendas não eram fortes o suficiente para aguentar uma tempestade. Os pinos seriam arrancados do chão tão facilmente quanto agulha puxada de tecido.

Por que Dax não cumprira sua promessa? Por que ninguém havia consultado Roa, Lirabel ou Jas, que conheciam intimamente o mar de areia e seus perigos?

Ela fez menção de assoviar para Essie, mas sua irmã não estava lá. A dor aguda reabriu a ferida em Roa.

Ela teria que sobreviver àquilo sem a irmã.

— Roa! — Lirabel a chamava, desesperada.

Roa virou para a amiga. O lenço dela tinha se perdido, e seus longos

cachos negros brilhavam com a areia dourada.

— Ele se recusou a escutar! — Ela segurou os joelhos, respirando com dificuldade. — Oleander se assustou e… Roa, ele foi atrás dela!

Roa olhou em volta, sentindo o ar cada vez mais espesso com cada batida do coração. Mesmo apertando bastante os olhos, mal conseguia ver duas formas à distância: Dax e um cavalo.

O rei não sabia como sobreviver a uma tempestade de areia.

Nunca abandonar o acampamento era a *primeira* regra.

Ali perto, a cozinheira tentava guardar a comida a todo custo. Roa segurou o braço dela, parando-a, então esticou a mão para um dos sacos ainda abertos, onde encontrou uma maçã vermelha e suculenta.

Roa a guardou no bolso do manto, então correu para onde Jas estava, amarrando o único cavalo que conseguira alcançar. Ela montou em Poppy e pressionou seu flanco com os calcanhares nus. O animal acelerou, fazendo areia chicotear nos olhos de Roa.

Ela mal conseguia enxergar Dax ao longe, sem camisa, avançando em direção à tempestade.

Garotos tolos com suas ideias tolas…

Ele não sabia que inspirar toda aquela areia era letal? Ia encher seus pulmões e sufocá-lo.

— Dax! — Roa gritou. O vento roubou seu nome.

Oleander, uma égua avermelhada, galopava para longe de Dax toda vez que ele chegava perto, levando-o para ainda mais longe do acampamento. Quanto mais se afastavam, mais perto chegavam da muralha de areia.

Roa e Poppy aceleraram ainda mais.

— Dax!

Daquela vez ele se virou, levantando o braço exposto e fazendo uma careta de dor quando a areia arranhou sua pele. Seus olhos encontraram os dela — a única parte do rosto visível sob o lenço. Roa segurou a maçã no ar, mostrando a ele o que ia fazer, então a arremessou em sua direção.

Milagrosamente, Dax a pegou.

A onda vermelho-dourada engoliu o sol nascente e o céu escureceu. Sentindo o perigo, Poppy relinchou. Oleander balançou as orelhas, então olhou para a maçã na mão de Dax.

Roa se aproximou.

Os cascos de Poppy pararam. Oleander foi até Dax, pegando a maçã com seus dentes enormes. Assim que o fez, o rei pegou as rédeas e subiu nas

costas dela.

Um trovão retumbou no céu. Poppy levantou com o susto, e Roa teria caído se Dax não tivesse esticado um braço e a equilibrado com uma mão firme em suas costas.

Com ambos os cavalos sob controle e a tempestade aumentando atrás deles, Roa cutucou Poppy para galopar. Dax e Oleander acompanharam o ritmo delas.

Eles correram em direção ao acampamento.

Quando Roa olhou de relance, Dax a encarou de volta. O garoto tolo já não estava mais ali. Em seu lugar havia outra pessoa. Alguém que Roa quase reconhecia.

A muralha de areia rugia atrás deles. O rei e a rainha desviaram o olhar, inclinando-se para a frente nos cavalos, exortando-os a ir mais rápido.

Eles chegaram ao acampamento, acelerando através das tendas que sacudiam ao vento. Roa esticou a mão para as rédeas de Oleander, parando ambos os animais ao mesmo tempo.

Como se fossem um só, desmontaram.

A muralha de areia chegou, cobrindo-os em escuridão completa, e a temperatura caiu vertiginosamente.

Roa apertou os olhos com força e respirou no lenço de algodão. Eles tinham duas escolhas. Podiam procurar cegamente uma tenda e torcer para não errar ou ficar onde estavam. A primeira escolha era mais perigosa — poderiam caminhar para fora do acampamento sem saber e se perder na tempestade para nunca ser encontrados.

Roa puxou as rédeas de Poppy, fazendo-a se agachar, então fez o mesmo com Oleander. Assim que ambos os animais estavam no chão, ela esticou a mão para Dax, fechando os dedos com força no braço nu dele. Enquanto a areia cortava seu rosto, ela deslizou a mão até seu punho e depois até a palma. Entrelaçando seus dedos, Roa manteve a outra mão no flanco de Poppy, caminhando até o lado da égua protegido pelo vento e levando Dax consigo. Usando Poppy tanto como escudo quanto como fonte de calor, Roa se ajoelhou e forçou Dax a fazer o mesmo.

A areia fazia sua pele arder. Logo começaria a despedaçá-la. No frio e na escuridão, Roa empurrou Dax contra Poppy, então puxou o manto que vestia — o manto *dele* — e o entregou.

— Se cubra com isso! — O lenço abafava sua voz enquanto ela empurrava o traje de lã para as mãos de Dax.

O braço do rei se curvou em torno dela, puxando-a para si enquanto ele cobria ambos com a lã espessa, mantendo-os protegidos da tempestade uivante. Quando Roa começou a tremer de frio, os braços de Dax a apertaram com mais força.

Com a bochecha pressionada contra o coração dele, ela fechou os olhos e rezou.

Rezou para que fosse o tipo de tempestade que tinha um único surto e então logo se acalmava… não o tipo que seguia em sua fúria por dias e devorava todas as coisas vivas.

Depois do que pareceu ao mesmo tempo anos e segundos, Poppy relaxou, suspirando atrás deles. Roa escutou com cuidado, notando uma diferença no vento. Ele ainda gritava, mas sem tanta raiva. A areia chicoteava, mas já não doía.

Logo, o vento parou.

A areia se acomodou.

A tempestade morreu.

Conforme o mundo sossegava, Roa tirou a bochecha do peito de Dax. Os braços dele a soltaram quando ela se impulsionou para fora do manto pesado e rastejou para longe.

A areia sob as palmas dela estava fria. Quando Roa levantou a cabeça, a escuridão tinha ido embora. O sol fulgurava acima dela mais uma vez. Roa fechou os olhos, deixando-o brilhar em seu rosto, grata por estar viva.

Levantando, ela viu Dax coberto em uma camada de ouro. A visão dele seguro a deixou aliviado…

E em seguida com raiva.

Roa estava prestes a declarar como era perigoso e irresponsável perseguir um cavalo na direção de uma tempestade de areia quando o que viu por cima do ombro dele fez as palavras morrerem na sua boca.

O acampamento tinha… desaparecido.

Antes que a tempestade chegasse, havia meia dúzia de tendas de cores vibrantes. Agora não havia nada além de areia.

Roa fez uma contagem rápida de pessoas. Jas estava puxando Lirabel da areia. A cozinheira procurava por suas panelas, que haviam sido arremessadas para longe. Os guardas e criados estavam todos ali.

Mas as tendas tinham desaparecido e, com elas, os suprimentos. Água.

Comida. Roupas. Estava tudo perdido.

Tirando Poppy e Oleander, até os cavalos tinham sumido.

Roa sabia o que significava ficar preso no meio do deserto sem água ou abrigo. Se tivessem sorte, talvez durassem dois dias.

Se não tivessem, morreriam naquela mesma noite.

Três meses antes

Roa estava no escritório do pai, escondida do filho do rei.

Dax tinha chegado mais cedo aquele dia, sem qualquer convite ou aviso. Enquanto perambulava pelo quarto, Roa se perguntava como ele ousava retornar depois de todo aquele tempo esperando boas-vindas calorosas. Ela não sabia como ele podia pensar que voltaria a se encaixar tão fácil ali. Na casa de Roa.

Da última vez que tinham se visto, o pai dela o arrastava para um quarto sem janelas e trancava a porta.

Da última vez que tinham se visto, Dax tinha tomado algo precioso dela.

A visão dele depois de oito anos era como engolir uma pedra.

No jantar, Dax falara com o irmão dela, Jas, como se fossem velhos amigos, e não inimigos. Depois, ele se oferecera para ajudar a lavar a louça.

Roa quase cuspiu o chá. O filho do rei*, ela pensou,* ajudando na nossa cozinha?

A mãe recusou, como Roa sabia que faria.

Mas Dax não desistiu. Abriu seu sorriso cativante. Ele usava aqueles olhos castanhos calorosos para convencer a mãe de Roa do que quisesse. Até pegara os pratos da mão dela e dissera:

— Deixe que eu carrego pra você, Desta. — Como se a mãe de Roa não estivesse acostumada a carregar sacos pesados de grãos dos campos ou seu próprio peso em água dos poços.

Para total descrença de Roa, a mãe aceitou, mas não com um sorriso. Desta olhava para o filho do rei com pesar.

Ele ficou de pé ao lado de Roa, com uma toalha de algodão jogada por cima do ombro, secando os pratos tão rápido quanto os lavava, perguntando sobre a família dela, perguntando sobre ela.

Roa não conseguiu aguentar. O inimigo não apenas na sua casa, mas na sua cozinha, tentando levá-la para seu lado?

Como se ele não fosse herdeiro do trono de Firgaard — um trono que

tinha extraído o sangue do seu povo, arrancado a carne dos seus ossos.

Como se ele não fosse o garoto que roubara a irmã de Roa dela.

Ele não se lembrava do que havia feito? De quem era?

Antes que Roa pudesse bater com a panela na cabeça dele, Lirabel entrou, e seu olhar encontrou o da amiga. O jeito como ela a encarava dizia: Vá. Fuja. Eu lido com isso.

Roa queria abraçá-la.

Ela fugiu para o escritório do pai, do outro lado da casa.

Mas nem ali era seguro. Assim que tudo foi guardado, Dax seguiu para a sala ao lado para um jogo de deuses e monstros com o pai de Roa.

Como se o pai de Roa não tivesse sido a pessoa que o trancara em um armazém.

Como se o pai de Roa não estivesse em luto pela filha perdida — por causa de Dax.

Um leve som de batidas na porta a tirou dos seus pensamentos.

Roa parou e arreganhou os dentes. Não havia para onde escapar?

Mas quem abriu a porta e entrou no escritório não foi Dax. Foi Theo. As chamas iluminaram seus cabelos escuros, presos para trás em um coque, e jogaram sombras nos sulcos em seu pescoço e em sua mandíbula. Ele fechou a porta.

Aliviada, Roa deixou a respiração escapar de uma vez.

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela o olhou como se perguntasse: O que acha?

Theo atravessou o quarto até ela. Quando criança, ele era bruto, alguém com quem Roa tivera dificuldade de fazer amizade. Mas oito anos de sanções o haviam transformado em algo completamente diferente. Oito anos de sanções tinham forjado uma aliança próxima entre os herdeiros da Casa da Música e da Casa do Céu.

— Ouviu o que ele falou no jantar? — Theo sussurrou, sabendo que Dax estava no aposento ao lado. — Que conversou com seu tio sobre a colheita de grãos? Como se a maior parte não fosse acabar destruída pela praga. Como se seus pais não fossem doar o que sobrar para aqueles que precisam mais do que eles. — A voz de Theo era amarga. — E aquele escravo… como ele ousa trazer um escravo para sua casa?

Roa abraçou o próprio corpo.

— Não sei — ela sussurrou. Era abominável o modo como draksors pensavam que seres humanos podiam ser propriedade.

Ela voltou a ir de um lado para o outro.

Vendo a agitação de Roa, Theo se acalmou.

— É só por uma quinzena, então ele vai embora. — Theo segurou os braços dela, puxando-a para si. — Você consegue aguentar esse tempo.

Ela fez que sim com a cabeça. Era verdade.

Roa olhou para a porta entre aquela sala e a outra. Onde Dax jogava deuses e monstros com o pai dela.

Por que você veio?, *perguntou a si mesma.*

A voz de Theo a trouxe de volta. Ele apertou os olhos, observando-a como se não estivesse realmente de pé em seus braços, e sim em um lugar muito distante, e tentasse encontrá-la. Muitos segundos se passaram antes de Roa perceber que Theo estava falando.

— Roa? Onde você está?

— Desculpe. — Ela pressionou os olhos com a palma das mãos. — Estou tão… distraída esta noite. — Roa deixou as mãos caírem. — Por favor, vamos esquecer um pouco disso.

Ele abriu seu sorriso brilhante.

— Claro. — Theo puxou a mão dela, conduzindo-a até o parapeito da janela, então subiu nele. Roa o seguiu, então sentou contra o revestimento do outro lado.

Segurando suas mãos, ele começou a beijar cada dedo, então as palmas. Roa fechou os olhos, tentando ir para onde os beijos dele normalmente a levavam. Mas, mesmo enquanto os lábios de Theo subiam por seus braços, os pensamentos dela se mantinham no menino-rei na outra sala.

— Eu mudei de ideia — Theo murmurou contra a pele dela. — Não vamos esperar.

— O quê? — Roa perguntou, saindo dos seus pensamentos e abrindo os olhos.

Theo se reclinou para trás, largando uma mão e mantendo a outra. Ele traçou círculos suaves na palma da mão dela. Roa observou o movimento do dedão dele, desejando que aquilo a acalmasse.

— Podemos ir até Odessa.

Odessa era a mulher que fazia uniões e incinerações no território do Céu.

— Ela pode nos casar em segredo. Esta noite.

As costas de Roa estavam pressionadas firmemente contra o revestimento enquanto ela o encarava, chocada. Faltava apenas um mês para a união deles. As mães tinham planejado tudo. Roa balançou sua cabeça.

— Meu pai morreria de raiva! Ele nunca perdoaria a gente.

— Perdoaria, sim. Algum dia. — Os beijos de Theo subiram pelo pescoço dela e seguiram sua mandíbula. — Se for minha esposa, posso levá-la daqui. Você nunca mais teria que vê-lo.

Roa virou o rosto para ele. Os olhos cor de mel muito claros de Theo, emoldurados pelos cílios escuros, fitavam os dela com intensidade e fome.

— Case comigo, Roa. Esta noite.

Ela tocou o rosto dele com a mão livre. Então um som veio da outra sala, de cadeiras sendo arrastadas, e sua atenção foi mais uma vez roubada.

O que Dax estava conversando com o pai dela?

— Roa?

Através da parede, ela ouviu Dax rindo de algo que seu pai dissera.

— Roa, está me escutando?

Subitamente, a porta do escritório foi aberta com força, deixando a luz do corredor entrar.

Theo foi pego de surpresa.

Roa se virou para olhar.

Dax estava de pé no vão da porta.

— Roa, eu… — Ele olhou dela para Theo e para Roa de novo. — Ah. Me desculpe. Seu pai disse…

Seu olhar desceu para a mão de Roa, ainda segurando a mão de Theo.

— Ele disse que você estaria aqui. — Dax os encarava agora, com as sobrancelhas franzidas em confusão, como se estivesse tentando entender a cena que havia interrompido. — Não percebi…

E então, sem terminar a frase, tão abruptamente quanto entrara, saiu e fechou a porta.

O escritório mergulhou no silêncio. Só o fogo crepitava na lareira, derramando luz dourada no tapete.

— Idiota — sibilou Theo, apertando a mão de Roa.

Mas ela não o ouviu. Estava ocupada demais se perguntando: O que meu pai disse?

Roa confiava no pai. Sabia que ele não concordaria com nada que não fosse do interesse de Música. Mas e se fosse algum tipo de armadilha?

Dax era filho de um tirano. Não era confiável.

Roa puxou a mão. Segurando as bochechas de Theo, ela beijou sua boca rapidamente. Ele segurou o corpo dela, tentando prolongar o momento.

Mas Roa se afastou.

— Já volto — ela sussurrou, pulando do parapeito.

— O quê? Por quê? Aonde você vai?

Roa não respondeu. Só abriu a porta e entrou no saguão.

Não havia sinal de Dax no corredor. Nem em qualquer um dos quartos.

Não importa*, ela pensou, seus passos ecoando.*

Roa encontrou o filho do rei no alto do galpão do jardim. Era onde costumava se esconder do turbilhão da casa quando era criança e passava os verões ali.

Conforme subia a escada, contudo, as lembranças a cutucavam como um espinho. A tristeza se acumulou, e Roa tropeçou no degrau. O barulho a fez contrair o rosto, e quando o levantou se viu encarando Dax.

Os olhos dele eram exatamente como ela se lembrava: da cor de castanhas reluzindo ao sol. Suas orelhas se projetavam um pouco longe demais da cabeça. Mas seu nariz estava diferente. Não era mais tão reto.

Quebrado*, ela pensou.* Talvez duas vezes.

De novo, aquela alfinetada da memória. Roa achou que a via refletida nos olhos dele. Mas, se Dax se lembrava, não disse nada. Só abriu espaço para ela subir.

Dax se reclinou novamente, as mangas ainda enroladas até o cotovelo após ter lavado a louça.

— Desculpe — ele disse, depressa. — Eu devia ter batido.

Não pela primeira vez, sua voz a surpreendeu. Como o resto dele, não pertencia mais a um garoto, e sim a um jovem.

Roa se espreguiçou do lado dele.

— Você não interrompeu nada.

Ele olhou de relance para ela, então desviou o rosto.

O espaço entre eles se encheu com oito anos de coisas não ditas. Oito anos de pensamentos que ela não conseguia colocar para fora, de memórias que tinha tentado enterrar.

Como ousa vir aqui?*, queria dizer a ele.*

Mas Roa era filha da Casa da Música. Seu pai a ensinara a ser gentil mesmo quando seu instinto era sacar uma faca.

Especialmente quando seu instinto era sacar uma faca.

Roa precisava descobrir as motivações dele. Ela decidiu começar com algo simples.

— Quem ganhou? — perguntou.

— O quê?

— O jogo. Deuses e monstros.

— Ah. — Ele entrelaçou as mãos atrás da cabeça, relaxando um pouco. — Eu. É claro.

Roa levantou a cabeça e viu um sorriso torto no rosto dele enquanto fitava as estrelas.

— Mentiroso.

Dax sorriu ainda mais. Em um piscar de olhos, contudo, tinha desaparecido. Ele olhou de relance para ela e os dois se encararam.

Ambos desviaram o olhar.

O silêncio cresceu entre eles, como uma erva daninha espessa e capaz de estrangular. Nele, Roa se lembrou da sala trancada. Dos soluços vazando pelas frestas. De como tinha escutado da porta Dax chorando.

— É… estranho estar de volta — ele disse, estilhaçando a memória. — Tudo mudou.

Sim, *Roa pensou.* Meu povo é miserável agora. Graças a você.

— Você mudou — ele disse, suavemente.

Roa se irritou, fechando as mãos em punho.

— E você… — Ela tentou suprimir a raiva e a mágoa se acumulando, mas não conseguiu. Aquilo a inundou como um rio. — Você age como se nada tivesse mudado. Jogando deuses e monstros com meu pai? Subindo nesse telhado como… como se nada tivesse acontecido? Como se não se lembrasse do que fez?

Dax se virou de repente para olhar para ela.

— Acha que vim aqui porque me esqueci? — Ele soava furioso e triste ao mesmo tempo. — Vim aqui porque me lembro, Roa. Nunca vou esquecer. — E então, mais suave: — Penso nela todos os dias.

Roa sentou de repente. O que ele tinha na cabeça, indo ali? Ela não queria falar com Dax. Muito menos sobre Essie.

Começou a se movimentar para ir embora, rastejando com cuidado até a beirada do telhado, então sentando de frente para o jardim, com as costas para o rapaz. Tinha acabado de virar e seus dedos procuravam pelo degrau de escada embaixo quando ele falou, tão baixo que Roa quase não ouviu.

— Você precisa conviver com a ausência dela, e isso é o pior de tudo. Mas… eu preciso viver sabendo que a tirei de você. Que por minha causa … ela se foi.

Roa parou, sentada na beirada do telhado, com os pés nus no degrau mais alto da escada. Ela sentiu o calor do olhar dele em seu pescoço… como fogo

a queimando.

— Talvez seja bobagem — ele continuou. — Talvez você ache que eu não tenho o direito. Mas eu falo com ela às vezes. No telhado, lá em casa. E aqui, esta noite. Sempre foi tão fácil conversar com ela. — As próximas palavras dele mal chegavam a um sussurro. — Com você, era mais difícil.

Roa não se virou para descer. Ela ficou parada, encarando a noite. Lágrimas enchiam seus olhos.

— Por que veio aqui? — sussurrou, observando o jardim banhado pela escuridão.

Ela o ouviu sentar. Finalmente, olhou por cima do ombro. A cabeça dele estava inclinada para trás, para as estrelas derramadas sobre o céu acima, e seus olhos estavam fechados. Depois de vários segundos, Dax inspirou profundamente.

— Vim dizer a você que vou tomar o trono do meu pai.

Aquilo não era nem de perto o que Roa esperava.

Ela levantou seus pés e virou.

— O quê? — sussurrou, encarando o rosto de Dax.

Ele abriu os olhos e a encarou.

— Roa, eu preciso saber… posso contar com sua ajuda?

Seis



ROA OLHOU DO LOCAL DO SEU ACAMPAMENTO perdido para o rei que achava que podia atravessar o mar de areia sem as provisões adequadas.

Ela ficou ali de pé, tremendo de raiva.

Só por um instante, contudo, em vez do rei-dragão coberto por uma camada de areia dourada, a imagem de outro garoto oscilava diante de seus olhos. Mais jovem e tímido. Como no verão em que ela o conheceu.

Roa vislumbrava a memória como uma miragem.

Lembrava dele sentado do outro lado do tabuleiro de deuses e monstros, com os olhos arregalados e curiosos, as orelhas proeminentes de uma forma que poderia ser encantadora se a presença dele na sua casa não fosse tão irritante. Ele havia sido jogado para cima de Roa depois que Essie se livrara e tinha vindo com uma instrução: *seja amiga dele.*

Roa afastou a memória.

Aquele não era o mesmo garoto. Era só alguém tolo demais para evitar caminhar diretamente para uma tempestade de areia por causa de um cavalo.

— Nunca conheci rei mais insensato.

Devagar, Dax levantou, puxando o capuz do manto para trás. Mantinha os olhos fixos nela, as pupilas pequenas na luz ofuscante do sol.

— E quantos reis já conheceu?

Roa cerrou os dentes. Aquilo era algum tipo de piada para ele?

— *Nunca* se abandona o acampamento durante uma tempestade. *Nunca.*

— Pare de gritar comigo.

— Não estou gritando!

— Eu não podia abandonar Oleander…

— O cavalo não importa, Dax! Se um animal se perder na tempestade, compramos outro!

— É o cavalo da minha irmã — ele disse. — Ela importa pra mim.

Roa deu um passo à frente.

— Cavalos são descartáveis. Reis, não.

— Eu disse — ele insistiu, encarando-a — que *ela importa pra mim.*

Sua voz era um aviso, desafiando Roa a questioná-lo novamente.

Ela olhou para Oleander. A égua balançou a areia da crina, alheia a tudo.

Foi então que Roa se deu conta.

O cavalo da irmã…

Asha era uma fugitiva. Era improvável que Dax voltasse a encontrá-la. Oleander era a única ligação que tinha com ela.

Roa deu um passo para trás, com a fúria se dissipando. Então percebeu que estavam sendo observados. Por cima do ombro dele, viu soldats cobertos de areia. Com a mão no cabo da espadas, observavam a rainha forasteira desafiar seu rei.

Engolindo em seco, Roa abaixou a voz e apontou por cima do ombro.

— Tudo desapareceu.

Dax se virou para olhar. Depois de um momento, disse:

— Vamos ter que dar um jeito.

Dar um jeito?, pensou Roa. *Ele realmente é tão idiota?*

— Ficaremos abrigados durante o dia. Racionaremos água.

— Como vamos ficar abrigados, Dax? Não temos tendas. Nem temos água para racionar. *Não temos cavalos.*

Tirando Poppy e Oleander.

Ele ficou em silêncio, pensando. Roa não podia esperar que bolasse um plano. Ela conhecia aquele deserto. Conhecia as chances de sobreviver embaixo do sol escaldante, sem abrigo, água ou cavalos. Sabia que, uma vez que o sol se pusesse, a temperatura cairia vertiginosamente, trazendo o tipo de frio que matava homens e mulheres durante o sono.

Seu destino — a casa da mãe dele — ainda estava a um dia de cavalgada

de distância. Construída pelo antigo rei-dragão para a esposa, ela fora planejada como um refúgio reservado. Dali, seria outro dia inteiro de cavalgada até Firgaard.

Eles não conseguiriam chegar à casa a pé até a noite. Não conseguiriam chegar de modo algum, aliás.

Ao longe, ela observou Lirabel e Jas puxarem um único saco de dormir para fora da areia.

Eles caminharam o dia todo, tentando manter um ritmo regular. Sem água ou abrigo, com o sol forte e quente no céu, estavam cada vez mais lentos. Logo anoiteceria. A visão de Roa tinha começado a borrar fazia tempo, e agora sua língua inchava, em um sinal de desidratação severa.

Estava prestes a piorar, contudo. Quando o sol desaparecesse, não teriam como se manter aquecidos. Sem tendas. Sem cobertas. Sem nada para fazer uma fogueira.

Roa olhou de relance por cima do ombro para garantir que a caravana não estava ficando muito para trás, então voltou sua atenção para o horizonte que escurecia. Para o frio que aumentava.

Ela amaldiçoou aqueles firgaardianos inúteis. Amaldiçoou a si mesma por depender deles.

Lirabel foi para seu lado, interrompendo sua linha de pensamento.

As duas observaram o horizonte, onde o sol mergulhava na areia. Lirabel olhou para Roa.

— Acha que vamos conseguir?

— Não se o sol se puser antes — disse Roa, olhando diretamente para a frente, para a orbe dourada que desaparecia sob o horizonte. Logo a noite cairia como uma cortina.

— Vamos acampar — interrompeu Dax.

As duas viraram para encarar a silhueta negra. Ele estava segurando as rédeas de Oleander, com o rosto impassível.

— Os guardas e criados estão com insolação.

Roa sabia daquilo. Dois já tinham desmaiado e um tinha vomitado duas vezes.

— Precisamos acampar — Dax insistiu.

Se parassem, sem fogo ou tendas para manter o frio letal à distância, não acordariam pela manhã.

Ela balançou sua cabeça em negativa.

— Precisamos continuar andando.

— Estão todos desidratados. Precisam descansar.

Roa apertou os olhos na direção dele.

— Quanto mais tempo demorarmos, menos provável é que sobrevivamos. Precisamos nos mover o mais rápido possível.

— Você não me escutou? *Eles estão desmaiando.*

— Então vão ficar para trás.

Dax a encarou, horrorizado. Mas ele não conhecia aquele deserto.

— Se pararmos para acampar por causa de alguns, colocaremos em perigo a caravana inteira — disse Roa. — Mas se persistirmos durante a noite, se percorrermos uma distância maior e nos mantivermos em movimento e desse modo mais quentes, aumentaremos nossas chances de permanecermos vivos e alcançarmos nosso destino.

Estavam no mar de areia. Ser impiedoso era chave para a sobrevivência.

Mas Dax não pensava como um nativo. Ele havia tido uma vida fácil, fora mimado. Tudo proporcionado pelos impostos e pelas sanções que o pai dele impusera ao povo de Roa. Outras pessoas faziam tudo por ele.

Dax pairava acima dela. Devido à visão prejudicada, era uma forma borrada na bruma cada vez mais escura do crepúsculo.

— Não vou arriscar as vidas sob meu cuidado pelo seu orgulho.

— Você *está* arriscando… — Roa se interrompeu. — Meu *orgulho*?

Roa segurou mais firme as rédeas de Poppy. Sentindo o humor dela, a égua abaixou as orelhas até ficarem achatadas na cabeça.

Lirabel se aproximou da rainha, esfregando o pescoço de Poppy para acalmá-la.

— Roa está certa. É muito mais perigoso pararmos.

— Discordo — disse Jas, aproximando-se por trás e encarando Lirabel. — Acho que deveríamos acampar. Essas pessoas não têm condições de seguir em frente.

Roa encarou o irmão com raiva.

— Se não continuarmos, *vamos todos morrer*.

— É um risco que aceito correr — disse Dax, virando.

Roa estava prestes a dizer que ele já tinha determinado o destino de todos ao parar de noite. Nunca chegariam à casa da mãe dele. Dax não sobreviveria até a manhã seguinte.

Mas, antes que pudesse fazê-lo, um som familiar rompeu o silêncio da

noite que chegava: o grito agudo de um falcão.

O coração de Roa acelerou. Ela virou, vasculhando o céu cada vez mais escuro.

— Ouviu isso? — ela sussurrou, com medo de confiar em seus próprios ouvidos.

Roa procurou pelo murmúrio, ainda abafado dentro de si.

Era real. Pouco depois, os pensamentos de Essie explodiram em sua mente.

Te encontrei, Roa.

Foi como se alguém tivesse riscado um fósforo e acendido um fogo radiante dentro dela.

— Essie…

Roa puxou Poppy para longe, esquadrinhando o céu até achar um pássaro branco acelerando em sua direção, como se mergulhasse para fora das estrelas.

Você estava em perigo e eu a escutei. A voz de Essie fluía pela mente de Roa. *Eu precisava garantir que estivesse segura…*

Onde você estava?, Roa perguntou para a irmã, mais perto a cada batida do coração.

Em um lampejo de penas brancas e olhos prateados, Essie se chocou contra Roa, suas garras afiadas raspando a pele da irmã. *Eu… não sei. Não consegui achar meu caminho. Não conseguia lembrar onde ficava minha casa.*

Roa puxou a irmã contra o peito, abraçando-a. Mantendo-a segura. Um pequeno amontoado de calor em seus braços.

E então ouvi sua voz, parecendo vir de muito longe… Não entendi. Como pode ter ido tão longe?

Essie odiava quando Roa a segurava, impedindo-a de voar. Mas, naquele momento, se apertou contra o peito dela, tremendo e deixando que a segurasse. Seu minúsculo coração martelava contra as costelas da irmã.

Está tudo bem. Roa acariciou as penas de Essie enquanto o murmúrio reluzia fraco entre elas. *Você está aqui agora.*

Quando parou de tremer, Essie se contorceu para fora dos braços da irmã e voou até seu ombro. Suas garras se cravaram mais fundo do que o normal, perfurando a pele de Roa. Como se, ao apertá-la com força suficiente, talvez a confusão que tinha se apossado dela não a dominasse novamente.

E então uma voz ecoou ao longe.

Ambas olharam para oeste.

Eu trouxe ajuda, Essie explicou.

Pontinhos de luz apareceram no horizonte, cada vez mais perto. Eram tochas na mão dos nativos — o povo dela — galopando na direção deles. Quem os liderava era um jovem, com o rosto oculto por um lenço.

Roa não precisava vê-lo para saber quem era.

— Theo — Dax murmurou atrás dela. Roa tinha esquecido de que ele estava ali.

Assim que Theo a viu, ele se separou dos outros, acelerando diretamente em sua direção, segurando a tocha alto.

Roa cutucou sua própria montaria para galopar, seu coração batendo forte em compasso com os cascos de Poppy. Essie saiu voando, acompanhando-a de perto.

Theo a chamou, e sua voz era como o fogo, expulsando o frio.

Um caminho de volta para casa.

Três meses antes

— Esse é o único mapa que você tem?

Em resposta, ela ouviu um suave sibilar seguido de um forte impacto.

Roa e Lirabel levantaram a cabeça bem quando Dax abaixava o arco. Do lado dele, um jovem sardento sorria feliz, com os braços cruzados, encarando a espiral na árvore perfurada pela flecha de Dax. O garoto, Roa descobriu quando o conheceu, se chamava Torwin.

— Muito bem — disse Torwin. — Agora vá pegar.

Dax levantou uma sobrancelha para ele.

— Vá em frente. — Torwin indicou a árvore com o queixo. — Parte de aprender como atirar é recuperar as flechas.

— É mesmo? — disse Dax.

— É — Roa concordou do chão, onde ela e Lirabel estavam agachadas. — Papai costumava puxar nossas orelhas se deixássemos as flechas para os criados recolherem.

Estimulado pela colaboração dela, Torwin riu.

— Ouviu isso? Quer ter as orelhas puxadas pelo pai dela?

Dax revirou os olhos, mas foi pegar a flecha.

Torwin abriu um sorriso torto para Roa, que o retribuiu. Mas o sorriso morreu em seus lábios diante do brilho da faixa de prata que dava a volta em seu pescoço.

A visão daquilo era como uma lâmina fria em sua barriga.

Ao contrário dos nativos, draksors mantinham escravos. Meio século antes, um exército do Norte — um grupo de skrals — tinha tentado conquistar Firgaard. Eles falharam, mas em vez de expulsá-los a rainha-dragão — avó de Dax — os escravizara.

Roa ficara sabendo que Torwin era um daqueles escravos, propriedade de um dos homens mais cruéis que já tinha conhecido. Era apenas mais um motivo pelos quais decidira ajudar Dax a derrubar o pai: nenhum ser humano deveria possuir outro.

— E, sim — disse Dax, voltando em uma corrida leve depois de buscar a flecha. — Esse é o único mapa que temos.

Roa olhou para baixo, para o pergaminho esticado no chão embaixo dela. Estava rasgando nas dobras e tinha seções inteiras borradas.

Então terá que servir, *Roa pensou.*

Ela indicou a cidade de Darmoor, então olhou para Lirabel, que estava agachada ao seu lado.

— E quanto a este lugar?

Os cachos de Lirabel estavam soltos, e seu arco conquistado descansava no chão ao seu lado. Ela cheirava a água de rosas.

— É menor que Firgaard — Roa disse. — E veja: sem paredes.

O olhar de Lirabel passou da capital murada de Firgaard para acima das montanhas da Fenda, onde Roa apontava: Darmoor. Um porto marítimo.

Lirabel abriu um sorriso lentamente.

— Se está sugerindo o que eu acho que está, é brilhante.

Havia soldats armados demais dentro das muralhas de Firgaard. Para conseguir realizar a revolta com sucesso, precisavam reduzir seus números.

— Quão importante é Darmoor para o rei? — Roa perguntou a Dax, enquanto encarava o mapa.

— Muito — veio a resposta, seguida de outro impacto na árvore. — Cerca de metade da comida e dos suprimentos vem de lá.

— E se estivesse sitiada?

Roa e Lirabel levantaram a cabeça, esperando a resposta. Dax parou na árvore, segurando a flecha que estava presa logo abaixo da espiral.

— Meu pai mandaria seu exército para recuperar.

— Então acho que Roa resolveu seu problema — disse Lirabel.

Antes de Roa poder se deliciar com seu triunfo, contudo, a voz de Essie irrompeu em sua mente.

Roa!

Ela tinha ficado de vigia. Estavam nas ruínas da Casa da Sombra, onde ninguém nunca ia. Como precaução, Essie vigiava a entrada.

Ele está vindo!

Roa levantou depressa. Quem?

Essie não respondeu. Nem precisava. Quando Roa se virou para a parede parcialmente desmoronada logo atrás, ela o viu.

Theo estava de pé sob o luar, segurando uma de suas espadas conquistadas. A segunda pendia na bainha do cinto. Ambas tinham pomos

esculpidos na forma de um cervo saltando.

Desculpe, Roa. *Essie mergulhou do céu iluminado pelas estrelas para o punho esticado de Roa.* Dormi e só acordei quando ele estava passando.

— O que ele está fazendo aqui? — grunhiu Theo, apontando a lâmina para o filho do rei.

Era culpa de Roa. Ela tinha ficado até tarde conversando com Dax no teto do galpão de jardim e, quando finalmente retornara ao escritório, Theo não estava de bom humor.

Quando contara que iria a Firgaard com o filho do rei, Theo ficara furioso.

E quanto ao casamento?, *ele tinha insistido.*

Podemos adiar, *ela dissera.* Até eu voltar.

Por vários segundos, ele a encarara como se Roa não fosse a mesma garota de sempre. Como se não a reconhecesse. Então ele se levantou e foi embora.

Agora ela tinha piorado a situação ao levar Dax para a Casa da Sombra. Seu ponto de encontro com Theo.

— Theo… — Roa disse, levantando-se na frente de Lirabel, que tinha erguido rapidamente o mapa e o dobrado. — Posso explicar.

Pode?, *perguntou Essie, olhando para o herdeiro da Casa do Céu. Roa podia sentir a agitação da sua irmã em seu próprio sangue.* Parece que ele quer esmagar a cabeça de Dax muito mais do que uma explicação.

Dax se colocou à frente dela.

Roa esticou a mão para pará-lo.

— Theo — disse Dax, esquivando-se de Roa —, por que não abaixa a espada?

— Ou — grunhiu Theo — você pode sacar uma para finalmente resolvermos isso.

Ah não, *pensou Essie.*

Roa e Lirabel trocaram um olhar.

Fogo ardia nos olhos de Theo.

— Você não é diferente dos tiranos que vieram antes de você, Dax. Chegando com uma bandeira branca, esperando que entreguemos tudo o que pede. Mas nunca é suficiente, não é mesmo? Vocês sempre querem mais.

Torwin se colocou entre Roa e Lirabel. Em voz baixa, perguntou:

— Quão hábil é Theo com aquela espada?

— Muito — Roa e Lirabel disseram em uníssono.

Nas savanas, as armas eram conquistadas, não dadas. Eram símbolos de habilidade bem como de pertencimento. As crianças nativas passavam por anos de treinamento antes de receber a honra e responsabilidade de portar uma. Tal treinamento era tão importante quanto seu aprendizado de letras e números.

Roa sabia pelos verões que Dax tinha passado morando em sua casa que ele evitava espadas do mesmo jeito que evitava verduras. Roa, Essie e Lirabel costumavam vencê-lo regularmente nas aulas.

Talvez Dax tenha melhorado, *pensou Essie.*

Talvez não, *pensou Roa.*

— E Dax? — Lirabel perguntou, colocando em palavras a esperança de Essie.

Torwin manteve os olhos no filho do rei.

— Digamos que ele seja melhor em resolver os problemas na conversa.

Theo sacou sua segunda espada e ofereceu o cabo ao outro.

Dax não a aceitou.

— Não vou lutar contra você.

Theo lançou a lâmina aos pés de Dax. Ela bateu na pedra rachada.

— Pegue — disse.

— Não acho que…

Theo deu um soco no queixo de Dax.

Lirabel e Roa inspiraram juntas.

Torwin se moveu para intervir.

— Não — disse Roa, segurando o braço dele e impedindo que avançasse. Theo não pararia até que seu desafio fosse aceito. — Você não vai ajudar Dax assim. Deixe que se defenda.

Torwin a encarou como se ela tivesse enlouquecido.

Mas Theo tinha muitos motivos para desafiar o filho do rei. E, se Dax queria o apoio dos nativos naquela guerra que estava planejando, precisava se provar do jeito deles.

— Você toma. — Theo empurrou Dax, que cambaleou para trás. — E você toma. — Ele empurrou novamente. Dax balançou a cabeça, ainda tentando se recuperar do choque do soco. — E você toma mais um pouco. — O empurrão final fez Dax quase bater na parede. — Ousa vir aqui pedindo para nosso povo lutar sua guerra? Prove que sabe o que está fazendo. Prove que merece nossa ajuda.

Theo chutou a espada na direção dele.

— Pegue. Agora.

Dax pegou.

Quando se virou para enfrentar o oponente, a pegada no cabo estava toda errada.

Ah, Dax, *pensou Essie.*

Ele segurava a arma com força demais, perto demais.

Vendo aquilo, o canto da boca de Theo se curvou em um sorriso. Ele o chutou no estômago, fazendo-o perder o ar. Dax cambaleou para trás, balançando os braços para manter o equilíbrio. Foi então que Theo o bloqueou, desarmando-o com facilidade.

Mais uma vez, a espada bateu no chão.

Theo deu um passo à frente, seu nariz quase tocando o de Dax.

— Patético como sempre.

— Está bem — disse Roa. — Já provou seu ponto.

Theo a ignorou, arremessando Dax com força na parede, usando ambas as mãos.

Desarmado, Dax grunhiu quando suas costas atingiram a pedra. Theo pressionou a lâmina no pescoço dele, mantendo-o preso.

Roa sacou discretamente a faca de Essie da bainha na sua panturrilha e avançou. Essie voou do seu ombro para o de Lirabel.

— Eu deveria fazer um favor para todos nós — Theo disse no ouvido de Dax — matando você agora mesmo.

— Onde será que já ouvi isso antes? — Dax disse, amargo.

Roa pressionou a ponta da faca no ponto bem acima do rim de Theo, perfurando a camisa. Cutucando sua pele.

Theo congelou.

— Chega — ela avisou.

— É só diversão — Theo disse, mantendo a lâmina contra o pescoço do herdeiro. — Não é, Dax?

Roa olhou para Dax, que encontrou seu olhar solene por cima do ombro de Theo.

— Ele não parece estar se divertindo. Solte.

Theo não se moveu.

— Theo — Roa sibilou, apertando com mais força —, não sou uma donzela em apuros que precisa ser salva. — Ele levantou as mãos imediatamente. — Largue a espada. E se afaste dele.

Theo obedeceu, com um olhar de fúria. Roa o encarou, deixando que ele

desviasse o rosto primeiro.

— Vá para casa — ela disse então.

Theo pegou as espadas e as embainhou. Ele não a encarou novamente nem olhou para Dax. Só foi embora das ruínas, com os ombros caídos, como um homem que tinha acabado de perder tudo.

— Obrigado — Dax disse, de onde estava, contra a parede.

— Não me agradeça — ela disse, observando a silhueta de Theo sangrar na noite. — Só… se saia melhor na próxima.

Do outro lado do pátio arruinado, Lirabel disse:

— Talvez devêssemos ir para casa.

Roa assentiu.

Os outros se encaminharam para os cavalos, mas Roa ficou para trás, traçando o osso delicado das asas da sua irmã com a ponta dos dedos.

Como ele vai liderar uma revolta se não consegue nem empunhar uma espada?

É por isso que ele precisa de você, *disse Essie.* É por isso que todos precisamos de você.

Sete



OS CAVALOS PARARAM AO MESMO TEMPO.

Areia subiu quando Theo puxou Roa para si, apertando-a contra o peito. O coração dos dois batia no mesmo ritmo.

Conforme a caravana passava ruidosa por eles, em direção à do rei, Roa inspirou seu cheiro quente e familiar. Como mel e trigo. Ela passou os braços em torno do pescoço de Theo e o abraçou com força.

— Essie me encontrou — ele disse, contra a bochecha dela. Segurando em seu ombro, Theo afastou Roa para olhá-la. — Eu estava completamente apavorado com a ideia de não te alcançar a tempo.

Roa estudou seu antigo prometido. A mandíbula forte e inabalável. O cabelo escuro puxado para trás. Os olhos cor de trigo emoldurados pelo rosto beijado pelo sol.

Em seu silêncio, Theo esticou a mão para o odre e desenroscou a tampa, passando-o para ela. Roa bebeu bastante.

— Você está bem? — ele perguntou, avaliando-a em busca de ferimentos.

Roa não sabia como responder àquela pergunta. Então, depois de limpar a boca na manga e devolver o odre, disse:

— Você nunca respondeu às minhas cartas. Nunca foi até as ruínas.

— Estou aqui agora — Theo disse, ainda a observando.

Subitamente, o clima mudou. Os dois levantaram a cabeça e viram Dax saindo do escuro e entrando na luz da tocha de Theo. Ele montava Oleander, com Essie pousada em seu punho. O fogo fazia suas asas brancas brilharem quase laranjas.

Dax olhou para a mão de Theo. A que repousava na cintura de Roa.

Theo não hesitou.

— Dax — ele disse, entre os dentes cerrados. Em Firgaard, Theo nunca escaparia ileso de tamanha informalidade com o rei-dragão. — É raro ver um homem que arrisca não só sua segurança, mas a de sua caravana inteira.

Dax sorriu friamente. Sua voz, contudo, não era nem um pouco fria. Na verdade, era quase calorosa.

— Sua falta foi muito sentida nas negociações do tratado. Imagino que tivesse coisas mais importantes a fazer, como ficar de braços cruzados.

Roa encarou Dax. Ele considerava aquilo diplomacia? Insultar a pessoa a quem deviam a vida?

— Acha isso engraçado? — Theo não sorria. — Você não tem provisões. Não tem tendas. Não tem comida. Como planejava sobreviver até a manhã? — Ele olhou para Roa, firmando mais a mão. — Já colocou vidas de mais em perigo essa noite. Deixe minha casa e eu resolvermos tudo agora.

Dax olhou da pegada protetora de Theo para o rosto de Roa. Sua sobrancelha se levantou discretamente, em uma pergunta não pronunciada.

Roa levantou o queixo.

— Devemos a ele nossas vidas — ela disse, encarando Dax.

Ao longe, Roa ouviu os martelos já enterrando estacas na areia. Novas tendas estavam sendo rapidamente levantadas graças às mãos fortes e hábeis da equipe de salvamento. Theo tinha levado suprimentos. Suprimentos adequados. Sobreviveriam até a manhã seguinte graças a ele.

— Se Theo não tivesse vindo…

— Não existe um mundo em que eu não teria vindo, Roa.

Ela levantou a cabeça para o rosto que a observava do alto.

Dax revirou os olhos enquanto virava Oleander para conduzi-la em direção às tendas.

— Por que não trocam umas piscadinhas também? Vejo vocês no acampamento.

Seu cavalo chutou areia nos rostos deles enquanto partia, com Essie em seu encalço.

Roa e Theo encararam furiosos o rei que recuava.

— É melhor não voltar a subestimar o mar de areia! — Theo gritou para as costas dele. — Ele não é nada misericordioso!

Roa levantou as mãos para o fogo. O resto da caravana já tinha ido dormir havia tempos, mas ela, Lirabel, Jas e Theo ainda estavam acordados. A tenda de Theo estava aberta de um lado para poderem observar o acampamento, mas fechada dos outros três para bloquear o frio.

Essie dormia no colo de Roa, com a cabeça aninhada embaixo da asa. Parecia distante aquela noite, como o murmúrio. Quieta e exausta. Como se encontrar o caminho até Roa tivesse exigido toda a sua força.

Quando levantou a cabeça, Roa notou que Lirabel olhava em direção à tenda de Dax e Roa — aquela que Theo tinha levado para eles —, que brilhava por dentro, jogando a sombra do rei na lona. Roa concluiu que ela observava a silhueta do rei se despindo.

Lirabel nunca olhava para Jas por cima da fogueira. E Jas, conversando com Theo, nunca dirigia uma pergunta a Lirabel. Era estranho. Jas e Lirabel deveriam ter mais assunto do que qualquer outra pessoa. Desde que Dax a nomeara sua emissária para as savanas, ela passava bastante tempo perto do irmão de Roa.

Quando o brilho na tenda de Dax se tornou escuridão, Lirabel levantou do tapete de pele de cabra e puxou o lenço sobre os seus ombros. Seus cabelos estavam presos em uma longa trança que descia por suas costas.

— Está esfriando. Vou dormir.

Roa a observou partir na direção da tenda do rei.

Jas nem desejou boa-noite.

Na ausência de Lirabel, Roa o observou. Seu irmão era do tipo contemplativo, mas sempre fora alegre. Ultimamente andava… de mau humor. Como se uma nuvem de tempestade tivesse se instalado dentro dele, bloqueando o sol que costumava brilhar em seus olhos.

Será que é porque finalmente desistiu de Lirabel?, Roa se perguntou. *Ou porque está preocupado com a fissura entre a Casa da Música e a Casa do Céu?*

Aquele último problema era culpa dela. Outra consequência da decisão que havia tomado. Se não tivesse se casado com Dax, não teriam problemas com a Casa do Céu, e portanto nenhum fardo seria posto nos ombros do seu irmão

mais novo.

Pouco depois de Lirabel partir, Jas se espreguiçou e bocejou, passando uma mão no rosto.

— Acho que vou me retirar também. — Seu olhar encontrou o da irmã quando levantou. — Você vem?

Roa balançou a cabeça em negativa.

O irmão franziu a testa para Roa, com o que Essie chamava de "estudo cauteloso". Ele tinha aprendido aquilo com a mãe, que usava a expressão toda vez que os filhos faziam algo que desaprovava: sobrancelhas apertadas, olhos estreitos, lábios pressionados com força um contra o outro.

Jas desaprovando sua irmã sentada sozinha após o anoitecer com um jovem que não era seu marido não era nada diante da culpa que atormentava Roa. Ela precisava garantir que as coisas estavam bem com o garoto que tinha traído.

Percebendo que seus esforços eram inúteis, Jas suspirou, então se inclinou e deu um beijo na testa dela.

— Foi um dia longo — disse, tocando seu ombro. — Você deveria ir dormir logo.

Roa entendeu o aviso em seu tom de voz.

Se der à corte um motivo concreto para acreditar que é infiel…

Ela afastou a voz dele e disse:

— Vou em um instante.

— Boa noite, Jas — disse Theo. Jas franziu o rosto, então assentiu e saiu da tenda.

Assim que Jas estava longe para ouvi-los, Theo levantou e caminhou para onde a quarta aba da tenda estava enrolada. Ele começou a soltá-la. Antes que terminasse de fechá-la — mantendo o calor dentro e os olhares curiosos fora —, Roa olhou para fora na escuridão, na direção da tenda de Dax.

A lâmpada estava apagada.

Ela não podia ficar por muito tempo.

Theo retornou e sentou, colocando uma mão atrás de Roa, nas peles de ovelha sobre a areia. Seus ombros roçaram.

Ela estava cansada de tanto cavalgar, mas Theo estava ainda mais. Dava para ver nos seus ombros encurvados, na cabeça caída. A exaustão esculpia sombras profundas embaixo dos olhos dele, que pareciam ainda piores à luz do fogo. Em seu olhar ardia uma vontade familiar. Uma que não tinha diminuído apesar de tudo o que ela fizera.

Roa relembrou o aviso do seu irmão.

Ela desviou depressa o olhar, fixando-se em Essie, ainda dormindo em seu colo.

Dax podia quebrar suas promessas, mas Roa não era daquele tipo.

— Desculpe — ela disse. — Por ter casado com ele.

Theo ficou tenso, então pegou o graveto apoiado nas pedras em torno da fogueira e cutucou as chamas com ele.

— Não precisamos fazer isso. Já sei o que você vai dizer. Soube antes de você partir.

Roa precisava dizer mesmo assim.

— Casei com ele para derrubar um tirano. — Ela traçou com os dedos o desenho das asas da irmã, bem suavemente, para não a acordar. — E para fortalecer uma aliança.

Theo segurou o graveto com mais força.

— Casando *comigo* você teria fortalecido uma aliança. Mas, pelo visto, alianças nativas são menos importantes do que aquelas com Firgaard.

O fogo crepitou e estalou, iluminando sua pele e dançando em seus olhos. Os lábios macios dele estavam pressionados em uma linha firme e dura.

Roa o encarou.

— O pai de Dax precisava ser tirado do poder. Ele tentou matar o próprio filho.

Theo deu de ombros.

— Pena que não conseguiu.

Roa parou de acariciar Essie.

— Não diga isso.

— Pode me culpar? Dax marchou com *nosso povo* através do mar de areia para lutar na *guerra dele.* Ele tomou a filha da Casa da Música e fez dela sua rainha para que o resto de nós tivesse que obedecê-lo.

— *Eu* comandei o exército pelo mar de areia. Não Dax…

— Lembra o que aconteceu com a última nativa que se casou com um rei?

Ele estava falando de Amina, mãe de Dax e Asha. Os punhos de Roa se fecharam. Ninguém a roubara. Ela havia feito aquilo como Roa fizera: de livre e espontânea vontade.

— Ela está morta — disse Theo. Depois de reunir a madeira que ainda restava para queimar, ele a empurrou para o centro. A fumaça subia em espirais pelo buraco no topo da tenda. — Não fique chateada comigo por não querer que tenha o mesmo destino. — Em voz muito mais baixa, Theo disse:

— Não fique chateada comigo por não querer que você seja dele.

— Não sou de ninguém — ela disse, se irritando. — E não é uma competição. Dax não queria ganhar só pra te humilhar.

— Você tem certeza? — ele disse, com a expressão ficando mais soturna. Theo parou de cutucar as chamas e baixou a voz. — Dax vai ficar igual ao pai. Assim como o pai ficou igual ao pai dele. E o herdeiro de Dax vai fazer o mesmo. Sempre foi assim, Roa. Sangue é sangue. Você não pode fugir do seu do mesmo modo que não posso fugir do meu.

Um calafrio percorreu a pele de Roa. Ela estudou o rosto dele nas sombras.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que a linhagem de Dax só produziu reis monstruosos. Estou dizendo que, enquanto um draksor estiver sentado no trono, nativos nunca estarão livres da tirania. Nunca teremos autonomia. Nem paz.

Ele a encarou, duro como pedra, como se a desafiasse a contradizê-lo.

— E então? — Roa sussurrou. — Qual é a solução?

— Que ele entregue a coroa… pela força, se necessário.

O sangue de Roa congelou.

Traição. Theo estava propondo traição.

— Por favor, não diga mais uma palavra. — Ela levantou das peles de ovelha. Surpresa, Essie despertou e bateu as asas brancas, voando para fora pelo buraco para a fumaça no teto. Seus pensamentos com sono eram um borrão confuso na mente de Roa. — Vou fingir que nunca ouvi o que disse, porque você é meu amigo. — *Porque eu te amo.* — Mas se repetir isso…

Theo levantou a cabeça.

— Vai fazer o quê?

Ela parou e o encarou. Os olhos dele estavam ocultos pelas sombras, de modo que ela não os conseguia ler direito.

Por favor não faça isso, Roa pensou. *Não seja imprudente a ponto de arquitetar contra meu marido.*

— Você está cansado — ela disse apenas. — Não sabe o que está dizendo. Conversamos amanhã cedo, quando ambos estivermos descansados.

— Sei exatamente o que estou…

Roa caminhou para a entrada da tenda. Já tinha passado tempo demais sozinha com ele.

— Aonde você vai?

— Dormir. — Roa esticou a mão para puxar a aba da tenda para trás.

Theo se levantou do tapete de pele de ovelha e deu um passo na direção

dela.

— Não volte pra ele.

Roa parou quando os braços dele pegaram sua cintura.

— Fique aqui comigo — ele sussurrou, puxando-a contra o peito. Theo cheirava a mel e areia quente. — Se os rumores são verdadeiros, não importa onde você passa a noite.

Aquelas palavras doeram. Os rumores dos galanteios de Dax… Se Theo sabia deles, provavelmente tinham chegado a todo canto do reino.

Será que todo mundo na savana sabe? Até meus pais?

Era humilhante.

— Sinto sua falta — Theo sussurrou. — Comecei a sentir saudade no momento em que partiu.

Roa fechou os olhos quando ele beijou sua nuca. Quando ela não resistiu, Theo tirou seu lenço. O decote amplo permitia que ele roçasse sua boca lentamente pelo ombro nu dela, pressionando seus lábios nas minúsculas cicatrizes espalhadas ali, após anos das garras de Essie se cravando em sua pele.

— Preciso de você, Roa…

Ela sabia que não deveria, mas era bom ser tocada, beijada e *desejada.*

A voz do seu irmão ecoava em sua cabeça, carregada de aviso.

Se der à corte um motivo concreto para acreditar que é infiel…

— Não posso — Roa disse.

Ela tinha se entregado uma vez, antes de tudo começar. Mas muita coisa havia mudado. Roa estava casada com Dax agora. E, ao contrário do marido, levava seus votos a sério.

Ela não podia se entregar a Theo.

Seus beijos pararam. Ela o sentiu ficando tenso.

— Como pode se deitar com ele? — Theo perguntou, sua voz dura e alta. — Um homem que se importa tão pouco com você que leva sua amiga mais querida para a cama?

O quê?

Roa virou para encará-lo, surpresa.

— O que você disse?

Os olhos dele se arregalaram um pouco.

— Você não sabe…

Alguma coisa dentro de Roa endureceu. Ela o empurrou para longe.

— Se está sugerindo que Dax vai para a cama com… — Ela engasgou com

as palavras, pensando em Lirabel olhando na direção da tenda do rei. Pensando na última noite na Casa da Música, nas risadinhas no corredor, em Lirabel fora da cama…

— Não — Roa disse, afastando a dúvida da cabeça e abraçando o próprio corpo para se proteger da acusação. — Ela nunca faria isso.

— Tem certeza?

Roa olhou fixamente para Theo, furiosa que sugerisse algo assim.

— E por que Lirabel não deveria pegar o que você claramente não quer? — ele disse. — Eleva o status dela… algo de que precisa desesperadamente.

A boca de Roa se abriu para refutar, mas Theo a interrompeu.

— Lirabel é uma protegida em sua casa, Roa. A menos que alguém se apiede dela, como seu pai fez, não tem nada. Nenhuma herança. Só três irmãs mais novas para cuidar e uma dívida que nunca poderá pagar. A menos que suas circunstâncias mudem, ela continuará a ser uma protegida da Casa da Música até morrer.

Roa engoliu em seco.

— As circunstâncias já mudaram. Ela é emissária do rei agora.

— E se seu novo status vier com um preço? E se, pela posição, Dax exigir… algo?

O estômago de Roa se contraiu. O pensamento a deixou enojada.

— Eu me recuso a escutar isso. — Ela deu um passo para longe dele. — Sei que feri você quando cavalguei para longe para ajudar Dax. Sei que o traí ao me casar com ele. Mas isso é o ciúme falando.

— O *ciúme*? — Ele esticou as mãos para Roa, segurando seu rosto enquanto ele pressionava sua testa contra a dela. — Estou *preocupado* com você.

Ela saiu do alcance dele, balançando a cabeça.

— Sabe o que fiz nos últimos meses? Enquanto estava fora lutando na guerra dele?

Roa parou.

— Cacei a faca da Tecelã do Céu — ele disse. — Para *você*.

Aquelas palavras a fizeram congelar.

Eles não falavam da faca da Tecelã do Céu havia anos. Era uma arma que os rumores diziam ter o poder de restaurar a vida. Trazer os mortos de volta.

Depois do acidente de Essie, Theo, convencido da sua existência, persuadiu Roa, que estava em luto, a procurarem por ela juntos. Eles tinham passado anos atrás de pistas em histórias antigas até Roa se dar conta de que

era uma busca inútil.

Agora ela sabia daquilo. A faca da Tecelã do Céu era um mito e nada mais.

— Ela não existe.

— Eu a encontrei. — Theo segurou nos ombros dela, virando-a de volta para ele. — Eu a vi com meus próprios olhos.

Roa se afastou, chateada.

— Onde está, então?

— Sendo transportada de Darmoor. Um barão em Firgaard a adquiriu para sua coleção privada.

Roa não podia acreditar em facas mágicas. Não de novo. Esperança só levava a frustrações.

— Não vou entrar nessa — ela disse, firme. Desafiadora. — Boa noite, Theo. Vejo você pela manhã.

Roa caminhou rapidamente para fora da tenda, pisando na areia fria. Essie voou atrás dela.

Está tudo bem?

A voz da irmã pareceu enevoada, evanescente. Se era por causa de sono, Roa não sabia dizer.

Seus próprios pensamentos rodopiavam.

Theo não pode estar tramando contra o rei, Roa disse para a irmã. *E Lirabel não pode estar dormindo com Dax.*

Theo só estava com raiva. E ferido. Então dissera aquelas coisas.

E a faca da Tecelã do Céu…

É um mito.

Estremecendo, ela tirou a ideia da cabeça. Tirando o lenço, Roa se moveu por entre as tendas escuras, caminhando em direção à do rei.

Quando parou diante dela, os guardas olharam cautelosos, lembrando Roa do jeito como suas mãos foram até o cabo da arma quando discutira com Dax antes. Lembrando-a da desconfiança deles.

Ela abriu as abas da tenda.

O brilho quente e dourado da lâmpada iluminou um saco de dormir vazio.

Roa piscou.

— Onde ele está? — ela exigiu, voltando para a noite fria.

Os guardas trocaram olhares nervosos.

— Recebemos ordens de permanecer aqui.

— Não foi o que perguntei.

Eles ficaram em silêncio, sem encará-la. Sem responder.

O pânico se levantou como uma tempestade de areia. Não era o trabalho deles ficar de olho no rei? Dax tinha caminhado diretamente para uma tempestade de areia naquela manhã. Ele estava cercado por membros da Casa do Céu — os nativos que mais o odiavam. Precisava dos seus guardas mais do que nunca.

Estava prestes a chamar a atenção deles quando de repente a situação se tornou dolorosamente óbvia. Só havia uma circunstância na qual Dax ordenaria a seus soldats que não o seguissem.

Ele tinha ido para a tenda de outra pessoa.

Como pode se deitar com ele? As palavras de Theo ecoaram em sua mente. *Um homem que se importa tão pouco com você que leva sua amiga mais querida para a cama?*

Roa pensou em todo o tempo que Dax e Lirabel passavam sozinhos, em reuniões privadas. Ela pensou nas vozes no corredor, dois amantes a caminho do quarto dela…

Por que Lirabel não deveria pegar o que você claramente não quer?

Uma imagem deles juntos relampejou em sua mente. Roa deu um passo para trás, sentindo a tempestade morta dentro dela.

— Minha rainha? — um soldat com cabelo grisalho chamou. — Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem — ela mentiu, abrindo a aba mais uma vez e entrando. Roa deixou que caísse atrás dela, então ficou bem parada, concentrando-se na respiração que entrava e saía dos pulmões.

Não tire conclusões precipitadas, disse a si mesma. Mas suas mãos tremiam quando ela desenrolou seu lenço e o colocou no chão de pele de ovelha. Roa tirou as sandálias e se arrastou para dentro do saco de dormir. O frio a fez estremecer. Ela puxou os joelhos para o peito, abraçando-os com força e tentando se manter quente.

Pouco depois, ouviu vozes. A aba foi levantada e lá estava Dax, abaixando-se para entrar. Na luz, Roa viu que estava com a barba por fazer.

— Roa — ele disse em cumprimento, em tom sério.

Ela desviou o olhar rapidamente. Não queria ver se as bochechas dele estavam coradas, ou se a linha do seu cabelo estava úmida de suor. Se suas roupas estavam amassadas por terem sido tiradas correndo e jogadas de lado. Roa se virou de lado, escutando o som daquelas mesmas roupas sendo retiradas, dobradas e colocadas ao lado das dela.

Dax entrou do lado dela, e com ele veio uma lufada de ar frio. O saco de

dormir era maior que o anterior, o que significava que podiam dormir sem encostar.

Dax diminuiu a luz.

Roa ficou acordada, estremecendo na escuridão por bastante tempo. O braço dele não a envolveu como na noite anterior. Dax tampouco a puxou para si, transmitindo seu calor.

Ele ficou de costas para ela e caiu imediatamente no sono.

Dois meses antes

Roa caminhava na escuridão, seus passos cortando o coração do acampamento de guerra. Um por um ela puxou os dedos das luvas de montaria e as tirou. Tinha cavalgado muito desde Darmoor, o porto marítimo, até Novo Refúgio, o acampamento de guerra nas montanhas. Tinha passado a cavalgada inteira sozinha com seus pensamentos.

Pensamentos que viravam e se reviravam como um mar revolto.

Pensamentos que a assustavam muito.

A maior parte do acampamento dormia, mas de vez em quando Roa ouvia alguém sussurrando ou rindo em torno das fogueiras que aos poucos se apagavam. Suas pernas tremiam e suas costas doíam de ter cavalgado por tanto tempo. Seu estômago roncava de fome. Mas não havia tempo a perder.

Ela precisava fazer aquilo antes que mudasse de ideia.

Roa chegou à tenda de reunião. Dois nativos estavam de guarda do lado de fora. Eles posicionaram o punho em cima do coração quando a viram, e ela retribuiu o cumprimento.

Parada na entrada, ela deu um longo suspiro, tentando reunir a pouca coragem que lhe restava, então entrou na tenda iluminada.

Dax estava sozinho, sentado com a cadeira inclinada em direção à mesa de madeira bruta, deixando duas das pernas de madeira no ar. Sua têmpora descansava no seu punho enquanto ele observava o mapa de Firgaard. Tinha manchas escuras embaixo dos olhos, e uma expressão bem fechada no rosto. Uma sombra de barba por fazer surgia ao longo de suas bochechas.

Assim que entrou, as palavras saíram da boca de Roa.

— Case comigo.

Ele levantou a cabeça, observando calmamente o rosto de Roa. Como se estivesse esperando por ela. Como se de algum modo esperasse o pedido.

— Você nem gosta de mim — ele disse finalmente, deixando as pernas de trás da cadeira tocarem o chão.

— Você não sabe do que gosto.

Ele a estudou com uma expressão que parecia tanto exausta quanto mais desperta do que o habitual. Ela prosseguiu.

— Dei um exército a você. Tomei Darmoor para você. — Roa deu um passo na direção dele. — Agora precisa de reforços. Case comigo e conseguirei os homens e mulheres de que precisa.

Dax levantou as sobrancelhas.

— Reforços em troca de uma coroa? Isso é bem mais vantajoso pra você do que pra mim.

— Nós dois sabemos que sem a ajuda contínua dos nativos você vai perder essa guerra.

Ele não disse nada.

— Está bem então — Roa disse. — Terminamos por aqui. Levarei meu povo para casa.

Quando ela se virou para ir embora, ele levantou e saiu de trás da mesa, indo na direção dela.

— Roa… — Os dedos dele deslizaram em torno do pulso dela. — Espere.

Ela parou, com o coração martelando, então se virou para encará-lo.

Os olhos dele estudavam os dela.

— Por quê?

— Porque, se vencer essa guerra, vai se tornar rei. — Ela baixou os olhos, hesitando.

E não confio em você para manter meu povo seguro, *Roa pensou.* O único jeito de garantir que seja justo com as savanas é se eu estiver lá, governando ao seu lado.

Ele franziu a testa. Quando ela levantou os olhos para ver se aquilo era uma resposta, encontrou-o estudando sua boca.

O coração de Roa acelerou.

Calor a inundou quando o dedão dele roçou o pulso dela, sentindo a velocidade dos batimentos cardíacos.

Quando Dax esticou a outra mão, antes que a ponta de seus dedos pudessem roçar a bochecha dela, Roa deu um passo para trás. Seu coração batia como um tambor no peito.

— Temos um acordo? — ela sussurrou.

Ele baixou as mãos e seu rosto se cerrou, como se uma porta tivesse sido fechada em um quarto secreto.

— Um acordo. Sim — Dax disse. — Mande vir reforços e farei de você uma rainha.

Roa inclinou a cabeça para ele.

— Já fiz isso.

Antes que ele pudesse dizer outra palavra, Roa deixou a tenda.

Depois do casamento, enquanto a música tocava no acampamento e as pessoas gritavam e dançavam, Roa e Dax estavam deitados lado a lado, observando fixamente o teto de lona da tenda. Ele não tinha bebido nada a noite inteira. Várias vezes haviam oferecido vinho a ele, e Roa o tinha observado recusar.

Para cada bebida que Dax rejeitava, Roa bebia duas. Tentando se anestesiar perante o que tinha feito. E o que estava prestes a fazer.

Sua boca estava com um gosto amargo. Seu corpo parecia zumbir, quente.

— Não vou te machucar — ele sussurrou, rompendo o silêncio. — Nunca vou te machucar, Roa.

Ela sabia o que estava por vir. Eles estavam unidos, e a união precisava ser selada com um ato íntimo.

Roa pensou em Theo, dormindo do outro lado do mar de areia, completamente alheio ao fato de que ela havia acabado de se casar com o homem que ele mais odiava.

Completamente alheio à profundidade da sua traição.

Roa cerrou os punhos para esconder o tremor.

Tomar Darmoor tinha sido mais fácil do que aquilo. Do que se deitar ali com Dax.

Ela se lembrou da primeira e última vez que havia feito aquilo. De como acabara rápido, de como tinha doído. Theo a beijara depois, sorrindo, e ela soubera naquele momento que ele não percebera que a havia machucado.

Ele não tivera a intenção de tomar algo e não dar nada em troca. Mas fora o que fizera. Deixando-a dolorida e sozinha.

E ali estava outro garoto — um que ela nem amava —, prestes a fazer o mesmo.

Roa não podia passar por aquilo de novo. Era demais.

Ela sentou, com a cabeça girando.

Dax olhou para ela.

— Você nunca vai me machucar — ela disse, com mais calma do que sentia —, porque nunca vai me tocar.

Era uma ordem, suave mas final. E, com aquilo ecoando em seus ouvidos,

ela o deixou lá, sozinho, e cambaleou em direção à tenda de Lirabel.

A cabeça dela doía de tanto vinho, seu estômago estava se revirando e o mundo rodopiava ao seu redor. Roa deitou do lado da amiga. Por muitos segundos, houve silêncio.

E então Lirabel esticou a mão, entrelaçando seus dedos com os dela.

Era mais do que Roa podia aguentar. Lágrimas se acumularam em seus olhos. Ela mordeu o lábio para suprimir o estranho soluço que vinha de dentro; Lirabel a consolou, puxou-a para si e a segurou enquanto Roa chorava.

O que eu fiz?, *ela pensou naquela noite e tantas noites desde então.* O que eu fiz?

Oito



ROA ACORDOU COM O CHEIRO DE HORTELÃ e o som de uma batida de coração forte e constante. O sol iluminava a lona em torno dela. O ar estava quente e abafado, e sua bochecha estava pressionada contra o peito de alguém.

Seu corpo inteiro estava pressionado contra o peito de alguém.

Hortelã.

Roa engoliu em seco.

Dax.

Ela ficou imóvel. A julgar pela respiração dele, estava acordado. E tentando não se mover. Roa sentiu o braço dele descansando na base de suas costas, seus dedos leves sobre a curva da sua cintura.

Fechou os olhos com força.

Aquilo não era bom.

Não era bom. Não era bom.

Ela devia ter ficado com tanto frio de noite que fora se aquecer nele.

— Não vou contar a ninguém se você não contar — ele disse, suavemente.

Roa fez força para levantar. Olhou depressa para baixo, para o rei sem camisa, com um braço dobrado atrás da cabeça. Uma chave de ferro enferrujada pendia de um cordão em torno do pescoço.

Ela queria desviar o olhar, mas ele parecia preso na forma suave dos ombros de Dax. Eles se curvavam aos poucos a partir do pescoço e desciam para seus braços fortes. O olhar dela continuou descendo, notando como a cintura afinava. Notando os cabelos escuros e encaracolados embaixo do umbigo. Aqueles que continuavam descendo…

Desvie o olhar, Roa!

Ela desviou, e encarou o rosto dele. Cachos escuros desarrumados, olhos castanhos quentes, barba por fazer.

Roa teve uma vontade repentina e perturbadora de passar a ponta do dedo pela bochecha dele, só para sentir a aspereza.

O canto da boca de Dax se curvou enquanto a observava encarando.

— Por favor — ele disse —, leve o tempo que precisar.

Pânico brotou dentro dela. Roa deslizou para fora do saco de dormir desesperada para sair da tenda.

Seu coração martelava nos ouvidos, enquanto suas mãos procuravam por suas roupas no chão. Ela as vestiu, mantendo-se de costas para Dax.

Ele sentou para observar.

— Desde quando você é tão arisca?

Roa não respondeu. Não ousou olhar para ele. Não era como as outras garotas. Não seria ludibriada pelo sorriso charmoso dele, por aquela língua afiada, só para ser descartada quando Dax não a quisesse mais.

— Tome cuidado hoje — ela disse para romper o silêncio. Então encontrou seu lenço, pegou-o e começou a enrolá-lo em torno dos ombros. — Theo não é seu aliado. Você precisa ficar alerta enquanto a Casa do Céu viajar conosco.

Dax se espreguiçou, bocejando, então passou a mão pelos cachos bagunçados.

Ela desviou o olhar, observando fixamente o chão da tenda.

— Sério, Roa. Estou emocionado. É quase como se você se importasse.

Ela levantou a cabeça e viu aquele sorriso irritante no rosto dele.

— *Me importasse?* — Roa disse, friamente. — Acha que me importo com um rei cuja inteligência começa e termina com sua capacidade de escolher um bom vinho… ou uma boa companheira de cama? — Alguma coisa se movia em seu peito, rosnando e estalando. — Sua importância para mim é diretamente proporcional à sua utilidade. Assim que deixar de ser benéfico para as savanas, não vou me importar mais com você.

As palavras drenaram o calor dos olhos dele.

— Por que não me depõe então?

Roa congelou na entrada da tenda.

— O quê? — ela sussurrou.

— Você poderia governar sozinha — ele disse. — Seria muito conveniente.

— Não me tente — ela murmurou enquanto puxava o lenço para a cabeça. Ela abriu a aba da tenda e deu um passo para a luz do sol.

Assim que a aba se fechou, um borrão de penas brancas quase colidiu com ela.

Roa! Essie voou em círculos estreitos em torno dela, preocupada. *Venha rápido.*

A irmã correu atrás dela, tentando acompanhar seu ritmo, enquanto Essie a conduzia até a beira do acampamento. Lá encontrou Lirabel vomitando o jantar da noite anterior.

— Lirabel…

— Eu estou bem — disse a amiga, agachada, com os braços tremendo um pouco.

— Não parece nada bem — sussurrou Roa. Ela correu para buscar um odre, então agachou ao lado da amiga, desenroscando a tampa e esticando o odre para ela.

Lirabel a ignorou. Limpando a boca com o pulso, ela levantou, um pouco cambaleante.

— Eu disse que estou bem.

Mas até sua voz tremia.

O que houve?, Roa perguntou a Essie, que mexia em suas penas empoleirada no ombro da sua irmã.

Ela está mal desde que viemos para as savanas. Achei que soubesse.

Juntas elas observaram Lirabel voltar para o acampamento.

Por que Roa não tinha notado?

Dax tinha. Aquilo ficou óbvio quando cavalgaram durante a manhã. Ele ficava olhando preocupado para Lirabel, cavalgando por perto ou atrás dela, no caminho para a casa da mãe dele.

Roa os observou com atenção. A acusação de Theo ecoava em sua cabeça.

E se seu novo status vier com um preço?

Roa não queria — não podia — acreditar naquilo. Dax nunca usaria Lirabel daquele modo. E Lirabel nunca permitiria que a usassem.

Roa se recusava a se permitir um pensamento tão odioso.

No início da noite, seu destino reluzia no calor distante. A areia pálida virava terra compacta e seca. Para o leste e para o oeste, gramíneas amarelas selvagens reluziam no pôr do sol. Em meio a tudo aquilo, as paredes brancas da casa de Amina brilhavam como vidro.

Eles dormiriam dentro daquelas paredes, então chegariam a Firgaard no crepúsculo do dia seguinte.

A casa ficava um pouco ao norte da rota principal de viagem entre Firgaard e as savanas, e era proibida a qualquer um exceto Amina, a antiga rainha-dragão. Tinha sido construída para ela pelo marido como presente de casamento.

Dax havia herdado o lugar quando ela morrera. Depois da coroação, visitara-o várias vezes. Ficava a apenas um dia de cavalgada de Firgaard, e era um escape fácil da vida palaciana. Das duas últimas vezes Lirabel o havia acompanhado, a caminho das savanas como emissária. Roa nunca tinha pisado ali antes. O único motivo de passarem aquela noite lá era porque Dax precisava pegar algo deixado para trás na sua última visita.

Um cavalo emparelhou com o de Lirabel e o de Roa. Ambas viraram para ver o próprio rei olhando fixamente para a frente.

— Que tal apostar uma corrida? — ele perguntou.

Lirabel pareceu ficar enjoada só de pensar, e balançou a cabeça.

— Nem pensar.

Então Dax se inclinou para a frente e olhou em volta.

— Roa?

Inicialmente ela achou que fosse uma piada. Mas então ele abriu um sorriso estranho, parecido com aquele de tardes chuvosas, quando jogavam deuses e monstros. Ela conhecia aquele sorriso. Era o mesmo que se insinuava quando ele achava que estava prestes a vencer.

— Qual é o prêmio? — ela perguntou, a despeito de si mesma.

Dax abriu um sorriso de canto de boca. Como se a pergunta significasse que ele já tinha ganhado.

— Quem perder tem que dar um beijo no vencedor.

Roa fez uma careta de nojo.

O sorriso dele se dissipou.

— Está bem, então. O que você quer se ganhar?

Roa estava prestes a dizer “Nada”, porque não ia apostar corrida com ele. Só que *havia* algo que ela queria.

— Quero que convoque uma assembleia assim que retornarmos a Firgaard.

A próxima assembleia agendada — na qual Dax e seu conselho tomariam decisões, passando ou derrubando leis diante do público — só aconteceria em três semanas. Roa não queria esperar tanto tempo. Precisava dos termos do tratado ratificados o mais rápido possível.

Dax inclinou a cabeça, observando-a.

— Está bem — ele disse, virando para apertar os olhos em direção ao horizonte. — Mas, se eu vencer, você me deve um beijo.

— Está bem — ela concordou. Afinal, Oleander era uma égua que deixava a desejar, obedecendo ordens só na metade do tempo.

Roa nem o esperou fazer a contagem regressiva. Pressionou os calcanhares contra Poppy, que avançou com força. Os cascos levantaram uma pluma de pó dourado que tomou o ar enquanto galopava para longe de Dax e Lirabel.

Roa manteve os olhos nas paredes brancas à frente, seguindo o caminho esculpido pela grama amarelada. Essie voava lá no alto, acompanhando-a.

Subitamente, os cascos de um segundo cavalo tamborilaram o chão atrás dela, chegando pelo lado direito.

Roa olhou por cima do ombro. O rei-dragão se mantinha abaixado no cavalo, cobrindo a distância rápido, coberto em uma fina camada de pó.

Roa desacelerou por tempo suficiente para perguntar onde ficava a linha de chegada.

— Os estábulos! — ele gritou, enquanto o vento chicoteava seus cachos. — Atrás da casa!

Roa cutucou Poppy, que se lançou na dianteira.

Não havia portão, só uma abertura ampla o suficiente para uma carroça passar. Roa se lembrou de casa, onde as portas estavam sempre abertas ou destrancadas. Onde portões eram desnecessários.

Ela cavalgou com Poppy para além das muralhas cheias de hera verde. Uma colina subia diante deles, pintada em tons vermelhos e verdes, com jardins em declive e pedras escarpadas.

A casa de Amina ficava no topo da colina, parcialmente escondida pelos jacarandás.

Aquele era o lar da rainha-dragão, mas ainda assim não era nem um pouco parecido com os aposentos confinados de Firgaard. O local parecia selvagem, feroz e livre. Como as savanas de onde tinham vindo.

Quando o caminho divergiu, Roa teve que desacelerar. Dax dissera que os estábulos ficavam do outro lado, mas que caminho levaria até lá?

Essie voou ainda mais alto. *Me ajude,* Roa implorou. Antes que sua irmã

pudesse ver o caminho mais claro, o clamor de cascos fez Roa se virar. O vento golpeou seu rosto enquanto Dax passava correndo por elas. Olhando para trás por cima do ombro, ele fez uma continência jocosa para Roa.

Siga Dax! Essie mergulhou atrás do rei. *Vou encontrar um atalho!*

Roa pressionou os calcanhares contra Poppy, que avançou com força.

Mas o caminho se retorcia e contornava árvores baixas e espinhosas, então se separava — de novo e de novo. Ela perdeu Dax de vista. Parou Poppy duas vezes, procurando pelos rastros de Oleander, esperando pelas direções de Essie, antes de cerrar os dentes e continuar correndo.

Finalmente, através das árvores, viu um longo estábulo branco com um telhado de colmo.

Quando entraram, os cascos de Poppy estalaram no chão de pedra. Seu eco rompeu o silêncio. Estava frio e escuro lá dentro. Cheirava a poeira e feno velho.

Roa varreu o corredor de baias com os olhos, mas não encontrou nem sinal dele.

Soltando a respiração, ela relaxou.

Assim que desmontou, uma sombra se materializou do escuro.

— Esse seu cavalo é bem capenga.

Roa virou. O rei-dragão estava reclinado contra a porta de uma baia mais para o fundo, com os braços cruzados. A luz preguiçosa do final de tarde entrava pelas janelas estreitas, banhando-o, quente e dourada.

O focinho de Oleander, já sem sela, apontou para fora da baia.

Certamente ele não havia tido *tanto* tempo…

— Foi uma corrida injusta.

Dax levantou a sobrancelha.

— Injusta como?

— Você conhece esse lugar. — Ela inclinou o queixo para cima. — Eu nunca estive aqui.

— Dois fatos dos quais você estava ciente quando concordou em correr comigo — Dax disse, pegando as rédeas de Poppy de Roa. — Mas vou me apiedar de você. Ele esfregou o focinho aveludado da égua. — Apesar de ter perdido, vou convocar a assembleia. Farei isso assim que voltarmos ao palácio.

Ele deu um passo para mais perto. Tão perto que Roa conseguia ver a poeira nos lábios dele. Aquilo a fez querer saber se seus próprios lábios estavam empoeirados também.

Roa pensou na única vez que o beijara. Tanto tempo atrás.

A memória a cortou com tristeza, e ela recuou. Suas omoplatas bateram contra a parede do estábulo. Engolindo em seco, Roa disse:

— Vamos terminar logo com isso, antes que os outros cheguem.

Dax largou as rédeas de Poppy. Ele encurtou a distância, pressionando as palmas contra a pedra, uma de cada lado da cabeça de Roa.

Encurralando-a.

Roa estava prestes a rosnar um aviso, mas então a ponta do nariz dos dois se roçou, e aquela criatura feroz dentro dela se silenciou e se acalmou.

— Garota tola — ele murmurou, com a respiração quente nos lábios dela. — Não vou te beijar *aqui e agora.* — Levantando o dedão, ele varreu lentamente a poeira do lábio inferior. — Cobrarei quando quiser.

A impertinência do gesto a chamuscou. Roa levantou seu olhar furioso para encará-lo. Se achava que ela era como suas amantes, se achava que ia recebê-lo de bom grado quando ele bem quisesse, estava…

Estava…

Era difícil pensar com Dax olhando para ela daquele jeito, com o olhar fixo na boca dela. Aquilo fazia Roa se perguntar se poderia mudar de ideia. Talvez ele se inclinasse mais para a frente e a devorasse ali mesmo.

Mas o som de cascos batendo no solo quebrou o silêncio. Conforme uma dúzia de cavalos trotava para dentro do estábulo, Dax recuou um passo, entrelaçando as mãos atrás do seu pescoço.

Ar frio correu entre eles, fazendo Roa perceber como estava quente.

Dax pegou as rédeas de Poppy e, sem outra palavra ou olhada para trás, conduziu o cavalo para a baia ao lado de Oleander.

Roa viu Jas e Lirabel, os dois primeiros cavaleiros a entrar pelas portas, então, atrás deles, Theo.

Seus olhares se cruzaram. Roa imediatamente desviou o olhar. Estava envergonhada. Então ficou com raiva *porque* estava envergonhada.

Essie chegou com eles e pousou em seu ombro, cravando as garras gentilmente na pele de Roa. Ela virou o rosto para as penas da irmã, reconfortando-se com sua maciez.

O que aconteceu?

Nada.

Então por que você está tremendo?

Enquanto o resto da caravana fluía para dentro dos estábulos, enchendo-os de ruído e comoção, Roa pegou a irmã e partiu. Elas caminharam por fontes

silenciosas e piscinas paradas. Por fileiras de rosas serranas cheias de abelhas. Parando na beirada de uma colina, Roa abraçou o próprio corpo com força, olhando para os jardins abaixo. Jardins que um dia haviam pertencido a outra rainha forasteira.

Lentamente, ela tocou o lábio inferior, onde Dax havia encostado.

Garota tola, ele tinha dito.

Talvez Dax estivesse certo. Talvez tivesse sido por aquele motivo que, só por um segundo, Roa havia desejado que ele se aproximasse e tomasse seu prêmio.

Antes

Roa tinha nove anos no dia de sua conquista. Ela estava de pé com sua irmã no meio da área de seleção. O céu estava cinzento e o ar, carregado de umidade. Do lado dela, os cachos escuros e rebeldes de Essie brilhavam com gotas de chuva e suas mãos se mantinham inquietas: abrindo e fechando, tamborilando as coxas.

Essie levava a responsabilidade da conquista mais a sério do que Roa. Ela estivera em constante debate com seus professores naqueles últimos meses sobre quem tinha o direito de conquistar uma arma. Muitas vezes, Roa acordou para ver sua irmã andando de um lado para o outro no quarto delas, tarde da noite. Quando perguntava o que havia de errado, Essie voltava para a cama e dizia coisas estranhas. Como "Defina o termo 'inimigo'" e "O que acha que veio primeiro: a arma ou o adversário?".

Essie estudava com mais afinco e praticava mais do que Roa. Ela merecia conquistar sua arma naquele dia.

Contudo, de pé na área de seleção, Essie enrijeceu a mandíbula, mexendo nos botões da frente do vestido azul. Roa ficava olhando de relance para ela, agitada pela irmã.

— Pare de se remexer — disse Roa, sibilando, enquanto mantinha os olhos no pai.

O mestre da Casa da Música fazia sombra sobre suas filhas, segurando sua própria conquista: um cajado esculpido pela avó de Roa. A pele dele brilhava por causa da chuva, e sua camisa de algodão roxa estava ensopada, o que fazia com que parecesse quase preta. Atrás dele estava o resto da Casa da Música, reunida em um círculo para testemunhar.

O pai delas gesticulou na direção de Lirabel, uma protegida dele que tinha a mesma idade de suas filhas. A Casa da Música adotara Lirabel e suas irmãs quando sua família quase morrera de fome em virtude da colheita branca, o que forçou sua mãe a abandoná-las.

Lirabel deu um passo à frente. Tinha arrumado seu cabelo em uma trança

espessa sobre um ombro, e o arco e as flechas que tinha conquistado no verão anterior estavam presos às suas costas. Inscritas no couro do arco estavam as palavras: Conquistado por Lirabel, protegida da Casa da Música.

Roa se lembrou do dia da conquista da amiga. Lirabel caíra em prantos quando lera a inscrição. Roa achou que eram lágrimas de gratidão, por tudo o que a Casa da Música havia feito por ela. Fora só depois que Essie a corrigira.

Diz "protegida", *Essie explicara.* Não "filha".

Mas ela é uma protegida, *Roa pensara na época.*

Ela levara anos para entender o que aquilo significava: que Lirabel nunca seria igual a elas. Nunca seria sua irmã. Era apenas objeto da caridade da casa.

Vocês nos deram um lugar aqui tão facilmente, *Lirabel tinha dito a ela.* Poderiam tirá-lo de nós com a mesma facilidade.

Agora, surrada pela chuva, Lirabel deu ao pai delas o primeiro de dois pacotes enrolados em seda.

Ele desenrolou o primeiro e presenteou Roa.

Era uma foice — a arma favorita da Casa da Música, uma lembrança de suas raízes agrárias. O aço tinha sido martelado com habilidade por ferreiros da Casa do Céu. O cabo era esculpido em madeira, engastado com marfim e gravado com a estrela sob a qual ela e Essie tinham nascido, bem como com a inscrição: Conquistada por Roa, filha da Casa da Música.

Ela olhou da expressão gentil do pai para os olhos de ébano reluzentes da irmã gêmea. O murmúrio brilhava caloroso entre elas.

Essie sorriu para Roa, que sorriu amplamente de volta.

Do segundo pacote, o pai puxou uma faca. Era do tamanho do pequeno antebraço de Essie. A lâmina não se curvava como a foice de Roa, afinando até um ponto afiado como uma agulha.

Quando ele presenteou Essie com a arma, ela deu um passo para trás, balançando a cabeça.

O sorriso de Roa sumiu.

O que está fazendo?, *ela pensou.*

Essie se recusava a encará-la. Então Roa olhou de relance para Lirabel, em busca de uma resposta. Mas a amiga só arregalou os olhos.

— Sinto muito — Essie disse, encarando seus pés nas sandálias, sujos de lama e palha. Ela falou em voz alta o suficiente para aqueles reunidos em torno da área de seleção ouvirem. — Não posso aceitar.

O pai delas levantou, apertando a cabeça de leão esculpida no seu cajado.

— Explique-se, filha.

Essie levantou a cabeça para ele.

— As histórias antigas dizem que pertencemos uns aos outros — ela disse, suave, como se estivesse com medo, mas determinada a continuar falando mesmo assim. — Se isso é verdade, então nossos inimigos não são nossos inimigos, mas sim nossos irmãos. — Ela olhou para Roa. — E nossas irmãs.

Roa encarou Essie, franzindo a testa.

Essie estivera planejando aquilo por muito tempo, Roa percebia, lembrando das discussões que a irmã tinha com seus professores. Lembrando das noites em que Roa acordara e a vira andando de um lado para o outro.

Mas por que não me contou?, *pensou. Elas contavam tudo uma para a outra.*

O pai deu um passo à frente. Limpando a chuva dos olhos, inclinou-se até seu rosto ficar no mesmo nível que Essie.

— Percebe o que isso significa?

Ela assentiu.

— Você será vista como fraca.

Essie não disse nada.

— Você será vista como a garota que não pertence a nenhum lugar e a ninguém.

Ela encarou seu pai.

— Sei a que lugar pertenço — Essie disse. — E a quem.

Como se aquilo fosse suficiente.

O pai abaixou a faca, olhando de Essie para Roa, seus olhos implorando que o ajudasse. Mas bastou um olhar para Essie e Roa soube que não teria como convencê-la.

Roa esticou a mão para pegar a lâmina, observando o cabo da conquista da irmã. Conquistada por Essie, *a inscrição dizia,* filha da Casa da Música. *As lâminas podiam ser diferentes, mas os cabos eram os mesmos. Ambos ornados com marfim. Ambos com a mesma estrela.*

Uma combinação perfeita.

— Eu guardo para ela — disse Roa. — Caso mude de ideia.

Nove



DEPOIS DO JANTAR, ROA E ESSIE PARTIRAM em direção ao quarto da antiga rainha-dragão.

O quarto de *Roa*.

Com o anoitecer, estava mais fresco nos corredores da ala leste. Ela puxou o lenço por cima da cabeça para manter o calor.

A casa tivera como modelo as casas redondas que os nativos eram conhecidos por criar, com teto de terracota e um pavilhão central. Mas naquela também havia traços da arquitetura de Firgaard, porque tinha alas demais para ser de um nativo. Os jardins eram cheios de rosas serranas, juníperos, jacarandás e outras plantas nativas tanto da terra de Roa quanto da terra de Dax. Era a mistura perfeita de ambos, e um lembrete de que, antes de se tornar rainha, a mãe dele era uma nativa.

Amina, nascida na Casa das Estrelas, era amiga de infância da mãe de Roa. A garota se lembrava da primeira vez que a rainha fora visitá-los. Ela e Jas estavam jogando deuses e monstros no chão do escritório do pai. Ela estava prestes a tomar a peça que representava a Tecelã do Céu dele quando a rainha entrou no aposento e se ajoelhou do lado dela. Roa se lembrava da forma como suas lindas camadas de seda azul se acumularam no chão de terra.

Lembrou do diadema fino e dourado reluzindo acima dos seus olhos escuros e brilhantes.

Ela era perfeita. Como uma pintura.

Agora, conforme os pés nus de Roa tocavam o chão de azulejos, ela se perguntou como havia sido para Amina morar do outro lado do mar de areia. Ficar separada dos seus entes queridos. Ser *rainha.*

Theo a tinha comparado a ela, acreditando que ambas fossem vítimas cuja história terminaria da mesma forma.

Não acredito nisso, Essie interrompeu, empoleirada no ombro de Roa. A irmã estivera quieta e distante o dia todo, mas o murmúrio tinha voltado. Forte e brilhante, ligando uma a outra.

Enquanto se aproximava de uma porta familiar, Roa olhou para sua irmã. *Em quê?*

Que Amina era uma vítima.

Roa não tinha tanta certeza.

Acho que ela sabia exatamente o que estava fazendo, disse Essie. *Acho que teve seus próprios motivos para se casar com ele.*

Talvez, Roa pensou. *Ou talvez não tenha percebido que ele era um monstro até ser tarde demais.*

Um símbolo nativo havia sido entalhado naquela porta: três linhas verticais, confinadas em um círculo. Era o mesmo que estava pintado acima do escritório do pai dela. Roa levantou os dedos, acompanhando as linhas.

— Já passamos três vezes por esta porta — ela disse em voz alta, suspirando profundamente. — Acho que estamos perdidas.

Os dedos de Roa deviam ter pressionado com força demais, porque a porta rangeu e abriu lentamente.

Eles pararam no meio do ar.

— Olá?

Ninguém respondeu. Ela terminou de empurrar a porta aberta e deu um passo para dentro.

Era um quarto pequeno e escuro, cheirando a fumaça de vela e pergaminhos. Havia estantes de madeira bruta nas paredes, e cada cubículo estava entupido de pergaminhos.

— Tem alguém aí?

Só houve silêncio em resposta. Essie voou para investigar enquanto Roa se aproximava das estantes. A maioria dos pergaminhos estava amarelada e enrugada de tão velha. Mas alguns no cubículo da ponta eram novos e

nítidos.

Roa estava esticando a mão para pegar um deles quando uma sensação repentina de medo a percorreu.

Roa. A voz de Essie ecoava em sua mente. *Veja.*

Ela se virou para a forma de falcão da irmã apoiada na beirada de uma mesa embaixo da janela, encarando um pergaminho branco e novo, dobrado e marcado com um selo de cera vermelha. Roa avançou na direção dele. Uma flor elegante de sete pétalas — uma namsara — estava impressa na cera. Roa tinha dado aquela mesma flor à irmã de Dax, Asha, uma noite antes que ela escapasse da cidade.

Roa olhou para Essie.

Não está endereçada a ninguém, disse a irmã.

Roa rompeu o selo, desdobrou-o e leu.

Há três dias, estava prevista a chegada de um carregamento de Darmoor no forte do barão Silva. Apesar do prêmio por nossas cabeças, Torwin insistiu em ir, determinado a interceptá-lo. Tem uma arma no carregamento que, nas mãos erradas, poderia levar à libertação de um monstro.

Discutimos a respeito. Ele partiu à noite enquanto eu dormia. Fiquei furiosa, mas ele já deveria estar de volta, e tenho medo de que estivessem à espera dele. Temo o que farão se o tiverem capturado.

Não posso esperar mais.

Vou atrás dele.

Não havia assinatura. Roa virou o pergaminho e tocou a namsara no selo. Sabia de quem era.

— Asha.

Depois da revolta, quando a lei exigira que a irmã de Dax pagasse o preço por ter matado um rei, Roa a tinha ajudado a escapar com Torwin. Eles eram fugitivos fazia mais de um mês, e havia uma abundância de recompensas pela cabeça dos dois. Nem todos estavam contentes com o novo reinado, e os inimigos de Dax só tinham a ganhar usando sua irmã contra ele — *se* conseguissem pegá-la.

Asha esteve aqui?, perguntou Essie. Seus olhos prateados varreram as sombras e os cantos do escritório, procurando sinais dela.

Roa estudou a escrita escura mais uma vez.

— Para quem foi escrito?

Não é óbvio? Essie pegou a carta no bico, então a colocou na mesa, onde poderia examiná-la mais de perto.

Para Roa, não era.

Dax é o único que vem aqui sozinho. Traz apenas alguns poucos escolhidos com ele. Provavelmente estão trocando mensagens assim desde que Asha e Torwin escaparam da cidade. Pegando a carta em seu bico mais uma vez, Essie a deu para Roa. *Se estão em perigo, ele precisa saber.*

Dax não estava na sala de jantar, onde Roa e Essie o haviam deixado com os outros. Elas verificaram o terraço e depois os jardins, mas ele tampouco estava lá. Finalmente, a cozinheira levou Roa para o quarto dele e pediu que esperasse. Ela encontraria o rei e pediria que fosse até lá.

Não havia guardas de pé do lado de fora. Roa simplesmente entrou e fechou a porta atrás de si.

O sol da tarde banhava o chão de terra, derramando-se por cima da cama e iluminando as tapeçarias que pendiam das paredes brancas.

Sem ninguém por perto, Roa se moveu em direção à primeira tapeçaria. Era de uma mulher nativa com cachos escuros e olhos negros límpidos. Tinha um diadema dourado na cabeça e sorria de um modo que dizia que sabia de algo que Roa não sabia. Seus dois filhos estavam com ela: uma Asha muito nova e sem cicatrizes em seus braços, um Dax um pouco mais velho de pé ao lado delas. O artista tinha capturado bem os olhos dele — de um castanho caloroso, amplo e curioso —, assim como as orelhas de abano.

Ao lado da tapeçaria, pendiam duas outras. Pela qualidade mais vibrante das cores, dava para ver que ambas tinham sido feitas depois.

A primeira era de Asha, em fios de ouro e vermelho, com uma cicatriz de queimadura descendo pelo rosto. Ela segurava um machado de caça em uma mão e um pergaminho na outra. Ao seu lado, um jovem sardento tocava alaúde.

Torwin, pensou Roa, tocando os fios com a mão direita enquanto a esquerda apertava a carta.

Ela torcia para que ele estivesse seguro. Para que ambos estivessem.

A última tapeçaria era da prima de Dax, Safira. A nova comandante. Seus olhos azuis intensos espiavam Roa como se estivesse tentando decidir se ela era uma ameaça.

Aquelas eram imagens da família real.

Mas por que estão aqui?, indagou Essie, que inspecionava o resto do aposento enquanto Roa estudava as tapeçarias. Ela pousou no balaústre da cama de Dax. *Tão longe do palácio?*

Roa não sabia.

Conforme virou para encarar sua irmã, viu-se do lado da cama de Dax.

Roa olhou para baixo, para os lençóis azuis sedosos e as almofadas douradas. Esticando a mão para tocar os véus translúcidos do dossel, ela se perguntou quantas garotas ele havia levado ali, e se tinham passado a noite juntos.

Roa se perguntou como seria.

Talvez você devesse subir nela para descobrir, disse Essie empoleirada no balaústre.

O rosto de Roa se inflamou. Aquela era uma das consequências infelizes da sua conexão. Essie conhecia seus pensamentos mais constrangedores.

Roa a encarou.

O quê? Aqueles olhos prateados brilharam.

Roa olhou furiosa para a irmã, que respondeu com deleite caloroso.

Ah, vamos lá, Roa. Eu te desafio.

Você me desafia? Temos o que, oito anos de idade?

É óbvio que você está assustada, Essie retrucou.

Uma raiva quente e afiada cresceu em Roa. Ela a mandou para sua irmã, então afastou os véus.

Roa observou a cama. Seu coração estava disparado.

Talvez *estivesse* com medo. Só um pouco.

Tirando as sandálias, ela subiu nos lençóis e sentou de pernas cruzadas, encarando o pássaro branco no topo do balaústre.

Pronto. Viu?

Talvez você devesse deitar, Essie disse, cheia de malícia. *Testar de verdade.*

Roa cerrou os dentes. *Está bem.* Ela se reclinou um pouco rígida contra os travesseiros.

Os lençóis eram suaves e macios. Cheiravam como se tivessem sido pulverizados com água de rosas, talvez por um dos criados.

Roa fechou os olhos, só por um segundo, inspirando o cheiro doce de flores.

Não parece de todo mau, disse Essie. *Talvez eu…*

Um som de parar o coração a interrompeu: o rangido da maçaneta sendo

girada. O lento gemido de uma porta sendo aberta.

Roa abriu os olhos abruptamente.

Rápido!, Essie disse, parecendo achar graça. *Se esconda!*

Ela voou para os jardins. Roa rolou para fora da cama e para o chão, ardendo de humilhação. Escorregou rapidamente para baixo da cama, com o coração batendo com tanta força que estava certa de que sairia do peito.

— Roa? — Dax chamou.

Seus passos ecoaram pelo chão, do corredor até o terraço. Ela olhou para a porta, mas estava fechada.

O pior de tudo era que suas sandálias estavam à plena vista. Fora do alcance.

Roa amaldiçoou seu próprio descuido.

Para Essie, que estava em algum lugar no jardim, Roa disse: *É tudo culpa sua.*

Essie mandou uma sensação dourada de volta, sua versão de riso.

Como se aquela situação tivesse alguma graça.

Roa se sentia ridícula. Se respondesse, Dax saberia que estava se escondendo embaixo da cama. Ia querer saber o motivo. Se ele descobrisse o que ela tinha acabado de fazer — deitar nos lençóis dele, cheirar seus travesseiros —, só poderia chegar a uma conclusão.

Roa apertou a carta na mão.

Preciso entregar a ele, pensou, congelada onde estava, com a bochecha pressionada contra o chão de terra frio.

Dax estava na janela agora, com a brisa bagunçando seus cachos. O coração de Roa batia acelerado enquanto observava seus dedos soltarem os laços da camisa, então enrolar as mangas até os cotovelos. Ela o observou tirar as botas e então se reclinar contra o parapeito, observando o distante mar de areia.

Suspirando profundamente, ele se virou, então deslizou devagar pela parede até o chão. Sentou com os joelhos dobrados e as mãos no cabelo, como se estivesse tentando resolver um problema impossível.

Cedo ou tarde, veria as sandálias do lado da cama. E então veria Roa embaixo dela.

É melhor resolver isso de uma vez…

Quando Roa decidiu se revelar, alguém bateu na porta.

Ela parou e recuou, enquanto Dax levantava.

Na metade do caminho, contudo, alguma coisa o impediu. Ele virou e foi

em direção à cama.

Roa podia enxergar seus pés descalços enquanto Dax se curvava, então seus dedos, quando ele esticou a mão para pegar as sandálias. Tudo o que precisava fazer era ficar de joelhos…

Tudo o que precisava fazer era *olhar*.

Roa mordeu o lábio com força, rezando para quaisquer deuses que pudessem estar escutando.

Mais uma batida. Dax se endireitou.

— Quem é?

— Só eu — respondeu uma voz bem familiar. Lirabel.

O rei foi atender a porta, levando a sandália com ele.

Roa deixou o ar escapar.

— Ah, Dax. — A voz preocupada de Lirabel ecoava pelo quarto. — Estamos em apuros. — A garota perambulava de um lado para o outro. Frenética. Suas sandálias tinham trazido areia para dentro, que se espalhava atrás dela.

— Eu estava torcendo para não passar de um resfriado…

— Lirabel…

Mas o que quer que Dax fosse dizer se perdeu, e o quarto mergulhou em um silêncio artificial. Embora Roa só pudesse enxergar as pernas da sua amiga, podia ouvir leves arfadas.

Ela estava chorando.

— Hoje eu contei — Lirabel sussurrou, quando conseguiu recuperar o controle. — Faz onze semanas.

Dax permaneceu perto da porta, em total silêncio.

— Faz onze semanas que não *sangro.*

Uma sensação gelada se espalhou por Roa. Como a geada do início da manhã que se acumula no chão no inverno.

Quando Dax continuou sem responder, Lirabel disse:

— Onze semanas é tempo demais, Dax!

Roa queria sair para olhá-los. Mas certamente seria vista se o fizesse.

— Lirabel — Dax disse afinal, perfeitamente calmo — Não estou entendendo.

— Estou dizendo — ela sussurrou — que estou grávida.

Roa se encolheu instintivamente.

Ficou tudo em silêncio por vários segundos. Então Dax sussurrou:

— O quê?

Onze semanas. Aquilo era antes da revolta. Quando Dax estava visitando as savanas, pedindo a ajuda de Roa.

Seria possível que aquilo estivesse acontecendo havia tanto tempo? Bem debaixo do nariz de Roa?

Era o motivo da distância de Lirabel?

Ela de repente os viu em sua mente. Dax e Lirabel — seu marido e sua amiga — juntos na cama embaixo da qual se escondia. Na cama onde Essie a desafiara a se deitar.

Roa disse a si mesma que não se importava. Que não fazia diferença.

Mas, se era verdade, por que sentia como se tivesse levado uma facada nas costelas?

— O que eu faço? — Lirabel sussurrou.

Roa estava se movendo bem devagar, tentando enxergar, quando veio outra batida na porta.

Ela observou as mãos de Dax fechando e abrindo. Mas aquele era o único sinal visível de angústia que conseguia ver nele.

Finalmente, o rei se moveu para atender. Lirabel virou para a parede, escondendo suas lágrimas de quem quer que estivesse interrompendo.

— O que foi? — Dax perguntou

— Fui enviado para chamá-lo, senhor. — A voz parecia ser de um dos criados. Ele estava sem fôlego. — Uma luta começou entre sua caravana e os membros da Casa do Céu. Nós… não sabemos o que fazer.

— Me dê um momento — Dax disse, fechando a porta e virando para Lirabel. — Desculpe — ele disse para ela. — Preciso lidar com isso.

Roa franziu a testa. Dax tinha guardas para aquele tipo de coisa.

Lirabel permaneceu encarando a parede.

— Vou garantir que você seja bem cuidada. Assim que chegarmos a Firgaard, verei o que posso fazer por você. Está bem?

Um silêncio frio cortou o ar. Lirabel não tinha mais nada a dizer a ele.

Então Dax virou o corpo e deixou o quarto.

Roa se encheu de uma fúria sombria. Ele ia garantir que ela fosse bem cuidada? Veria o que poderia fazer por ela?

Que tipo de homem dizia aquilo?

O tipo de homem que dorme com a amiga da esposa, a engravida e a deixa chorando sozinha.

Roa teve vontade de ir atrás dele, para encurralá-lo e forçá-lo a consertar aquilo. No mesmo instante. Não quando chegassem a Firgaard.

Ela cerrou os punhos, observando Lirabel afundar até o chão, seu corpo estremecendo com os soluços. A carta de Asha tinha sido praticamente esquecida enquanto Roa escutava a amiga chorar.

E se, a voz de Theo ecoava em sua cabeça, *pela posição, Dax exigir… algo?*

Roa cravou as unhas nas palmas. Não queria acreditar naquilo. O motivo de Lirabel precisar ser uma protegida na casa dela eram as sanções impostas pelo pai de Dax. Sanções que tinham tornado a família dela pobre e destruído sua fazenda. Sanções que Dax ainda não tinha retirado, a despeito de suas promessas.

Não fazia sentido que Lirabel escolhesse de livre e espontânea vontade um homem daqueles.

Eu deveria ter protegido você, ela pensou. *Deveria ter prestado atenção.*

Roa queria ir reconfortar a amiga. Mas, se Lirabel quisesse que ela soubesse de tudo aquilo, teria contado. Roa temia que se revelar naquele momento fosse envergonhá-la e piorar a situação. Ela não queria afastar ainda mais sua amiga.

Finalmente, Lirabel se calou. Ela pressionou as mãos contra os olhos, então secou-as na bainha da camisa de cavalgada. Depois de uma longa inspiração estremecida, levantou e foi embora.

Dez



ROA FUGIU DO QUARTO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.

As pisadas fortes ecoaram pelo corredor vazio. A raiva vermelha e quente borrava as paredes. Ela segurava a faca de Essie com força em uma mão enquanto procurava Dax.

Ia obrigá-lo a consertar aquilo.

Roa pensou naquele momento nos estábulos, quando ele tinha passado o dedão sobre seu lábio. Em como ela teria deixado que a beijasse, teria até *gostado*, se não tivessem sido interrompidos.

Agora sentia nojo só de pensar naquilo.

Havia um motivo para Dax ser o inimigo. Como tinha se permitido esquecer aquilo?

Roa! O corpo branco de Essie passou voando por ela como um borrão, então voltou para se colocar no caminho dela. Roa parou enquanto a irmã batia as asas, com os olhos prateados brilhando. *Você está bem?*

— Se estou bem? — Roa disse em voz alta. — Acho que é com Lirabel que precisamos nos preocupar.

Essie voou em círculos em torno dela.

Até Theo já tinha ouvido os rumores de Dax e Lirabel. Roa observou o

pássaro branco em volta dela. *Theo, que não passou nem perto de Firgaard nos últimos meses.* Ela cerrou os dentes diante da sua própria negligência. *Se eu tivesse prestado atenção…*

Não, disse Essie. *Não é culpa sua.*

Como podia não ser?

Se Roa nunca tivesse se casado com Dax, se nunca o tivesse ajudado a destronar o pai, Lirabel não estaria naquela posição. De fato, as ações de Roa só pareciam levar infelicidade àqueles que amava: Theo, Jas e Lirabel.

Talvez Theo estivesse certo. Ela não era diferente de Amina. Como a antiga rainha, achara que se casar com um rei daria paz a seu povo.

Como Amina, não tinha se dado conta de que estava se casando com um monstro.

Roa seguiu em frente.

Essie voou atrás dela.

Você tem muitas outras coisas com que se preocupar.

Roa parou diante de um amplo vitral. Seus tons vermelhos e azuis vibrantes eram iluminados pelo sol se pondo ao longe.

Ela tinha desistido de tudo por aquele rei. O responsável pelo acidente de Essie. Alguém que não se importava que as sanções do pai sobre o povo o fizessem passar fome. O rei que tinha dormido com Lirabel e então a descartado.

O murmúrio começou bem fundo na barriga de Roa. Como eletricidade, faiscava, zumbia e cintilava.

Estava vibrante e vivo em Essie também, como um fogo prendendo uma à outra.

— Eu o odeio — Roa disse, amarga.

Mesmo enquanto dizia aquilo, lágrimas faziam seus olhos arderem.

Ah, Roa. A voz de Essie parecia subitamente mais distante. *Eu queria poder consertar isso.*

— Eu o odeio por usar Lirabel.

O murmúrio reverberava nos ouvidos de Roa. Chacoalhava seus ossos, fazia sua temperatura subir. Ela balançou a cabeça, contraindo a mandíbula contra o rugido ensurdecedor.

— Eu o odeio por me fazer de tola.

Os olhos de Essie brilhavam mais fortes do que o comum enquanto ela circulava Roa, cortando o ar. Só por um momento, Roa pensou que estava vendo a alma da irmã cintilar.

— Eu o odeio mais do que tudo pelo que fez com você. — Os punhos dela estavam cerrados. O ar entre as duas parecia branco de tão quente. As próximas palavras vieram como um soluço. — Eu o odeio por nos despedaçar!

O murmúrio explodiu, incinerando as duas. As janelas no corredor se estilhaçaram, provocando um estrondo retumbante.

O calor que vinha subindo desapareceu.

Um vazio frio tomou rapidamente seu lugar.

Roa encarou o pássaro branco diante dela. Aqueles olhos prateados a encararam de volta, mas pareciam surpresos. Assustados. Confusos.

Essie?

O silêncio da irmã a perturbava.

Roa buscou a conexão, mas a perdera. Tentou novamente, mas o espírito da irmã era como água deslizando pelos seus dedos. O murmúrio, tão forte e vibrante momentos atrás, era como a batida do coração de uma criatura moribunda. Ainda estava lá, mas muito fraco.

Aquilo a aterrorizou.

Roa observou o pássaro branco voar pela janela quebrada e ascender no céu cor de romã. Seguiu-a até a janela. O sol tinha se posto, mas sua luz se mantinha pouco acima do horizonte do deserto.

— Essie!

Não houve resposta.

Antes

No primeiro verão que Dax foi ficar nas savanas, a mãe de Roa e Essie as fez ficar o tempo todo com ele. Essie não podia ir até os penhascos a menos que Dax fosse também. Roa não podia jogar deuses e monstros a menos que fosse contra ele.

Roa nunca ia até os penhascos, porque odiava pular deles. Essie, que odiava jogos de tabuleiro, saía com Lirabel, deixando Roa presa com o filho do rei por tardes inteiras.

Elas sabiam o que a mãe estava fazendo. Era uma interferência, e não gostavam disso.

Então as irmãs fizeram um pacto. Não seriam amigas do visitante inconveniente de Firgaard. Iam rejeitá-lo por uma questão de princípios.

Foi fácil no início. O filho do rei nunca havia jogado deuses e monstros. Ele era um oponente entediante, o que chateava Roa. Algum dia, se ela vencesse vezes suficientes, ele simplesmente desistiria de jogar.

Ou era o que ela achava.

Quanto mais impiedosa fosse no tabuleiro, mais ansioso ele ficava por aprender. Quanto mais ela vencia, mais ele implorava para jogar outra partida.

O entusiasmo e a insistência a amoleceram um pouco. Algumas vezes, quando ele encarava por longos períodos de silêncio o tabuleiro de pedra, pensando com afinco, Roa cedia. Ajudava-o a ver coisas que ele não conseguia. Explicava como prever os movimentos do adversário. Transmitia a ele o conhecimento que seu pai transmitira a ela no passado, quando aprendera a jogar.

Ele melhorou depressa depois daquilo, o que, estranhamente, a agradou.

O que era mais estranho era que ele parecia gostar de agradá-la.

Quando Dax dizia algo que a fazia sorrir, ele sorria duas vezes mais. Quando a fazia rir, era como se tivesse resolvido um enigma no qual estivera trabalhando por meses. Dax se iluminava por dentro.

Quanto mais jogavam, mais difícil era manter seu pacto com Essie, e logo ela não odiava mais aquele garoto irritante de Firgaard. Na verdade, não o considerava irritante, nem um pouco.

Traidora*, sussurrava uma voz dentro dela.*

Um dia, Dax pediu a Roa para ir com ele e Essie até os penhascos. Ela nunca ia. Não gostava de assistir à irmã e aos amigos pularem daquela altura dentro da água. Ficava nervosa ao vê-los caindo, caindo e caindo.

Mas Dax a convenceu.

Foi naquele dia que ela percebeu que sua irmã era uma traidora também.

Dax implorou a Roa para pular com eles, mas a garota manteve os pés plantados firme no chão. Então eles a deixaram para trás. Ela os observou da grama. O modo como Dax fazia Essie rir… era exatamente como fazia Roa rir. Só que Essie ria mais alto e de um jeito mais livre.

Essie era daquele jeito. Desinibida. Contaria um segredo a alguém que tinha acabado de conhecer sem pensar duas vezes.

Roa era o exato oposto.

Se ela e sua irmã fossem dois livros no escritório do pai, Essie seria o livro aberto na mesa, pronto para ser lido. Roa seria aquele enfiado entre uma dúzia de outros, bem alto na estante.

Mas não era apenas o riso de Essie. Era a visão dela e Dax se divertindo sem Roa, espirrando água e apostando corrida para cima e para baixo das rochas. Aquilo fez Roa perceber algo que não queria.

Ela levantou da grama e partiu.

Essie foi atrás dela.

— O que aconteceu? — A irmã a acompanhou pelo caminho de terra batida que passava pelos penhascos, encharcada e tremendo.

— Nada — disse Roa. — Estou entediada, só isso.

Desde quando ela mentia para Essie?

— Então vem pular conosco.

Roa pensou no jeito como Essie se atirava dos penhascos. Em como Dax se atirava atrás dela.

Ela continuou a andar.

— Dax está certo — Essie disse atrás dela. — Você guarda seus pensamentos como um dragão guarda um tesouro.

As palavras doíam — não por serem falsas, mas porque significavam que Essie e Dax falavam a seu respeito quando ela não estava lá.

Roa virou para encarar a irmã.

— Não tinha percebido que vocês eram tão próximos — ela disse, com a voz trêmula.

Essie abriu a boca. Seus cachos molhados gotejavam.

— Roa…

Mas ela não terminou. Não precisava. Essie era aquele livro aberto na mesa. Fácil de ler. Estava tudo ali, na superfície.

Nos olhos da irmã, Roa enxergou a verdade. Era como no dia da conquista. Essie estivera mantendo outro segredo dela.

Essie gostava *de Dax.*

E aquilo lhe deixava com inveja. Não de Essie, contudo. De Dax.

Nunca tinha ocorrido a Roa antes que ela poderia perder a irmã. E, por mais tolo que parecesse, o pensamento a aterrorizava.

Mas ela não sabia como dizer aquilo. Então fugiu.

Era uma noção absurda. Correr da irmã? Essie ia encontrá-la. Sempre a encontrava. Era como tentar fugir de si mesma.

— Não sou a única com segredos — disse Essie, respirando com dificuldade enquanto seus pés descalços pisavam no chão de terra rachada do esconderijo de Roa.

Roa ergueu a testa, abraçando os joelhos. Essie sentou ao lado dela, pressionando as costas contra a parede desabada da Casa da Sombra arruinada.

— Não guardo segredos de você — Roa sussurrou, apoiando o queixo no braço e olhando fixamente para a frente, para a bacia de fogo abandonada, semidestruído pela ferrugem e afundando no chão.

Essie descansou a cabeça no ombro de Roa, ensopando o vestido dela com seu cabelo molhado.

— É um segredo que você não sabia que tinha.

Roa franziu a testa, sem entender. Ela afastou a ideia.

— Fizemos um pacto — Roa disse. — Ele não pode ficar entre nós.

— Ele não está entre nós. Veja. — Essie se apertou bem contra a cintura de Roa, até ter mais partes do corpo dela se tocando do que afastadas. Ela abriu um sorriso de canto de boca para Roa.

A irmã desviou o olhar, tentando permanecer brigada. Mas o sorriso da outra derreteu sua raiva, e um sorriso nasceu em seus próprios lábios.

— Ele não vai me tirar de você — Essie sussurrou, conhecendo o medo mais profundo de Roa. — Além disso, é de você que Dax gosta. Não de mim.

Roa se afastou, encarando-a.

— O quê?

Então Roa se lembrou do jeito como Dax andava sorrindo para ela. Do modo como a fazia rir.

Talvez fosse verdade. Mas quem se importava? Certamente não Roa.

— Se ele vai levar alguém embora — Essie disse, mais séria — é você.

Roa balançou sua cabeça.

— Você é uma boba.

Essie inclinou sua cabeça na direção da irmã, encostando a têmpora na dela.

— Espere e verá — disse ela, pondo um braço em torno da cintura de Roa e apertando com força.

Onze



ROA NÃO OUVIU OS PASSOS ESMAGANDO VIDRO. Não sentiu alguém ao seu lado, dizendo seu nome, até ele começar a enrolar um pedaço arrancado da própria camisa no braço dela.

— Você está bem? — Theo perguntou, gentil.

Ela viu as lascas de vidro azul e vermelho espalhadas no chão ao seu redor. Pedaços da janela.

Foi então que sentiu o sangue quente vazando pelo curativo no braço. Um dos cacos devia tê-la cortado.

Roa voltou sua atenção do curativo para os olhos de Theo.

Ele focou o vidro estilhaçado, então a janela vazia e o céu vermelho mais além, depois voltou para a faixa de linho empapada de sangue no braço de Roa.

— O que aconteceu?

Ela pensou no estranho olhar prateado de Essie logo antes de sair voando pela janela quebrada. Como se não a reconhecesse. Como se não soubesse quem era sua própria irmã.

Como se o tempo estivesse se esgotando.

As duas nunca conversavam sobre o que aquilo significava, sobre *o motivo*

de Essie estar presa à forma de falcão. Elas nunca conversavam sobre por que as penas de Essie tinham ficado brancas depois da Renúncia anterior, ou por que seus olhos haviam ficado prateados.

Mas ambas sabiam.

Espíritos que não atravessavam não podiam ficar entre os vivos para sempre.

— Eu estou perdendo Essie — Roa sussurrou.

Externar seu medo mais profundo fez algo dentro de Roa desmoronar. Ela se lembrou de como havia sido depois do acidente. Da insuportável dor da solidão. Da ausência gelada onde sua irmã sempre tinha estado presente, calorosa, vibrante, *viva.*

Não conseguiria aguentar aquilo de novo.

Recusava-se a aguentar.

Roa não sabia como viver em um mundo sem Essie.

Depois que todos os outros tinham ido dormir, Roa e Theo foram apagar as luzes.

Era uma rotina das savanas, normalmente executada ao pôr do sol no mês antes da Renúncia. Espíritos que não tinham atravessado eram atraídos por calor e luz. Então, quanto mais escuro se deixasse a casa à noite, menor a chance de se receber a visita de um na noite mais longa do ano, quando os espíritos assumiam suas formas verdadeiras e caminhavam entre os vivos. Roa abria uma exceção para Essie.

Ninguém sabia que ela mantinha uma vela acesa para a irmã na noite mais longa do ano.

Ninguém sabia que ansiava por aquelas visitas mais do que qualquer outra coisa.

Mas, se ela está esvanecendo, pensou Roa, *o que vai acontecer este ano?*

Conforme caminhavam pela casa, apagando velas e desligando lâmpadas, Roa sussurrou:

— Acho que cometi um erro.

Theo congelou na escuridão ao lado dela.

— Um erro?

Seu olhar acompanhou a silhueta dela conforme andava pelo caminho circular em torno do jardim, em direção à janela que emitia um brilho alaranjado.

— Achei que ele era um tolo.

O ar estava frio e seco ali fora. Roa passou a mão na parede, ainda quente do dia.

— E agora? — Theo indagou.

Ela se lembrou de Lirabel chorando no chão, descartada por Dax.

— Agora acho que é algo pior.

Theo a seguiu até a porta do próximo aposento. Era o escritório onde tinha encontrado a carta de Asha. A carta que ainda estava embaixo da cama de Dax.

— O que quer dizer?

— E se você estiver certo? — Ela cerrou as mãos em punho e olhou por cima do ombro. — E se ele for igual ao pai? E se for o tipo de homem que toma o que quer e não se importa com quem machuca? — Roa observou as estrelas gêmeas no céu setentrional. As favoritas de Essie.

Ela abriu a porta e entrou no quarto, verificando se estava vazio antes de apagar as lâmpadas. Quando saiu, encontrou Theo onde o havia deixado.

— Então você concorda comigo. — Ele pegou a mão dela. Roa podia sentir a pulsação animada de Theo conforme caminhavam mais para dentro do jardim, afastando-se das paredes da casa. Ela notou que ele olhava em volta, mas o jardim estava vazio e escuro. — Dax precisa abrir mão do trono.

Roa tirou a mão, olhando para Theo. Ela não tinha dito aquilo.

— Não. Eu não quis dizer…

— Tenho cinquenta homens da Casa do Céu. Estão prontos, só à espera do meu comando.

Roa ficou boquiaberta.

— Você nunca vai conseguir levar cinquenta homens do Céu para Firgaard.

Theo passou os braços pela cintura dela e a puxou para si.

— Estava torcendo que você pudesse me ajudar nisso.

Um arrepio atravessou Roa. Sem o sol, a temperatura estava caindo, mas não era por causa do frio que ela tremia.

— Tenho contatos dentro da cidade, inimigos de Dax que estão do nosso lado. — Theo esticou a mão de novo, passando o dedão pelas articulações dela. — Eles querem nos ajudar.

Inimigos de Dax…

Roa balançou a cabeça. Ele estava totalmente equivocado.

— Não existe um *nós* — ela sussurrou, afastando-se. — Por mais que

odeie Dax, ele é o rei. Arquitetar contra a coroa é traição. Eu estaria traindo todo nativo que já acreditou em mim. Todo nativo que acreditou que me casar com ele faria uma diferença para nosso povo.

Theo fez uma careta no escuro.

— E que diferença *fez*?

Roa sentiu o coração cair.

Nenhuma.

Mas aquilo logo mudaria. Uma vez que chegassem em Firgaard, ela usaria o tratado para fazer Dax cumprir suas promessas.

— Me escute. — Ele segurou os ombros dela com força. — Todo rei de Firgaard é um monstro. Se Dax ainda não é, será. Precisamos agir depressa. Não temos tempo de dar mais chances a ele.

Roa balançou a cabeça e olhou para longe, para o jardim escuro em torno deles. Poderia haver alguém ali, escondido. Theo poderia acabar morto por dizer aquelas coisas.

— Theo…

— Só… me escute. É o mínimo que pode fazer.

Roa cerrou os dentes, resignada.

— Então o mínimo que *você* pode fazer é falar baixo.

Theo puxou o ar e depois soltou. Suas mãos deixaram os ombros de Roa enquanto ele averiguava o jardim.

— Eu disse que encontrei a faca da Tecelã do Céu.

Isso de novo não, pensou Roa, lembrando de suas buscas de muito tempo atrás pela lâmina que cortava mais fundo que a carne. Por uma arma que pudesse trocar uma alma por outra.

Ela estava prestes a protestar. Repetir que era um mito. Mas Theo continuou antes que tivesse a chance.

— Encontrei a antiga proprietária. A mulher que a vendeu ao barão em Firgaard. Como você, ela perdeu alguém que amava.

Roa ficou imóvel, então assentiu, indicando que prosseguisse.

— Anos atrás, a melhor amiga dela foi condenada por um crime horrível: ter envenenado o pai para receber a herança. Foi decidido que sua punição deveria equivaler à acusação, e ela foi sentenciada à morte por veneno. Embora tenham queimado o corpo e cumprido os ritos, sua alma não atravessou para o além. Ficou por aqui.

Roa deu um passo à frente, interessada.

— Ano após ano, ela não atravessou. A cada Renúncia, perdia mais e mais

de si. Como se o chamado da morte estivesse ficando mais forte, levando uma parte dela a cada vez — Theo prosseguiu. — Como se estivesse se dissipando. Antes que isso acontecesse por completo, ela contou à amiga que não tinha matado o pai. Quem queria a herança era o marido dela, que a incriminou pelo envenenamento. Ele que deveria ter sido punido. Deveria ter morrido. Ela estava presa por causa dele. A mulher jurou que ia vingá-la. Conhecia a história de Sunder e da faca que extraiu sua alma em troca da vida da filha. Sabia que, se existia alguma chance de salvar sua amiga, residia em encontrar aquele objeto. Ela estava em posse de um mercador, que a vendeu de bom grado. Ele a ensinou como usá-la, avisando que a mulher precisaria esperar até a Renúncia. Naquela noite, se cravasse a faca na pessoa que tinha escapado da morte, a Tecelã do Céu levaria a alma dela no lugar… e a vida da amiga inocente seria restaurada.

— E? — Roa perguntou. Ela tinha se inclinado cada vez mais na direção de Theo enquanto ele falava. Estava a uma curta distância agora.

— E foi isso que ela fez.

— E deu certo?

O vento sussurrava pelo jardim. Os insetos noturnos zumbiam em volta.

— Sim — ele disse, finalmente. — Funcionou.

— E você tem certeza de que a faca está em Firgaard?

Theo assentiu.

Roa recuou um passo, seus pés se movendo no ritmo de seus pensamentos. Então ficou perambulando, pensando no que aquilo significava: *Essie recuperada.* E no que exigiria: *matar o responsável pela morte dela na noite da Renúncia.*

Ela parou de andar de um lado para o outro.

Poderia matar o próprio marido?

Claro que não. Roa pressionou a palma das mãos contra os olhos. *Que ideia é essa?*

Theo tocou seu braço. Ela o abaixou e levantou a cabeça para olhar no rosto dele, oculto pelas sombras.

— Você pode salvar Essie, Roa. Pode salvar todos nós.

Ela o encarou, cheia de pesar.

— Matando o rei.

— Tirando o próximo tirano do trono. — Ele pegou as mãos dela, aquecendo-as. — Podemos ajudar um ao outro. Me ajude a infiltrar meus homens no palácio e ajudarei você a conseguir a faca da Tecelã do Céu e

fazer a troca.

Ela balançou a cabeça, se sentindo vazia.

— E então o quê?

Roa queria a irmã. Mas a que custo?

— E então você governará sozinha, como uma rainha justa e poderosa. — Ele segurou o rosto dela. — Pense no bem que poderia fazer pelo nosso povo, Roa. *Sem ele.*

Se a faca da Tecelã do Céu existia, Roa realmente poderia salvar a irmã, como as histórias contavam…

— Não — ela disse, decidida. — Não sou uma assassina.

E Dax tinha prometido reunir a assembleia assim que voltassem. Com o tratado assinado, ele teria que cumprir seus votos. Teria que suspender as sanções. Logo as coisas mudariam para seu povo. Roa tinha aquilo garantido.

— Então está bem — disse Theo, dando um passo para longe dela. — Me procure quando mudar de ideia.

Isso não vai acontecer, ela pensou, e tratou de tirar a possibilidade da cabeça.

Antes

Quando Roa e Essie tinham onze anos, o filho do rei foi mais cedo para as savanas. Era o fim da primavera, depois das grandes chuvas. Os rios haviam subido acompanhados de milhares de peixes.

No dia seguinte à chegada do garoto, eles estavam no lago consertando redes enquanto os pais das duas ajudavam a Casa das Primaveras a carregar o fruto da pescaria. Roa estava sentada com Essie, em um pequeno barco de junco para duas pessoas. Com a cabeça abaixada, desatavam nós. Dax estava em um barco com Jas, e entre eles havia outros barcos de junco cheios de crianças desamarrando redes.

— Você já aprendeu a ler, Dax?

Roa levantou a cabeça abruptamente. Ela olhou para Theo, que tinha perguntado. Ele era o mais velho, com exceção do forasteiro. Os garotos nos outros barcos deram risadinhas.

Dax os ignorou. Mas Roa viu que apertou a rede com mais força.

— Isso é um não?

— Pare com isso, Theo — Lirabel disse, do barco ao lado, trabalhando com a faca de caça em um emaranhado particularmente complicado.

Theo a ignorou.

— Aqui. Me diga o que vou escrever.

Ele desenhou no ar as letras I-D-I-O-T-A*, para todos verem.*

Roa, Essie e Lirabel olharam para Dax, que segurava a rede escorregadia com muita força, se preparando para o que estava por vir.

— Theo — Essie disse, ríspida, pousando sua própria faca no colo.

— E quanto a esta?

Roa também abaixou a faca, observando os dedos bronzeados de Theo traçarem a palavra I-M-B-E-C-I-L*.*

A pele de Dax ficou vermelha de vergonha.

— Também não? — Theo olhou para os outros garotos, revelando todo o seu desprezo. — Hum. E você acha que herdou a burrice do seu pai ou da

sua mãe?

Jas levantou uma fração de segundo antes de Dax para segurá-lo. O barco de junco amarelo pálido balançava embaixo deles. Se não tomassem cuidado, iam virar o barco, deixando as redes caírem na água e descer para o fundo do lago.

— Ele só quer te irritar — Jas disse. — Deixa pra lá.

Dax olhou de relance para Roa, que o encarou, concordando com o irmão sem dizer nada.

Sente, *ela pensou.*

Theo viu o olhar trocado entre eles. Como uma flecha procurando seu próximo alvo, virou sua atenção para Roa.

— Ela certamente atrai o olhar, não acha?

Foi a vez de Roa de ficar vermelha.

— O quê?

— Já chega — Essie avisou, largando sua faca, com os olhos pretos brilhando.

Roa sentiu o murmúrio pegar fogo entre elas, brilhante e quente.

Mas Theo não tinha terminado.

— É por isso que sempre volta, comedor de areia? Porque gosta de olhar pra ela?

Dax cerrou os punhos.

Roa esticou a mão para a irmã, entrelaçando os dedos com os dela e apertando os olhos na direção de Theo. Por que ele estava agindo daquele jeito? Uma coisa era provocar Dax — ele era um forasteiro, e Theo se divertia com aquilo. Outra coisa era meter Roa no meio.

— Cale a boca.

— Talvez você queira fazer mais do que só olhar pra ela. É isso?

Ele fez um gesto obsceno, jogando o quadril para a frente.

Essie segurou a mão de Roa com mais força.

Dax pegou a faca de caça de Jas e puxou o barco mais próximo, onde duas garotas da Casa das Primaveras conversavam sentadas, ignorando a luta iminente. Ele entrou no pequeno barco de junco, que balançou e chacoalhou, mas as garotas só fizeram uma pausa para olhar antes de voltar a conversar. O barco de Theo estava a apenas um passo de distância. Dax se inclinou e ficou com o rosto a meros centímetros do outro.

— Pare com isso. Agora.

— E o que vai fazer se eu não parar? — Theo levantou, revelando ser mais

alto e forte do que Dax. Seus olhos brilhavam, mas ele não sorria. Também tinha uma faca de caça na mão. — Você não gosta quando falo de Roa desse jeito? Por que não? Todo mundo sabe que é verdade. Todo mundo sabe que você gosta dela.

As palavras a atingiram como um soco. Roa sentiu o ar faltar em seus pulmões. Sem perceber, deixou cair a rede.

O murmúrio zumbia em seu sangue. O rosto de Essie tinha ficado duro como pedra.

— Eles são amigos — disse Lirabel, suavemente, de seu barco.

Roa ficou quente. Como se estivesse queimando de dentro para fora. Ela olhou para a irmã, sabendo que era como ela se sentia. Essie encarava Theo como se quisesse que ele desaparecesse.

Theo abriu um sorriso de canto de boca. Ele empurrou Dax, que cambaleou, balançando os braços descontroladamente em uma tentativa de se equilibrar, conforme o barco em que estava flutuava de volta para Jas.

— Volte para o lugar de onde veio, comedor de areia.

O murmúrio cresceu até um estrondo dentro de Roa. Essie apertou tanto os olhos que mais pareciam linhas. Roa encarou o filho do rei, torcendo para que lutasse. Para que se defendesse.

Dax simplesmente virou e fez o que Theo disse: subiu no barco de Jas.

Subitamente, a visão de Roa ficou branca com o murmúrio ardendo por ela. Apertou a mão de Essie e quase soltou um grito com um último surto.

Um pequeno grito de surpresa foi seguido de um grande barulho de onda quando o barco de Theo virou, jogando-o na água. Por um doce momento, o casco bulboso de junco flutuou acima da superfície, como a barriga de um peixe gigante.

Silêncio.

Então Theo rompeu a superfície, batendo os braços e cuspindo água.

O murmúrio se aquietou dentro de Roa. Ela olhou para Essie, que tinha acabado de pegar sua rede. A irmã manteve os olhos nos próprios dedos enquanto trabalhava em um nó.

Enquanto Theo praguejava e se esforçava para endireitar o barco, Essie levantou rapidamente a cabeça e encarou Roa com um sorriso triunfante. Só para ela.

Roa olhou de volta para sua própria rede, sorrindo também.

Doze



ROA PASSOU SUA PRIMEIRA MANHÃ DE VOLTA A FIRGAARD vasculhando os céus e chamando pela irmã. Como antes, não havia sinal de Essie. Apenas o silêncio respondia quando Roa chamava.

Ela ansiava pelo peso familiar de Essie em seu ombro. Pela sensação de sua alma, calorosa e próxima. Pelo murmúrio vibrante da sua conexão.

E se a irmã não voltasse?

E se o tempo delas tivesse se esgotado?

Mas, sob aquelas perguntas, crescendo como uma raiz na escuridão, havia outra: e se tudo o que Theo dissera fosse verdade? E se a faca da Tecelã do Céu não apenas existisse como estivesse em Firgaard?

Roa não pensava em outra coisa desde a conversa deles no jardim. Quanto mais dias se passavam, mais forte era sua vontade de vê-la. De tê-la em suas mãos. Para decidir por conta própria se as histórias eram verdadeiras.

As palavras de Theo tinham desenterrado algo nela. Uma vontade que julgava ter enterrado anos atrás. Elas a tinham feito perceber que, mais do que tudo, mais do que libertar seu povo da tirania, Roa queria Essie de volta. Não como um pássaro. Como sua *irmã.*

Ela queria que Essie andasse com os pés descalços pelas estradas da

Música novamente. Queria brigar com ela, depois pedir desculpas. Queria sentar na cozinha quando todos os pratos tivessem sido guardados e ficar conversando com ela e com a mãe até altas horas da noite, como costumavam fazer. Queria ver Essie saltar dos penhascos, então sacudir os cachos. Queria que ela se apaixonasse, cuidasse dos filhos e envelhecesse, que tivesse uma vida inteira, completa e feliz.

Nenhuma daquelas coisas era possível com sua alma presa como estava. E, quando a Renúncia a levasse de vez, a esperança ia se extinguir.

Aquele era o motivo pelo qual Roa se perguntava: se realmente houvesse uma chance de devolver a vida a Essie, ela poderia realmente dizer que não ia aproveitá-la?

Alguns dias depois, Roa estava sentada no salão da assembleia, uma enorme sala circular com domo de cobre no coração da cidade. A cadeira ornada de mármore lhe dava calafrios.

Dax estava sentado à sua direita, parecendo dormir em um trono que combinava com o da rainha. Seus cachos estavam bagunçados e sua mandíbula permanecia pontilhada pela barba por fazer. Era como se tivesse saído da cama e ido direto para lá.

Do outro lado sentava Safira, a nova comandante de Dax e sua confidente. Ela tamborilava no braço da cadeira, enquanto seus olhos azuis perscrutavam a sala múltiplas vezes.

Os três estavam em uma plataforma elevada semicircular. Diante deles permaneciam sentados os onze membros do conselho do rei, já envolvidos em uma discussão acirrada.

O sol entrava pelas janelas altas no lado ocidental da assembleia circular. Batia nas paredes caiadas, refletia no domo de cobre e então caía sobre a multidão.

O olhar de Roa passou rapidamente pelas túnicas de seda coloridas e pelos caftãs sofisticados de espectadores endinheirados, que tinham ido assistir ao conselho do rei criando ou mudando leis em resposta às suas queixas.

E que queixas poderiam ser essas?, ela se perguntou, diante do brilho de seus braceletes de ouro e anéis incrustados de joias. A mãe de Roa tinha vendido o ouro e as joias que tinha para manter seu povo alimentado. *Quantos de vocês enriqueceram enquanto meu povo sofria?*

Ainda assim, em vez de discutir as injustiças e como corrigi-las, eles

estavam debatendo uma lei para regulamentar *dragões*, entre todas as coisas.

Depois da coroação, Dax tinha banido a caça a eles e sancionado as montanhas da Fenda como local para estudo e treinamento das criaturas.

O conselho, pelo que Roa entendia, queria transformar a área de santuário em centros de lucros. Se os dragões podiam ser controlados, podiam ser leiloados, argumentavam. Dax não queria aquilo, porque considerava abusivo.

Roa não se importava com dragões. Ela se importava com pessoas. Com seu povo. As sanções de Firgaard ainda o faziam passar fome. Também se importava que as condições dos skrals recém-libertos — que tinham sido escravos em Firgaard por várias décadas antes de Dax derrubar seu pai — não estivessem melhorando.

Ela queria que Dax cumprisse suas promessas.

Uma vez que suspendesse as sanções, os nativos poderiam voltar ao comércio abertamente e a receber empréstimos para comida até que a praga terminasse e as colheitas fossem renovadas. Seu povo pararia de sofrer. Não precisaria mais deixar suas casas e buscar trabalho no além-mar. Famílias estariam juntas novamente. Eles poderiam prosperar.

Roa estava prestes a interromper o debate e puxar a sessão em direção ao tratado quando Dax se endireitou subitamente em sua cadeira. Ela e Safira olharam de relance para ele, vendo que seu olhar estava fixo na conselheira que tinha levantado do assento. Era uma jovem alta, provavelmente próxima dos dezenove anos de Roa, vestida de anil. Seu cabelo estava preso sob um lenço bordado, e do pescoço pendia um pingente de ouro com o emblema de Dax: um dragão negro com o coração vermelho em chamas, usado por todos os onze membros do conselho do rei.

— Essa questão está resolvida. Tem alguma nova contribuição, meu rei? — ela perguntou a Dax, claramente cansada da discussão.

Em nenhum momento dirigiu o olhar a Roa.

— Algumas, na verdade — disse Dax, que até alguns segundos antes, parecia prestes a cair no sono.

Roa o observou gesticular para Lirabel, que estava de pé com Jas na parede. Ela vestia um caftã cor de amora com flores de jasmim bordadas nas mangas, e seus cachos escuros estavam presos com pentes de marfim. Segurava um pergaminho com alças de acácia, cada uma entalhada com o símbolo da Casa da Música.

Era o tratado que tinham negociado nas savanas.

Roa soltou um pouco a pegada enquanto encarava Dax. No fundo, não acreditara que ele faria aquilo, não acreditara que manteria sua promessa.

Lirabel passou o pergaminho para a jovem conselheira, que olhou de forma rápida e condescendente para a emissária do rei antes de aceitá-lo.

— O que é isso? — perguntou, desenrolando-o.

— Meu tratado com as cinco grandes casas das savanas.

A conselheira parou. Roa observou as mãos dela apertarem as alças com um pouco mais de força.

— Ele declara três coisas — Dax prosseguiu, reclinando-se de novo na cadeira. O súbito estado de alerta deixara seu corpo, sendo substituído pela postura desleixada. — Primeiro, as sanções serão suspensas a partir do fim desta assembleia.

Um murmúrio incisivo e surpreso percorreu os presentes. Do outro lado de Dax, Safira endireitou as costas e apertou os olhos.

— Segundo — Dax prosseguiu, ignorando o murmúrio. — A partir da *próxima* assembleia, meu conselho será representativo do reino, para garantir que tomemos decisões apropriadamente em benefício de todos, incluindo draksors, nativos e skrals.

Os murmúrios surpresos viraram exclamações de revolta. Uma reestruturação significava que mais da metade dos conselheiros, que no momento eram todos draksors, perderia sua posição.

Mas tal medida era necessária para que os skrals, que ainda estavam vulneráveis depois da revolta, pudessem se colocar em posição igualitária com seus antigos mestres em Firgaard.

O coração de Roa acelerou. Aquilo era mais do que ela tinha esperado…

— E terceiro — Dax continuou, sem se dar ao trabalho de levantar a voz acima da balbúrdia —, a lei contra regicídio será abolida.

A multidão irrompeu. Safira levantou, comunicando-se silenciosamente com os soldats no aposento, que na hora formaram uma linha forte e rígida contra o público agora enfurecido e o conselho do rei.

A lei contra regicídio era a mais antiga de Firgaard. Por séculos, reis ascenderam e caíram, mas ela se manteve.

Era o motivo pelo qual a irmã de Dax, Asha, estava foragida.

— Se não conseguirem se controlar — a voz de Safira cortou o ruído como uma faca bem afiada —, meus soldats escoltarão todos para fora.

Seus olhos brilhavam perigosamente e seus dedos tocavam os cabos simples e lisos de suas facas de arremesso, as preferidas dela.

A multidão se calou.

Roa não conseguia evitar. Uma chama de admiração se acendeu em seu coração.

E então, quebrando o momento, alguém riu. Era um riso lindo. Como sinos tocando. Ecoando pela assembleia.

Todos os olhares no aposento recaíram na jovem conselheira. Apesar da risada, os olhos dela eram frios e duros como a cadeira de mármore de Roa.

— Tenho certeza de que meu rei está brincando.

Dax suspirou.

— Sinto não estar, conselheira Silva.

Silva. Onde Roa tinha visto aquele nome?

Ela sorria com doçura. Doçura demais.

— Já discutimos isso, meu rei. Sua revolta e sucessão subsequente já causaram considerável sofrimento à cidade e ao povo. A abolição das sanções que propõe enfraquecerá a economia já abalada de Firgaard. É algo que precisa ser feito de forma cuidadosa e gradual. Por especialistas.

Descansando a bochecha na mão, Dax escutou a conselheira Silva prosseguir.

— Quanto à sua segunda moção: como o conselho é votado, e não designado, tal promessa não poderia ter sido feita. *É o povo* que determina os homens e as mulheres que sentam no seu conselho.

A multidão murmurou e assentiu em concordância. Roa esperou Dax interrompê-la, refutá-la. Mas ele não o fez.

— Quanto à lei contra regicídio — o sorriso dela foi substituído por piedade —, todos nós sabemos o motivo de querer revogá-la. E simpatizamos com ele.

O conselho permaneceu quieto, com os olhos no rei, enquanto pensava, Roa assumiu, em Asha escapando da cidade na manhã antes de sua execução.

Todos pressupunham que Dax a ajudara.

Mas estavam errados.

— Mas meu rei não pode alterar uma lei antiga para seu próprio benefício. — A conselheira Silva abaixou a voz e deu um passo para mais perto de Dax. — Não seria um bom jeito de começar um reinado que já é frágil.

Os olhares de ambos se encontraram enquanto uma batalha silenciosa era travada, passando despercebida por todos os outros no aposento.

Roa encarou Dax, torcendo para que se impusesse. Ele era o rei. Aquelas promessas tinham sido inclusas em um tratado. Ele não tinha escolha.

Precisava defendê-las.

Mas Dax cedeu.

Desviando o rosto, ele disse:

— Então espero falar com esses especialistas, para que possamos decidir a melhor forma de desmantelar as sanções.

A conselheira Silva sorriu de forma lenta e vitoriosa.

Roa olhou fixamente para Dax, que assistia à conselheira retornar ao assento.

— O que está fazendo? — Roa perguntou, inclinando-se para perto dele. Não deixaria que terminasse daquele jeito. — Ordene que as sanções sejam suspensas.

Ele não a encarou.

— Ela está certa. Ações imprudentes levarão ao caos — Dax disse com muita calma. Como se fosse o que esperasse o tempo todo. — Não posso impor minha vontade aos outros.

— Você pode e *deve*. — As mãos de Roa tremiam com raiva. — Você é o rei, Dax.

Ele encarou o olhar furioso dela.

— Mas não um tirano.

— Tem coisas piores.

— É mesmo? — ele perguntou, com toda a sua atenção nela. — Você preferiria um tirano?

— A um fantoche movido pelo conselho? Sim.

A conselheira Silva tinha sentado, e um homem mais velho, com ombros encurvados e cabelos brancos, que Dax chamara anteriormente de conselheiro Barek, seguia com os procedimentos. Dava para ver pela multidão se remexendo que a sessão estava terminando.

— Você diz que não quer impor sua vontade ao seu povo. — Roa manteve a voz baixa, encarando-o. — Mas meu povo foi forçado à vontade do seu por décadas. Se acha que isto é uma solução democrática — ela gesticulou para o conselho de draksors ricos e a multidão de draksors ainda mais ricos mais além —, é porque não passa de um tolo.

Dax se inclinou para tão perto que Roa podia sentir seu calor.

— Se sou um tolo — o olhar dele se manteve fixo no dela —, o que isso faz da pessoa que se casou comigo?

Roa não notou os olhos da assembleia neles, mas Dax sim. Alguma coisa mudou, então a tensão que se acumulava nele se derreteu, substituída pela

velha superfície plácida. Ele ofereceu a Roa seu sorriso de sempre. Como se ela não fosse a rainha, e sim uma tola que poderia conquistar.

Ela queria socá-lo.

Desviou o olhar, furiosa e humilhada. Se era verdade, se Dax queria aquilo o tempo todo, então havia enganado as grandes casas de propósito. Ao assinar o tratado, ao jurar que garantiria seu cumprimento, tinha sido falso.

Aquele era realmente o homem pelo qual tinha sacrificado tudo?

A raiva ardia dentro de Roa. Ela estava farta da impotência do seu povo. De mães abrindo mão dos filhos de que não podiam mais cuidar, e tendo que viver com vergonha daquilo. De pais se mudando para o outro lado do deserto ou do mar em busca de uma forma de alimentar sua família, incapazes de ver seus filhos crescerem. Da doença, fraqueza e falta de propósito decorrentes da má nutrição.

Roa não podia mais aguentar.

Fixando sua atenção na conselheira Silva, ela disse:

— O que acha que acontecerá quando meu pai se der conta de que seu tratado foi violado? — Sua voz percorreu o aposento, ecoando no domo. — O que acha que acontecerá quando as grandes casas entenderem que foram traídas?

Os belos olhos castanhos de Silva encontraram os de Roa pela primeira vez desde que entrara na sala.

— *Traídas?* Isso é um pouco… dramático, não acha? — Mais uma vez, um sorriso iluminou o rosto da conselheira Silva, mas não seus olhos. — É assim que as coisas são feitas em Firgaard: com cuidado e austeridade. Se vai ser nossa rainha, precisa se acostumar ao nosso método.

Ela se virou de volta para o conselho, ignorando Roa.

— Seu método é injusto. — A voz de Roa percorreu toda a assembleia.

O ar esfriou. O aposentou se calou.

Dax segurou o braço de Roa, em um aviso. Ela se afastou.

A conselheira Silva se virou.

— É por causa dos draksors que meu povo vem morrendo de fome aos poucos — Roa prosseguiu. — Então me desculpe se não consigo confiar no *método* de vocês.

A conselheira Silva olhou para Dax.

— E o método nativo é culpar os outros por seus problemas?

A multidão assentiu e murmurou em concordância.

A declaração chocou Roa. Era aquilo que pensavam dela? De seu povo?

— A confiança é uma via de mão dupla — a conselheira Silva disse. — Quando uma nativa chantageia nosso rei para se casar com ela, seria ingênuo pensar que tem algo além de seus próprios interesses em mente. — A mulher se virou de volta para o conselho. — Esta assembleia está terminada.

— Na verdade — Dax disse, ao lado de Roa —, há mais uma coisa.

Todos os conselheiros que já estavam levantando pararam no meio do movimento.

Roa olhou de relance para o marido, ousando torcer para que ele tivesse mudado de ideia. Que planejasse *fazer* algo.

— Este ano, como sinal de boa vontade em relação às savanas, Firgaard comemorará a Renúncia.

Um silêncio confuso se seguiu às palavras dele.

Até Roa estava perplexa.

A Renúncia era um feriado nativo. Por que Firgaard faria algo do tipo?

— O que esse reino precisa é de união — Dax disse, sorrindo. — E que modo melhor de nos unirmos do que em uma comemoração?

Comemoração do quê?, pensou Roa amargamente. *Da sua inutilidade?*

Dax não estava interessado em gestos de boa vontade com os nativos, nem estava investindo em um reino unificado. Ele tinha acabado de provar aquilo ao se curvar às exigências do seu conselho em vez de cumprir suas promessas.

Então por que comemorar a Renúncia?

Alguns conselheiros falaram baixo, afastados do restante. Roa os observou, escutando atentamente.

— Ele adora se deliciar com iguarias — um deles disse. — Uma comemoração é perfeita para isso.

Roa franziu a testa, olhando de volta para o rei.

Era aquilo mesmo? Dax estava oferecendo aos nativos uma demonstração tola de sua simpatia ao mesmo tempo que dava a si mesmo uma desculpa para beber vinho caro, seduzir mulheres bonitas e se distrair do que realmente importava?

Roa não queria acreditar. Mas tampouco quisera acreditar que ele cederia à pressão do conselho. E fora o que Dax fizera.

— Draksors não comemoram a Renúncia — a conselheira Silva disse, com a voz fria e dura como gelo rompendo o clamor.

— Agora comemoramos — disse o rei, que assentiu do seu lugar. — Acabo de declarar. Convites foram enviados para todas as grandes casas. Os

portões norte e sul permanecerão abertos pelos próximos sete dias para permitir entrada e saída seguras da cidade.

O olhar da conselheira Silva se estreitou. Ela encarava o rei como um dragão encara sua presa. A conselheira deu um passo para longe do assento, a seda cor de anil esvoaçando conforme se movimentava.

Ela era elegância e veneno, graça e fúria.

— Uma coisa é escolher uma inimiga como esposa e *rainha*. — O ar entre a conselheira e o rei parecia faiscar. — Outra é sabotar a segurança da cidade para agradá-la.

Me agradar?, pensou Roa. Claramente ela havia entendido errado.

Quando a conselheira Silva estava a meros passos de distância, Safira levantou, parando na frente dela. A expressão em seu rosto dizia: *Dê mais um passo. Desafio você.*

— Posso te garantir — Safira disse em vez disso — que a segurança desta cidade é minha única preocupação.

A conselheira Silva levantou uma sobrancelha.

— Se isso fosse verdade, você teria recusado a posição de comandante quando te ofereceram.

A familiaridade que aquela jovem parecia ter tanto com o rei quanto sua prima era estranha. A conselheira os desafiava com facilidade e liderava os outros contra eles sem medo de consequências.

Quem seria ela?

— Manter os portões abertos por sete dias? Permitir que nossos *inimigos* entrem e saiam como quiserem? Me perdoe se não tenho a mesma fé nas capacidades de uma comandante que, assim que foi designada, perdeu metade do seu exército por deserção.

— Conselheira, não me interessa em quem tem ou não fé — Dax disse, levantando e descendo do pedestal. — Os convites foram enviados e as ordens foram dadas. — O ombro dele roçou no dela quando parou ao seu lado, e Roa viu o veneno nos olhos dos dois, só por um segundo, enquanto Dax se inclinava para a frente. — Os portões *permanecerão* abertos. Firgaard *vai* comemorar a Renúncia. Aguardo ansiosamente pela sua obediência, *Bekah.*

Dax passou por ela, reuniu seus guardas e seguiu em direção às portas em arco.

Roa olhou fixamente para ele, com a sensação de derrota afundando como uma pedra em seu coração.

Apesar de todos os seus esforços — a revolta, o casamento, o tratado —, as savanas ainda estavam à mercê de Firgaard. Os skrals ainda eram considerados cidadãos de segunda classe, enquanto os draksors prosperavam.

Dax tinha acabado de provar, além de qualquer dúvida, que não se importava. Com nada daquilo.

Era uma característica inaceitável em um rei, e perigosa.

Nada vai mudar, ela percebia agora. *Nada pode mudar com Dax como rei.*

Cabia a Roa fazer algo.

Mas o quê? Ela era uma rainha forasteira sem aliados. Não tinha influência com seu marido nem com seu conselho. Era alvo de desconfiança. Estava sozinha e impotente ali.

Precisava de ajuda.

Roa se lembrou de sua última conversa com Theo.

Pense no bem que poderia fazer pelo nosso povo, Roa. As palavras dele ecoavam em sua mente. *Sem ele.*

Se os portões da cidade permanecessem abertos, se os nativos viajassem até Firgaard para a Renúncia… seria fácil para os homens de Theo se reunirem na capital.

Tão fácil quanto respirar.

Sem saber, Dax tinha dado a ela a oportunidade de colocar uma mudança verdadeira em movimento.

Um plano começou a se formar na mente de Roa. Era imprudente e perigoso. Mas a alternativa era sentar e assistir a Dax e seu conselho levarem seu povo à beira da inanição. Ele tinha provado naquele dia que não era o rei de que o reino precisava. Que, sob seu governo, o povo de Roa continuaria a sofrer.

Um grupo de conselheiros se aproximou de Dax no caminho para a porta. Eles se colocaram diretamente no caminho do rei, impedindo a saída dele e de Roa da assembleia.

Ela olhou para o arco, cujas portas ainda estavam bem trancadas. Precisava informar a Theo sobre seu plano. Mas a saída estava obstruída.

— Minha rainha.

Roa se endireitou ao ouvir aquela voz adocicada.

— É bom finalmente conhecê-la em carne e osso.

Roa se virou para encarar a jovem alta ao lado dela.

— Conselheira Silva — ela disse, num cumprimento frio.

— Por favor, me chame de Rebekah. Silva é o nome do meu pai. — Ela

era ainda mais linda de perto, com maçãs do rosto elegantes, grandes olhos castanhos e cílios longos e escuros. Como uma tapeçaria criada com os fios mais delicados. — Mas onde está seu pássaro de estimação?

A palavra "estimação" fez Roa endurecer.

— Essie não gosta de lugares de onde não pode ver o céu. — Não era exatamente uma mentira. Roa sentia a dor da ausência da irmã enquanto olhava para o domo acima delas.

— Entendo. — Rebekah abriu seu sorriso doce e mudou de assunto. — Estou organizando um jantar amanhã à noite. Adoraria que você e Dax fossem.

Um alerta disparou dentro de Roa. Rebekah tinha usado o nome do rei, não seu título. E não tinha se curvado diante da rainha, como era costume. Mais do que aquilo, tinha deixado perfeitamente claro que não considerava uma reles nativa digna de reverência, mesmo se fosse rainha.

Então por que a estava convidando para jantar?

Roa tentava pensar em um bom motivo para recusar quando Dax a chamou. Ela se virou para ver que o rei ia em sua direção. Sua túnica azul-escura ressaltava seu porte altivo e seus ombros largos. Mas seu olhar era uma mistura complicada de irritação e… medo?

Medo de quê?

— Bekah. — Ele assentiu rapidamente, ficando entre as duas. — Vejo que está encurralando minha esposa.

Bekah. A garota diante deles fez uma careta diante do apelido. Ou por causa do "minha esposa".

Roa olhou de Rebekah para Dax e para Rebekah de novo. Claramente havia alguma história ali.

Mas de que tipo?

— Você não vê meu pai há meses. — A atenção de Rebekah estava no rei agora. — Ele está começando a se sentir ofendido.

Dax deslizou uma mão em torno do pulso de Roa.

A pele dela se eriçou com o toque. Roa se desenroscou.

— Estive um pouco… ocupado. — A mão de Dax parou desajeitada no ar antes de cair ao lado do corpo. — Como ele está? — Seus olhos estavam em Rebekah, mas ele não parecia interessado na resposta.

— Na mesma. — A jovem parecia quase triste. — Ainda colecionando suas pequenas relíquias.

Dax esticou a mão para o pulso de Roa *de novo*, cutucando o osso com o

dedão. Duas vezes.

Roa olhou para baixo, para seus dedos.

O que ele está fazendo?

— Você sabe como meu pai é. Investindo seu tempo em coisas cujo valor ninguém mais entende. — Rebekah olhou para a pegada de Dax em Roa. — Aliás, um carregamento chegou alguns dias atrás. Se vier nos visitar, tenho certeza de que ele adoraria te mostrar o conteúdo.

Roa estava prestes a dobrar o braço para se desvencilhar de novo quando se atentou a um detalhe.

Um carregamento.

Ela se lembrou da carta de Asha, ainda largada embaixo da cama.

Era dali que reconhecia o nome da conselheira. Roa conseguia imaginar a tinta preta rabiscada elegantemente no pergaminho: *Há três dias, estava prevista a chegada de um carregamento de Darmoor no forte do barão Silva.*

Era a mensagem que Roa nunca entregara a Dax.

— Você terá que enviar minhas desculpas ao seu pai — disse Dax, segurando o punho de Roa ainda mais forte. Mais uma vez, ele a cutucou com o dedão. — Diga que vou visitá-lo assim que puder.

— Que tal amanhã à noite? — Rebekah insistiu. — Vou organizar um jantar no forte. Meu pai pediu especificamente que eu convidasse vocês dois. Ele gostaria muito de conhecer a… nova rainha.

A mente de Roa zunia, lembrando a noite no mar de areia, dentro da tenda de Theo. Ele dissera que a faca da Tecelã do Céu estava a caminho de Darmoor. Que um barão em Firgaard a adquirira para sua coleção privada.

A carta de Asha mencionava um carregamento para a mesma cidade: Darmoor. Quais eram as chances de ser o mencionado por Theo? Quais eram as chances de a faca da Tecelã do Céu estar em posse do pai de Rebekah?

— Infelizmente acabamos de voltar das savanas — Dax disse. Ele deu um passo para trás, levando Roa consigo. — Depois de uma jornada tão cansativa, minha esposa…

— Seria uma honra — disse Roa.

Dax lançou um olhar severo a ela.

Um sorriso se abriu no rosto de Rebekah.

— Excelente. Mandarei os cozinheiros prepararem algo especial.

Roa precisava saber se a faca da Tecelã do Céu estava mesmo em posse do barão Silva. Queria vê-la com seus próprios olhos.

— E Roa… Leve seu bicho de estimação. — Os olhos de Rebekah

brilhavam. — Meu pai adora pássaros.

Antes

Na noite após Essie virar o barco de Theo, Roa não conseguia dormir. Ela ficava pensando no que ele tinha dito. Pensando em todas as coisas que ela achava que sabia.

Essie grunhiu do lado dela, sonolenta.

— Roa! Pare de se remexer!

Embora tivessem duas camas, elas sempre dormiam na mesma.

Roa parou, esperando que a irmã voltasse a dormir. Tentando dormir também.

Mas seus pensamentos ficavam voltando para os barcos. Para Dax. E para o modo como ele não refutara as palavras de Theo.

Todo mundo sabe que você gosta dela, *Theo dissera.*

Essie falara o mesmo não fazia muito tempo.

Roa se virou.

Essie bateu o travesseiro com força em sua cabeça.

— Da próxima vez te tiro dessa cama.

Sorrindo, Roa golpeou a irmã de volta com seu próprio travesseiro. Antes que Essie pudesse retaliar, ela fugiu de baixo dos lençóis azuis, levantando as mãos.

— Trégua?

Essie sentou.

— Vai aonde?

— Caminhar.

Talvez aquilo a deixasse mais cansada.

Quando deu um passo para o corredor, Essie arremessou o travesseiro de Roa pelo vão da porta. Estava escuro, e ela errou feio.

O travesseiro atingiu a parede e caiu no chão.

Roa sorriu de canto de boca.

Fora do quarto, a Casa da Música estava em silêncio. Todos haviam ido dormir fazia bastante tempo. No caminho do quarto até a cozinha, Roa notou

um brilho vindo do escritório do pai.

O que era estranho. Ele era sempre o primeiro a se recolher.

Ela foi até a porta e a empurrou. Havia alguém sentado à mesa. Ou melhor, dormindo nela.

Dax tinha a cabeça de cachos escuros apoiada sobre o braço dobrado. Seus dedos estavam manchados de tinta. Uma vela brilhava ao seu lado, tendo queimado quase até a base do suporte de latão.

Roa cruzou a sala e o balançou até acordá-lo.

— Dax.

Ele se assustou, balançando os braços sem controle e batendo na vela. Roa a pegou antes que caísse, derramando cera no chão.

Dax apertou os olhos na luz suave. Quando finalmente a reconheceu, endireitou as costas.

— O que está fazendo aqui? — Roa perguntou.

Dax olhou da caneta para o tinteiro de alabastro. Quando se deu conta dos pergaminhos espalhados sobre a mesa, tentou empilhá-los no mesmo instante.

Roa tocou o ombro de Dax, que se acalmou. Largando a vela, ela esticou a mão para o papel no topo da pilha.

Era uma carta.

De Roa.

Ela havia enviado cartas para ele durante todo o inverno como parte de suas aulas. Era um treino, seus tutores diziam a ela, para o dia em que se tornasse senhora da Casa da Música.

Roa encarou sua própria escrita elegante. Dax tinha circulado várias palavras e as copiado de novo e de novo no verso do pergaminho. Era um dos exercícios que os tutores haviam passado para ele no verão anterior, para ajudar em suas dificuldades de leitura e escrita.

Roa levantou a cabeça.

— Achei que as cartas nunca tivessem chegado.

Dax olhou fixamente para o colo, com a expressão pesarosa.

— Por que não respondeu nenhuma? — Roa quis saber.

— O que acha? — ele sussurrou, balançando o joelho de nervoso.

— Se soubesse — ela murmurou —, não teria perguntado.

— Porque não sei ler!

Os lábios de Roa se entreabriram. Aquele era parte do motivo de Dax ter passado o verão anterior na Casa da Música, aprendendo com os tutores

dela — os dele haviam falhado em seu ensino.

Roa achou que ele tinha evoluído.

— Você não leu? Nenhuma delas?

O silêncio de Dax confirmou aquilo.

Por algum motivo, ela ficou com raiva.

— Você é o filho do rei, Dax. Poderia ter conseguido alguém para ler para você.

O rubor voltou às bochechas dele.

— Você podia ter ditado uma resposta — ela continuou. — As pessoas fazem isso o tempo todo.

Dax levantou a cabeça para ela, parecendo ainda mais deprimido. Como se Roa não entendesse nada.

Ela desceu os olhos para o pergaminho em suas mãos, voltando sua atenção para seu próprio nome.

Ele o tinha escrito várias vezes em letras pretas incertas, ao longo de toda a página.

O pulso dela acelerou diante dessa visão.

— E se Theo estiver certo? — ele sussurrou, encarando a pena e o tinteiro. — E se houver algo de errado comigo e eu nunca aprender a ler e escrever?

A lembrança de Theo e das coisas que tinha dito nos barcos naquela manhã fez a raiva arder em Roa de novo.

— Escuta aqui. — Ela sentou na mesa à frente dele. — Antes de tudo: Theo é um valentão. — Dax encarou as pernas nuas, balançando soltas entre os dois. — Segundo: não há nada de errado com você.

Dax levantou a cabeça.

— Então por que não consigo fazer algo que é tão fácil para todos os outros?

Roa não sabia a resposta.

Vendo aquilo, Dax virou o rosto e empurrou a cadeira para longe.

— Está tarde. Deveríamos ir dormir. Se seu pai…

Ela segurou o braço dele, parando-o. Dax congelou imediatamente.

— Tenho uma ideia — Roa disse, descendo da mesa.

Ele a observou montar uma pequena fogueira em uma bacia de fogo, então sentou no tapete. Quando Roa disse para pegar a pilha de cartas da mesa, Dax o fez com cuidado e foi se sentar do lado dela.

Roa desdobrou a primeira e começou a ler.

Ela leu cada mensagem que havia escrito naquele inverno. As entediantes,

sobre trabalhar nos campos. As pessoais, sobre as brigas com Essie. As sérias, sobre seu medo de um dia herdar a Casa da Música. E até aquela na qual admitia sentir falta dele — ou pelo menos, de jogar deuses e monstros com ele.

Enquanto lia, Roa seguia cada palavra com o dedo, de modo que Dax pudesse relacionar a forma e o som das palavras. Ela leu até ficar rouca e seus olhos pesarem. Leu até sua cabeça começar a pender.

Eles caíram no sono ali, no tapete do escritório. Quando Roa acordou, o sol ainda não tinha nascido, mas o mundo zumbia azul e dourado em antecipação. Ela se virou e encontrou Dax dormindo ao seu lado.

Roa observou o peito dele subindo e descendo. Dax tinha treze anos, só dois anos a mais que ela, e não apenas estava mais alto como seus ombros pareciam mais largos do que ela lembrava. Podia ver a curva do músculo onde o cotovelo dele aninhava a cabeça.

Um calor surpreendente se espalhou por Roa enquanto o observava dormir. Seu olhar foi para o arco do pescoço dele. Para a linha da sua mandíbula. Para a forma suave da sua boca.

Ela se sentiu culpada.

Era Essie quem gostava de Dax, não ela.

Ela deveria ter levantado naquele instante e escapado furtivamente. Teria sido a coisa certa a fazer.

Mas Roa não fez a coisa certa.

Em vez disso, ela se apoiou no cotovelo, estudando o rosto de Dax na luz do início da manhã. De novo e de novo, seus olhos encontraram a boca dele.

Como seria, Roa se perguntava, beijar o filho de um rei?

Ela se inclinou para mais perto.

Como se sentisse a invasão, Dax se remexeu.

Roa se afastou de repente, com o coração batendo acelerado, e se deitou de novo, fingindo dormir. Ela ouviu Dax acordar ao lado dela. Sua pulsação disparou, traindo-a, enquanto o escutava se virar e se espreguiçar.

Roa abriu os olhos e ele desviou o rosto, esfregando a nuca como se estivesse dolorida.

Nos jardins, os galos cantaram, anunciando o dia.

— É melhor dar o fora daqui — ele disse, olhando para o céu além das janelas, onde a fumaça de diversas chaminés formava espirais. — Antes que seu pai nos encontre e me expulse da sua casa. — Ele conseguiu ao mesmo tempo sorrir e fazer uma careta diante da ideia.

Calor subiu pelo pescoço de Roa diante da insinuação. Ele estava certo. Não eram mais crianças. Não podiam ser vistos daquele jeito. Ali. Juntos.

Roa levantou primeiro.

Os dois se aproximaram sorrateiros da porta. Roa abriu e espiou lá fora, mas não havia ninguém no corredor. Dax teria ido direto pelo pavilhão central, mas Roa segurou sua mão, parando-o. Ele olhou para ela, que balançou a cabeça. Os criados deviam estar acendendo a fogueira, aquecendo o aposento para o pai de Roa. Os dedos dela deslizaram pelos dele enquanto a garota o puxava em outra direção, para o corredor escuro mais próximo da ala de visitantes.

O coração dele martelava em uníssono até que chegassem à porta do quarto dele, onde Dax largou a mão de Roa.

Antes que pudesse desaparecer lá dentro, ela o puxou, lembrando-o do formato do nome dela com as mãos tremendo.

— Dax.

Ele baixou a cabeça para olhá-la.

As bochechas de Roa ardiam. O que ela estava fazendo?

Dax devia saber. Porque ele a tocou, com seus olhos buscando os dela, e se inclinou para a frente.

Sem pensar duas vezes, Roa ficou na ponta dos pés e o beijou.

Foi desajeitado e curto — mais um encontrão do que um beijo. Por um momento, no entanto, com os lábios dele quentes e macios contra os dela, Roa achou que sentia o murmúrio acender dentro de si.

Só que… não era aquilo.

Era algo diferente.

Quando Dax deu um passo para trás, sorriu da forma mais tímida que ela já tinha visto.

Um som vindo do corredor os fez se afastar um do outro. Mas não havia ninguém ali. Ninguém tinha visto. Ainda assim, Roa o empurrou gentilmente em direção à porta e então se virou, deixando-o para trás.

Ela olhou de relance e viu que ele a encarava, ainda sorrindo.

Roa desviou o olhar, também sorrindo.

Seria a última vez que um deles sorriria por muito, muito tempo.

Treze



ME ENCONTRE AO NASCER DA LUA.

Roa dobrou a mensagem de Theo, a resposta para a que tinha enviado depois da reunião do conselho.

Ela continuou segurando o pergaminho enquanto perambulava, lendo as direções para a pousada onde ele estava, então olhando de relance pelo arco do terraço. Quando o halo branco da lua pôde ser vislumbrado logo além do telhado do palácio, Roa abriu a porta e passou ao corredor.

— Minha rainha? — disse um dos guardas, um jovem chamado Sirin, com olhos azuis, dentes bem cuidados e uma silhueta alta e magra. — O que está fazendo acordada tão tarde?

— Não consigo dormir — ela disse, já avançando a passos rápidos pelo corredor. — Quero caminhar um pouco… na cidade.

Ela usava um vestido simples de lã cinza e um lenço na cabeça.

Os guardas a seguiram.

Guardas. Roa odiava o próprio conceito. Eram como sombras armadas, que a seguiam por toda parte, nunca a deixando em paz.

Não havia um equivalente nativo, porque não havia necessidade. Roa nem precisou levá-los consigo para casa. Os guardas de Dax tiveram que abrir

mão de suas armas e ficar em seus próprios quartos na Casa da Música. O rei sabia que seria um insulto levar um guarda armado para a casa de um nativo. Significaria que não confiava nele.

— Minha rainha.

Roa cerrou os punhos com força. Ela parou, recompôs-se e virou.

— Sim, Sirin?

— Os portões do palácio ficam fechados e trancados à noite. É preciso permissão especial para abrir.

Roa ergueu uma sobrancelha.

— Não sou a rainha? *Eu* preciso de permissão para ir e vir?

Os guardas trocaram olhares nervosos.

— São ordens de Safira — disse aquele atrás de Sirin, com olhos castanho-claros e cabelos grisalhos.

— E nenhum de vocês a contraria — resmungou Roa.

O que Rebekah tinha dito na assembleia era verdade: Dax *perdera* metade do exército ao escolher sua prima como comandante, porque muitos soldats não confiavam na liderança de uma jovem com sangue skral.

Mas a maioria das pessoas não sabia que todo soldat que questionara a autoridade de Safira tivera uma escolha: lutar contra ela ou partir. Ela derrotara aqueles com quem lutara. E, ao fazê-lo, conquistara sua admiração.

O exército podia ter metade do tamanho de antes, mas era duas vezes mais leal.

Roa observou seus quatro guardas, retos com seus morriões de ferro com o emblema do rei no peito, sabendo que nenhum deles desafiaria sua comandante.

Bem, talvez *um*…

Roa se virou para Sirin, que a observava. Ela tinha percebido muito tempo atrás que ele era bonito demais para um soldat. Era ousado e provocativo. Até com Roa.

Na verdade, ele sempre a deixava desconfortável.

— E quanto a você? — Roa disse

— Eu? — Sirin perguntou, subindo rapidamente as sobrancelhas.

— Também escolherá sua comandante em vez de sua rainha?

— Temos o dever de cumprir as regras — ele disse.

— *E* o dever de me manter em segurança.

Sirin sorriu, percebendo o que ela estava fazendo.

— Isso também.

— Se eu te falasse que estou indo para a cidade, não ia querer que eu fosse sozinha, não é mesmo? Seria perigoso.

O sorriso de Sirin ficou ainda maior.

— De fato, seria.

— Então está resolvido. — Roa se virou e seguiu em frente.

— Como vai convencer os guardas a abrir o portão? — ele disse atrás dela.

Roa desacelerou. Se aqueles soldats fossem tão leais a Safira quanto os outros três guardas, ela não conseguiria.

Sirin a alcançou, a bainha da sua espada tilintando contra a fivela no topo da bota.

— Não se preocupe, minha rainha. — Ele olhou rapidamente para trás, para os outros três guardas, que pareciam assistir ansiosos a seu companheiro quebrando as regras. — Tem um guarda de plantão que me deve um favor.

De fato, Sirin conseguiu passagem. Roa o viu enfiar a mão no bolso da túnica, tirar algo e mostrar para o encarregado. Uma conversa sussurrada se deu enquanto Sirin guardava o objeto novamente.

Roa não sabia do que se tratava, mas os olhares dos dois garotos passaram por ela de uma forma que a deixou desconfortável.

De repente, Roa se perguntou se Sirin tinha uma ideia errada sobre o passeio deles na cidade.

Mas ela precisava encontrar Theo. Então deixou que o guarda pensasse o que quisesse. Afinal, tinha a faca de Essie embainhada na sua panturrilha. Se precisasse, poderia colocá-lo em seu lugar.

Roa e o guarda pegaram as ruas escuras e desertas a caminho de uma das pousadas mais maltrapilhas da cidade. Ela reluzia branca como alabastro sob a lua, em forte contraste contra o céu negro. Roa parou na porta de trás — por onde Theo tinha dito que deveria entrar —, então puxou mais o lenço sobre a cabeça para manter o rosto nas sombras.

— Espere aqui — ela disse a Sirin.

— E se alguém reconhecê-la? — Ele balançou sua cabeça. — Vou junto.

Roa levantou a mão, avisando-o para ficar para trás.

— Não — ela disse. — Não vai.

Os olhos dele brilharam na escuridão. Mas foi tão rápido, e um sorriso aparecera logo em seu rosto, de modo que Roa achou que talvez tivesse se enganado e preferiu ignorar.

— Não vou demorar. — Ela abriu a porta e entrou. Dava para um corredor estreito que cheirava a carne assada e especiarias. Ela ouviu o ruído de potes e panelas. Cozinheiros em aventais manchados seguravam pratos fumegantes de comida acima da cabeça e praguejavam enquanto a empurravam para passar até o piso principal da pousada.

Passe pela cozinha e vá para a escadaria, Theo tinha escrito. *Meu quarto fica no segundo andar*.

Roa encontrou as escadas e subiu, cada degrau rangendo sob seus pés. Então localizou a porta para o quarto de Theo.

Ele abriu na segunda batida.

Seu cabelo estava molhado e solto sobre os ombros, como se tivesse acabado de sair do banho. Ele vestia calça e blusas simples de algodão, do tipo que usava para dormir.

Ela sabia daquilo porque havia dormido ao lado dele uma vez. Na noite antes de sair a cavalo para lutar na revolta de Dax.

Ou melhor, *ele* havia dormido. Roa tinha ficado deitada, de olhos arregalados, pensando no que haviam feito.

— Roa… — Ele a puxou para um abraço. Ela respirou o cheiro de sabão e absorveu seu calor, lembrando aquela noite.

Às vezes Roa se perguntava se tinha cedido por culpa. Como se soubesse, mesmo naquela época, que não voltaria para ele.

— Não posso ficar muito — ela disse finalmente, afastando-se e puxando o lenço para trás, deixando-o cair sobre os ombros. — Tem um guarda lá fora, e não confio muito nele.

Theo franziu a testa, mas assentiu, indicando que entrasse. As paredes eram cor de açafrão e a cama ocupava quase dois terços do espaço. No canto, havia um sofá vermelho baixo que precisava de um estofado novo encostado contra a parede.

Na mesa junto à cabeceira, um vaso fino continha uma única rosa serrana branca.

— Como foi a assembleia? — Theo perguntou, sentando-se no braço do sofá dilapidado.

Roa afundou nas almofadas e contou tudo a ele, terminando com a proclamação de Dax sobre a Renúncia.

— Era para ser uma oferta de paz? — Theo revirou os olhos. — Por que ele não pode simplesmente cumprir o que prometeu e suspender as sanções?

— Porque é um rei fraco — ela disse, pensando no modo como Dax cedera

facilmente à pressão do conselho. — E porque não se importa. Mas você não vê? É sua chance. Os portões estarão abertos até a Renúncia. Nativos estarão livres para entrar na cidade, como parte da demonstração de hospitalidade de Dax. E na noite mais longa do ano, daqui a seis dias, estarão todos vestindo máscaras para o festival.

Theo ficou calado, encarando-a boquiaberto.

— É a oportunidade perfeita — Roa disse.

As palavras o arrancaram do seu devaneio. Theo desceu do braço para o assento do sofá.

— Você mudou de ideia, então? Vai me ajudar?

Roa apoiou a cabeça em seu colo, assentindo.

— Com uma condição.

Ele levantou as mãos, com as palmas para cima, em uma oferta.

— Eu faria qualquer coisa por você, Roa. Sabe disso. É só dizer.

Ela respirou fundo e disse:

— Você não pode ferir Dax.

Theo a encarou, piscando. Antes que pudesse retrucar, Roa seguiu em frente.

— Com homens armados o bastante e um plano bem executado, podemos tomar o palácio e forçar o rei a abdicar do trono.

— Abdicar — Theo murmurou. — E então o quê? Você o manda para o exílio e governa sozinha? Enquanto ele estiver vivo, será um perigo.

Roa deu de ombros.

— É um risco que teremos que correr.

— Não estou disposto a arriscar — disse Theo, sério. — Quero *você* naquele trono. Por muito tempo.

Ela sacou a faca de Essie e passou o dedão pela inscrição no cabo.

— Não tenho quase nenhum apoio em Firgaard. Se eu matar Dax, vou perder qualquer resquício de suporte. E o mais importante: seria culpada de regicídio. É uma sentença de morte.

E o *mais* importante: ela não era uma assassina.

Depois de uma longa pausa, Theo disse mais suavemente:

— E se eu conseguisse o apoio necessário? Alguém que pudesse te proteger?

Roa abaixou a faca no colo.

— Como assim?

Ele se reclinou nas almofadas, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Tenho uma reunião amanhã com alguém que simpatiza com nossa causa.

— Quem?

— Um inimigo poderoso de Dax, não sei o nome porque se recusaram a me dar. Devem ter medo que eu seja algum tipo de espião. Assim que eu não tiver dúvidas das intenções deles, mando uma mensagem pra você me encontrar e decidiremos como prosseguir.

Roa levantou do sofá, embainhando a faca de Essie. Suas mãos tremiam. Por muitos segundos, o olhar de Theo a seguiu enquanto perambulava.

— Você consegue, Roa.

Conseguiria? Arquitetar contra a pessoa com quem tinha lutado meras semanas antes?

— Você sacrificou tudo por Dax, e ele jogou isso no lixo. Você mesma disse: ele não é o rei que você achava que era. Não vai suspender as sanções. Em seu governo, não só nativos, mas o povo em geral continuará a sofrer.

Roa parou de andar de um lado para o outro e levou as mãos ao rosto. Ela já sabia de tudo aquilo. Em tom mais suave, Theo disse:

— Ele é o motivo de Essie estar morta, Roa.

Ela deixou as mãos caírem, cerrando os punhos enquanto o encarava.

— Não faça isso.

— O quê? — ele perguntou do sofá.

— Não fale como se eu não soubesse exatamente como ela morreu.

— Desde que partiu para lutar uma guerra ao lado dele, você se esqueceu de nós, das pessoas que deixou para trás. Por que não teria se esquecido dela também?

A raiva faiscou como um trovão em Roa. Como ele *ousava* dizer aquilo?

— Você poderia ter ido comigo! — Ela foi a passos largos até o sofá, assomando-se sobre ele. — Poderia ter sido *você* lutando ao meu lado!

Theo ficou de pé e olhou sério para ela, virando o jogo.

— E assistir à mulher que amo se entregar ao homem que odeio? Não, Roa. Me recusar a ir com você foi a melhor decisão que já tomei. — Ele desviou o olhar ao dizer aquilo, com a boca apertada em uma linha reta, os olhos brilhando de arrependimento. — É Dax quem deveria ter morrido aquele dia, não Essie.

— Acha que não sei? Penso nisso toda vez que olho para ele!

Ele virou seu rosto abruptamente de volta para ela, com os olhos escuros.

— Então essa é sua chance de mudar as coisas… por Essie e pelos nativos.

Foi a vez de Roa desviar o olhar.

— Você pode salvá-la — ele disse. — Na situação inversa, Essie faria o que fosse preciso para te salvar, não acha?

Roa mordeu o lábio com força.

— Sim — ela sussurrou. *É claro que faria.*

Roa desejava que Essie estivesse ali para dizer a ela o que fazer.

Mas ela não estava. E Theo estava certo… sobre tudo. Dax era um rei fraco, facilmente manipulado por seu conselho. Ele não se importava em manter suas promessas ou aliviar o sofrimento do povo. Tomava o que queria e não se importava com quem machucava.

Ao se recusar a agir, ao se recusar a fazer o que era necessário, Roa não era melhor do que ele.

Roa não via sua irmã havia dias e podia sentir o murmúrio se dissipando dentro dela. Precisava fazer uma escolha. Estava perdendo Essie. Se não agisse depressa, a irmã estaria perdida para sempre.

Roa não podia deixar aquilo acontecer.

Era sua chance de ser a rainha de que seu povo precisava. De ser a irmã de que Essie precisava.

Dax era um rei perigoso. Ele era o motivo de Essie estar morta.

A troca de almas seria justa.

— Está bem — ela disse. — Encontrarei a faca da Tecelã do Céu e farei o que precisa ser feito.

Theo inclinou o rosto dela para olhá-la nos olhos.

— Conseguirei o apoio e a proteção de que precisa. Não deixarei que nada de ruim aconteça com você, juro. — Theo segurou o rosto para encará-la melhor. — Mandarei uma mensagem depois da reunião de amanhã, então poderemos definir um plano.

Ela concordou com a cabeça. A dor da ausência da irmã estava mais aguda do que nunca. O espaço vazio onde Essie deveria estar crescia a cada dia, ameaçando devorá-la.

Se eu falhar, Roa pensou, *espero que me devore mesmo.*

Theo foi até a mesa de cabeceira, tirando Roa de seus pensamentos sombrios. Ele tirou a rosa branca do vaso, quebrou o caule e voltou para ela.

— O que está fazendo? — ela perguntou, enquanto ele aninhava a flor atrás da orelha dela.

— Tratando você como deve ser tratada — ele disse, passando as costas da mão pela bochecha dela.

Não foi para isso que vim, Roa disse a si mesma.

Então recuou, colocando espaço entre eles.

A mão de Theo parou no ar por um momento, então se fechou enquanto ele a puxava para seu lado novamente.

— Sua mente conspira contra seu marido, mas seu corpo permanece leal a ele.

Roa desviou o olhar para o tapete sob seus pés.

— É melhor eu ir — ela disse. — Antes que o guarda venha me procurar.

Contudo, naquele momento ela se lembrou da carta de Asha. Tinha planejado perguntar sobre o carregamento que Torwin estava rastreando.

— Você se lembra do nome do firgaardiano rico que comprou a faca da Tecelã do Céu?

Theo inclinou a cabeça na direção dela.

— Foi o barão Silva.

O sangue de Roa fervia nas veias. Ela estava certa.

— Tenho um jantar na casa dele amanhã à noite.

Theo arregalou os olhos.

— O quê?

— O que sabe sobre ele?

— Só que é o homem mais rico de Firgaard.

— Com exceção do rei — Roa o corrigiu.

— Sem exceções — Theo disse.

Roa olhou séria para ele.

— Ele tem uma única filha, Rebekah, e a mima muito. Até comprou um assento para ela no conselho do rei.

Roa balançou a cabeça.

— Isso não é possível. Os conselheiros são eleitos.

Theo escarneceu e balançou sua cabeça.

— Eleições são feitas a cada três anos, mas é preciso pagar uma taxa se quiser votos.

Roa não sabia daquilo.

— Uma garota da Casa do Céu, Selina, é criada deles. Pelo que diz, Rebekah tem metade de Firgaard no bolso — Theo explicou. — Ela parece ser do tipo que impõe respeito.

— Tem certeza de que Silva está com a faca?

Theo assentiu.

— Selina confirmou que ela chegou há alguns dias.

Mais uma vez, Roa se lembrou da carta de Asha, ainda caída embaixo da cama na casa de Amina. Se a faca da Tecelã do Céu estava na casa do barão, então Torwin falhara na missão de interceptá-la.

Roa sentiu a preocupação a corroer. Talvez Torwin e Asha estivessem em apuros.

Ou talvez eu tenha me equivocado. Talvez ele não estivesse atrás da faca da Tecelã do Céu.

Ela investigaria no dia seguinte.

— Selina disse onde a guardam? — Roa perguntou.

Theo a seguiu até a porta.

— Vou perguntar. Se ela souber, envio uma mensagem para o palácio amanhã bem cedo.

Ela se virou para encará-lo, já pensando na tarefa diante de si. Theo apoiou as mãos na armação da porta e se inclinou na direção dela.

— Talvez eu devesse te acompanhar. As ruas são pouco amistosas.

— Obrigada — disse Roa, puxando o lenço para cima, com cuidado para não danificar a rosa que Theo colocara atrás de sua orelha. — Mas vou liderar uma revolta sem você para me proteger. Acho que consigo me virar.

A história de Essie

Era uma vez uma garota que amava o céu quase tanto quanto amava sua irmã.

Ela escalava telhados, penhascos e acácias só para ficar mais perto dele. Sabia o nome de todo tipo de nuvem e a história por trás de cada estrela. Sentia inveja dos pássaros por suas asas, e desejava saber como era a sensação de disparar por aquela ampla extensão azul.

Uma noite, ela estava deitada no telhado mais alto da Casa da Música, esparramada com seus amigos sob o céu pontilhado de diamantes. Eles tinham passado a manhã escalando penhascos para depois se jogar na água azul-esverdeada da pedreira. A garota se jogava com mais força, mais longe e mais alto do que os outros. Mas, não importava com quanta força, de qual altura ou de qual distância se jogasse — ela sempre caía.

Sua irmã observava preocupada. Ela odiava ficar em lugares tão altos. Preferia manter os pés no chão.

A garota levantou os olhos para as estrelas e disse:

— Acha que alguém que conhecemos está lá em cima?

— Não seja mórbida — disse a irmã, trançando seu cabelo com os dedos hábeis.

Ao contrário do cabelo da irmã, que era curto, o de Essie era longo o suficiente para ser trançado. Era a forma mais fácil de distinguir as duas.

O murmúrio da sua conexão brilhava calorosamente entre elas, mais reluzente do que qualquer estrela. De canto de olho, a garota viu que o amigo delas — o filho tímido do rei que passava os verões na casa — se dirigia à beirada do telhado.

— Não é mórbido — ela disse, pensando na Tecelã do Céu transformando as almas dos mortos em estrelas. Ela pensou na própria alma, presa com tanta força à da irmã. — É lindo. — Essie voltou seu olhar para as duas estrelas mais brilhantes do céu meridional. As estrelas gêmeas. — Seremos nós um dia… você e eu.

Um estalo abrupto rompeu o silêncio. Ela levantou tão rápido que a trança se desfez e os cachos espiralaram livres. Juntas, elas olharam para o filho do rei: com os braços esticados, o corpo congelado, lutando para recuperar o equilíbrio enquanto mais e mais rachaduras se espalhavam pelas telhas de barro aos seus pés.

Ele estava na beirada do telhado, sem juncos ou vigas embaixo. Onde não havia nada para segurá-lo.

Eles se entreolharam. Naquele momento, ela sentiu seu medo. Espalhou-se dentro dela como as rachaduras aos pés dele.

A garota não pensou. Voou para a beira do telhado, segurando a camisa dele e arremessando-o com força para longe, de volta para onde os outros estavam sentados.

Assim que o fez, as telhas cederam.

Ela caiu do telhado mais alto da casa.

A última coisa que pensou foi: Eu queria ser um pássaro. Um pássaro sairia voando.

A última coisa que sentiu não foi dor, foi o murmúrio. Ela ouviu a irmã gritar seu nome. Sentiu a conexão acender dentro dela.

Brilhante e viva como uma estrela.

Catorze



OS PENSAMENTOS DE ROA RODOPIAVAM enquanto caminhava pela cidade escura. Ela ainda não estava acostumada ao labirinto das ruas de Firgaard. Por conta daquilo e do turbilhão de pensamentos, não notou que Sirin a conduzia pelo caminho errado.

Foi só quando viraram em um beco e Roa se viu encarando uma parede verde — um beco sem saída — que ela se deu conta.

A rainha virou e deu de cara com Sirin parado diante dela, banhado pela lua, bloqueando sua saída. Seu morrião reluzia, os olhos escondidos nas sombras da aba de aço.

Pela segunda vez naquela noite, ela sentiu um arrepio.

Instintivamente, chamou Essie.

Só que a irmã não estava lá. Roa estava sozinha, com um guarda armado e claramente acostumado a fazer tudo o que queria.

Roa o encarou.

— O que está fazendo?

— Livrando o rei de um problema.

A voz de Sirin tinha mudado. Não era mais tão charmosa. Seu sorriso tinha desaparecido, substituído por uma expressão sombria.

— Primeiro, você o chantageia para se casar com ele. Agora, sai sorrateira na noite para se encontrar com os inimigos de Firgaard. Como uma puta traidora.

Roa ficou irritada.

— Nunca chantageei ninguém.

Mas a segunda acusação… estava próxima demais da verdade.

— O rei merece algo melhor.

— Então você me trouxe até aqui para me matar? — Roa apertou os olhos. — É melhor não perder sua chance. Se falhar, vou garantir que nunca mais veja o nascer do sol.

— Fui pago bem demais para falhar — ele disse.

Pago?, pensou Roa. *Por quem?*

Ele sacou o sabre da bainha, o aço raspando contra o couro. Suas mãos tremiam… mas só um pouco.

Estranho, pensou Roa. Ele estava com medo dela? Ou de quem tinha pagado pelo serviço?

Roa recuou um passo, tentando se lembrar da distância que estava do muro atrás dela. Tinha uma faca na sua panturrilha. Mas uma faca não era páreo para um sabre, e ela não queria revelar que estava armada. Não até ser necessário.

Ele não perdeu tempo. A lâmina cortou o ar, indo direto na direção dela. Roa se jogou com força para a direita, evitando o golpe por pouco. Sentiu o ar zunir contra sua pele, ouviu o sibilar suave de lã cortada. Sirin recuou veloz, bloqueando a passagem.

As mãos de Roa estavam molhadas de suor frio.

Ele sacou seu segundo sabre e avançou, encurralando-a para garantir que não pudesse mais se esquivar.

Roa limpou a palma das mãos na lã do vestido. Seus dedos coçavam para pegar a faca da sua irmã.

Não. Ainda não.

Sirin arreganhou os dentes e investiu. Suas lâminas refletiam o luar enquanto ele avançava na direção dela. Daquela vez, o grito furioso de um falcão ecoou.

Sirin parou, com a atenção dividida.

A alma de Roa murmurou diante do som.

Ela e o guarda ergueram a cabeça.

Essie mergulhou da escuridão, com as asas brancas bem abertas, as garras

douradas afiadas e reluzentes, pronta para arrancar os olhos do homem que encurralava a irmã.

Sirin levantou ambos os sabres para golpeá-la.

Roa sacou sua faca e saltou.

Ela segurou o punho dele, cravando as unhas.

Mas Sirin tinha dois braços e duas espadas. Levantou a segunda espada e atacou Essie.

Antes que conseguisse atingi-la, Roa enterrou sua faca no pescoço dele.

Ela sentiu a ponta afiada afundar na carne macia. Respingos quentes de sangue salpicaram seu pulso. Ambos os sabres caíram no chão quando o guarda segurou o próprio pescoço.

Roa chutou as armas para longe do alcance dele e deu um passo para trás, com os olhos arregalados e a respiração ofegante.

Essie guinchou e bateu as asas, tentando cortar os olhos dele com suas garras.

Essie, Roa chamou quando o guarda caiu de joelhos.

Mas a irmã não parou. Ela era um clarão de penas brancas e garras cintilantes.

— Essie!

Quando Roa falou em voz alta, ela parou. Balançou a cabeça branca, como se afastasse a sede de sangue para longe, e voou para o punho esticado da irmã. Os olhos de Sirin estavam arregalados, mostrando seu contorno branco. Sangue escorria da ferida em seu pescoço e descia.

Quando ele foi ao chão, morto, o corpo de Roa tremeu com o choque.

No silêncio, ela ergueu a faca ensanguentada.

Tinha matado homens durante a revolta, mas aquilo era diferente. Aqueles homens não tinham nomes. Nenhum deles havia ficado de guarda do lado de fora enquanto ela dormia.

Roa se lembrou do jeito como as mãos de Sirin tinham tremido. Como se ele estivesse com medo.

Ela se forçou a caminhar. Agachou sobre o corpo do guarda morto e limpou o sangue da faca na camisa dele. Então a embainhou, e estava prestes a levantar quando viu alguma coisa no bolso dele. Lembrando a conversa de Sirin com o guarda no portão, Roa puxou um selo de madeira com uma imagem esculpida na base. A imagem de um dragão negro com um coração vermelho em chamas.

Era o selo oficial de Dax. Às vezes, ele o dava a Safira ou outros membros

de seu séquito quando precisava estar em dois lugares ao mesmo tempo. Era um modo de alguém executar as ordens do rei em seu lugar.

Enquanto Roa encarava o selo do seu marido, retirado do corpo do guarda morto, uma sensação terrível germinava em suas entranhas.

Ele não faria isso…

Faria?

Roa não estava arquitetando contra ele naquela mesma noite? Ela não era uma ameaça ao reino?

Cambaleante, ela levantou, segurando com força o selo de Dax. Foi só quando já tinha saído do beco em direção ao palácio que notou o silêncio da irmã.

— Essie? Você está bem?

Ela não respondeu. Sua mente era um branco completo.

Essie continuou em silêncio até o palácio. Roa perguntou a ela onde tinha ido, como havia retornado. Mas era como se seus pensamentos não estivessem conectados. Como se a mente da irmã estivesse oculta em névoa.

Não consegui achar meu caminho, Essie tinha dito a ela naquela noite no mar de areia. *Não conseguia lembrar onde ficava minha casa.*

Roa sabia o que aquilo significava. O tempo de Essie estava se esgotando.

No palácio, o soldat cujo olhar tinha se demorado sobre ela antes ficou surpreso ao vê-la sozinha.

— Onde está Sirin? — ele perguntou, abrindo o portão para ela. A enorme porta de ferro, moldada meticulosamente em padrões repetidos de luas e namsaras, rangeu ao abrir.

— Ele precisava livrar o rei de um problema — Roa disse entorpecida, passando pelo soldat e deixando que tirasse suas próprias conclusões.

Era meia-noite, e o palácio estava silencioso. Alguns guardas se mantinham de pé perto das portas ou perambulavam pela entrada dos quartos, mas não havia nenhum criado andando. Os passos de Roa e o sussurro do vestido de lã cinza roçando contra suas pernas pareciam quase estranhamente barulhentos em contraste.

Enquanto passava por longos corredores e jardins internos luxuosos, ela não podia parar de pensar no sangue escorrendo pela garganta de Sirin, o som dele sufocando.

Mais ainda, ela pensava no que Sirin tinha dito.

Fui pago bem demais para falhar.

Roa tinha se recusado a consumar o casamento e por consequência a dar um herdeiro a Dax. Ela tinha dificultado as coisas ao insistir no tratado com as grandes casas e então ameaçado o conselho quando se recusara a ratificá-lo na assembleia daquela manhã.

Muitas pessoas na corte não gostavam dela. Muitos gostariam que desaparecesse.

Mas eram motivos suficientes para Dax querer que fosse morta?

Ela ainda estava tentando entender aquilo quando colidiu contra um peito sólido.

Mãos a apoiaram.

— Roa? O que está fazendo aqui?

O coração dela disparou. Ela não queria ficar presa de novo.

Essie abriu as asas em aviso enquanto Roa empurrava as mãos para longe e dava um passo brusco para trás.

Dax ficou parado diante delas.

Havia círculos escuros sob seus olhos.

— Onde estão seus guardas? — ele perguntou, estudando Roa e o falcão.

A pele dela pinicava de desconfiança. Roa apertou o selo dele contra a palma da mão enquanto dava outro passo para trás.

— Meus guardas?

— Sim. Os quatro homens que seguem você dia e noite, para sua segurança?

Aquelas palavras afiaram algo dentro de Roa.

— Às vezes aqueles mais próximos de nós são os menos confiáveis — disse ela.

— De fato — disse ele, parecendo absorver tudo. Dax percebeu como ela tremia. Viu seu pulso, ainda salpicado de sangue.

Roa puxou a manga para baixo para esconder.

Seu olhar foi para seu vestido de lã cinza. Era um vestido nativo que ia até os tornozelos. Ela o usara para evitar ser reconhecida na cidade.

Dax olhou do vestido para a flor colocada atrás da sua orelha. Uma flor da qual Roa tinha se esquecido completamente.

Ela tocou as pétalas da rosa que Theo lhe dera.

— Alguém deveria contar a ele que você prefere flores de jacarandá.

Os dedos de Roa congelaram.

— O… o quê?

Dax avançou na direção dela. Roa ficou tensa, pronta para saltar para longe ao menor sinal de um movimento ameaçador. Mas tudo o que ele fez foi retirar a rosa de trás da orelha dela. Dax a segurou entre eles, girando-a elegantemente na palma da mão.

— Você adora os jacarandás floridos — ele murmurou.

Roa o encarou, lembrando o primeiro verão que Dax passara na Casa da Música. Ela e Essie queriam explorar as ruínas da Sombra e a mãe só as deixaria fazê-lo se o levassem. Jacarandás cresciam em quase todo aposento arruinado, derramando flores roxas macias e cobrindo o chão.

— Isso foi dez anos atrás — ela disse, apertando com força o selo. — Muita coisa muda em dez anos.

Principalmente você, ela pensou.

Antes ele era o garoto do outro lado do tabuleiro de deuses e monstros, a quem oferecia sua amizade e seus conselhos.

Agora ele era o garoto que levava toda garota que não Roa para a cama. Ele era o rei que quebrava suas promessas. Ele era o inimigo que tinha roubado a irmã dela.

E aquela noite…

Ele tinha dado a ordem para que ela fosse morta?

Roa levantou a mão, abrindo os dedos para revelar o selo e deixando-o repousar na palma dele.

— Acho que isso pertence a você. — Ela não se importava mais que ele visse o sangue no seu punho. Que visse. Se fora Dax quem dera a ordem, que soubesse o que acontecera com o guarda que tentara executá-la.

Os olhos dele escureceram. Esticando a mão, Dax disse:

— Onde você…?

Assim que ele pegou o selo, Roa recuou.

— Você deveria ter mais cuidado da próxima vez — ela disse, contornando-o. — Boa noite.

Dax ficou em silêncio. Quando ela estava na metade do corredor, ele falou.

— Seus aposentos ficam do outro lado.

Mas ela não estava indo para seus aposentos. Havia três outros guardas de pé do lado de fora da porta. Seriam capazes do mesmo que Sirin?

— Não quero dormir sozinha esta noite — ela disse, tocando as penas de Essie para se confortar.

Roa estava de pé na frente do vão arqueado da porta logo além dos aposentos reais. Havia dois soldats de guarda, um de cada lado.

Ela abriu a porta e deu um passo silencioso para dentro.

O quarto de Lirabel tinha metade do tamanho dos aposentos de Roa, assim como a cama em comparação com a dela.

Lirabel estava dormindo de lado, enquanto a lua brilhava através das janelas, iluminando as curvas suaves do seu rosto.

Roa parou na entrada, observando-a dormir, perguntando-se onde e quando as coisas tinham começado a dar errado.

Ela foi na direção da cama.

Lirabel se remexeu enquanto Roa puxava as cobertas e subia na cama. Essie saltou do ombro dela para os travesseiros, aninhando-se próxima da cabeça delas.

— Roa? — Lirabel murmurou, rouca de sono. — O que aconteceu?

Essie está desaparecendo, Roa pensou. *Eu e Theo estamos tramando contra o rei. E encontrei o selo de Dax no guarda que acabou de tentar me matar.*

No entanto, passando os braços em torno de Lirabel, ela disse apenas:

— Senti sua falta.

Ela não percebeu a verdade nas palavras até saírem da sua boca.

— Ah, Roa — Lirabel sussurrou, puxando-a para perto e beijando sua cabeça. — Estou aqui.

Mas a amizade delas vinha se desgastando havia meses, e Roa não sabia como consertá-la. Lirabel se movia cada vez mais para além do seu alcance.

— Está com saudade de casa? — Lirabel sussurrou enquanto Roa a abraçava. — É por isso que você está assim?

Saudade de casa era o menor dos problemas dela.

— Tudo bem se estiver — Lirabel disse, esfregando as costas de Roa. — Tenho saudade o tempo todo.

Roa a apertou com mais força, querendo fazer uma pergunta, mas com medo demais da resposta.

Ela pensou na conversa que tinha escutado debaixo da cama de Dax. Pensou em Lirabel chorando sozinha quando ele a deixara.

— Você ia me contar se estivesse em apuros, certo? — Roa sussurrou.

Ela sentiu Lirabel franzir a testa.

— O quê? Não estou…

— Se precisasse de ajuda… qualquer ajuda… você viria até mim, certo?

Lirabel se calou.

— Sim — ela disse depois de um longo tempo. — Se precisar de ajuda, vou te procurar.

— Promete?

— Prometo.

Roa soltou um pouco a amiga.

— Não importa o que aconteça — ela sussurrou, pensando no bebê na barriga de Lirabel. Pensando em Theo e no que ele planejava fazer. — Vou manter você segura.

Vocês dois.

Lirabel colocou os braços em torno da cintura de Roa, apertando-a com força.

Elas adormeceram assim. Uma segurando a outra.

Sem irmã

Na noite em que a queimaram, a garota não conseguia desviar o olhar.

O vento uivou com pesar enquanto ela os via enrolar o corpo da irmã em algodão e colocá-lo na pira. Ela os viu golpear a pederneira diversas vezes seguidas, até as faíscas pegarem na madeira e a chama queimar, devorando quem mais amava.

Ela tinha visto a irmã cair. Ouvido o estalo horrível quando seu corpo atingira o chão, quatro andares abaixo. Sentira o murmúrio rugir em seus ouvidos, mais alto e fervoroso do que nunca.

Mas não sentira a vida da irmã se esvair. A conexão parecia brilhar mais forte e mais clara entre elas.

Estava brilhando naquele instante.

Talvez fosse o motivo pelo qual não havia chorado. Quando o mensageiro chegou e sussurrou algo para seu pai, ela virou para ouvir.

— A rainha Amina está morta. Foi assassinada pelo rei.

Ela viu os olhos molhados do seu pai se arregalarem. Ele virou as costas para a pira, olhando por cima dos campos para a estrada de terra que levava até a Casa da Música.

Onde uma multidão estava se reunindo.

A visão das tochas fez a garota prender a respiração.

O filho do rei estava na casa. Sozinho e desprotegido.

— Eles pretendem atacar o rei através do filho — o pai dela se deu conta.

— Talvez devêssemos deixar — disse o mensageiro. — Ele foi responsável pela morte da sua filha. Quantos outros horrores não vai causar quando crescer?

Seu pai não estava mais escutando. Já pegava o cavalo. Ele montou e partiu.

A garota voltou a olhar para o funeral. Para as pessoas de luto que tinham esfregado cinzas na testa. Para sua mãe que parecia partida ao meio, para o irmão que chorava, para aquele incêndio furioso.

A irmã não estava naquela pira.

A irmã não estava ali.

Então a garota foi atrás do pai.

Quando avistou a Casa da Música, a multidão tinha alcançado a porta. A garota pressionou o cavalo a ir mais rápido, abrindo caminho até a casa. Homens e mulheres choravam e gritavam. Alguns carregavam armas e foices, outros tinham apenas seus punhos.

Punhos que batiam nas portas.

— Mande o garoto para cá!

Ela passou sorrateiramente para os jardins e entrou na casa.

Tudo estava quieto. Criados se reuniam em cantos escuros, torcendo as mãos, olhando para a ala leste.

A garota não precisava perguntar o motivo. A resposta vinha do fim do corredor.

Ela observou o pai arrastar o garoto que lutava e soluçava para o pequeno cômodo à frente.

— Quieto. Isso é para seu próprio bem.

O filho do rei sacudia os punhos e arrastava os pés.

— Cadê minha mãe? — Sua voz tremia. Lágrimas escorriam por suas bochechas. — Quero ver minha mãe!

Seus olhos encontraram os da garota.

— Socorro! — ele gritou, esticando a mão. — Me ajude, por favor!

Ela ficou de pé em silêncio, observando-o implorar. Observando enquanto o pai o empurrava para a despensa, o único cômodo sem janelas da casa, e trancava a porta pelo lado de fora.

Aquilo a deixou chocada.

Nativos não trancavam nada. Era uma violação.

O pai desabou contra a porta de madeira, a boca retorcida em pesar enquanto o garoto batia do lado de dentro, suas perguntas ficando cada vez mais frenéticas até se dissolverem em soluços.

A garota não sentiu nada.

Seu coração já estava quebrado.

O pai, contudo, apoiou uma palma na porta, então cobriu o rosto com a outra. Seus ombros tremiam. A garota continuou observando.

Então ele secou os olhos, endireitou o corpo e foi a passos largos até a frente da casa para falar com a multidão. As pessoas gritavam, exigindo que entregasse o filho do rei.

— Voltem para casa! — ele disse. — Já lidamos com o garoto! Ele está encarcerado e será mantido assim até que minha filha seja velada. Vocês terão sua justiça. Eu juro.

A multidão raivosa e pesarosa se dispersou. Os criados voltaram ao trabalho. Receoso, o pai cavalgou de volta para o funeral.

A garota ficou para trás, encarando a porta trancada.

Lentamente, aproximou-se e sentou.

Com as costas para a madeira, escutou-o chorando.

— Deveria ter sido você — ela sussurrou, pensando na irmã caindo do telhado logo depois de salvá-lo. — Você deveria ter caído.

A garota o odiava.

Ela nunca deixaria de odiá-lo pelo que havia tirado dela.

Ainda assim, não conseguia abandoná-lo.

Eles pretendem atacar o rei através do filho*, seu pai tinha dito*.

Talvez devêssemos deixar*, o mensageiro respondera.*

A garota ficou lá a noite toda, como uma sentinela, escutando o choro. O pai a encontrou logo depois da meia-noite, dormindo do lado de fora da porta da despensa.

Cuidadosamente, ele a destrancou. O garoto estava sentado no chão, abraçando com força os joelhos. Ele levantou a cabeça para encarar o homem à sua frente, com o sal das lágrimas incrustado nas bochechas.

O pai da garota pôs um dedo nos lábios e o chamou para fora.

Em silêncio, sob a cobertura da noite, ele levou o garoto aos estábulos. Eles selaram um cavalo, montaram e partiram. A lua surgiu alta e cheia acima deles, iluminando seu caminho pelos campos infestados pela praga.

Porque ninguém deveria sofrer pelos crimes dos pais.

Quinze



QUANDO ROA DESPERTOU NA MANHÃ SEGUINTE, Lirabel tinha partido, mas os olhos prateados de falcão da irmã a observavam do travesseiro. Roa virou de lado, aninhando a bochecha no braço dobrado para encará-la de volta.

Essie. Ela transmitiu o nome à irmã, como costumava fazer, como sempre havia feito. Mas o pensamento encontrou apenas silêncio. O murmúrio estava mais fraco do que nunca.

Faltavam cinco dias para a Renúncia. Se Roa não perdesse a irmã até lá, certamente perderia na noite mais longa do ano. A alma de Essie tinha persistido por oito anos. Era tempo demais. Ela não podia continuar resistindo ao chamado da morte.

Roa a observou.

A faca da Tecelã do Céu era a única chance delas. Precisava encontrá-la aquela noite, na casa de sua inimiga. Um lugar que nunca tinha visitado.

— Essie — ela chamou em voz alta. O falcão branco levantou a cabeça, com o olhar penetrante em Roa.

E se eu não conseguir? Seus olhos se encheram de lágrimas e sua visão borrou. *E se eu falhar?*

Subitamente, o peso nos travesseiros mudou. Penas macias roçaram a testa

de Roa, então a ponta do seu nariz. Um calor sólido e familiar se aninhou contra seu peito, próximo do coração.

Roa passou a mão nos olhos para enxugar as lágrimas e encontrou Essie pressionada contra ela, perfeitamente parada, escutando o som das batidas do seu coração. Então passou o braço gentilmente em torno dela.

— Não vou falhar — ela sussurrou para as penas. — Prometo.

Quando Roa abriu a porta para ir ao corredor, deparou com o rosto sorridente de Safira.

— Finalmente. Estava começando a achar que ia passar o dia todo na cama.

A comandante não ostentava o brasão do rei, um dragão enrolado em torno de uma espada, e sim uma flor de sete pétalas que imitava o formato de uma chama. Uma namsara.

A túnica dourada de Safira estava ajustada à sua forma alta e forte; seu rosto estava calmo e ponderado, mas seus olhos brilhavam com a fúria de chamas azuis.

— Saf? — Roa franziu a testa, olhando além dela para as três soldats, todas jovens, de pé atrás dela. — O que é isso?

— Estou oficialmente de guarda. — Ela deu um passo para dentro do quarto, forçando Roa a recuar e imediatamente olhando em volta. As três soldats entraram em fila atrás dela, duas assumindo posições. A última, Roa notou, era uma nativa com olhos vibrantes cor de ônix. Seus cachos formavam um halo em torno de sua cabeça. Ela levantou um punho cerrado sobre o coração em uma saudação nativa só para a rainha.

— Meu nome é Celeste. — A jovem desceu o punho aberto. Olhando para as outras duas soldats, ela disse: — Essas são Saba e Tati.

Embora nem Saba nem Tati fossem nativas, ambas seguiram Celeste e ofereceram a Roa a mesma saudação.

Atordoada, Roa retribuiu o gesto.

— De guarda? — ela murmurou, virando para Safira.

A comandante só se agachou perto da cama, investigando o chão.

— O que está fazendo? — Roa exigiu saber.

— Um membro da guarda pessoal da rainha foi encontrado morto em um beco esta manhã. — Safira se levantou, com o olhar fixo na rainha. — Com a garganta cortada. Pela aparência da ferida, foi causada por uma pequena

lâmina.

Roa puxou a manga para cobrir o pulso ainda salpicado do sangue de Sirin.

— Os soldats no portão me disseram que ele partiu com você à noite. — O cabelo escuro de Safira estava preso em um coque simples na base da sua nuca, mantendo-o longe do rosto. Aqueles olhos azuis observavam Roa de perto, como se medissem sua reação. — Para onde você foi?

Roa se forçou a manter a compostura.

Havia três outros guardas que deviam ter dito a verdade a Safira. Que Roa tinha saído com Sirin como sua escolta e que nenhum deles retornara aos aposentos.

— Saí para caminhar — ela disse. — Precisava tomar um pouco de ar.

Safira puxou uma das facas de arremesso do cinto e começou a examinar a ponta bem afiada.

— Você precisava de ar… à meia-noite? — Seu olhar retornou a Roa.

— A lua tinha acabado de nascer quando parti.

— E Sirin a escoltou pela cidade?

Roa assentiu.

— Mas não a escoltou de volta?

— Isso é um interrogatório?

No ombro de Roa, Essie flexionou as asas em agitação.

Safira sorriu friamente.

— Se fosse um interrogatório, você estaria no calabouço agora.

Roa levantou o queixo em desafio.

— Sirin não a escoltou de volta — Safira repetiu, esperando Roa confirmar ou negar.

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Ele disse algo sobre — ela estremeceu diante da memória — *livrar o rei de um problema.*

Roa encarou Safira, desafiando-a a pressionar com mais afinco. A perguntar qual seria exatamente o problema.

Mas Safira não o fez. Ela caminhou até uma das três janelas em arco na parede sul do pequeno quarto de Lirabel.

— Até que um substituto possa ser encontrado — disse, com as costas para Roa enquanto olhava pela janela e era banhada pelo sol —, sou a nova capitã da sua guarda.

Roa franziu a testa.

— *O quê?*

A pessoa mais leal a Dax, sangue do seu sangue, observando cada movimento seu? Era a última coisa de que precisava.

— E estas — Safira disse, indicando com a cabeça as jovens perto da porta — são minhas três soldats de maior confiança.

Roa olhou de relance para as guardas armadas, todas observando com atenção a comandante. A julgar pela expressão no rosto delas, Roa tinha completa certeza de que a lealdade delas não poderia ser comprada. A julgar pela expressão em seus rostos, reagiriam violentamente se alguém *tentasse* virá-las contra Safira.

— Elas têm ordens de te defender com a vida — disse Safira, caminhando na direção de Roa. — Então é o que farão.

— Perfeito — Roa disse entredentes. — Espero que se saiam melhor do que Sirin.

— Pode ter certeza disso — disse Safira. Sua faca de arremesso reluziu quando ela a jogou no ar. Ela a embainhou em seguida junto às outras no cinto.

Por mais inconveniente que fosse, Roa percebeu que estava relaxando. Na presença das novas guardas, sentia-se verdadeiramente segura.

— Agora… — Safira sorriu, e daquela vez com alegria. — Posso escoltá-la de volta aos seus aposentos? Tenho certeza de que gostaria de um banho e de trocar de roupa antes do jantar do barão Silva esta noite.

O jantar.

Como encontraria e roubaria a faca da Tecelã do Céu com os olhos muito atentos de Safira a acompanhando aonde quer que fosse?

Roa seguiu Tati e Saba porta afora. Celeste e Safira foram atrás.

Preciso despistá-la de alguma forma.

Como conseguiria aquilo, ela não fazia ideia.

Uma visita inesperada

Na primeira Renúncia depois que sua irmã morreu, a garota ajudou a mãe a apagar todas as luzes enquanto o irmão trancava as portas para que entrassem apenas os vivos.

A Renúncia não era uma comemoração. Ninguém vestia roupas finas e não havia banquetes. Não se cantava nem dançava.

As regras precisavam ser cuidadosamente seguidas. Ou o pior poderia acontecer.

Quando o sol se punha, a família e os vizinhos colocavam suas máscaras, se reuniam no pavilhão central e contavam histórias uns para os outros até o nascer do sol.

Normalmente, ela e a irmã adoravam as noites de Renúncia. Adoravam escutar o pai contar histórias sobre a Tecelã do Céu e o mundo mais além. Adoravam o modo como o fogo-coração, a única chama permitida naquela noite, cintilava em sua máscara, mantendo sua identidade oculta. Elas adoravam até o pão queimado. Gostavam de molhá-lo em vinho amargo.

Aquele ano era diferente.

A garota não queria ouvir as histórias do pai nem queria pensar na Tecelã do Céu. Ela não gostou do visual das máscaras de madeira pintadas de branco, escondendo o rosto de seus entes queridos. Não tinha apetite pelo pão queimado.

Aquilo a lembrava de tudo o que tinha perdido.

Então ela levantou e foi embora.

Não deixou a casa… sabia que não deveria. Mas abandonou o pavilhão e seguiu pelos corredores silenciosos até o salão.

Estava escuro demais. Exceto pelo fogo-coração ardendo do outro lado da casa, não dava para ver nada. Então a garota acendeu uma vela — que mal poderia fazer? — e a colocou na borda da janela.

A garota deu um passo em direção à mesa onde estava o tabuleiro de deuses e monstros, então subiu no parapeito da janela e olhou para fora.

Não havia lua no céu. Estava tudo negro.

Exceto pela vela brilhando.

Como um farol.

Não demorou muito tempo para a porta ranger. A garota prendeu a respiração e ficou bem parada. Mas a luz da vela não podia chegar tão longe, e a porta permaneceu escura.

Ela sentiu a lufada de ar frio do corredor.

— Quem está aí? — sussurrou, com os pelos na nuca arrepiando.

Uma voz respondeu das sombras.

— É a noite mais longa do ano e você pôs uma vela na janela?

O coração da garota martelava. Ela pegou a vela e a segurou com o braço esticado.

— Quem é você? — sussurrou, com as mãos tremendo, a vela fraquejando.

Mas ela sabia.

Claro que sabia…

A coisa atrás da porta deu um passo em direção à luz. Vestia o rosto da irmã, o cabelo escuro preso em uma trança e o vestido celeste de algodão no qual tinha morrido, que ia até os joelhos.

— Olá, irmã.

A garota engoliu em seco atrás da máscara da Renúncia, consciente do perigo. Sabendo que o que estava diante dela podia usar o rosto da irmã e ainda assim ser uma versão distorcida dela.

— Não se aproxime.

A coisa parou, franzindo a testa como se estivesse confusa.

— Você acha que sou um espírito corrompido — ela disse, olhando a mão da garota deslizar para baixo do vestido, para pegar a faca embainhada na panturrilha. — Uma faca não pode me fazer mal algum, boba.

A garota não tirou a mão da faca.

— Minha irmã morreu. Vários meses atrás. Se quer que eu acredite que você é ela, e não seu espírito corrompido, então prove.

A coisa com o rosto da irmã mordeu o lábio. Seu olhar percorreu o salão e parou na mesa logo embaixo do parapeito da janela. O tabuleiro de deuses e monstros.

— Um espírito corrompido poderia ganhar de você em deuses e monstros?

— Minha irmã não conseguiria ganhar de mim em deuses e monstros.

A coisa colocou as mãos na cintura e sorriu do mesmo jeito que sua irmã sorria.

— Será?

Não era verdade. Era um teste.

A coisa foi na direção da janela.

A garota recuou, com medo.

A coisa levantou as mãos e as esticou lentamente na direção das peças brancas e pretas espalhadas na mesa, para não a assustar novamente.

— Um espírito corrompido saberia que essa é sua peça favorita?

A coisa sentada diante do tabuleiro levantou a rainha aprisionada de marfim. A garota a pegou, ainda cautelosa, desceu do parapeito e sentou do outro lado da mesa.

— Se eu ganhar — disse a coisa, montando o tabuleiro —, quero que venha pular de penhascos comigo.

Seus dedos passavam gentilmente pelas peças esculpidas, como se fosse o último jogo que jogaria e quisesse memorizar tudo.

— Se você fosse minha irmã, saberia que odeio pular de penhascos.

A coisa levantou o rosto, e seus olhares se encontraram.

— Mas eu adoro. Quero fazer tudo de que gosto essa noite. Com você.

A garota amoleceu.

Ela cedeu e jogou.

Quando a coisa não estava prestando atenção, ela a estudou. Tinha os olhos de ébano da irmã, a trança escura crespa, as bochechas redondas e macias. Tinha até seu dente torto. Quando a voz do pai flutuava pelos corredores, contando histórias, a coisa com o rosto da irmã levantava a cabeça e a garota via uma tristeza insuportável cintilar em seus olhos.

Quando a vela estava prestes a apagar, a coisa disse:

— Um espírito corrompido saberia o código secreto?

A garota levantou a cabeça, surpresa. Quando sua mãe estava em dias muito ruins, sofrendo com enxaquecas debilitantes, o pai instituía uma regra de não falar na casa. Então a garota e sua irmã haviam criado uma série de gestos complicados. Elas se esqueciam da maioria deles. A graça estava em inventar novos.

Mas de um elas nunca esqueciam.

A coisa sorriu. Muito lentamente, ela esticou a mão sobre a mesa e tocou o pulso da garota, que estremeceu, apesar da mão ser quente e os dedos serem macios. Quando encontrou o osso, a coisa deu duas batidas.

Preste atenção, *ela queria dizer.* Estou prestes a vencer o jogo.

A garota olhou para o tabuleiro e percebeu que a partida tinha terminado

de fato. Ela virou para o rosto da irmã, que deu uma risada. Era tão familiar. Seu som favorito no mundo.

— Acredito em você — ela sussurrou. — Mas, se não é um espírito corrompido, por que está aqui?

O sorriso se dissipou.

— Não consegui atravessar — ela disse, e havia dor e pesar em sua voz.

De repente, tudo fazia sentido. Sua irmã estava ali, em sua forma verdadeira, para caminhar entre os vivos na última noite do ano… porque não tinha sido renunciada. Ela não havia atravessado.

— Quanto tempo temos?

A irmã olhou para a janela que dava para o céu. Metade da noite já tinha passado.

— Só até o nascer do sol.

— Bem, então — disse a garota, apagando a vela — é melhor irmos logo para chegar nos penhascos a tempo.

A irmã sorriu para ela no escuro.

Daquela vez, a garota escalou a pedra íngreme, mesmo com as pernas tremendo. E, mesmo aterrorizada, pulou.

E pulou. E pulou.

A irmã segurou a mão dela e riu enquanto desciam.

Como sentia saudades daquele riso.

O medo não diminuiu com cada salto. A garota só não se importava tanto de morrer como se importava em aproveitar a presença da irmã. Ela queria passar aqueles últimos momentos fazendo o que a outra quisesse. Porque, quando o sol chegasse, seria o fim. A irmã ia atravessar, como todas as almas precisam fazer.

Quando o céu ficou vermelho, elas saíram da água, batendo os dentes no frio do início da manhã, e desabaram na grama. A garota segurou a mão da irmã, olhando fundo em seus olhos, sem ousar desviar o rosto, mesmo para verificar o céu.

— Não vá, Essie — ela sussurrou. — Eu não sei quem sou sem você do meu lado.

— Você é minha irmã. Sempre será.

Não se tiver partido*, pensou a garota.*

O ar ficou dourado. A irmã olhou para o céu, observando o nascer do sol

por cima dos penhascos.

A garota não conseguia olhar.

— Não vá — ela implorou, observando-a cintilar e dissipar. Sua visão ficou borrada com as lágrimas quentes.

Quando piscou para se livrar delas, a irmã tinha sumido.

Dezesseis



ROA ESTAVA DE PÉ NO CORAÇÃO DO TERRITÓRIO INIMIGO, com Essie empoleirada em seu ombro, assistindo ao espetáculo vertiginoso do grande salão do barão Silva.

Em homenagem à nova rainha-dragão, todos os convidados de Rebekah vestiam máscaras da Renúncia. Pelo menos Roa assumiu que fosse a intenção. Mas, ao contrário das máscaras que o povo dela usava na noite mais longa do ano, aquelas eram uma demonstração espalhafatosa de riqueza, objetos dourados e resplandecentes, alguns incrustados de pedras preciosas ou costurados com fitas de cores vibrantes, nenhum igual ao outro.

Um homem magro e risonho vestia a tromba de um elefante. Uma mulher enorme com anéis de rubi usava o rosto de uma hiena. Sozinha, perto da parede, uma jovem de cabelos escuros com olhos negros reluzentes vestia o rosto e os chifres de um dragão. A máscara cobria um lado inteiro do seu rosto e metade do outro.

Convidados riam, exibindo suas máscaras, olhando altivos para Roa, Lirabel e Essie, que assistiam boquiabertas à terrível imitação. Não era uma tentativa de honrar Roa e sua herança nativa. Era apenas uma paródia.

— Isso deveria nos proteger dos espíritos errantes? — Uma mulher sorriu torto. — Eu nunca tinha percebido como eles eram supersticiosos.

— São ignorantes — o homem ao seu lado disse, concordando.

Essie sacudiu as penas com irritação enquanto Roa e Lirabel trocavam olhares furiosos. As máscaras que haviam recebido — uma de cobra e outra de raposa — amassavam em seus punhos cerrados.

As máscaras da Renúncia eram objetos simples e rudimentares por um motivo. Construídas de madeira e pintadas de branco, eram planejadas para ser singelas e todas iguais, para confundir e repelir os mortos, não para atraí-los com sua beleza deslumbrante.

Mais do que aquilo: as máscaras eram usadas apenas na noite mais longa do ano, para a qual ainda faltavam cinco dias.

— Muito bem — disse Lirabel, sombria, olhando para todos eles. — Continuem rindo.

Mas Roa não podia deixar a condescendência deles distraí-la. Precisava encontrar um jeito de se livrar das guardas para poder procurar a faca.

— Isso deve ser humilhante pra você.

A voz de Rebekah assustou Roa. E Essie, cujas garras se cravaram no ombro da irmã, fazendo o rosto da outra se contorcer de dor. Ela podia não ser mais capaz de sentir as emoções da irmã, mas pelo jeito como seu peso mudava de uma garra para outra, sabia exatamente o que achava da recém-chegada. Roa acariciou as asas dela, tentando confortá-la.

— Rebekah — Lirabel disse, à direita de Roa. Sua mandíbula normalmente suave estava rígida e tensa. — Que jantar encantador.

Rebekah deu um passo para a esquerda de Roa, vestida de dourado. Seu caftã tinha praticamente o mesmo tom da túnica de Dax, e seu cabelo escuro estava arrumado em um elaborado arranjo de tranças. Ela tinha uma adaga presa à roupa, a lâmina escondida na bainha prateada em alto-relevo.

A roupa da própria Roa era bem mais simples. Em uma tentativa de se misturar e escapar mais facilmente das guardas, ela tinha colocado um caftã num tom de rosa que parecia estar na moda e, portanto, provavelmente seria usado por outras mulheres no evento. Não portava nenhuma joia. Nada que chamasse atenção.

— Dizem que ele já se deitou com todas as garotas da corte — Rebekah disse, ignorando Lirabel enquanto indicava o rei, que estava meio bêbado e flertava com as filhas mais ricas de Firgaard. Jas estava ao lado, de olho no copo dele. — Há apostas sobre quantos bastardos já produziu.

Roa fez uma careta e tentou não olhar para Lirabel, que não tinha ainda barriga proeminente, graças às estrelas. Essie apertou as garras no ombro de Roa, penetrando sua pele. Então voou até Lirabel, numa tentativa de reconfortá-la.

— Tem até apostas sobre se foi ou não para a cama com *você*.

A fúria emanando de Lirabel era palpável. Roa, sem querer entregar a amiga, olhava diretamente para a frente.

A maior parte de Firgaard suspeitava que o casamento de Roa e Dax não tinha sido consumado, mas não havia provas. O casamento deles tinha acontecido em um acampamento de guerra à véspera de uma revolta.

— Um casamento não consumado deixa qualquer rei em uma posição precária. E um rei fraco ainda mais.

Roa sabia que era verdade. O reinado de Dax era frágil, e ele precisava de mais do que um casamento consumado. Precisava de um herdeiro.

— O que quer dizer com isso? — ela disse, enquanto Lirabel segurava sua mão e a apertava.

— Ele é um homem como qualquer outro. — Rebekah se inclinou para mais perto. — Não vai esperar para sempre.

De canto de olho, Roa viu a comandante se aproximar. Mas Rebekah teria que ser louca para tentar ferir a rainha aqui, cercada de tantas testemunhas.

— Um dia — a conselheira murmurou — ele ficará impaciente e *tomará* o que precisa de você.

Roa pensou naquele dia nos estábulos de Amina. No beijo que devia a ele.

Cobrarei quando quiser.

— E, se não conseguir — Rebekah disse, colada ao ombro de Roa —, vai descartá-la.

A rainha levantou a cabeça para olhar nos olhos castanho-escuros da garota. Elas se estudaram, e por um segundo, Roa se perguntou se a outra tinha ouvido falar do ataque de Sirin.

— Eu diria que ela não tem com que se preocupar ainda — Lirabel interrompeu, observando enquanto o rei sorria para uma jovem em um caftã amarelo-claro. Os cachos da garota escapavam, criando um halo em torno do seu rosto e sobre os ombros. Dax a olhava como se fosse o sol e precisasse absorver o máximo de calor possível. — O rei se mantém bem distraído. Não acha, Roa?

Ela ficou surpresa com a falta de amargura nas palavras de Lirabel. Não deveria estar chateada por Dax ter se esquecido dela e do bebê?

Rebekah não parecia estar escutando. Ela encarava o rei, parecendo faminta. Como uma leoa observando um cervo que não suspeitava de nada.

Subitamente, ouviu-se o som de aço desembainhado atrás delas. As três garotas viraram, preparando-se para uma ameaça. Essie abriu suas asas em aviso no ombro de Lirabel.

Um draksor com uma cicatriz grossa que ia do canto da boca até a maçã do rosto estava a poucos passos de Roa… com três lâminas reluzentes apontadas para o pescoço dele.

Duas delas pertenciam a Safira. A terceira era de Celeste.

— Afaste-se da rainha — Safira disse, friamente.

— Não estamos no campo de batalha — Rebekah sibilou. — Baixem as armas. Garnet é meu criado.

Safira a ignorou, mantendo o olhar em Garnet.

— Se ele é seu criado, deveria saber que não pode se aproximar da rainha desse jeito. Não o treinou?

Garnet abriu um sorriso apertado que não correspondia ao seu olhar. Levantando as mãos, ele deu um passo cuidadoso para trás.

— Não vou tolerar esse tipo de barbárie na minha casa — Rebekah grunhiu, com a atenção fixa na prima do rei, a quem começou a circular. — Desde quando você é uma guarda de casa, Safira? Quem está cumprindo os deveres de comandante enquanto você perturba meus convidados?

Safira deixou Rebekah contorná-la, calma como aço, enquanto as outras guardas se aproximavam de Roa para defendê-la se precisasse.

— Você nunca foi muito boa nesse jogo, não é mesmo? — A voz de Rebekah baixou para um ronronar perigoso. — Pobre Safira. É o sangue da sua mãe skral correndo em suas veias. Por isso seu lugar nunca será entre nós.

Roa hesitou, querendo defender Safira.

Mas ela sabia cuidar de si mesma. Encarou Rebekah e disse:

— De que adianta ser boa em um jogo que não tenho interesse em fazer parte?

Com todos concentrados no conflito entre a anfitriã e a comandante, Roa viu sua chance e aproveitou para colocar a máscara. Vestida em um caftã comum e sem um falcão branco no ombro, a rainha saiu sorrateiramente da sala, sem ser identificada.

A não renunciada

Vários dias depois da Renúncia, a garota de coração partido começou a notar o pássaro.

Era um falcão do deserto, com penas cor de areia e olhos marrons, que estava na janela toda manhã quando acordava.

Ele gostava de observá-la e frequentemente voava de janela a janela, dependendo do quarto onde ela estava. Empoleirava-se nos telhados enquanto a garota ajudava nos campos ou duelava com seus tutores nos jardins. Se ela cavalgava com seus pais para uma das grandes casas, lá estava o falcão, voando sozinho pelo céu.

Seguindo-a.

A garota talvez se alarmasse se sua presença não fosse tão reconfortante. Ou talvez devesse ficar alarmada exatamente por aquilo: pelo murmúrio. Ele parecia ficar mais quente e mais brilhante quando o falcão estava próximo.

Não, *pensou.* Não pode ser.

Uma noite, depois que todos tinham ido dormir, a garota abriu as janelas e chamou o pássaro para dentro. Ele voou até a mesa de cabeceira, pousando sobre a lanterna ali. Suas garras lutavam com a alça de ferro, tentando manter uma pegada firme. Como se não estivesse acostumado ao peso e ao formato do próprio corpo.

A garota se agachou, estudando o arco lindo do seu pescoço. O brilho de suas penas. As garras afiadas.

Quando seus olhos se encontraram, uma voz muito familiar inundou sua mente:

Olá, irmã.

Ela recuou diante do choque da voz em sua cabeça.

— Você não atravessou — disse a garota, estudando as penas do pássaro.

E deixar você sozinha? *A voz da sua irmã ecoava em sua mente.* Como poderia?

A garota achou que talvez estivesse enlouquecendo.

Mas não era loucura. Era verdade. A alma da irmã tinha retornado para ela.

Dezessete



ASSIM COMO NO SALÃO DE JANTAR, o teto do corredor era alto, rivalizando com o do palácio. Janelas amplas em arco deixavam a brisa da tarde entrar, fazendo Roa tremer.

Os azulejos em mosaico tilintaram sob seus pés enquanto ela arrancava a máscara e a jogava no chão. Havia cabeças de animais enfileiradas naquela parte do corredor; alguns Roa conhecia — um leão, um cervo. Outros não — um cavalo listrado, um peixe enorme com um chifre espiralado se projetando da cabeça.

Alguém naquela casa gostava de caçar.

Ela estudou rapidamente as portas. Uma mensagem de Theo havia chegado aquela manhã. Dizia que a faca ficava na coleção particular de Silva, atrás de uma porta vermelha.

Assim que Roa virou a esquina, ouviu a voz de Lirabel.

— Aonde está indo?

Ela fechou bem os olhos, depois virou para encarar a amiga, que já estava avançando.

Essie pousou em seu ombro, inclinando a cabeça branca elegante como se

dissesse: *Não olhe para mim. Foi ideia dela.*

— Você não podia ficar com Dax? — Roa pressionou as palmas contra os olhos. — Como costuma fazer?

Lirabel parou, franzindo a testa.

— O que quer dizer com isso?

Roa seguiu em frente.

— Volte, por favor.

Essie voou do ombro de Lirabel e planou na direção de Roa.

A amiga correu atrás dela.

Aquela podia ser a única chance de Roa. Se Lirabel não a obedecesse, teria que a deixar ir junto.

No momento em que virou a esquina, Roa parou.

Lá estava a porta vermelha.

Não era uma típica de Firgaard. Os padrões eram menos geométricos, mais alegres. Roa tocou as vinhas pintadas na madeira, que se arqueavam, então segurou a maçaneta.

Trancada.

Ela engoliu seu resmungo. Havia esquecido que draksors adoravam trancar as coisas.

— Talvez eu passasse menos tempo com Dax se você não fizesse tão pouco de mim — disse Lirabel, aparecendo no corredor.

— Eu faço pouco de você?

— Sim — disse Lirabel, empinando o queixo. — Desde que se tornou rainha, é como se eu não existisse. Como se tivesse milhares de coisas melhores a fazer do que ficar comigo!

Não era o contrário?

Roa pediu silêncio, olhando para o fim do corredor.

— O que está insinuando? Que me acho melhor do que você… por ser rainha?

Lirabel sacudiu a cabeça, com o olhar raivoso.

— Você sempre se achou melhor do que eu.

Roa a encarou. Aquilo não era nem um pouco verdade.

O choque rapidamente se transformou em raiva.

Pelo menos nunca dormi com um garoto que você amasse, ela quase disse, mas se segurou a tempo. Porque aquilo seria mesquinho. E sem sentido, porque Roa não amava Dax.

— Se alguém está afastando a outra aqui, é você — disse Roa, pensando

na gravidez não revelada e na cama em que ela vinha dormindo. — Se alguém acha que você vale *menos* do que os outros, Lirabel, é você mesma. Sempre foi.

Ela abriu a boca para discutir, mas Roa não havia terminado.

— Desde que meus pais a acolheram, você tem se visto do jeito que *acha* que as outras pessoas a veem: como alguém de quem se deve ter pena. Mas não é o caso. E, mesmo que os outros a vissem dessa forma, estariam errados. Você não deveria acreditar neles.

Antes que Lirabel pudesse responder, uma sombra passou por elas.

As duas olharam para cima. Diretamente nos olhos azuis da comandante. Ela usava uma roupa roxa-escura aquela noite, da cor do céu da meia-noite.

— Safira. — Roa sentiu o pânico brotando. — O que está fazendo aqui?

Ela torceu o nariz, como se sentisse o cheiro de algo podre.

— Estou evitando Bekah e sua festa medonha. — Os olhos dela se estreitaram sutilmente. — Seja lá o que estão fazendo, deve ser muito mais interessante. — Ela cruzou os braços. — E o que é isso, aliás?

Roa olhou para Lirabel como se a amiga pudesse salvá-la.

— Tentando abrir essa fechadura? — Lirabel arriscou, percebendo o pedido de ajuda no olhar de Roa.

Safira inclinou a cabeça.

— Pode nos ajudar?

Safira abria a boca para fazer outra pergunta, mas passos ecoaram, vindos do final do corredor. Roa e Lirabel ficaram tensas. Safira foi dar uma olhada.

— Dois criados vindo nesta direção.

Roa se virou para a fechadura, seguindo a deixa de Lirabel.

— Mais um motivo para agirmos rapidamente. Consegue abrir?

Saf a estudou, como se tentasse decidir se deveria ajudar ou não.

Os passos — e as vozes — se aproximavam.

Talvez fosse a ideia de contrariar Rebekah. Talvez Safira realmente confiasse em Roa. Independente do motivo, ela tirou algo da bota. Agachando na frente da porta, enfiou uma chave-mestra na fechadura com uma expressão de pura concentração no rosto.

As vozes ficavam mais altas enquanto a chave raspava furiosamente nos mecanismos da tranca.

Depressa!, pensou Roa.

De repente, um clique suave.

A porta se abriu.

Um corredor escuro se escancarou diante delas. Safira segurou Roa e a empurrou para dentro. Lirabel a seguiu, fechando a porta silenciosamente um pouco antes que os criados virassem a esquina.

Roa, Lirabel e Saf pararam lado a lado, com as costas pressionadas contra a porta, segurando a respiração enquanto a conversa dos criados atravessava a madeira.

— Isso é mentira — disse uma mulher.

— Mas eu os vi — disse um garoto em voz baixa. — Uma garota com cicatriz no rosto montando um dragão preto de um olho só.

A mulher zombou.

— Você deve ter imaginado.

— Escute aqui, eu sei o que vi — o garoto insistiu. — Se eu fosse o barão, teria convidado a garota para um chá. Ouvi dizer que uma pessoa pode cair morta só de olhar para a cicatriz dela. Queria saber se é verdade.

— Ela é uma criminosa, seu tonto. Há um prêmio enorme pela cabeça dela. Aposto que *ele* só está aqui como isca, para que venha.

Roa limpou as mãos suadas no caftã. Ao lado dela, Safira — normalmente um exemplo de controle — parecia estar com o coração saltando para fora do peito.

Eles estavam falando de Asha, prima de Safira, e de Kozu, o primeiro dragão.

Se ela fosse capturada, seria enviada para a sentença de morte da qual havia escapado por pouco.

— O que ela tem na cabeça? — murmurou Saf. — Não devia nem passar perto daqui.

Roa pensou na carta de Asha, ainda repousando sob a cama de Dax na casa da rainha-dragão. Ela tivera a intenção de contar a ele. *Teria* contado, se não fosse pela conversa com Lirabel que entreouvira. Entre sua raiva do rei, o segundo desaparecimento de Essie e seu próprio guarda a atacando…

Roa se sentiu culpada. Andava tão preocupada que não tinha pensado muito em Torwin ou no motivo de não ter voltado.

Ela pensou nele então. Ou, mais especificamente, em sua cabeça a prêmio. Um prêmio levemente menor do que o oferecido por ela. Aquele era o motivo pelo qual os dois deviam ficar longe de Firgaard. Se um dos dois caísse nas mãos erradas…

Roa afastou o pensamento. Concentrou-se no presente. Precisava obter a faca. Então garantiria que Torwin e Asha estavam em segurança.

— Venham — disse Roa, subindo os degraus. — Antes que alguém note nossa ausência.

Elas subiram. A luz vermelha do entardecer talhava os degraus de pedra, atravessando as ripas da janela. No alto da escada havia uma porta simples com um símbolo estranho gravado na padieira.

A porta estava entreaberta, deixando uma claridade rósea e empoeirada iluminar o corredor. Safira abriu a porta, e Essie voou para o poleiro no alto dela, como uma sentinela de olhos prateados vigiando tudo enquanto as três entravam.

As janelas estavam abertas, deixando entrar uma brisa fresca, e o doce aroma de cedro e rosas vinha dos jardins. Caixas de vidro cobriam as paredes e continuavam até a sala seguinte e a outra. Dentro de cada caixa havia joias e tecidos, estatuetas e armas. Artefatos trazidos dos quatro cantos do mundo.

— O que estamos procurando?

— Uma faca — disse Roa. — Da Tecelã do Céu.

Lirabel a olhou, cética.

Roa não podia culpá-la. Tampouco tinha acreditado.

Eles procuraram nas caixas. Lirabel em frente a Roa, do outro lado de um tabuleiro de deuses e monstros, preservado sob vidro. As peças eram diferentes das de seu pai, mas Roa ainda podia identificar a rainha aprisionada e o rei frágil, a tecelã do céu, o dragão e o espírito corrompido. Todas as peças eram esculpidas em madeira de acácia, e havia uma placa de latão na lateral da caixa, com as regras do jogo gravadas.

De repente, do aposento logo acima, Safira disse:

— Acho que encontrei algo.

As duas amigas seguiram a voz da comandante, então a viram com os ombros curvados e os olhos apertados enquanto se inclinava sobre uma caixa cujos cantos eram decorados com filigranas de ouro.

Era pequena, talvez com dois palmos de cada lado, e não tinha marcas de poeira ou digitais no vidro. Havia uma placa de ouro presa ao pedestal de madeira que a deixava na altura do peito.

Não havia descrição gravada na placa, mas sim uma história.

Sobre a Tecelã do Céu.

O coração de Roa bateu forte. Ali estava. A caixa da faca que poderia salvar sua irmã.

Só havia um problema.

Estava vazia.

A Tecelã do Céu

Era uma vez uma deusa que trocou seu nome por um tear, seu coração por um carretel e seu rosto por uma faca.

Chamavam-na de Tecelã do Céu, mas aquele não era seu nome verdadeiro. Diziam que morava no limite entre os mundos, onde apenas os marcados pela morte podiam encontrá-la.

Ela costumava ter muitas habilidades, mas passara a ter apenas uma: durante o dia e a noite, transformava almas em estrelas e as costurava no céu.

— O que são almas além de estrelas esperando para nascer? — ela sussurrava.

Seu tear respondia: Clique, claque. Shhh. Clique, claque.

— O que são almas além de lagartas dentro de um casulo, esperando para renascer? — ela dizia.

Era daquele jeito que a Tecelã do Céu se sentia às vezes, como se estivesse esperando para renascer. Um dia, ela olhou em volta da sala de tear e pensou: Isso não basta.

Sua lançadeira ficou silenciosa. Seu tear permaneceu quieto. Ela olhou para a faca em sua mão, brilhando como a lua. No seu reflexo prateado, uma garota sem rosto a encarava. Uma garota sem rosto cujo nome verdadeiro a Tecelã não conseguia lembrar.

— Não importa — ela sussurrou.

Então ergueu a faca, cortou o fio antigo e voltou a trabalhar.

Dezoito



ROA ENCAROU O VIDRO.

Por que a caixa estaria vazia?

Ela abriu o fecho e levantou a tampa. Enfiou a mão, tocando o pano de veludo no fundo e o puxando para fora. Não havia nada além de mais vidro embaixo dele, e a madeira do pedestal depois.

Talvez Torwin tenha conseguido, Roa pensou.

Ou talvez o barão Silva estivesse mostrando seu novo pertence aos convidados. Talvez a faca estivesse sendo limpa. Ou afiada. Ele poderia ter decidido que o aposento não era seguro o bastante. Afinal, Safira tinha acabado de arrombar a fechadura.

Havia inúmeras possibilidades. Roa precisava descobrir a explicação.

— Nós precisamos voltar — disse Safira, olhando para a porta. — Se foi atrás disso que você veio, não está aqui.

Sabendo que ela estava certa, Roa fechou a caixa.

Quando as três voltaram para a escada, a história da Tecelã do Céu inundou os pensamentos de Roa.

Ela pensou na pessoa que havia enganado a morte oito anos antes. Na

pessoa que havia tomado o lugar de sua irmã. Na pessoa cuja alma ela precisaria trocar pela de Essie.

Pela primeira vez desde que tomara a decisão, Roa hesitou.

Poderia fazer algo assim? Tomar uma alma?

Ela pensou nele no corredor lá embaixo, falando alto, bêbado, flertando. Pensou nele sentado naquela reunião do conselho, quebrando cada um dos pontos do tratado sem hesitar. Pensou no selo dele no bolso de Sirin.

Sim, Roa disse a si mesma, com os punhos fechados. *Eu posso. Posso fazer isso pela minha irmã.*

Elas estavam quase no salão de jantar quando por pouco não trombaram com Rebekah. A anfitriã parecia orgulhosa e elegante à luz fraca do dia, com o caftã dourado reluzindo sob as tochas.

Garnet e outro draksor corpulento a acompanhavam. Eles não eram soldats, mas pelo jeito como se postavam, com seus braços grandes cruzados, pareciam algo parecido com guardas domésticos.

E do lado de Rebekah estava…

— Theo? — Roa e Lirabel disseram em uníssono.

Ele sorriu timidamente para elas. Seu cabelo castanho-escuro estava puxado para trás no coque habitual, e ele usava uma túnica de seda, no estilo de Firgaard, que pairava logo acima do joelho, com calça por baixo. Roa podia ver a costura delicada de prata de onde estava.

— Que roupa é essa? — ela perguntou, olhando-o de cima a baixo. Quase o confundira com um draksor.

Onde havia arrumado um traje tão fino? E como fora convidado para aquele jantar?

— Minha rainha — Rebekah a interrompeu. — Que coincidência. Seu amigo e eu estávamos falando de você. — A bainha de prata refletiu a luz da tocha. — O que está fazendo aqui no corredor?

Roa olhou para a adaga, tomada por um pensamento repentino.

— Nós nos perdemos — Lirabel respondeu depressa para ela. — Safira nos encontrou.

Os olhos castanho-escuros de Rebekah se estreitaram levemente.

— Vocês nos dariam licença? Há coisas que eu gostaria de discutir com a rainha.

— Bem que eu gostaria, Bekah, mas…

Garnet e o outro draksor se adiantaram, com as lâminas sacadas pela metade.

— Não vai demorar — disse Rebekah, com um sorriso doce.

O olhar de Lirabel encontrou o de Roa enquanto a comandante segurou o punho de sua arma.

— Não — disse Roa, tocando o braço de Saf. Ela manteve os olhos na adaga no quadril da anfitriã. — Está tudo bem. Voltem para o salão de jantar.

— Sabe que não posso fazer isso — disse Safira, olhando para o guarda com uma cicatriz.

— É uma ordem.

Safira a encarou, e por um momento Roa pensou que ia se recusar a obedecer. Mas então ela baixou a mão e inclinou a cabeça com rigidez.

— É claro, minha rainha.

Roa não gostou do jeito como Rebekah analisou Safira e Lirabel, como se fossem insetos sob uma lupa. E gostou menos ainda do jeito que Rebekah estudou Essie. Como se ela estivesse menos para um pássaro e mais para uma… refeição.

— Vá com elas — Roa disse à irmã, afastando-a do ombro.

Surpresa, Essie não teve tempo de fincar suas garras. Antes de cair, ela abriu as asas e voou para Lirabel.

Com Theo ao seu lado, Roa olhou para trás mais uma vez e viu Essie, Lirabel e Saf observando-a com preocupação.

Rebekah os levou para um aposento cheio de aves.

Águias, corujas, pardais, corvos. E o pior de tudo: um falcão do deserto. Todas elas paradas de modo não natural. Observando Roa das paredes. Com os olhos sem vida. Sem alma.

Roa e Theo se entreolharam.

O quarto cheirava a morte e medo.

Graças às estrelas que Essie não está aqui.

Rebekah estava sentada em uma poltrona grande demais para ela, olhando para Roa do outro lado da mesa.

— Como eu disse, meu pai ama pássaros. Este é seu segundo aposento favorito.

Roa engoliu em seco, pensando em qual seria o predileto.

— Por que estamos aqui? — ela perguntou.

Rebekah se inclinou para trás, segurando os braços da poltrona do pai e estudando a nova rainha.

— Theo veio me pedir ajuda — disse ela. — Ele está muito preocupado com você.

Roa olhou para Theo, que se sentou na poltrona ao lado. *O quê?*

— Ele disse que você não percebeu o que estavam fazendo — Rebekah prosseguiu. — Disse que Dax a convenceu a marchar com um exército ao seu lado, lutar na guerra, desmanchar o noivado… Tudo na esperança de proteger seu povo.

Roa empinou o nariz. Não fora como acontecera. Dax *pedira* sua ajuda, em troca, Roa pedira um casamento. Ela sabia exatamente o que estava fazendo.

Não era a vítima ali.

— Você percebeu tarde demais que ele não era o homem que pensava.

Roa se recostou na poltrona. Pelo menos aquilo era verdade.

— E agora quer desfazer as escolhas que tomou — Rebekah prosseguiu.

Roa olhou para Theo, atrás de um esclarecimento.

Ele retribuiu o olhar.

E as peças se encaixaram.

Ele estava vestido como um draksor abastado. Fora convidado por Rebekah, uma garota que mal tolerava os nativos, para um jantar comemorativo.

Ela era o contato que ele havia mencionado na noite anterior.

Roa encarou seu amigo.

— Me diga que não fez isso — ela sussurrou.

— Theo me contou tudo. Sei que está tramando contra o rei.

A boca de Roa ficou seca. Ela desviou os olhos de Theo e encarou Rebekah, preparando uma mentira. Com todas as forças.

— Não estou tramando nada.

— Então por que se esgueirou para fora do palácio ontem à noite para se encontrar com ele? — Os lábios de Rebekah se curvaram num sorriso.

Roa segurou os braços da poltrona. Em nenhuma hipótese Theo deveria ter contado aquilo a Rebekah. Colocava os dois em imenso perigo.

— Você está conspirando com o garoto que ama para tirar seu marido do trono.

Parecia que seu coração tinha parado de bater.

O que você fez?, ela pensou, encarando Theo.

Ele tentou tocá-la.

Roa se afastou.

— O pai dela é o homem mais influente em Firgaard — disse Theo. — Ele

pode nos ajudar, Roa. Se ofereceu para nos dar tudo o que queremos.

— Nos ajudar? — O coração de Roa voltou a bater, mas descontrolado. *Ela?*

Roa começou a levantar. Não podia ficar sentada ali ouvindo aquele absurdo. Queria ir embora.

Theo agarrou seu ombro, impedindo-a. Ela olhou para a mão dele, segurando-a com força, mantendo-a sentada. Seus olhos dourados imploravam.

— Roa, por favor. Apenas ouça.

Ela se virou para encarar Rebekah, com o corpo tenso. Da parede, o falcão empalhado encarava Roa com seus olhos sem vida. Aquilo a deixava arrepiada.

— Se vai fazer isso, precisará de proteção — disse Rebekah. — Meu pai e eu temos amigos poderosos na corte, no conselho e no exército. Tudo o que preciso fazer é dar o comando e todos apoiarão você.

— O exército é leal a Safira — disse Roa.

Rebekah sorriu.

— Não tão leal quanto ela pensa.

Roa pensou em Sirin. Em quão facilmente o guarda quase havia se livrado dela.

— Posso dar a você o que *mais* quer — disse Rebekah.

Roa fez uma careta.

— E o que seria?

— Isto. — Rebekah pegou a adaga na bainha. Suas mãos finas a ergueram. A lâmina brilhou debilmente, como o luar prateado. De onde estava sentada, Roa podia sentir um estranho murmúrio do outro lado da mesa. — Acredito que seu povo chame isso de… faca da Tecelã do Céu?

Roa engoliu em seco, enquanto Rebekah embainhava a lâmina que poderia salvar Essie.

Quanto Theo havia contado a ela?

— Somos mais parecidas do que pensa, Roa. Vemos além daqueles ao nosso redor. Entendemos o que precisa ser feito e que o bem maior exige sacrifícios.

Roa gritou contra aquilo com todo o seu ser. Ela não queria ser parecida em nada com aquela criatura fria e calculista.

— Dax é um rei instável e incompetente. Ele também me traiu. É tão perigoso para Firgaard quanto inútil em amainar o sofrimento do seu povo.

Posso não gostar da ideia de uma nativa sentada no trono, mas, se eu pudesse escolher, preferiria você a ele.

Para me controlar como um fantoche, Roa pensou.

— Se quer tomar o poder, vai precisar de mais do que um punhado de nativos com lanças pontudas. — Rebekah riu.

Roa se irritou. Se ela precisava de algum motivo para não firmar um acordo com Rebekah, lá estava ele. Ela nunca veria Roa ou seu povo como iguais.

— Posso te ajudar. *Quero* ajudar. Tudo o que peço em troca pela faca é que me envolva no planejamento.

Por quê?, pensou Roa, espiando a adaga, depois encarando Rebekah. *O que Dax fez para que o odiasse tanto?*

Ela ainda podia negar que estivesse tramando contra Dax. Era a palavra de Theo contra a dela. Mas, no momento em que a deixasse se envolver, Rebekah teria o que precisava para acusá-la de traição.

Se ela aceitasse os termos de Rebekah, se a deixasse a par dos planos, ficaria completamente à sua mercê.

— Não posso te envolver em um plano do qual não faço parte do mesmo modo que não posso lhe dar informações que não tenho — disse Roa. — Agora, se me dão licença, meu marido deve estar se perguntando onde estou.

Pelo menos agora Roa sabia onde a faca da Tecelã do Céu estava. Arrumaria outro jeito de obtê-la.

Ela fez menção de ir embora. Os guardas de Rebekah pararam na frente da porta, bloqueando o caminho.

— Deixem — disse Rebekah. — Ela já ouviu nossa oferta. Daremos uma chance de considerar.

Nunca considerarei isso, Roa pensou.

Assim que eles saíram do caminho, ela empurrou a porta, então algo chamou sua atenção.

No canto do quarto havia um arco e uma aljava cheia de flechas. Tinham ficado fora do campo de visão dela enquanto estivera sentada de frente para Rebekah, mas agora via bem. O arco fora esculpido em madeira preta, e as flechas tinham penas de corvos brilhantes.

Pouco mais de dois meses antes, ela e Lirabel estavam debruçadas sobre um mapa enquanto Torwin ensinava Dax a atirar. Eles estavam escondidos na Casa da Sombra arruinada. O skral sardento usava um arco de madeira preta e flechas com penas de corvo para ensinar Dax. Roa se lembrava daquilo

porque Lirabel não conseguia tirar os olhos delas. Dissera a Roa que era o arco mais bonito que já tinha visto.

Aquele arco, aquelas flechas…

Não, pensou Roa.

Mas a quem mais poderiam pertencer?

Dezenove



O MEDO SERPENTOU PELAS ENTRANHAS DE ROA enquanto ela recuava no salão de jantar.

A noite havia caído e o ambiente fervia de risada e conversas. Ao longo das paredes, candeeiros de latão ostentavam chamas flamejantes. As máscaras dos convidados brilhavam, deixando-a zonza.

Roa estudou a multidão. Viu Dax primeiro, exatamente onde o havia deixado. Um grupo de jovens o cercava. Elas olhavam para o rei através dos cílios longos, lançando sorrisos para ele, rindo alto de suas piadas.

Dax retribuía os gestos. Quando foi engolir o restante do vinho, seu olhar encontrou o de Roa sobre a borda da taça. Seu sorriso desapareceu ao vê-la.

Ela partiu na direção dele, empurrando os convidados mascarados, que já estavam meio bêbados. Dax a observou por um momento, então colocou a taça na mesa e pediu licença. Seus guardas o acompanharam enquanto ele andava na direção dela.

Quando se encontraram no meio do salão, seu olhar cintilou sobre ela.

— Tem algo errado? — Ele ergueu uma mão, como se fosse tocá-la. — Você está bem?

Roa balançou a cabeça.

— Estou bem. Não sou eu. É…

— Você não está bem. — Ele segurou as mãos dela. — Roa, você está tremendo.

Ele as ergueu para mostrá-las a ela. Tremiam como folhas. Roa se soltou.

— Acho que algo terrível aconteceu — disse ela.

Um sino badalou do outro lado do salão, distraindo-os. O volume da conversa caiu até virar silêncio. Dax e Roa olharam para onde todos estavam olhando: o centro do salão, onde um homem alto e magro estava de pé. Seu traje era carmesim e anéis brilhavam em seus dedos.

— O barão Silva — explicou Dax.

Ao lado dele estava Rebekah.

— Convidados de honra! — O rosto de Silva brilhou enquanto ele olhava para todos. — A refeição logo será servida. Mas antes tomem seus lugares, porque minha filha tem um anúncio a fazer.

Ele assentiu para Rebekah, que sorriu.

De repente, Safira, Lirabel e Jas estavam ao lado de Roa. Essie saltou do ombro de Lirabel para o da irmã, aproximando-se ao sentir sua angústia.

— Onde você estava? — Lirabel perguntou.

— O que aconteceu? — Safira disse no mesmo instante.

Mas Rebekah as interrompeu, sua voz ecoando pelo salão enquanto enlaçava o braço do pai.

— Vários dias atrás, meu pai voltou de uma caçada com uma presa fascinante. Ele gostaria de mostrá-la agora a vocês como um presente para a nova rainha, de seu bom amigo, e o rei.

Rebekah assentiu para Garnet, que desapareceu por um conjunto de portas e voltou não com um animal empalhado e montado, mas com uma pessoa. Uma pessoa cujas mãos estavam atadas atrás das costas e cuja cabeça estava encapuzada.

Garnet retirou o capuz para revelar um jovem de pele sardenta e olhos cinza e frios.

Um arrepio gelado percorreu Roa.

As mãos de Dax se fecharam tão firmes em punhos que suas juntas embranqueceram. Em um segundo, todos os traços de indecisão do rei se foram, substituídos por algo mais perigoso.

Reconhecendo o jovem do outro lado da sala, Essie guinchou de raiva. Suas asas se abriram e seus olhos brilharam. Ao ouvi-la, Torwin levantou o

rosto para olhar para seus amigos.

— E então, minha rainha? — A voz de Rebekah ecoava como sinos enquanto ela olhava para Roa do outro lado do salão. — Meu pai capturou um fugitivo e um traidor do trono para você. Não vai vir até aqui agradecer?

Dax fechou os dedos, como se desejasse firmá-los em volta do pescoço de Rebekah. Ele começou a se mover.

Lirabel o segurou, afundando os dedos em seu braço.

— Não morda a isca — ela murmurou, segurando-o. — Imprudência não vai salvar ninguém.

Não, pensou Roa. *Não vai.*

Se ela tivesse contado a alguém sobre a carta de Asha, aquilo poderia ter sido evitado.

— Vou lidar com isso — disse ela.

Dax olhou para ela, mas Roa já atravessava a sala. As garras de Essie seguravam seu ombro com firmeza, e seus olhos estavam fixos em Rebekah.

Na metade do caminho, Torwin se pronunciou.

— Sabe a quem eu pertenço? — Seus olhos cinza brilharam como o reflexo de chamas em uma espada.

Silêncio recaiu sobre o salão. Roa parou enquanto Rebekah se virava para ele, as sobrancelhas pretas e finas desenhando um V perverso.

— Sabe o que ela faz com os inimigos?

Por um momento, Roa vislumbrou o garoto que havia lutado com bravura pelo coração de Asha. Um garoto feito de aço afiado. Um garoto que havia sobrevivido a monstros e tiranos.

Um garoto sem senso de autopreservação.

— Se esqueceu de que ela era a iskari? A *portadora da morte*? — A luz do fogo refletiu em seu cabelo, fazendo-o chamejar como o pôr do sol. — Ela é irmã do rei. Guardiã de um dragão tão feroz que é capaz de incendiar uma cidade inteira. — Ele olhou para Rebekah como se ela estivesse abaixo dele. Como se tivesse encarado coisas muito mais assustadoras na vida. — Mas eu a amo. — Ele suavizou a voz. — E aqueles que me separam dela costumar ter um final terrível.

O que está fazendo?, pensou Roa. Ele havia acabado de ameaçar a pessoa mais cruel e ardilosa do salão. A pessoa que poderia feri-lo com mais facilidade.

Rebekah foi para diante do troféu do seu pai, olhá-lo de cima a baixo.

— Perfeito. Quanto mais cedo vier atrás de você, mais cedo poderei

executar a sentença como nosso rei deveria ter feito semanas atrás.

Todos no salão sabiam do que se tratava.

Morte.

Estava claro pelo rosto de Rebekah que ela não queria punir Asha porque acreditava em justiça. Queria fazê-lo para atingir Dax.

Roa encarou a jovem diante dela, envolta em ouro, com o cabelo trançado. Como havia se tornado aquilo? Alguém que se alimentava da dor dos outros?

— Aceito seu presente generoso — disse Roa, tentando afastar de Torwin o olhar peçonhento de Rebekah. — Nós vamos transportá-lo…

— *Não* — disse Rebekah, com a voz entrecortada. — Meu pai e eu ficaremos com ele, por segurança. — Ela olhou para Dax do outro lado da sala. — Me diga, meu rei, qual é a punição por ajudar um criminoso culpado de regicídio?

Dax a encarou de volta, silencioso como uma pedra.

— Levaremos o assunto ao conselho. Amanhã.

Roa sentiu um aperto no coração. Aquele era o jogo de Rebekah, mas ela tinha um último lance.

— Ou talvez possamos discutir termos mais favoráveis — disse Roa.

O sorriso da outra voltou mais afiado e frio do que nunca. Como a lâmina de uma faca.

— Isso seria aceitável — disse Rebekah, que olhou para Essie, encarando-a do punho de Roa.

Essie abriu as asas numa demonstração de raiva destemida, mas Roa sentiu como se barras invisíveis já estivessem sendo erguidas em volta delas. Sabia quais seriam os termos. Antes de se afastar, Roa olhou para Garnet, que segurava a corda prendendo as mãos de Torwin.

— Machuque o garoto — disse ela, de modo que apenas Garnet e seu prisioneiro pudessem ouvir — e será o segundo guarda que deixarei em um beco com a garganta cortada.

Apesar de tudo, Torwin sorriu de canto de boca para ela. O ato foi tão ousado, tão corajoso, que fez Roa se sentir mais forte do que nunca.

Vinte



NO JANTAR, A MESA RANGIA COM O PESO DA COMIDA empilhada alta em bandejas e jarros de prata cheios de vinho. A visão deixou Roa enojada. Por anos ela vira os campos da Música irem do dourado para o branco, vira seus pais racionar refeições, observara as pessoas fazendo fila por esmolas.

Os convidados à sua volta se empanturravam, indiferentes à fome do seu povo.

Mais do que aquilo, brincavam e riam, completamente esquecidos de Torwin. Como se não tivesse acabado de ser caçado como um animal.

Roa não tocou na comida. Seu apetite havia desaparecido.

Mais tarde, conforme os convidados partiam, ela instruiu Dax, Lirabel, Jas e Safira a prosseguirem sem ela.

— De jeito nenhum. — Safira não arredou o pé. — Perdeu o juízo?

Dax não disse nada, só a estudou. A matiz dourada de sua túnica complementava sua pele quente. Seus cachos estavam domados aquela noite, mas inícios de uma barba pontilhavam suas bochechas.

— É minha culpa — Roa lhe disse. — Preciso resolver a situação.

Os olhos azuis de Safira se arregalaram de preocupação.

— Como exatamente você planeja resgatar Torwin sozinha e desarmada?

— Só… confie em mim. — Roa mal pôde olhá-los nos olhos enquanto dizia aquilo. Ela sentiu o olhar de Dax como um peso a pressionando.

— Eu vou com você — disse Safira.

— Esperaremos você no pátio — disse Dax no mesmo instante.

Safira olhou para ele, abismada. Algo foi passado no olhar que os dois trocaram. Um momento depois, Safira cedeu.

— Se demorar demais, vamos atrás de você.

Rebekah levou Roa para um aposento diferente daquela vez. Tinha um cheiro estéril, de vinagre e limão.

No momento em que entrou, Essie hesitou, inquieta em seu ombro, se mantendo próxima a Roa. Não demorou muito para a irmã encontrar a fonte da sua inquietação.

A maior parede do aposento estava repleta de gaiolas pretas. Algumas permaneciam vazias, mas a maioria estava cheia de aves — algumas cantando e pulando freneticamente, outras, resignadas com seu destino, se empoleirando cautelosas.

Havia instrumentos afiados de todas as formas e tamanhos em uma mesa pequena, suas lâminas brilhando à luz da tocha.

Roa coçou as asas da irmã com as costas dos dedos, tanto para seu próprio conforto quanto para o dela.

Theo entrou no aposento atrás dela, seguido de Garnet e três outros guardas. Ao vê-lo, Roa se virou rapidamente.

— Estou muito feliz que tenha mudado de ideia — disse Rebekah enquanto ela se aproximava de uma ampla bacia de fogo. — Que tipo de termos gostaria de discutir?

Roa tocou a aba de ferro da bacia. Nas savanas, eram todos gravados com orações do Antigo. Não era o caso ali.

— Me entregue Torwin e a faca da Tecelã do Céu esta noite e darei o que você quer — disse Roa.

— De acordo. — Pegando o metal e a pederneira, Rebekah os esfregou até os gravetos se acenderem na bacia. Gentilmente, ela soprou as faíscas até os galhos se acenderem. — Me conte seus planos e poderá sair daqui com ambas as coisas.

Roa balançou a cabeça.

— Torwin não é uma *coisa*. — Ela não assumiria riscos. — Preciso de

uma garantia de que vai entregá-lo vivo e ileso.

Rebekah levantou o rosto.

— Um relacionamento não funciona sem confiança, Roa.

Se seu senso de perigo não estivesse tão aguçado, Roa teria revirado os olhos. Confiaria numa cobra antes de confiar nela.

Rebekah devia ter percebido aquilo. Ela deu um comando silencioso para Garnet, que deixou o aposento. Alguns segundos depois, quando a fumaça começou a espiralar na direção do buraco no teto, Rebekah caminhou na direção da ampla janela que dava para a área externa.

— Venha ver.

Roa se juntou a ela, espiando pelo vidro. No pátio lá embaixo, a porta da casa se abriu e Torwin saiu por ela, esfregando seus punhos já desamarrados. Na outra ponta do pátio altamente iluminado, Lirabel, Safira e Dax estavam absortos em uma conversa, cercados pelo rei e pelos guardas da rainha. No momento em que avistaram Torwin, pararam de conversar e se separaram, olhando para o amigo.

Safira foi a primeira a correr para ele, quase derrubando-o ao abraçá-lo. Atrás dela, os lábios de Dax se moveram. Safira o soltou e Torwin balançou a cabeça, respondendo à pergunta de Dax. O rei olhou rapidamente para a casa, com o cenho franzido.

— Viu só? — disse Rebekah, voltando à bacia e empilhando gravetos nas chamas. — Ele está em segurança.

De repente Roa se sentiu aprisionada. Como se Torwin ser libertado fosse a chave se virando para trancá-la na gaiola.

Em seu ombro, Essie eriçou as penas e se inquietou, mudando nervosa o apoio de uma garra a outra.

Garnet voltou um segundo depois, fechando a porta atrás de si.

Rebekah levantou os olhos do fogo e mirou o falcão branco empoleirado no ombro de Roa.

— Então… você precisa matar o rei para salvar sua irmã.

Roa ficou tensa.

Rebekah sabia que o falcão era sua irmã? Haveria alguma coisa que Theo não contara a ela?

Roa pressionou as palmas contra a janela, apoiando-se nela. Essie afundou as garras em seus ombros, estabilizando-a.

— Como, exatamente, isso vai funcionar? — Rebekah perguntou.

Roa engoliu em seco. Assumindo uma postura firme, ela se virou para

encará-la.

— Tem que ser feito durante a Renúncia, com a faca da Tecelã do Céu. No mesmo dia em que Essie retomaria sua verdadeira forma. Nessa noite, com essa lâmina — ela assentiu para a arma na bainha de Rebekah — a Tecelã do Céu aceitará a alma de Dax pela de Essie, porque ela morreu quando deveria ter sido ele.

Rebekah a estudou. Pelo olhar em seu rosto, não acreditava em coisas como almas ou na Tecelã do Céu. Mas manteve aquilo para si mesma.

— Ao tirar a vida dele, você estará abrindo mão da sua.

— É por isso que precisamos da sua ajuda — disse Theo de trás de Roa, que ficou tensa ao som da voz dele.

Rebekah assentiu.

— Como eu disse, meu pai e eu temos muita influência em Firgaard. A corte já estava infeliz com a revolta de Dax. Estão todos ainda mais infelizes agora que ele subiu ao trono. Se apoiarmos a rainha, eles vão nos seguir.

As palavras perturbaram Roa. Ela não confiava em Rebekah ou na corte. Mas não havia nada que pudesse fazer: havia se aliado a ela, não importava o quanto odiasse aquilo. Era o preço da liberdade de Torwin.

— Haverá mais do que o dobro de pessoas na cidade para a Renúncia — disse Roa. — A maioria delas estará mascarada. Será o caos, o que significa que a atenção de Safira estará dividida. Você e Theo precisarão usar isso a seu favor enquanto eu…

Quando ela não concluiu a sentença, Rebekah o fez, observando-a com atenção.

— Enquanto você crava a faca em Dax.

Roa desviou o olhar, pensando no rei no salão de jantar. No modo como segurara as mãos trêmulas dela. Em sua expressão de pura raiva ao ver Torwin nas garras do inimigo.

Mas na noite anterior ela havia encontrado o selo dele no bolso do homem que tentara matá-la.

Roa afastou a confusão da mente, preferindo se concentrar no que precisava fazer: libertar a alma de Dax com a faca da Tecelã do Céu para salvar a irmã.

— Tenho cinquenta homens a caminho — Theo falou então. — Mas, para tomar o palácio, algo que teremos que fazer se quisermos ter uma chance contra Safira e seu exército, precisamos de um jeito de entrar. O portão frontal estará protegido.

Os olhos de Rebekah se iluminaram.

— Dax mostrou a você as passagens secretas?

Roa ergueu o olhar. *Passagens secretas?*

— Não.

Rebekah inclinou a cabeça, como se fosse um fato interessante que ela estava guardando para depois.

— Ele já falou ao meu pai a respeito. Existe pelo menos uma que leva para fora da cidade. — Ela ergueu as mãos sobre o fogo, aquecendo-se. — Como você é a única entre nós com acesso irrestrito ao interior do palácio, terá que encontrá-la.

Roa apertou as mãos na borda de ferro da bacia.

— Cinquenta nativos não são o suficiente — disse Rebekah. — Mas posso triplicar esse número.

— Como? — Roa perguntou.

— Muitos soldados foram rebaixados ou dispensados quando Safira se tornou comandante. Entre eles, vários soldats de alta patente. Estão todos em dívida com meu pai, que os ajudou a encontrar novos empregos. Eles estarão à nossa disposição. — Ela abriu aquele sorriso assustadoramente bonito. — Enquanto encontra a passagem, Theo e eu descobriremos a melhor maneira de tomar o palácio de dentro.

Roa olhou para Theo. Seu rosto estava nas sombras, mas chamas pareciam dançar em seus olhos enquanto Rebekah falava.

— E se eu não conseguir encontrar? — Roa perguntou. — E se não existir uma passagem?

— Existe, sim — disse Rebekah. — E se alguém pode encontrar é a garota que trapaceou para chegar ao trono.

Roa olhou para a janela, percebendo que seu plano não afetava somente Dax. Também colocava outras pessoas em perigo: Lirabel, Safira e todos no palácio.

O que estou fazendo?

Ela se afastou da bacia. Queria sair do aposento. Sair daquela casa.

— Se isso é tudo, é melhor eu ir. O rei e a comandante estão desconfiados. — Ela esticou a outra mão. — Você me prometeu a faca.

— Só mais uma coisa — disse Rebekah.

Algo em sua voz fez Roa se arrepiar. Essie se aproximou, esfregando a asa na bochecha da irmã.

— Também gosto de garantias. Como dei uma a você esta noite, é justo

que retribua.

Roa franziu o cenho, perguntando-se de que tipo de garantia ela precisava. Então sentiu os guardas deslizarem para as sombras atrás dela, mantendo-se no caminho para a porta.

— Agora que estou nisso, não posso me arriscar a um jogo duplo da sua parte — Rebekah prosseguiu. — Preciso garantir que seja leal a *mim*.

De repente, Essie guinchou e apertou ainda mais as garras. Um segundo depois, elas foram arrancadas, rasgando a pele de Roa.

A garota gritou, virando para encontrar Garnet com o corpo de Essie nas mãos, apertando suas asas enquanto ela lutava, contorcendo-se e tentando bicá-lo.

Roa pegou a faca de Essie da panturrilha.

— Tire as mãos dela!

Quando ele não obedeceu, ela avançou.

Um dos guardas ergueu o braço, com a mão cerrada em punho. Roa correu direto para ele, que a acertou no peito, tirando seu ar e deixando-a tonta. Ele a arrastou de volta, afastando-a da irmã. Roa se recuperou e bateu o cotovelo contra o rosto dele. O homem xingou e a soltou.

Ela ouviu Theo gritar. Ouviu armas sendo sacadas.

Roa viu Garnet indo na direção de uma das gaiolas. Essie guinchou e se debateu, tentando desesperadamente libertar as asas. A porta de uma gaiola vazia pendia aberta.

Não…

Roa ficou de pé.

Quatro espadas se cruzaram imediatamente diante do pescoço dela enquanto guardas avançavam, bloqueando seu caminho.

Roa sentiu o toque afiado do aço. Ela parou, olhando impotente para Essie, que tinha enlouquecido ao ver a irmã em perigo.

Garnet enfiou Essie dentro da gaiola. Ele fechou a porta e virou a chave na tranca.

— Não… — Roa gritou enquanto Essie se lançava contra as grades, se debatendo e voando, de novo e de novo. Roa foi na direção dela, e as lâminas se apertaram em volta do seu pescoço. Suas mãos vazias se abriram e fecharam enquanto ela viu a irmã se machucar até a exaustão.

Por fim, Essie caiu no fundo da gaiola e não levantou. Seu peito branco subiu e desceu rapidamente com a batida apavorada de seu coração diminuto.

Theo estava preso à parede, com a borda exposta de um sabre no pescoço.

— Isso nunca fez parte do acordo! — ele gritou, e Roa notou o pesar em sua voz.

Ela expandiu sua mente, desesperada para encontrar a da irmã. Mas não houve resposta. Essie apenas a olhava.

— Ouvi que há coisas piores do que espíritos que não atravessaram.

Roa desviou os olhos da irmã e viu Rebekah se aproximar da gaiola, com a faca da Tecelã do Céu desembainhada. Essie olhou para ela pelas barras.

— Meu pai não coleciona somente artefatos — ela prosseguiu. — Também coleciona histórias. Quando Theo me contou por que você precisava da faca, pesquisei na biblioteca dele, e descobri que há algo chamado de "espírito corrompido".

Essie não foi corrompida, pensou Roa, sem conter o calafrio. Espíritos corrompidos eram mortais, e o espírito da irmã apenas não havia atravessado.

— A história dizia que se a alma do morto ficar aprisionada por muito tempo, incapaz de atravessar, cedo ou tarde ela se transforma em horror. — Rebekah segurou uma das barras da gaiola com a mão livre, espiando o lado de dentro como se quisesse confirmar aquilo. Como se quisesse que Essie se transformasse em um monstro bem diante dela.

O peito de Roa se apertou, dificultando a respiração.

— Por favor. Devolva ela.

Rebekah embainhou a faca da Tecelã do Céu, afastando-se da gaiola.

— Não até eu ter absoluta certeza da sua lealdade.

— Farei o que você quiser. Eu juro. Mas solte ela.

— Basta. — Rebekah afiou a voz e estreitou os olhos. — Uma rainha não implora. Faça como prometeu e sua irmã será libertada.

Quando as lâminas foram recolhidas, Roa sentou no chão, olhando para Essie. Engaiolada. Aprisionada. Tirada dela de novo.

— A Renúncia será em cinco dias. — Rebekah foi lentamente na direção de Roa. — Se me disser o local da passagem em três, eu devolvo sua irmã. — Ela estendeu a faca da Tecelã do Céu com as duas mãos. O aço brilhou à luz do fogo. — Temos um acordo?

Roa encontrou o olhar de Essie.

Todo mundo tinha uma fraqueza, e Rebekah havia encontrado a dela.

— Sim — Roa sussurrou.

— Três dias — disse Rebekah, passando a faca para ela. — Você tem até a meia-noite para me contar o que quero.

Os dedos de Roa se firmaram na bainha. Era mais frio do que qualquer aço

que já havia segurado.

Frio como a morte.

A última Renúncia

Toda Renúncia, quando a noite caía e os membros da família e da casa se reuniam em volta do fogo-coração, a garota entrava no salão, acendia uma vela na janela e esperava sua irmã aparecer.

Ela sempre vinha.

Mas a cada vez parecia um pouco menos como ela mesma.

Na última Renúncia, enquanto o crepúsculo se instaurava, a garota sentou perto das águas calmas da pedreira, trançando os cachos da irmã no escuro.

— Acho que estou desaparecendo — disse a irmã.

A garota parou o trançado.

— O quê?

— Não sei mais o que sou. Um falcão? Uma garota? Ou alguma coisa diferente*?*

Ela estremeceu. A garota disse a si mesma que era apenas o ar frio.

— Não sei qual é meu lugar.

— Seu lugar é comigo — disse a garota, buscando suas mãos e as segurando com firmeza. — Você é minha irmã. E uma filha da Casa da Música.

— Sou? — Ela sorriu com tristeza, mantendo a cabeça baixa. — Nunca mais viverei naquela casa, ou sentirei os calos nas palmas após um verão no campo. Nunca mais vou me apaixonar. Nunca pegarei meus próprios filhos no colo. Mas você… você tem a vida inteira. Vai crescer e mudar, enquanto eu permanecerei a mesma. Para sempre.

O sol estava nascendo. As garotas podiam sentir a mudança no ar, cheio de orvalho e tingido de dourado.

— Às vezes sinto que estou aprisionada — ela sussurrou. — Em uma gaiola que vai ficando menor a cada dia.

Lágrimas brotaram em seus olhos. A garota segurou as mãos da irmã com mais força.

— Não quero mais estar aprisionada — ela sussurrou com uma expressão

de súplica. — Quero ser livre.

Na manhã seguinte, quando o falcão voltou, três de suas penas haviam se tornado brancas. Quando ergueu a cabeça, havia um anel prateado em torno de seus olhos.

Vinte e um



A CADA PASSO PARA LONGE DA IRMÃ, Roa se sentia um pouco menos viva. Ela havia ajustado as fivelas das tiras de couro em volta da panturrilha para acomodar duas bainhas: uma para a faca de Essie e outra para a da Tecelã do Céu. A segunda estava lá agora, escondida sob o caftã. Mas seu peso frio só deixava Roa mais perturbada.

Pagara um preço muito alto por ela.

Roa tinha apenas três dias para encontrar um caminho para os homens de Silva entrarem no palácio. Três dias para trair Dax. E depois… matá-lo.

Com Essie nas garras de Rebekah, não havia outra opção.

Salvar a irmã era tudo o que importava.

— Roa! — A voz de Theo soou atrás dela. Roa acelerou o passo rumo ao pátio, incapaz de encará-lo.

— Roa, por favor, espere.

Theo segurou o braço dela, mas Roa se livrou dele.

— Não me toque. — Sua voz tremia. — Nunca mais me toque sem minha permissão.

A boca de Theo era uma linha austera.

— Roa, eu sinto muito.

— É tarde demais pra isso. — O dano estava feito. Ele tinha revelado tudo.

Estava chovendo quando ela entrou no pátio. Roa ouviu as portas se abrirem e fecharem atrás dela conforme Theo a seguia para fora.

Os passos dele hesitaram.

Roa olhou para cima e viu o motivo. No fim do caminho iluminado por lanternas estava Lirabel, envolta no manto molhado, esperando com o cavalo. As guardas de Roa esperavam atrás dela. Celeste, Tati e Saba estavam montadas e prontas para cavalgar. Safira, Dax, Torwin e Jas não se encontravam por perto.

Roa se aproximou da amiga.

— Onde estão os outros?

— Deixando Torwin em segurança. — Lirabel tirou o manto de Roa do seu alforje. — Tiveram que usar seu cavalo. — Ela arremessou o manto seco e quente sobre os ombros de Roa. Após atar as borlas no pescoço da amiga, Lirabel subiu o capuz para proteger o rosto dela da chuva. — Terá que cavalgar comigo.

Roa montou atrás dela e passou os braços em torno de sua cintura. Não se virou para olhar para Theo, observando-a na chuva. Só pressionou a bochecha no ombro de Lirabel enquanto elas cavalgavam para longe do forte do barão Silva, com os cascos dos outros cavalos tinindo à frente e atrás delas.

Deixando Essie ali.

De volta aos estábulos do palácio, Roa disse a Lirabel para continuar sem ela. A garota do estábulo tentou pegar o cavalo, mas a rainha insistiu que tiraria ela mesma a sela e as rédeas. Não estava pronta para enfrentar o que a esperava dentro do palácio.

Sozinha com seus pensamentos tumultuosos, Roa levou seu tempo para desatar as fivelas do cabresto, ouvindo os rabos balançando e os leves relinchos dos cavalos. De repente, alguém abriu a porta da baia.

— O que você fez?

Roa tomou um susto, então viu Dax entrando na baia. A túnica dourada dele, ensopada de chuva, estava grudada no peito e nos ombros e seus cachos molhados pareciam colados à testa. Era como se tivesse corrido na chuva até ali.

Roa se afastou do rei carrancudo, indo mais para dentro do estábulo.

— O que ofereceu a ela? — A voz de Dax era um trovão.

Roa balançou a cabeça.

— Nada.

— Mentira. — As bochechas dele estavam molhadas e seus cílios grudados lembravam estrelas negras. — Sob nenhuma circunstância Bekah simplesmente deixaria Torwin ir.

Roa tentou encarar o olhar furioso dele, mas fracassou.

— Você foi comprada — disse ele, encurralando-a no canto da baia. — Não foi?

Estranhamente, mas Roa pensou ouvir na voz dele um medo tremulante.

— Torwin está livre, não está? Você tem o que queria. Quem se importa em como consegui?

Ele a olhava de um jeito austero e sombrio.

Que direito tinha de ficar bravo? Roa havia atravessado o deserto com um exército por Dax. Conquistara Darmoor por ele. Iniciara uma revolta com ele. Rompera seu noivado e causara um racha entre a Casa da Música e a Casa do Céu… tudo por ele.

E como Dax havia retribuído?

Primeiro, quebrando o coração de Lirabel. Depois, desrespeitando o tratado sem nem se importar. Aquela noite, enquanto ela salvava Torwin, enquanto Essie era forçada a entrar em uma gaiola, ele havia ficado flertando abertamente com as convidadas de Rebekah e bebendo despreocupado.

— As coisas poderiam ser piores — ela disse, amarga. — Você poderia ter se casado com uma bêbada promíscua.

Dax piscou, como se estivesse surpreso.

— Eu? — ele disse finalmente. — Eu sou o promíscuo?

Roa ergueu o queixo para encará-lo, pensando na mulher de caftã amarelo daquela noite. No modo como Dax bebia ao olhá-la.

Ah, como ela o odiava.

— Está falando da noite de hoje? — perguntou ele, como se lesse os pensamentos dela. — Eram só negócios.

Roa sustentou seu olhar, pensando em Lirabel.

— *Só negócios?* — Quantas garotas mais ele havia deixado grávidas, assustadas e chorando sozinhas? — São só negócios quando dorme em todas as camas de Firgaard menos na da sua esposa?

Roa se arrependeu das palavras no momento em que saíram da boca.

Não era aquilo que ela queria dizer. Não queria que ele aquecesse sua

cama.

Dax se aproximou, consumindo todo o ar dela.

— Você é minha esposa? — Ensopado como ele estava, Roa podia vê-lo por inteiro. A estrutura rígida dos ombros, a curva suave do peito. — Você dorme na minha cama ou na dos meus inimigos?

Ela se lembrou da última vez que haviam estado sozinhos no estábulo, no dia em que perdera a corrida para ele. Ela ainda lhe devia por aquilo.

— É verdade — Roa sussurrou, sem desviar o olhar. — Prefiro camas menos cheias que a sua.

Eles permaneceram por vários segundos olhando um ao outro, com o peito subindo e descendo em uma respiração sincronizada.

— Eu nunca deveria ter me casado com você — disse ele.

— Não lembro de ter lhe dado essa escolha.

Ele fechou as mãos em punhos e fez cara feia para ela.

— Pena que você é tão ruim com a espada — Roa prosseguiu, com o olhar cravado no dele. — Ou poderia se livrar de mim aqui mesmo. — Movida pela raiva, ela pensou no selo que havia encontrado no bolso de Sirin. — Poderia fazer sozinho o trabalho que teve que encomendar a alguém!

Ao ouvir aquelas palavras, o trovão deixou os olhos dele.

— O quê?

Roa indicou o estábulo vazio.

— Estamos sozinhos. Ninguém vai ouvir. Você poderia acabar comigo agora mesmo.

Dax a encarou.

— Do que está falando?

Talvez fosse o pesar por conta de Essie. Talvez fosse mais. O fato era que algo queimava em Roa, e ela não podia parar até que tudo fosse consumido.

— Encontrei seu selo no bolso de Sirin. Logo depois que ele tentou me matar.

Dax fechou a boca em uma linha rígida. Seus olhos escureceram.

— *O quê?*

Roa nunca o vira daquele jeito. O tom de voz fez o que queimava dentro dela vacilar.

Ela se afastou.

Dax foi na direção dela, diminuindo o espaço entre os dois, tenso de fúria.

— Explique direito. O que você está querendo dizer?

— Sirin me cercou em um beco — disse Roa. — Falou que tinha sido pago

para se livrar do problema do rei. — Ela tremeu com a lembrança. — Encontrei seu selo no bolso dele.

Por um momento, Dax ficou em silêncio, lembrando-se da noite anterior. Quando ela dera direto com ele, sozinha, sem guardas.

— E por isso você acha que fui eu quem deu a ordem — constatou o rei, com a voz amarga, sem nunca desviar os olhos do rosto dela.

A voz de Roa saiu em um sussurro.

— O que mais eu deveria pensar?

— Que o selo era falso. — A mandíbula de Dax ficou tensa. — Que alguém o falsificou.

Roa teve vontade de rir.

— Falar é fácil.

Ele não se afastou. Só ficou lá, estudando-a.

— Fiz uma promessa a você, Roa. — Ele suavizou a voz. — Na noite em que nos casamos.

A memória brilhou de relance em seus olhos: os dois deitados lado a lado na tenda, no meio do acampamento de guerra.

Ele ergueu a mão e, para surpresa de Roa, passou gentilmente o dedão pela bochecha dela.

— Eu jamais machucaria você.

Roa olhou para ele, paralisada.

— Você me machuca todos os dias.

Ela não tinha a intenção de dizer aquilo em voz alta.

Dax pareceu abatido, recuou imediatamente. Roa sentiu o mundo se precipitar, separando-os.

— Machuco? — ele sussurrou. Quando Roa não respondeu, disse: — Então não vou mais te incomodar.

Sem dizer outra palavra, ele se virou e saiu do estábulo.

Roa se recostou na parede na mesma hora. A raiva que queimava dentro de si desaparecera. Ela deslizou para o feno e pressionou as palmas contra os olhos, tentando acalmar a tempestade confusa em seu interior. Tentando espantar o medo.

No escuro e no silêncio, ela viu Torwin. Com as mãos atrás das costas enquanto olhava para Rebekah. O amor o purificava de todo o medo. Como se tivesse encarado a morte tantas vezes que Rebekah não passasse de mera irritação.

Roa conhecia a sensação de amar alguém daquele jeito.

Ela desembainhou a lâmina oculta em sua roupa. A faca da Tecelã do Céu brilhou no escuro, e Roa sentiu um estranho arrepio se entranhar em seus ossos. Enquanto estudava sua borda afiada e os símbolos desconhecidos no cabo, pensou em um falcão branco engaiolado.

Ela amava sua irmã mais do que tudo e todos. Faria o que fosse preciso para libertá-la.

Até mesmo matar um rei.

Um espírito corrompido

Era uma vez uma cachorra que amava muito seu mestre. Quando ele trabalhava até tarde, ela o esperava na porta da frente. Quando ele ia para a cama, ela se deitava a seus pés. Quando o mestre ficou muito doente, a cachorra nunca saiu do seu lado. Até que um dia ele caiu no sono e não acordou mais.

A cachorra choramingou enquanto a família se reunia em volta da pira. Ela uivou enquanto todos se despediam.

Anos se passaram, e a cachorra ficou sentada olhando fixamente para a porta da frente. Seus ouvidos perscrutando cada barulho, atentos aos passos de seu mestre. Certa de que ele voltaria para casa.

Por sete longos anos, a família sacudiu a cabeça com tristeza e a ignorou. As pessoas sabiam como seguir em frente; a cachorra não.

E todo ano na Renúncia a situação piorava.

Logo após o pôr do sol, a cachorra começava a latir.

E latir. E latir.

A família interrompia o jantar e olhava pelas janelas. Mas a noite sempre estava escura como tinta, e eles não conseguiam ver nada do lado de fora.

Quando a cachorra começava a uivar e arranhar a porta, eles acendiam uma vela, iluminando o caminho para a casa. Mas não havia ninguém lá.

Por fim, na oitava Renúncia, quando a cachorra estava velha e à beira da morte, o filho do mestre ficou com pena dela.

— Deixem ela sair — disse ele. E as crianças abriram a porta.

A cachorra correu para fora, abanando o rabo.

Algo entrou na casa, vestindo o rosto do mestre.

Na manhã seguinte, quando uma vizinha passou por ali, a porta balançava aberta, chamando para dentro.

Ela sentiu o cheiro de sangue antes de vê-lo. Sentiu o arrepio da morte antes de atravessar a soleira.

A família estava morta. O espírito corrompido do homem assassinara

todos, deixando somente a cachorra viva.

Era aquele o custo de não renunciar.

Vinte e dois



ROA PERAMBULAVA POR SEUS APOSENTOS. Os chinelos ressoavam gentilmente contra os azulejos do piso, em um forte contraste com a mandíbula tensa e o cenho franzido.

Ela precisava encontrar a passagem, mas continuava fortemente vigiada. E despistar as guardas pessoais que tinham sido designadas por ninguém menos do que Safira era uma missão quase impossível.

O único momento em que olhos não a miravam como flechas era quando ficava sozinha em seus aposentos. E Roa não podia procurar uma saída enquanto estivesse confinada ali.

O meio da tarde já havia chegado. Ela atravessou o arco da varanda, deixando escapar um resmungo frustrado.

E então parou de andar.

Na varanda diretamente oposta, ficavam os aposentos do rei. Dax deveria estar em reunião naquele momento — fora o que dissera a Roa no almoço —, mas havia movimento ali dentro.

As cortinas ondulavam com a brisa, obscurecendo a visão. Roa as agarrou e puxou para que pudesse ver melhor.

O rei tinha acabado de entrar no quarto. Ela o observou afrouxar os laços

da túnica.

Teria mentido sobre a reunião?

De repente, Dax saiu para a varanda. O coração de Roa acelerou enquanto se escondia atrás das cortinas, tentando se manter fora do campo de visão dele. Quando ousou olhar de volta, encontrou Dax apoiado na balaustrada, estudando os jardins que separavam os aposentos de ambos.

As palmeiras farfalhavam na brisa. As abelhas zuniam enquanto sobrevoavam as lavandas. Ainda assim, Dax olhava para baixo. Como se esperasse alguma coisa.

Ou alguém, Roa pensou.

Se fosse o caso, ela não queria ver. Estava prestes a voltar para o quarto quando Dax se impulsionou sobre a varanda, ficou dependurado da balaustrada por vários segundos e então se soltou para cair lá embaixo.

Roa parou de respirar. Ela esperou um momento, então saiu para sua própria varanda para vê-lo andando a passos largos em direção ao extremo norte dos jardins.

Aonde você vai?

Querendo descobrir, ela se livrou dos chinelos e escalou sua própria varanda. Como Dax, ficou dependurada por um momento, então fechou os olhos e se soltou.

Ela acelerou em direção ao chão. Sentiu dor nos tornozelos e fez uma careta. Sem demora, Roa olhou para a altura da varanda, mas não havia ninguém a observando. As guardas deviam estar no corredor, protegendo a porta do quarto.

Erguendo a bainha do vestido, ela correu atrás do rei.

Ali ficavam os antigos jardins da rainha-dragão, que cheiravam à savana. Roa sentiu o cheiro de jacarandás e tamareiras enquanto prosseguia a uma distância segura.

Claramente confiante de que ninguém o seguia, Dax não olhou para trás. Afinal, só ele e Roa ocupavam os aposentos reais e, portanto, seus jardins.

O rei desviou para um caminho de grama alta, e Roa disparou atrás dele, parando atrás de um eucalipto quando ele chegou ao muro do jardim. Do lugar onde estava escondida, ela o observou pressionar as mãos contra o gesso rachado e amarelando.

Dax empurrou.

O muro se moveu.

Roa ficou boquiaberta.

Era uma porta, e não um muro. Pela fresta que se ampliava, ela viu somente escuridão. Quando Dax desapareceu dentro dela, o muro voltou para o lugar, fechando-o lá dentro e deixando Roa do outro lado.

Ela soltou a bainha do vestido. Caminhou pelos arbustos de hibiscos, cujas folhas tocavam gentilmente sua pele. Roa tocou o muro, passando o dedo na linha muito fina que nunca teria visto se estivesse só de passagem.

Uma porta secreta.

Roa foi tomada por esperança.

Para garantir que Dax não a escutaria, esperou vários segundos, depois mais alguns. Enfim, pressionou a porta para abri-la.

Estava úmido e escuro lá dentro, e ela precisou manter uma mão na parede para saber aonde ia. Havia perdido Dax de vista, mas aquilo não importava. Não precisava saber aonde ele estava indo, e sim aonde a passagem levava.

Em vez de sair do palácio, ela parecia entrar cada vez mais nele. Depois de subir dois lances de escada, Roa deu de cara com uma porta.

Ela respirou fundo. Procurou a maçaneta, temendo que estivesse trancada. Quando a virou, a porta se abriu. Roa a puxou na sua direção.

Em vez de dar para a luz do sol, ela dava para… um tecido.

Roa tocou os fios emaranhados da parte de trás de uma tapeçaria. Então se aproximou e procurou ouvir atentamente, mas nenhum som veio do outro lado. Então, prendendo a respiração, ela empurrou a tapeçaria de lado e entrou no quarto mais além.

Raios brilhantes de sol banhavam o chão de mosaicos e a poeira no ar.

Era uma biblioteca.

O aposento bolorento estava aquecido. As estantes estavam cheias de pergaminhos e tomos, alguns recentes, outros desmanchando por conta da idade. Também havia alguns baús repletos de volumes.

As estantes se contorciam e serpenteavam como um labirinto complicado, atraindo Roa.

Mas se houvesse alguém ali…

Ela prestou atenção, mas só ouviu silêncio.

Roa olhou de volta para a tapeçaria da entrada. Era uma imagem de Iskari e seu irmão gêmeo, Namsara. A deusa estava representada em tons escuros de azul e tinha uma lua no peito; Namsara havia sido tecido em ouro, com um sol no lugar. Havia outras tapeçarias ali, cheias de imagens das antigas histórias. De Kozu e da chama sagrada. De flores curativas e de heróis que haviam assumido o nome de Namsara.

Roa caminhou ao longo da parede. Até onde conseguia ver, havia apenas mais tapeçarias. A luz do sol entrava pelo domo de vidro. Quando finalmente encontrou outra porta, estava trancada.

Uma biblioteca secreta?

Ela não precisava de uma biblioteca secreta. Precisava de uma saída secreta.

Ainda assim, havia encontrado uma passagem. Agora que sabia pelo que procurar, poderia identificar outras.

Roa caminhou por entre as estantes para chegar à passagem por onde tinha entrado. Mas elas eram labirínticas, e a rainha se viu dando voltas. Deparou com dois becos sem saída antes de acabar no centro do cômodo.

Havia uma mesa circular de ébano ali, cercada por onze cadeiras e cheia de livros, tinteiros e penas. Roa deu uma olhada em tudo, estudando as estantes.

Onde estava a saída? Todas pareciam iguais.

Escolha logo uma.

Passando por fileiras e mais fileiras de tomos, ela virou e parou de repente.

Lá estava o rei, com as costas apoiadas contra uma estante.

Ele mantinha o joelho dobrado, os braços cruzados e a nuca apoiada, como se refletisse.

Ao vê-la, Dax soltou os braços ao lado do corpo e desceu o pé. Seus olhos arregalados de surpresa passaram por ela.

— Por todos os céus, o que está fazendo aqui?

— Eu? — Roa chiou. — Você não deveria estar em uma reunião?

Um som repentino fez os dois congelarem: o estalido suave de uma maçaneta, seguido de vozes. Dax se afastou da estante. O coração de Roa bateu forte.

— Ele substituiu *todos*? — alguém disse ao longe. — E pode fazer isso?

— Ele tornou uma nativa rainha contra nosso conselho. É o rei-dragão. Pode fazer o que quiser.

Roa reconheceu aquelas vozes. Eram de membros do conselho.

— Mas como ele descobriu?

— Ela contou, claro.

Dax esticou a mão para o pulso de Roa.

Ela entrou em pânico, se soltando para tentar encontrar uma saída antes que ficasse presa ali. Quanto mais avançava, no entanto, mais próximas as vozes ficavam, até que havia uma única prateleira entre ela e os homens.

— Quem você acha que cortou a garganta dele e o deixou para morrer?

Ela? Ou o rei?

Roa se agachou. Entre o alto dos tomos e as prateleiras, podia ver as sedas das roupas.

De repente, vindo de trás, Dax a segurou com força pela cintura, tampando sua boca e puxando-a consigo.

Impressionada com sua força, Roa não resistiu. Ele a levou de volta até a mesa de ébano, depois desceu por outro corredor labiríntico, que culminou em um beco sem saída.

Dax a soltou, passando os dedos frustrados por seus cachos enquanto olhava para a prateleira bloqueando o caminho. Como se esperasse outra coisa.

Roa estava prestes a correr quando uma voz veio do corredor que conectava o beco sem saída ao centro do labirinto.

— As novas guardas dela são leais. Duvido que possam ser subornadas.

Roa ouviu o arrastar lento das cadeiras. Estavam sentando à mesa.

Aprisionada. Ela estava aprisionada.

O medo fez seu estômago se revirar. Roa recuou, esbarrando em Dax. Ele segurou seu punho com gentileza, tocando o osso com o dedão. Duas vezes.

Roa se lembrou no mesmo instante do código de Essie.

Ela o havia ensinado a Dax quando eram crianças e jogavam deuses e monstros.

Preste atenção, significava.

Ele estava tentando alertá-la.

A mente de Roa foi para o dia da assembleia, quando ele tinha feito a mesma coisa enquanto ela falava com Rebekah: pegara seu punho e batera no osso duas vezes.

Dax também a estava alertando naquele momento?

— Não fazemos ideia de como ela o corrompeu — disse uma voz rude de homem. — Tenho fontes que afirmam que rebeldes nativos estão a caminho da cidade. Que ela usa seu pássaro para enviar mensagens ao amante, líder deles.

Os pensamentos de Roa giravam. O conselho estava se reunindo para falar *dela*.

Mas por que não fariam aquilo? A rainha era uma ameaça ao trono.

— Ela não o ama. Faz sentido que tente se livrar dele, o que deixa Firgaard em uma posição muito perigosa. Se não agirmos, logo poderá ser tarde demais. Nosso lar será tomado.

Roa se aproximou, querendo saber quem estava falando. Querendo saber quem eram aquelas fontes, para poder alertar Theo.

Antes que o fizesse, Dax a arrastou para longe do perigo.

O que ele está fazendo aqui?, ela se perguntou então.

Claramente era aquele o encontro do qual o rei havia falado. Mas por que estava se escondendo em vez de participar dele? Por que estava *espionando* seu próprio conselho?

Se Dax é esperto o bastante para fazer isso, é muito mais perigoso do que eu pensei.

Roa precisava manter aquilo em mente. Precisava se acalmar, mas era impossível não estar ciente da presença dele. Do coração batendo através da camisa. Dos dedos pegando firme o quadril dela. Do calor dos braços envolvendo sua barriga.

Roa podia sentir que ele ficava consciente do corpo dela também. Do seu peso, apoiado contra ele. De sua respiração, traiçoeiramente alinhada à do rei.

Roa ficou tensa com aquilo.

Sentindo a reação, Dax afrouxou a pegada e recuou.

Sua bota bateu em um pergaminho na estante, e o cabo pesado de madeira caiu no chão com um impacto suave.

As vozes pararam.

Roa se virou para encarar Dax, com uma mistura de terror e acusação no olhar.

— Ouviram isso?

Então veio o som de madeira raspando contra madeira enquanto cadeiras eram arrastadas para trás ao mesmo tempo.

Eles tinham se denunciado. Em poucos segundos, seriam pegos.

O primeiro instinto de Roa foi correr. Mas não havia para onde ir. E, se o fizesse, os membros do conselho saberiam que ela havia escutado tudo. Saberiam que suas vidas estavam condenadas, porque o preço da traição era a morte.

Perceber aquilo provavelmente deixaria aqueles homens desesperados. Talvez tentassem se livrar dela ali mesmo. Roa estava encurralada e em menor número, sem mencionar indefesa.

Ela pensou no tabuleiro de deuses e monstros do pai. Do que ele sempre dizia quando estava encurralada.

Confunda e desarme.

Roa olhou para Dax.

Se ia ser pega, precisava fazer com que acontecesse como queria. Se pudesse dar aos conselheiros uma razão para acreditar que não tinham sido ouvidos, poderia ter uma chance de sair dali com vida.

— Sabe aquele beijo que lhe devo? — Ela agarrou a camisa de Dax, olhando para ele. — Chegou a hora.

Ele franziu as sobrancelhas, confuso.

— *Agora?*

Roa assentiu. Queria que parecesse que o rei estava ali fazendo o que fazia de melhor: seduzir uma garota.

As vozes se afastavam umas das outras. Procurando nos corredores. Cada vez mais perto.

Eles estavam ficando sem tempo.

Antes que Dax arruinasse tudo com sua hesitação, Roa enfiou os dedos no cabelo dele e o beijou.

Ele tinha gosto de chá de hortelã. Roa o beijou com mais força, forçando-o a abrir a boca. O calor dele a inundou.

E então as vozes chegaram.

Finalmente entendendo o jogo, Dax deixou a hesitação de lado.

Ele retribuiu o beijo, roçando os dentes nos lábios. Mãos quentes seguraram as coxas dela, erguendo-a. Roa passou os braços pelo pescoço dele, enlaçando seu corpo com as pernas.

Os dois perderam o ar quando seus quadris se tocaram. Seus olhos se abriram. Seus olhos se encontraram.

O coração dela bateu como um tambor enquanto a palma dele subia lentamente pelo linho do vestido. Um calor surpreendente a percorreu. Roa apertou as pernas em volta dele e o puxou para mais perto.

Pressionando a testa contra a bochecha de Roa, Dax mordeu seu pescoço gentilmente. Ela deixou escapar um gemido suave de surpresa. Ele a mordeu de novo. Roa fechou os olhos, tentando se lembrar de que estava interpretando um papel.

Tentando não se afogar nele.

Quanto mais forte ele a beijava, mais a puxava para o fundo. Suas mãos se moviam ferventes sobre sua pele, inundando seus sentidos, até ela não conseguir mais pensar.

Roa só se lembrou dos conselheiros quando um deles gritou surpreso.

Dax congelou, apertando-a.

Seus olhos se abriram ao mesmo tempo.

Roa se desvencilhou rapidamente, enrubescendo. Nem foi preciso fingir.

— Bem, isso é constrangedor — Dax ficou na frente de sua esposa, bloqueando a visão dela.

Sua voz era suave enquanto ele passava ambas as mãos em seus cachos.

— Meu rei… — disse o homem de voz rude.

Roa pressionou a bochecha entre as omoplatas de Dax, sentindo o corpo quente em todos os lugares onde ele a havia tocado. Suas mãos se fecharam na túnica enquanto ouvia o coração acelerando e tentava desesperadamente aquietar a fome que a percorria.

O homem pigarreou e tentou de novo.

— Meu rei, o que está fazendo aqui?

Uma pausa.

— O que *eu* estou fazendo aqui? — Roa sentiu algo mudar em Dax. Se ele estivera nervoso momentos atrás, havia passado. — O que parece que estou fazendo?

— Alguém poderia pensar…

— Esta não é minha biblioteca particular?

— É, mas…

— E não é função do conselho me alertar sobre reuniões aqui? Não foi esse o acordo que fizemos?

Roa soltou a camisa dele. *Interessante,* pensou. *Que tipo de acordo ele fez?*

— Sim, mas…

Roa sentiu que o homem tentava olhar para ela por cima do ombro de Dax.

— Meu rei e minha rainha não têm…

Ele estava com dificuldades de expressar seus pensamentos.

— Não temos o quê? — O rei soou surpreso. — Aposentos privativos? — Ele puxou Roa. Passou os braços pela cintura dela e pousou o queixo no topo de sua cabeça. — Pois hoje queríamos algo mais… ilícito.

Roa ficou vermelha.

Desde quando ele é tão bom em mentir?

Os sete membros do conselho se calaram.

Aquela era a chance dela.

Olhando para Dax, Roa se concentrou em interpretar o papel da esposa flertando.

— Acho que deveríamos terminar isto em outro lugar.

Dax sorriu, e Roa percebeu com alguma irritação que era do tipo que ela mais odiava. Aquele que o rei usava para encantar e seduzir.

Ele se inclinou para beijá-la atrás da orelha.

— Isso deixaria minha estrela satisfeita?

Aquele apelido de novo. Roa queria revirar os olhos, mas suprimiu a vontade e apenas assentiu.

Dax pegou a mão dela e os dois passaram direto pelo conselho, que se abriu como manteiga sob a pressão de uma faca.

Vinte e três



DAX ATRAVESSOU CORRENDO O CORREDOR, então soltou a mão dela como se o queimasse. Seu sorriso havia sumido. O marido encantador tinha desaparecido como o ato que era.

Ele havia convencido sete membros do conselho. E havia convencido Roa, se fosse ser honesta consigo mesma.

Enquanto o observava, seus passos ecoando pesados, seu rosto como uma máscara, ela se perguntava: *O que ele estava fazendo na biblioteca?*

E, pelo jeito como o rei olhava para Roa, ele estava pensando a mesma coisa a respeito dela.

A rainha pigarreou.

— Se você não foi convidado para aquela reunião, como sabia que aconteceria?

Ele a estudou, como se tentasse decidir o quanto contar.

— Sabe a jovem de quem ficou com ciúme na noite passada?

Roa se eriçou com a acusação, mesmo sabendo de quem ele estava falando: a draksor vestindo um caftã amarelo que tinha passado o tempo todo pendurada no braço dele.

— Ela é filha do conselheiro Barek. E me avisou da reunião.

Roa ficou calada, considerando a informação.

— Eu falei que eram apenas negócios — concluiu Dax.

Ele virou numa esquina. Roa o seguiu, tentando acompanhar sua passada larga.

Apenas negócios, ela pensou. O que eles haviam acabado de fazer também se encaixava naquela definição?

Ele parou de repente, em frente a uma porta protegida por dois soldats. Roa quase colidiu com ele.

— Meu rei — os guardas disseram em uníssono. — Minha rainha.

Ela assentiu para eles.

Dax entrou direto.

Safira estava sentada à mesa, escrevendo furiosa em um pedaço de pergaminho. Ela nem olhou para o rei, que falou:

— Há sete conselheiros indo para o portão frontal neste exato momento. Devem ter usado a rota mais direta para o átrio, o que significa que provavelmente se encontraram no corredor das fontes. Preciso que prenda todos por traição.

A pena de Safira parou.

— Quando tiver um tempinho, claro.

Ela finalmente olhou para cima, encarando o rei por alguns segundos enquanto se comunicavam sem usar palavras.

Então Saf se levantou.

— Precisarei de um relatório completo quando eu voltar.

Dax assentiu.

— É claro.

As botas dela ressoaram contra o piso quando disparou pelo corredor.

— Venham comigo — Safira disse para os soldats.

— Assim que forem subjugados e presos — disse Dax, indo para a janela com vista para o domo de cobre da Grande Assembleia —, convocarei uma reunião emergencial do conselho. Amanhã de manhã, acho. Precisamos agir depressa.

Roa permaneceu onde estava, perto da porta.

— Com qual propósito?

Ele se virou para encará-la.

— Tenho motivos para acreditar que Rebekah está planejando um golpe. — Dax a observou cuidadosamente enquanto adicionava: — E que tem aliados na Casa do Céu.

Roa sentiu um arrepio.

Como ele pode saber disso? Ela se forçou a olhá-lo nos olhos, embora um pensamento ainda mais assustador se formasse: *Se suspeita de Theo, também suspeita de mim?*

Roa pensou na acusação feita pelos conselheiros na biblioteca.

— Você acredita neles? — ela perguntou, porque precisava saber. — Acha que estou usando Essie para enviar mensagens a Theo?

Dax torceu o lábio como se tivesse acabado de comer algo amargo.

— É claro que não — disse ele. E então, com a voz mais tranquila: — Essie jamais ia me trair.

Roa o estudou.

Dax a estudou de volta.

— Você está várias jogadas atrasada — ele disse enquanto se virava e se afastava da porta. — Tente acompanhar.

Dax passou pela porta e desapareceu pelo corredor, mas Roa permaneceu onde estava, com os pés congelados no lugar. Ela precisava alertar Theo. Mas como? Seria impossível fazer aquilo sem levantar suspeitas de Dax. Ou pior: sem provar que elas eram reais.

Mais do que tudo, Roa precisava descobrir o que exatamente o rei sabia.

Logo depois do alvorecer seguinte, o rei e a rainha seguiram para a Grande Assembleia. As ruas permaneciam silenciosas e calmas enquanto os guardas de Dax marchavam à frente e os de Roa marchavam atrás.

Mais uma vez, Roa se recusou a vestir qualquer um dos caftãs reais costurados para ela após a coroação, ou as joias de ouro herdadas da rainha-dragão anterior. No lugar, portava um vestido longo e florido de linho, e seus pulsos estavam adornados com braceletes de bronze esculpidos por um nativo. A foice conquistada estava embainhada em sua cintura.

Antes de sair, Dax olhou para o traje, mas não disse nada.

Apesar do sol nascendo, ainda estava frio, e Roa puxou o lenço sobre os ombros, tentando se manter aquecida.

Havia passado a noite inteira acordada, preocupada com o plano de Theo e Rebekah. Preocupada com o que aconteceria a Essie se tudo desse errado.

Ela verbalizou seus pensamentos enquanto se aproximavam da construção circular, com seu domo de cobre brilhando à luz do sol e suas paredes brancas tão altas quanto as do palácio.

— Que motivos Rebekah teria para tramar contra você?

Dax, que estivera calado e se mantivera afastado toda a manhã, olhou para ela como se tivesse esquecido que estava ali.

— Nenhum muito honorável — disse.

Aquilo não era uma resposta. Roa tentou novamente.

— Que evidências você tem?

— O suficiente para suspeitar dos envolvidos. — O coração dela acelerou com o jeito como ele a estudava. — Mas não o bastante para acusar alguém.

Roa sustentou o olhar dele. Mais uma vez, a resposta era vaga demais para ser útil. Contudo, ela precisava ser cuidadosa se quisesse pressioná-lo mais. Se ele suspeitasse de seu envolvimento com Theo e Rebekah, devia estar bem alerta. E, se não suspeitasse, ela não queria dar razões para que o fizesse isso.

Então tudo o que disse foi:

— Se não pode acusar ninguém, qual a finalidade de tudo isso?

Eles chegaram à escada de mármore da Grande Assembleia. Portas duplas se avultavam, guardadas por duas estátuas de dragão, uma de cada lado. Eles olhavam lá de cima para Roa, com a boca aberta e os dentes arreganhados, como se estivessem prestes a rosnar.

Dax parou no primeiro degrau e se virou. Roa estudou-o à luz do fim do alvorecer. Ele vestia uma túnica branca bordada com dragões prateados perseguindo um ao outro em torno da gola.

— Você me disse uma vez que, no momento em que se descobre a peça favorita do oponente, se descobre a fraqueza dele.

Roa pensou nas lições de anos antes, quando o ensinara a jogar deuses e monstros.

— *Nunca se revele* — ela murmurou, assentindo. Era uma das regras do jogo.

Dax olhou para a construção de mármore e para o domo que lançava sua sombra sobre eles.

— O *conselho* é a peça favorita de Bekah. O poder dela está totalmente à mostra aqui.

Os guardas dele haviam alcançado o topo da escada e esperavam o rei e a rainha, enquanto os guardas dela verificavam a rua vazia mais abaixo.

— Então o que vai fazer? — Roa disse enquanto Dax subia a escada.

— Enfraquecê-la. Provocá-la.

Ela ergueu o vestido e o seguiu.

— E depois?

O rei parou no topo, esperando dois guardas abrirem as portas.

— *Esperar*. Quando Bekah retaliar, e ela sempre retalia, estarei preparado. E terei minha evidência.

Ele esticou o braço para que Roa passasse. Ela entrou no imenso corredor, com seus passos ecoando enquanto a luz do sol derramava barras finas pelo piso. Mais uma vez, a rainha se perguntou sobre a história de Dax e Rebekah.

— O que você fez pra ela te odiar tanto? — perguntou baixo, para que os guardas não ouvissem.

Dax ficou tenso ao lado dela. Seus passos saíram de sincronia. Ele não respondeu por um longo tempo.

— Bekah e eu já fomos amigos. — O rei não olhou para Roa enquanto dizia aquilo. — Antes da revolta.

Ela esperou por mais.

— Era só amizade. Pelo menos para mim.

Ele olhou por cima do ombro, verificando se alguém os observava. Mas somente os guardas de Roa os seguiam.

— Para derrubar o regime do meu pai, eu precisava fazer uma escolha. Poderia ter ido a Bekah e pedido sua ajuda. Com o pai dela me financiando, teria sido fácil. O barão daria o que eu precisasse, contanto que eu tornasse sua filha rainha. — Ele sacudiu a cabeça. — Mas não foi o que eu fiz.

Roa pensou naquela noite no Novo Refúgio, no acampamento de guerra. No quanto estava exausta depois de chegar de Darmoor, de cavalgar a noite inteira. No quanto estava determinada a forçar a decisão de Dax para garantir a proteção do seu povo.

Roa pensou nele na tenda, olhando para o mapa. Como se a estivesse esperando. Quando ela fez sua proposta, Dax demonstrara tanta calma. Como se já soubesse o que pediria e tivesse passado a noite inteira ponderando a respeito.

— Você sabia o que eu faria antes mesmo de mim — Roa percebeu.

— É fácil ler você. — A boca dele se curvou para baixo, como se fosse um fardo. — Crescemos jogando deuses e monstros juntos. Você me *ensinou* a te entender.

— Por quê? — Roa perguntou, sentindo uma súbita raiva. — Por que me escolheu se sabia que eu ia querer a mesma coisa que Rebekah?

O rei olhou para a plataforma elevada, onde havia dois tronos dourados idênticos, lado a lado.

— O que acha? — ele perguntou calmamente.

Roa pensou em Rebekah o cercando como uma presa no jantar. Em Rebekah caçando Torwin, o melhor amigo dele, e mantendo-o prisioneiro. Em Rebekah colocando Essie em uma gaiola e usando-a como garantia.

Sou o menor de dois males, ela percebeu.

Roa estremeceu com o pensamento.

Vinte e quatro



A REUNIÃO DO CONSELHO NÃO CORREU COMO DAX ESPERAVA.

Apesar de ter terminado muito tempo atrás, Roa e seus guardas ainda estavam dentro da Grande Assembleia no fim da tarde. Eles permaneceram na janela, observando a multidão se reunir na escada frontal e lotar a rua.

Quando o rei anunciara que sete membros do conselho estavam presos no calabouço por traição, a resposta inicial foi descrença. Então ele apresentou seus substitutos temporários — quatro skrals e três nativos — e o salão quase pegou fogo. Em seguida, a votação para suspender as sanções sobre os nativos foi aprovada por sete votos a cinco.

Roa ficou impressionada.

Rebekah, furiosa.

A cidade estava em alvoroço.

Pessoas lançavam insultos e comida podre no prédio da assembleia. Acusavam Roa de armar contra o conselho. Diziam que o rei estava sendo manipulado pela esposa nativa.

Safira teve que mandar o dobro de guardas para retirar o rei e a rainha de lá. Com tantos viajantes na cidade para a Renúncia, as ruas estavam lotadas e tinham se tornado quase intransitáveis.

O rei saiu primeiro. Safira torceu para que ele levasse consigo a maior parte da multidão, o que não aconteceu. Enquanto o sol do ápice da tarde pulsava sobre a cidade, Roa começou a atravessar o corredor. Estava ficando sem tempo. Firgaard a tinha aprisionado, e quanto mais tempo ficasse ali menos teria para encontrar a entrada secreta do palácio. Precisava falar com Rebekah até a noite seguinte.

— Não se preocupe — disse Celeste, acompanhando os passos de Roa. — Vai dar tudo certo.

A rainha parou para olhar a guarda nativa, que estudava seu vestido de linho e seu lenço.

— Tive uma ideia — disse Celeste.

Safira, que estivera à janela passando os dedos pelos cabos das facas de arremesso enquanto olhava para a multidão lá embaixo, saiu de sua introspecção.

— Que ideia?

— A rainha e eu temos praticamente a mesma altura e o mesmo corpo — Celeste explicou, parando ao lado de Roa para demonstrar aquilo.

Era verdade. E, apesar de Celeste normalmente usar seus cachos soltos e livres — diferente de Roa, que mantinha os seus curtos —, havia trançado o cabelo naquele dia.

Roa pegou a camisa de Celeste, cuja manga ostentava o emblema do rei-dragão, depois seu cinto e suas botas polidas. Quando a encarou, os olhos da guarda brilhavam.

— O que acha da ideia de usar calça, minha rainha?

Deu certo. Usando o vestido açafrão da rainha, com o lenço ocultando seu rosto e cercada pela guarda real, Celeste se passou por Roa. A parte mais difícil foi convencer Safira a deixar Roa voltar sozinha para o palácio, vestida de soldat.

A rainha esperou até o último resquício de multidão desaparecer da rua, então desaferrolhou as portas da assembleia e escapou.

No caminho de volta para o palácio, pensou em quão estranha era a velocidade com que Dax agira. Como se os novos conselheiros tivessem sido determinados havia muito tempo, e não escolhidos da noite para o dia quando ele flagrara os membros do conselho.

Como se… como se o rei não tivesse esquecido o tratado, e simplesmente

esperasse a oportunidade de colocá-lo em prática.

Roa foi para os portões do palácio. Os soldats de guarda a interpelaram.

— Minha rainha? — Os olhos do jovem se arregalaram ao vê-la de uniforme. — Mas… Juro que acabou de passar por aqui.

— Era Celeste — explicou ela.

O guarda arregalou ainda mais os olhos.

— Bem, ela causou um rebuliço e tanto. Precisou ser carregada para dentro.

— Por quê?

— Começaram a arremessar pedras. Uma acertou a cabeça dela.

Roa foi tomada pela culpa. Se não tivessem trocado de roupa…

— Onde ela está?

— Podemos levá-la até ela.

Roa notou quatro soldats se aproximando. Três homens e uma mulher, de idades diferentes. O que falou parecia ter o dobro da idade dela. Tinha um rosto largo e olhos gentis parcialmente sombreados pela borda do morrião.

— Sei para onde foram.

— Me leve até lá.

Ele se virou e a conduziu para dentro do palácio enquanto outros três soldados acompanhavam de perto. Mais de uma vez, os ombros deles esbarraram nos de Roa, fazendo-a se perguntar se eram novos em seus postos.

Eles a levaram por corredores pelos quais nunca havia passado, depois para um terraço de mármore não polido, então desceram uma escadaria repleta de mosaicos e entraram em um dos laranjais do palácio. Não era tão bem cuidado quanto os outros jardins ou pomares de lá.

Como as árvores se agitavam ao seu redor, Roa percebeu que não fazia ideia de onde estava.

— Já estamos longe o suficiente, acho — disse a soldat à direita de Roa, olhando por cima do ombro. Ela tinha um rosto feroz e fino, e olhos azuis ligeiramente acinzentados.

Longe o suficiente?

Roa sentiu um desconforto repentino. Olhou ao redor. Tirando o som de um pássaro e o farfalhar das folhas ao vento, aquela parte do palácio parecia deserta.

— Onde estamos?

— Em um lugar onde ninguém poderá te ouvir. — O homem com os olhos

que Roa julgara gentis sacou os dois sabres dela, que na verdade eram de Celeste, e apontou-os para o peito da rainha. — Fiquem vigiando — ele disse aos outros dois.

Não foi medo que percorreu Roa enquanto os soldats assentiam e corriam para o bosque. Foi raiva, forte e afiada. Não aguentava mais ser encurralada e aprisionada. Antes que pudessem chegar mais perto, ela enfiou a mão na bota de Celeste, onde a faca de Essie estava escondida, e a sacou.

A soldat atrás dela, a jovem feroz, avançou em sua direção.

Roa se virou rapidamente, erguendo a faca da irmã.

— Dê mais um passo e será o último da sua vida.

— Quanta coragem! — disse o primeiro soldat, o homem mais velho, atrás dela. — Mas para seu azar, você não tem chance contra todos nós.

O jeito como ele falou fez Roa pensar que ele não se referia apenas aos soldats à sua volta.

— Isso é pela segurança do reino — disse a mulher diante de Roa, com toda a confiança de alguém convencida de que sua causa era justa. — Você é um perigo para nós. E, acima de tudo, para o rei.

O homem atrás dela deu outro passo, chegando perto demais. Roa ergueu a faca mais uma vez, apertando a pegada e tentando manter os olhos em ambos os soldats ao mesmo tempo.

— Você é uma traidora e uma espiã — a mulher continuou, se aproximando pelo outro lado. — Todos sabem que você está planejando matar o rei e assumir o trono.

Roa manteve sua faca apontada para o primeiro adversário enquanto olhava por cima do ombro para o segundo. Era tudo o que podia fazer contra dois guardas armados.

— Mas o rei está apaixonado demais por você para perceber.

Apaixonado? Se não estivesse tão apavorada, Roa teria rido.

— É mesmo? — disse uma voz familiar.

Roa congelou. Os dois soldats olharam para cima.

Tentando mantê-los em sua visão periférica, ela se virou um mínimo para olhar para o dono daquela voz.

O rei-dragão se apoiava casualmente em uma laranjeira, com uma taça de vinho na mão.

— Meu rei — disse a mulher, surpresa.

— Estou intrigado. — Dax girou o vinho na taça, e Roa sentiu o cheiro marcante mesmo de longe. — Por que vocês acham que estou apaixonado

pela rainha?

De repente, mãos fortes desceram pelos braços de Roa, puxando-a para trás e aprisionando-a contra um peito firme. Ela lutou, com o coração batendo forte, enquanto tentava cortar com a faca de Essie. Mas o soldat era mais forte. Ele a segurou com um só braço. Segurando seu punho, girou com força até que um sobressalto causado pela dor aguda a fez soltar o cabo. Assim que a faca caiu, ele a pegou e pressionou a lâmina fria em sua garganta.

Roa ficou imóvel.

O semblante de Dax se tornou sombrio.

— Solte a rainha — disse o rei, afastando-se da árvore.

A soldada feroz parou entre ele e Roa.

— Temo que não possamos fazer isso. Ela é perigosa, meu rei.

Roa olhou em choque. Desobedecê-la era uma coisa. Mas desobedecer ao rei?

— Perigosa? — Dax grunhiu. — Ela tem metade do seu tamanho.

O que aconteceu a seguir foi tão rápido que Roa quase não acompanhou: Dax jogou o vinho no rosto da mulher e sacou sua arma.

A soldat engasgou.

O rei ergueu a lâmina, com fúria pura em seus olhos.

— Saia da frente.

A soldat olhou para ele, que levantou ainda mais a lâmina, pressionando a ponta contra a garganta dela. A mulher ergueu as mãos, afastando-se do rei armado.

Mesmo de onde estava, Roa podia ver que Dax segurava a arma de um jeito todo errado.

Pela primeira vez, aquilo pareceu estranho a ela. Não podia acreditar que um jovem de vinte e um anos, alguém que havia treinado com armas, ainda que fosse pouco habilidoso ao usá-las, não soubesse lidar com um sabre da maneira adequada.

Era estranho *demais*.

— Minha esposa pode ser muitas coisas. — Dax avançou a passos lentos. A lâmina brilhou quando a apontou para o primeiro soldat, embora encarasse o segundo. — Fria, calculista, indelicada… Mas perigosa? Olhe só para ela. Conseguiu ficar à mercê da própria faca.

Enquanto o rei dizia aquilo, um terceiro soldat saiu das árvores, com o cabo da arma erguido, pronto para nocauteá-lo.

— Dax! — Roa gritou. — Atrás de você!

Quando o rei se virou, Roa bateu a parte de trás da cabeça nos dentes de seu captor. A dor explodiu atrás dos seus olhos. O guarda xingou, soltando a faca de Essie. Roa se libertou e a apanhou. O rei e a rainha giraram ao mesmo tempo: Dax na direção dos outros dois soldats, Roa na direção de seu captor.

As costas de ambos se encontraram. Ela sentia o corpo firme e quente de Dax contra o seu, e seu cheiro de hortelã a envolveu. Ele ergueu a espada roubada, olhando para seus oponentes enquanto Roa olhava para o dela.

A voz de Dax retumbou.

— Assim que eu der a ordem, quero que você corra. Entendeu?

Antes que Roa pudesse responder, algo brilhou à sua direita. Ela viu um quarto soldat aparecendo na trilha, segurando uma pequena faca de arremesso.

Pelo tamanho da arma, Roa sabia quão rápido voaria, a profundidade que a penetraria, quão mortal seria se acertasse no ponto certo. Ela poderia se agachar para sair da trajetória. Mas Dax estava logo atrás. Caso a arma se cravasse no coração dele, Roa jamais libertaria a irmã.

Antes que pudesse decidir, a faca voou, zunindo no ar, afiada, brilhante e direcionada ao peito de Roa.

Só que ela nunca acertou seu alvo.

Nunca acertou Roa.

Um borrão azul passou por ela. A camisa de Dax. Roa ouviu o som da lâmina penetrando a carne, depois um grunhido severo de dor.

Ele cambaleou para trás, em sua direção. A faca em sua própria mão caiu enquanto ela o firmava.

— Dax?

O coração dela batia alto nos ouvidos.

Devagar, ela o virou. Olhos castanhos e quentes a miraram. O olhar de Roa foi do rosto dele para o cabo enfiado em seu ombro esquerdo. O sangue já ensopava sua camisa.

— Não — Roa sussurrou, com a voz trêmula. — O que você fez?

Um rosnado de raiva ecoou enquanto Safira saltava para o círculo de soldats com os olhos ardendo para defender o rei e a rainha com suas lâminas brilhantes.

Roa deveria pegar uma arma e se juntar a ela.

Mas havia tanto sangue…

Tanto sangue de *Dax*.

— Vá — disse uma voz familiar. Ela viu Lirabel ao lado deles, com o arco

posicionado, os pés plantados no chão e uma flecha puxada e encaixada. — Tire Roa daqui.

Eu?, pensou Roa, olhando para a faca no peito do rei. *Mas é ele quem está machucado.*

A mão de Dax já estava deslizando para a dela e segurando firme. Ele a puxou através do bosque malcuidado, para longe da colisão de metal contra metal.

E então ela estava correndo, de mãos dadas com o rei ferido.

Vinte e cinco



DAX A LEVOU DE VOLTA PELOS PÁTIOS INTERNOS DO PALÁCIO, por suas galerias e arcos, descendo corredores sombrios. Não parou até chegar ao meio de um corredor inundado por velas, onde empurrou uma tapeçaria que ia do chão ao teto.

Roa ficou parada, olhando para a passagem escura depois dela.

— Entre — disse ele.

Ela obedeceu, e um momento depois a tapeçaria caiu de volta ao lugar, deixando-os na escuridão.

Dax não precisava de uma lanterna. Sabia o caminho de cor e guiava Roa através de poeira e pedra. Eles subiram por uma escada estreita, depois deram em outro corredor escuro como breu. O rei parou, um pouco confuso. Roa estava prestes a perguntar qual era o problema quando ouviu um estalido suave.

Dax empurrou a parede, que deslizou. O sol iluminou a poeira lá dentro.

Quando Roa atravessou a passagem, percebeu que estava nos aposentos do rei.

A cama com dossel, as lamparinas de latão ornamentadas nas paredes, a varanda virada para o jardim… todos os elementos espelhavam o aposento

dela.

Ela girou para encarar a parede falsa. Era de estuque azul-marinho, assim como o restante do quarto, misturando-se perfeitamente.

Não houve tempo para ficar admirada. Logo depois, Dax deixou escapar um gemido de dor. Roa virou novamente. Ele estava tentando arrancar a faca.

— Não. Pare. — Ela o forçou a soltar o cabo, depois o ajudou a sentar no chão, apoiando-o contra o estuque.

A lâmina estava enfiada do lado esquerdo, no ponto macio logo abaixo da clavícula, tendo errado tanto o coração quanto o pulmão — por sorte. A camisa estava ensopada de sangue, mas Roa não conseguia determinar o quanto. Aquela faca precisava ser retirada, o que faria com que sangrasse ainda mais.

Como se ouvisse os pensamentos dela, Dax olhou por cima do ombro de Roa.

— O baú ao pé da cama.

Ela foi até lá e abriu a tampa. Dentro, encontrou agulha, linha e uma garrafa marrom. Quando a desarrolhou e cheirou o líquido, torceu o nariz para o odor forte e amargo. Álcool.

Ela voltou até Dax e se ajoelhou.

Então acendeu uma vela, esterilizou a agulha na chama e passou o fio nela.

— É o seguinte. — Roa mirou seus olhos nublados pela dor. — Vou puxar a faca, então vamos ter que tirar a camisa o mais rápido possível.

— Talvez devêssemos esperar…

Ela firmou os dedos no punho dourado e puxou.

Dax conteve um suspiro de dor. Sangue jorrou da ferida.

— Ai!

Ela deixou a faca de lado e agarrou a bainha da camisa dele, tirando-a depressa. O peito do rei estava banhado de sangue. Roa amassou a camisa e a pressionou na ferida.

— Pegue aqui — disse ela. — Pressione com firmeza.

O rei a obedeceu.

A chave preta e enferrujada ainda pendia do seu pescoço. Roa a arrancou e a jogou no chão.

Então vinha a parte difícil…

Assim que começasse a costurar a ferida, a dor faria com que ele se contorcesse, pinoteasse e se afastasse. Então Roa subiu em seu colo, pondo um joelho de cada lado e o prendendo firmemente no lugar.

— Não resista — ela o alertou.

Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, apoiando-a na parede.

— Eu nunca faria isso.

Roa alcançou a garrafa marrom. Levou-a aos lábios, inclinou-a para trás e deu um gole demorado. O álcool queimava ao deslizar por sua garganta, aquecendo seu corpo. Deixando-a mais corajosa do que se sentia.

— Pronto? — disse Roa, limpando a boca com o punho.

Ela não o esperou responder. Só afastou a camisa e derramou o conteúdo da garrafa na ferida aberta, lavando o sangue.

Dax arregalou os olhos. Xingou.

Roa o segurou.

Suas costas arquearam, mas ele não resistiu, agarrando as coxas dela e usando-a como âncora contra a investida violenta da dor.

Roa permitiu. Esvaziou metade da garrafa, deixou-a de lado e pegou a agulha.

— Está quase terminado — mentiu. Haveria mais dor pela frente. Mas não muita. Roa podia ver que o ferimento era profundo, mas não largo. Alguns pontos bastariam.

Ela encontrou seu olhar, deixando silenciosamente que Dax soubesse o que estava prestes a fazer. Ele assentiu devagar.

Roa empurrou a agulha, forçando-a.

Sem nada para morder, Dax afundou os dedos nas coxas dela.

Roa gemeu.

— Você está me machucando.

— Estou. — Ele trincou os dentes, arqueando o pescoço enquanto ela passava a agulha. — Mas você está me machucando mais.

Roa notou que ele fechava os olhos, começando a desmaiar. Homens mais fortes não suportavam aquele tipo de dor.

— Nunca vi um homem adulto protestar tanto por causa de uma agulhinha — provocou ela, para mantê-lo consciente.

Os olhos dele se abriram.

— É mesmo? — O rei travou a mandíbula enquanto ela enfiava a agulha novamente. Sangue cobria os dedos de Roa. — E quantos homens você já costurou?

Os olhos dele se enevoavam quando Roa deu o último ponto.

Fique comigo.

Ela largou a agulha e cortou uma faixa espessa de seda da camisa dele.

— Dax?

O rei fechou os olhos, sem responder. O coração de Roa bateu dolorosamente.

De repente, ela pensou nele na assembleia. Suspendendo as sanções contra os nativos. Sendo o rei que precisavam que fosse.

— Dax, olhe para mim.

Quando os olhos dele não se abriram, Roa se desesperou. Ela se inclinou para ele e beijou sua boca com vontade.

Nada aconteceu.

Roa tentou novamente. Colocando o lábio inferior dele entre os dentes, mordeu o mais forte que conseguiu.

Dax abriu os olhos de forma hesitante. Ele a encarou, confuso. E então seus olhos clarearam.

— Caramba — murmurou.

Aliviada, Roa relaxou e começou a enrolar a tira de seda firmemente em volta dos pontos. Dax gemeu, depois observou em silêncio enquanto ela atava o curativo improvisado. Quando terminou, Roa se inclinou para trás. De repente, ficou bastante consciente das mãos dele segurando suas coxas, prendendo-a a seu corpo.

Roa sabia que ele não pretendia machucá-la. Sua pegada era apenas proporcional à sua dor.

— Dax — sussurrou. — Você está me machucando.

O rei olhou para as mãos e a soltou no mesmo instante.

Roa saiu do colo dele e ficou de pé. Um ar frio bateu, roubando seu calor.

Ele a observou do chão, apoiando a cabeça na parede. Suor fez seu cenho brilhar. Seu cabelo estava úmido e rente à testa.

— Você está bem? — Dax perguntou com a voz baixa.

Roa olhou para as mãos ensanguentadas.

— Se eu estou bem? — Ela as esticou para que ele as visse. — Esse sangue é seu.

O rei deu de ombros, ou tentou. Saiu mais como uma estremecida.

— Imagino que não seja uma sensação agradável ser encurralada daquele jeito na sua própria casa.

Roa desviou os olhos de seu olhar meigo demais. Não era desagradável, mas era apavorante. Não queria que ele notasse aquilo. Então disse:

— Esta não é minha casa.

Uma pontada de dor passou pelo rosto dele. Mesmo que fossem

verdadeiras, Roa se arrependeu de suas palavras.

Dax tomara um golpe mortal que fora direcionado a ela. E ali estava Roa, jogando coisas na cara dele.

Ali estava ela, conspirando contra o rei, planejando matá-lo para salvar a irmã.

Uma guerra era travada dentro dela.

Por fim, Roa se aproximou dele.

— Anda. — Ela se agachou e passou o braço dele sobre os ombros. — Vamos tirar você do chão.

Dax gemeu enquanto ela o levantava. Roa passou o braço em sua cintura para ajudar. Ela o guiou até a cama, em cuja borda ele se sentou pesadamente.

— Vou preparar um banho…

Ele agarrou o punho dela para impedi-la.

— Temos criados para fazer isso.

— Mas eu quero fazer.

Ele a encarou em silêncio.

— Por que está fazendo isso?

— O quê?

— Sendo… gentil comigo.

Roa engoliu em seco e desviou os olhos. *Você está ferido por minha causa.*

Mas aquele não era o motivo.

— Porque sou grata — disse ela, sustentando o olhar. — Pelo que fez hoje na assembleia.

Aquilo tampouco era toda a verdade.

A razão verdadeira se escondia em um lugar mais profundo, onde Roa tinha medo de olhar.

Vinte e seis



APÓS PREPARAR UM BANHO E BUSCAR UM MÉDICO, Roa foi se certificar de que Celeste estava bem. Ela a encontrou saudável no calabouço, com Lirabel. Os soldats que tinham mentido para Roa e a haviam atacado estavam presos em celas e sendo interrogados por Safira. Lirabel a informou que uma reunião de emergência fora convocada para o dia seguinte.

Roa não conseguia dormir de jeito nenhum. Continuou pensando no rei se colocando na frente da faca. Pondo-se em perigo para protegê-la.

Aquilo estava tão em desacordo com o Dax que ela pensou conhecer.

Roa afastou as cobertas e saiu da cama. Seus pensamentos estavam tão confusos que não notou o piso frio sob seus pés descalços.

Mais cedo, no bosque, Dax pegara no sabre de um modo todo errado. Meros meses atrás, quando ele fora à savana pedir ajuda, Theo o derrotara facilmente em uma luta.

Ela havia se acostumado a pensar nele como um tolo inútil e atrapalhado.

Mas Dax era filho do rei. Tinha sido ensinado a segurar uma arma havia tanto tempo quanto Roa. Ele podia ser atrapalhado. Podia ser inepto. Mas algo como uma pegada correta, após anos de aulas, deveria ser algo instintivo.

Dax havia espionado seu próprio conselho. De alguma forma, descobrira que Rebekah conspirava contra ele. Em vez de acusá-la sem provas, escolhera provocá-la. Esperar que cometesse um erro.

Aquelas não eram atitudes de um tolo, um inútil ou de alguém atrapalhado. Eram os atos de uma pessoa astuta e cuidadosa. Boa de estratégia.

Roa foi para sua varanda. As estrelas brilhavam friamente sobre ela. A noite a pressionava enquanto uma ideia se formava.

E se Dax não fosse inútil com uma espada como todo mundo pensava?

E se estivesse apenas fingindo?

Ela precisava ter certeza. Porque, quando as forças de Rebekah tomassem o palácio, não poderia haver surpresas. Não enquanto mantivesse Essie engaiolada. E, quando Roa oferecesse a alma de Dax pela de Essie na Renúncia, não poderia haver nada em seu caminho.

Ela seguiu para os aposentos do marido, querendo descobrir se era tão ruim com a espada quanto sempre acreditara ou se ele estava escondendo mais alguma coisa dela.

Algum tempo depois, os guardas de Dax abriram as portas do quarto para ela, trocando olhares sugestivos. Roa os ignorou, fechando as portas atrás de si.

A luz de sua lanterna banhou o quarto, parando na cama com dossel, onde podia ver os cachos escuros de Dax contra o travesseiro de algodão.

Ela deixou a lanterna de lado e sacou a faca de Essie, embainhada na panturrilha. Respirando fundo, foi até a cama, com os pés nus tocando suavemente o chão de mármore.

Roa assomou sobre o marido e pressionou a parte plana da lâmina na garganta dele.

Dax abriu os olhos de repente.

— Você está morto — ela sussurrou.

O rei ficou rígido, apertando os olhos contra a luz difusa da lanterna, então relaxando ao ver que era ela.

— Não imaginei que a Morte fosse tão bonita.

Roa afastou a faca.

— Saia daí — disse ela, retirando as cobertas. Ele estava só com uma calça de algodão.

Dax se sentou, com o cabelo cacheado desarrumado.

— O que é isso?

A noite em que descubro a verdade.

Mas ela só disse:

— A primeira das suas aulas noturnas.

— Aulas noturnas? — Ele ergueu uma sobrancelha interrogativa. Um sorriso sonolento tomou seus lábios. — Esse tipo de aula não acontece *na* cama?

Roa sentiu uma onda de calor. Ela pressionou a ponta afiada da lâmina de sua irmã contra o pescoço dele.

— *Saia*.

Dax não se moveu.

— Já se esqueceu de que tomei uma facada no ombro? Por sua causa, vale ressaltar.

Roa não havia esquecido, claro. Mas ela precisava saber se ele a estava enganando. O sucesso de seu plano dependia daquilo. Então deu de ombros e disse:

— Certa vez, dois bandidos atacaram meu pai enquanto viajava para a Casa do Céu. Quebraram seu braço, mas *ainda assim* ele os afugentou.

— E é por isso que seu pai sempre será um homem melhor do que eu — disse Dax, virando e tornando a se deitar. Como se pretendesse dormir apesar da garota armada no quarto.

Roa tentou novamente.

— Ano passado, quando Theo estava caçando, um javali selvagem perfurou sua perna. Sabe o que tivemos para o jantar aquela noite?

Dax ficou totalmente parado, atento.

— Javali.

Dax sentou. O olhar em seu rosto era turbulento quando ele desviou da lâmina.

— Vamos acabar logo com isso — disse o rei, parando descalço diante dela. Seu peito estava nu, revelando os pontos pavorosos em sua pele. Vê-los fez Roa se sentir terrivelmente culpada, mas ela precisava *saber*. Assim que tivesse certeza de que ele não a estava enganando, pararia.

A rainha embainhou a faca de Essie e olhou para a parede sob o dossel de Dax, onde havia duas espadas decorativas cruzadas. Ambas eram retas como agulhas, com os pomos dourados cravejados de joias. Por serem decorativas, as lâminas não eram afiadas.

Roa precisava que ele acreditasse que aquilo não era nada além de uma

aula de combate. Aquilo era o mais próximo que conseguiria de armas de treino. Ela subiu na cama e as pegou, jogando uma para Dax. Os dedos dele se atrapalharam com o punho. A arma caiu no chão, fazendo barulho.

Imediatamente, alguém bateu na porta.

— Meu rei? Está tudo bem?

— Está, Cyrus, obrigado! — Dax gritou para seu guarda enquanto dava as costas a Roa para pegar a arma caída.

— Morto novamente — disse ela, batendo com o lado plano da própria lâmina na base das costas dele.

Dax gemeu, depois se virou para encará-la.

Roa notou o jeito como ele segurava o punho da arma, sacudindo a cabeça.

O rei mal teve tempo de erguer a lâmina antes que ela descesse a sua, derrubando a dele, que caiu barulhenta no chão.

Roa estreitou os olhos. Talvez ele não estivesse fingindo.

— O que estamos fazendo? — o rei perguntou.

Ela pegou a arma e a devolveu.

— Você está aprendendo a se defender.

Algo mudou em Dax.

— Acha que ninguém tentou isso antes? — ele perguntou.

Roa guardou a própria arma debaixo do braço enquanto alcançava a mão dele que segurava o punho da espada.

— Tenho certeza de que sim — disse ela, soltando os dedos dele no pomo, depois reposicionando-os em uma pegada mais segura. — Mas ou desistiram cedo demais ou eram os professores errados.

O rei ficou em silêncio, deixando-a empurrar e posicionar não só seus dedos, mas seus cotovelos, braços, quadril e joelhos. Roa se afastou para observá-lo.

— Como se sente?

— Desconfortável.

— Memorize isso.

Seu peito inflou. Ele baixou os braços e todo o trabalho de Roa se desfez.

— Confie em mim — disse Dax, baixando a arma. A luz dourada das lamparinas esquadrinhou seus cachos e refletiu nos seus cílios. — É perda de tempo.

Roa sentiu uma pontada de irritação, mas manteve a postura, já que não estava pronta para desistir.

— Você é um rei fraco, Dax — ela o provocou. — Todo mundo sabe

disso. Pegue a espada e se defenda.

Os olhos dele se iluminaram.

Revide. Ela o olhou rapidamente. *Treine comigo.*

Ele nem sequer ergueu a arma.

— Qual é meu incentivo?

— Incentivo?

— Por abrir mão de dormir para te satisfazer. E estando machucado, só para lembrar.

Roa apertou a mão. *Será que ele suspeita de mim?*

— Vou ensinar você a se defender para que não morra — disse ela. — Esse é seu incentivo.

Dax deu de ombros, seus dedos voltando para a posição que Roa acabara de corrigir. Erguendo a lâmina para a luz da chama, ele a examinou.

— Passei vinte e um anos sem morrer. — Ele vislumbrou os olhos dela pela borda do aço. — Sem você.

— Pura sorte — disse Roa, afastando a lâmina com um golpe.

— Esquemas cuidadosamente deliberados — disse ele.

Ela sinalizou para que Dax erguesse a espada. Quando ele não obedeceu, Roa atacou, forçando-o a recuar. O rei ergueu a arma para bloquear o golpe, deixando todo o lado esquerdo exposto.

Roa franziu ainda mais o cenho.

É possível que ele seja tão ruim?

— Quando você cresce com gente te ameaçando e te batendo — disse o rei —, obrigado a assistir as pessoas que você ama apanharem também…

Ela o prendeu com o quadril contra a parede, agarrando o punho que sustentava a espada e pressionando o lado sem fio da própria lâmina na garganta dele.

Morto de novo. Seus olhos brilharam, observando-o.

Dax ergueu o joelho, sem força o suficiente para machucar, só firme o bastante para surpreender, e a empurrou para trás.

— Você aprende que espadas não servem para muita coisa. — Ele apertou a pegada no cabo. — A pessoa sempre vai ter uma arma mais afiada. Sempre vai saber erguê-la melhor. — Seu olhar a atravessava, como se não a visse mais. Como se visse algo muito distante no lugar.

Roa baixou a arma.

Do que ele estava se lembrando?

— Você aprende que é melhor ser fraco. Tolo. — Dax olhou para a arma

em sua mão como se estivesse saindo de sua lembrança. Ele baixou a espada.

— E quando enxergam através da sua trama deliberada, o que acontece? — Roa o desafiou.

Ele se aproximou dela, desarmado.

— Por que isso é tão importante para você?

Roa ergueu a espada, pressionando-a logo abaixo da chave pendurada em um cordão no peito dele. Dax deu outro passo. Estava tão perto que ela podia sentir a respiração dele na bochecha.

— Você salvou minha vida hoje, quando meus guardas não estavam lá para me proteger. — Ela baixou os olhos, para que Dax não pudesse ver a mentira neles. — Um dia, seus guardas podem não estar lá para proteger você.

Seus dedos deslizaram pelos dela.

— E por que isso aconteceria?

Roa engoliu em seco enquanto os dedos dele se moviam sobre os dela, pegando a espada.

— Onde mais meus guardas estariam, Roa?

Eles se entreolharam, sua pegada foi ficando mais firme, mas era tarde demais. Ele tinha o punho da arma na mão, a lâmina em sua garganta. Roa ergueu o queixo, expondo a pele quente do pescoço para o aço frio.

— Como sei que não veio para descobrir minhas fraquezas e usá-las contra mim?

Roa continuou em silêncio, sem desviar os olhos. Era exatamente aquilo que ela fora fazer.

— Tenho uma ideia — o rei disse baixo. — Você gosta de acordos. Que tal cada vez que eu der algo que queira, você me dar algo que *eu* queira. Um beijo, por exemplo.

Roa se lembrou do jeito como ele a beijara na biblioteca. De repente, sentiu calor.

Ela o conteve. O rei não tinha mulheres suficientes para beijar?

— Você ganha um beijo cada vez que eu te ensinar o quê? Como segurar a espada direito? Ou manter a postura? Ou atacar?

Ele assentiu uma única vez, solene.

Roa fez uma careta. Se aquele era o preço para descobrir a verdade, aceitaria.

— Isso não é um incentivo — disse ela, jogando o jogo dele. — É mimo. Se for recompensado por cada acerto, levará anos para aprender.

E só temos três dias até que eu ofereça sua alma em troca da minha irmã.

Dax abriu a boca para interrompê-la, mas Roa não havia terminado.

— O que acha disso? — disse ela. — Você ganha um beijo cada vez que me *derrotar*.

Com o aço ainda na garganta, ele a encarou.

— Vencer você? — disse Dax, aplicando pressão. — Como agora?

Roa deu um sorriso sorrateiro. *Ah, Dax.*

O aço brilhou quando ela ergueu o joelho, exatamente como ele havia feito, só que mais forte. O rei grunhiu, afrouxando a pegada, e Roa escapou da lâmina. Seu cotovelo encontrou as costelas dele, e Dax perdeu o ar. Antes que pudesse se recuperar, Roa agarrou a espada dele do chão e empunhou ambas as armas, uma em cada mão, cruzando-as sobre o peito dele. Ela pressionou e ele cambaleou para trás, encolhendo-se.

— Talvez você tenha razão — disse o rei, com as mãos nos joelhos, recuperando-se da cotovelada. — Talvez eu tenha aprendido com as pessoas erradas.

Roa girou a espada, segurando o aço, e a passou de volta para ele, com o punho para a frente.

Dax a estudou por um longo momento, como se considerasse um tabuleiro de deuses e monstros, contemplando as consequências de aceitá-la.

Por fim, ele segurou o cabo e ergueu a arma para Roa.

— Muito bem — disse o rei. — Concordo com suas condições.

Roa sorriu.

E então atacou.

Roa o venceu três vezes. Ficava cada vez mais certa de que sua suspeita era equivocada: ele não estava escondendo algo, era somente um péssimo espadachim. Ela continuava desempenhando seu papel, mostrando o que ele fizera de errado e como poderia ter se defendido.

Quando notou que ele estava se cansando, Roa baixou a espada para encerrar a sessão.

No momento em que fez isso, ele a bloqueou como Roa havia ensinado, forçando-a na direção da cama. Aquilo a pegou de surpresa, e o bater das espadas ecoou pelo quarto. Antes que ele pudesse prendê-la contra a estrutura da cama, Roa se atirou para a esquerda e girou em torno dele.

Dax se virou. Roa atacou, pegando-o de guarda baixa, mas ele se esquivou

no último momento. Ela o chutou na canela, e a força do golpe o mandou para trás. Suas pernas acertaram a estrutura de madeira e ele perdeu o equilíbrio, caindo nos lençóis com força.

Roa investiu, imobilizando a mão que segurava a espada acima da cabeça dele enquanto pressionava a lâmina na garganta.

Preso, Dax relaxou embaixo dela.

Tinha sido uma boa tentativa para um principiante.

Então Roa relaxou também.

Ela pretendia elogiá-lo, mas as palavras nunca saíram. A visão dele naquele instante, completamente à sua mercê, fez o estômago dela se revirar.

— Vamos fazer isso todas as noites — Dax sussurrou, olhando para ela.

Roa o encarou. Ela sentiu um desejo surpreendente de passar o dedo por sua mandíbula não barbeada, pelos cachos selvagens, de sentir o arranhar dos dentes dele no lábio…

— Meu rei? — Uma batida na porta. — Tem certeza de que está tudo bem?

Roa se endireitou.

— Está, Cyrus — Dax falou embaixo dela. — Só estou no meio de uma surra. — Seu olhar para Roa foi gentil, e sua voz mais ainda.

O coração de Roa deu um pulo. Ela desceu imediatamente de cima dele e da cama.

Dax a levou de volta por uma passagem secreta. Ele mantinha a chama de sua lamparina queimando tão baixo que, se não tivesse parado, ela sequer teria notado a porta.

Passando-lhe a lamparina, Dax alcançou o trinco na parede. Roa ouviu o mesmo estalido suave e então ela se abriu. Roa passou por ela e entrou em seu próprio quarto.

O brilho turvo da lamparina iluminou o chão, alcançando a cama com dossel.

— É só pisar aqui para abrir de dentro do quarto — disse ele, fechando a porta escondida e empurrando Roa para fora do caminho, de modo que, quando ele ajoelhou e pressionou a folha de um mosaico no chão, a porta não a atingisse ao se abrir.

O coração dela batia acelerado.

Roa fechou a porta e tentou ela mesma, memorizando qual era a flor, a

sétima a partir do canto, amarela com folhas brancas. Mais uma vez, a parede se abriu.

Dax a fechou lá dentro, para garantir que conseguiria abri-la do outro lado. Roa precisou de algumas tentativas, e por um segundo pensou que ficaria presa, mas ele gritou instruções detalhadas do outro lado. Quando a porta deslizou, acertou-o diretamente no rosto.

Roa tremeu ao perceber, tirando as mãos dele da testa para avaliar o dano.

— Desculpe.

— Você diz isso, mas está sorrindo como uma criança que acabou de ganhar um gatinho.

Roa abriu ainda mais o sorriso. Uma passagem que conectava diretamente os quartos deles? Aquilo facilitaria muito o trabalho de evitar os guardas. Facilitaria *tudo*.

Sem pensar, ela ficou na ponta dos pés e beijou sua bochecha.

— Obrigada.

As mãos de Dax foram para sua cintura, segurando-a com gentileza. Quase com nervosismo. Como se bastasse um único beijo repentino de Roa para desfazer todo o seu charme e toda a sua confiança.

Ao pensar naquilo, ela recuou. Dax tirou as mãos dela.

— Se precisar de mim durante a noite — ele esfregou a mão na nuca, olhando para os azulejos azuis e verdes do piso —, vire à direita.

O silêncio caiu enquanto os dois pensavam nas coisas que ela poderia precisar dele.

— Direita. Bem. Nos vemos amanhã, então.

Dax pegou a lamparina e voltou pela passagem. Só depois que a parede fechou e a escuridão caiu que Roa se perguntou o que aconteceria se virasse à esquerda.

Vinte e sete



NAQUELA NOITE, ROA TEVE UM PESADELO.

Sonhou que estava trancada em um lugar escuro e profundo. Não havia paredes, mas, não importava para onde virasse, ela não conseguia escapar. A solidão a esmagava. O cheiro de sangue e podridão a deixava enjoada.

Mas Roa não estava totalmente sozinha. Em algum lugar nas sombras, algo procurava por ela.

Onde você está?, ela ouvia.

Roa conhecia aquela voz. A esperança floresceu dentro dela. *Essie!*

Onde você está? Onde você está?

Eu… eu não sei!

Roa sentiu a irmã parar. Sentiu-a virar. Procurando-a.

Estou aprisionada, disse Roa. *No escuro.*

Estou indo. A voz de sua irmã pareceu ficar mais afiada. *Vou te encontrar. Sempre encontro.*

Mas a voz de Essie não se aproximou. Enquanto Roa tentava desesperadamente encurtar a distância entre elas, Essie parecia ficar cada vez mais distante.

Em pouco tempo, Roa não conseguia mais ouvi-la. Quando estava prestes

a desistir, o eco vestigial da voz de Essie alcançou seus ouvidos: *Dessa vez, quando eu te encontrar, nada vai nos separar de novo.*

*

Roa acordou num sobressalto, tremendo e coberta por uma camada de suor frio. Tentou afastar o pesadelo, mas ele se manteve presente como uma sombra.

Ela pensou que se tratava de Essie. Mas então, no fim, aquele eco… parecia ser algo *diferente*.

Alguém bateu à porta, dispersando seus pensamentos.

— Minha rainha?

Roa viu o sol alto no céu. Ela sentou… e gemeu. Seu corpo inteiro doía, e Roa levou vários segundos para se lembrar do motivo: havia passado a noite duelando com Dax.

A rainha deitou de costas nos travesseiros, pensando na noite anterior. Em Dax machucado e brilhando de suor.

O ferimento o deixava mais lento, ela sabia. Mas, mesmo levando aquilo em conta, Dax era um espadachim pior do que Roa pensava. *Ele favorece seu lado esquerdo e deixa os flancos expostos quando investe*. Não havia nem chegado perto de vencê-la.

Se era verdade que outras pessoas haviam tentado treiná-lo a usar a espada, ou elas não tinham se esforçado muito ou ele não tinha. O rei era ruim demais naquilo, e seus inimigos invadiriam o palácio dali a duas noites.

Quando aquilo acontecesse, Roa precisaria ser cuidadosa. Não confiava em Rebekah. Não podia mais se dar ao luxo de confiar em Theo. Cabia a ela manter Dax protegido de seus homens por tempo o bastante para fazer a troca.

Antes que aquilo pudesse acontecer, contudo, Roa precisava encontrar um jeito de sair e avisar Rebekah antes da meia-noite daquele dia, em troca da liberdade de Essie.

Roa ficou chateada pensando a respeito. Estava à mercê de Rebekah. Mas logo aquilo estaria acabado.

— Minha rainha? — A voz de Celeste soou novamente do outro lado da porta. — Está atrasada para a reunião de segurança.

Roa levantou. Estava cansada e dolorida, sem prática e fora de forma. Colocando as mãos nos quadris, alongou as costas, os ombros e o pescoço.

Enquanto colocava um vestido nativo feito de linho rosa, ela olhou rapidamente na direção da porta oculta que Dax lhe havia mostrado na noite anterior.

Sentiu-se tentada a fingir que estava doente e faltar na reunião para explorar a passagem secreta. Mas, se medidas de segurança seriam discutidas, Roa precisava tomar conhecimento delas, para saber se interfeririam em seus planos.

Ao abrir as portas, Roa encontrou Celeste, Tati e Saba olhando para ela em expectativa.

— Por favor, se puder se apressar… já estamos bem atrasadas.

Elas a levaram aos aposentos de Dax. Os quatro guardas dele permaneciam do lado de fora, com o queixo erguido e o morrião brilhando. Eles assentiram para as guardas de Roa enquanto Celeste levava a rainha para dentro e para a porta do salão.

— Estaremos bem aqui, atrás da porta. Chame se precisar de alguma coisa.

Roa assentiu e entrou.

Safira estava esparramada em um sofá baixo, lançando repetidamente uma faca elegante no ar e pegando-a enquanto falava. Jas estava sentado diante de travessas cheias de comida, servindo chá para todos. Ele ficaria lá só mais alguns dias, ajudando o rei a planejar a Renúncia. Lirabel estava perto da janela, com os olhos desfocados enquanto pegava uma flecha com as duas mãos, curvando-a como se pretendesse quebrá-la ao meio. Roa esperou pelo estalido que nunca veio.

Enquanto sentava, o ombro da rainha esbarrou no machucado de Dax, que gemeu. Roa se afastou, pensando no ferimento de faca. Não devia ter exigido tanto dele na noite anterior.

Quando olhou para perguntar como ele se sentia, as palavras pararam em sua língua.

Ele parecia… diferente.

Seu cabelo tinha sido cortado. Os cachos não estavam mais compridos, selvagens ou embolados. E não havia sinal de barba por aparar.

Ele se barbeou, Roa pensou.

Vê-lo daquele modo fez a rainha perceber que tinha se acostumado com o rei em seu estado desgrenhado.

Dax analisou sua expressão.

— O que foi? — perguntou, olhando para si mesmo e se endireitando.

Roa franziu o cenho ao ver suas bochechas macias.

— Nada.

Dax passou uma mão na mandíbula.

— Você não gostou.

Roa afastou os olhos imediatamente.

— Não seja ridículo.

Dax sorriu um pouco, então se recostou, plantando a mão atrás dela. Ele se inclinou e sussurrou perto do ombro de Roa.

— Bom saber.

O roçar dos seus lábios fez com que ela sentisse algo começar a se desemaranhar dentro de si.

O que estou fazendo?

Roa não podia se envolver. Tinha uma missão a cumprir.

Quanto mais tentava se concentrar em seu propósito, mais seus pensamentos voltavam para Dax. Para a lembrança dele deitado sob ela na noite anterior, feliz de estar à sua mercê.

Ao encontrar um jeito de Rebekah entrar, Roa traía não só o marido, mas toda a Firgaard, provando que o povo estava certo ao não confiar nela. E ao tramar para tirar a vida do rei…

Roa se abraçou, sentindo um frio repentino.

Quem serei quando tudo isso terminar?

Não. Ela não podia se dar ao luxo de considerar aquilo. Precisava pensar em Essie. Na dor crescendo dentro de si desde que virara as costas para ela na casa do barão Silva e a deixara para trás. Sozinha. Em uma gaiola. Cercada de inimigos.

Quem serei quando isso terminar? Serei a garota que libertou a irmã.

— Roa? — interrompeu Jas, erguendo o bule. — Chá?

Ela assentiu e se impulsionou para a frente, afastando-se de Dax. Jas encheu um copo e o passou para ela.

— Sendo assim, está decidido. — Safira sentou e alongou o pescoço. — Vamos fechar os portões da cidade. A partir de hoje, ninguém tem permissão para entrar ou sair de Firgaard.

Roa quase cuspiu o chá.

— *Mas por quê?*

Todos se viraram para encará-la.

A rainha se forçou a permanecer calma.

— Isso não é um pouco… drástico? Por causa de uma única violação de segurança?

— O que aconteceu ontem não foi uma violação de segurança — disse Safira. Ela colocou as duas botas no chão. — Foi um motim.

O estômago de Roa se contraiu como um punho.

Aquilo arruinaria tudo. Os homens e mulheres da Casa do Céu estavam a caminho dali. Se os portões de Firgaard se fechassem, teriam que dar meia-volta. E se a Renúncia fosse cancelada…

Essie ficaria à mercê de Rebekah. Roa não podia permitir que acontecesse. Precisava salvá-la.

— Você não pode fazer isso — disse ela.

— É a terceira conspiração contra você em menos de uma semana — disse Safira. Seus olhos azuis brilhantes estavam frios. — Não podemos ficar sentados sem fazer nada.

A terceira? Então todos sabiam sobre Sirin?

Roa afastou a dúvida e olhou para Dax.

— Se fechar os portões da cidade e cancelar a Renúncia, terá quebrado outra promessa.

— Roa. — A voz de Lirabel saiu num tom afiado de alerta. Ela se afastou da janela para olhar a rainha, com a flecha firme em uma das mãos. — É para sua própria segurança.

Roa ignorou a amiga e se concentrou em Dax.

— Se fechar os portões da cidade, provará que é um rei fraco.

— Quebrar uma promessa não é melhor do que tomar outra facada por sua causa? — gritou Lirabel.

Roa e Dax olharam para ela.

— Nunca pedi a ele que tomasse a primeira — disse Roa, com calma.

Lirabel tremia de raiva.

— Você será um rei irresponsável — disse ela, olhando para Dax — se não aceitar as sugestões de Safira. E você… — Lirabel franziu a testa para Roa. — Não sei mais quem você é.

Roa se sentiu murchar diante daquelas palavras.

— Vou considerar. Prometo — disse Dax. — Protejam o palácio, interroguem cada soldat e criado e tranquem os portões do palácio por enquanto. Quanto a fechar os portões da cidade e cancelar a Renúncia… me deixem pensar no assunto. Darei minha resposta a Safira pela manhã.

Lirabel não olhou para o rei.

— Terminamos? — ela perguntou à comandante.

Safira assentiu.

Pegando o arco e a aljava cheia de flechas, Lirabel saiu furiosa em direção à porta, fechando-a com força em seguida, deixando um silêncio tenso em seu rastro. Jas a seguiu, levando sua xícara de chá fumegante consigo.

Safira se levantou, alongou-se e embainhou a faca.

— Vou interrogar todos os guardas do palácio hoje. Se tiver um mau *pressentimento* que seja quanto a qualquer um, será dispensado. Não podemos cometer nenhum erro.

Um segundo depois, ela também se foi, deixando Dax e Roa para trás.

No silêncio, o rei pegou uma manga de uma tigela dourada à sua frente.

— Não posso me dar ao luxo de fingir que não estou perdendo o controle — disse ele, enquanto começava a cortar a polpa amarela em cubos. — Não gosto de saber que está constantemente em perigo.

— Então prefere me manter aprisionada.

Dax desviou os olhos da fruta.

— Não. É que…

— Não é o que está fazendo? Me trancando? Não são as pessoas de fora que me odeiam, Dax. É o povo de *Firgaard*. Cancelar a Renúncia não fará o problema desaparecer.

— Não posso desprezar o conselho de Safira.

— Você é o rei — disse ela. — Pode fazer o que quiser.

Dax a analisou à luz do sol que entrava pelas janelas, considerando suas palavras. Roa deixou o próprio olhar percorrer os planos do rosto dele, estudando os longos cílios negros, seu queixo escuro, a ponte torta do nariz.

— Safira tem bons instintos — disse ele. — Confio nela cegamente.

E nem um pouco em mim, pensou Roa, sem poder culpá-lo.

Só havia uma coisa fazer: encontrar a passagem e usá-la para alertar Theo.

Antes daquela noite.

Sozinha

Era aquela a sensação de perder sua irmã…

Estender a mão à noite e encontrar apenas cobertas esticadas, frias e vazias.

Era a história que ela nunca poderia contar e os segredos que nunca sussurraria sob as cobertas.

Era a risada que não ouviria.

A dor que nunca cessaria.

E o vazio que jamais poderia ser preenchido.

Era ver o que havia perdido nos olhos de todos.

Era fingir não ouvir seu pai chorando à noite quando pensava que ninguém podia ouvi-lo.

Era ir aos penhascos ver se encontrava um rastro dela… e deparar apenas com o arrepio do vento e o silêncio da água parada.

Era acordar de um pesadelo e se virar para a pessoa que sempre cantava para ela voltar a dormir, então descobrir que estava sozinha no escuro.

Sozinha, para sempre, no escuro.

Era aquela a sensação de perder sua irmã.

Vinte e oito



ROA DISSE AOS GUARDAS PARA NÃO A INCOMODAR PELO RESTO DO DIA.

Então acendeu uma vela e foi com ela para a passagem.

Se existia uma saída secreta no palácio, parecia lógico que se conectasse com os aposentos do rei e da rainha.

— Tem que ser esta aqui — murmurou, mantendo a chama da vela perto das paredes, à procura de trincos.

Ficou frio. Depois úmido. A vela tinha queimado quase até o fim e Roa ainda não havia encontrado nenhuma porta além daquelas que levavam ao seu quarto e ao de Dax.

De repente, a passagem chegou ao fim.

Roa pousou a vela e passou as mãos pela parede, procurando uma ranhura fina como a do seu quarto. O estuque estava frio e úmido, mas não havia traço de porta.

Não, ela pensou, querendo chutar a parede. Por que se dar ao trabalho de criar um túnel que só ia até ali?

A menos que algum dia tenha chegado a outro lugar, pensou Roa. *E que o tenham fechado.*

Mas por quê?

Se aquela era a saída que vinha procurando e fora bloqueada, então não tinha nada para contar a Theo.

O pânico apertou seu coração.

Mas quanto mais demorasse, mais a vela queimaria. Se não voltasse logo, teria que encontrar seu caminho no breu absoluto.

Daquela vez, Roa chutou a parede.

A dor penetrou seu pé ao mesmo tempo em que algo clicou. Ar bolorento bateu em seu rosto, seguido de um longo rangido suave. Ela sibilou de dor, segurando o pé no instante em que a parede à sua frente deslizava. Então baixou o pé lentamente, olhando para a passagem além, iluminada pela vela.

Roa ignorou o pé latejando e se agachou, examinando onde havia chutado a parede. Havia um círculo impresso no estuque, perto do chão. Dava para ver que normalmente ficava no mesmo nível da parede, mas afundou com o chute. Dentro do círculo havia um padrão familiar, embora Roa não conseguisse lembrar onde o vira antes.

Dois dragões entrelaçados. Ela passou os dedos por eles. Depois pressionou.

A porta se abriu.

Roa pressionou de novo e a porta se abriu.

Agarrando a vela cada vez menor, ela se levantou, com o coração batendo forte.

A rainha seguiu pela nova passagem até chegar a uma escada. Levava para cima, até um portão forjado em ferro. A filigrana se retorcia e espiralava no mesmo padrão de dragão entrelaçado. De algum lugar além dele, ela ouvia o barulho de carroças e vozes conversando.

Roa tocou o ferro frio. Através do espaço entre os dragões retorcidos, podia ver a parede oposta, talvez a cinco passos de distância. Não possuía a matiz avermelhada da maioria das seções da cidade. Estava pintada de verde.

O novo alojamento. Tinha sido reconstruído e pintado após Kozu queimá-lo.

Roa não viu tendas ou alguém de passagem. A ruela parecia deserta. Mas, de algum lugar próximo, podia ouvir a batida de um martelo em metal. A forja de um ferreiro.

Ela podia não saber de onde vinha exatamente, mas tinha uma ideia aproximada.

E era uma saída.

Quando Roa segurou a maçaneta desbotada, ela não se moveu. A rainha

tentou virá-la, tentou puxá-la, mas o portão aguentou firme.

Qual é o problema com draksors e suas malditas trancas?

Ela se inclinou para olhar pelo buraco da fechadura, tentando memorizar a forma dele.

Roa precisava daquela chave.

Quem teria uma chave para uma porta que levava diretamente aos aposentos reais?

Ela se lembrou da chave que Dax mantinha em um cordão pendurado no pescoço. Tão preta e enferrujada quanto a porta trancada.

É claro que está com ele, ela pensou.

Mas a chave não era sua maior preocupação. Olhando pelo portão, Roa vislumbrou raios de sol do fim da tarde.

Ela tinha prometido a Rebekah encontrar uma saída em três dias. Lá estava ele, o terceiro dia. E lá estava Roa, olhando para a saída. Só que estava trancada. Theo estava quase do outro lado da cidade. E o palácio permanecia impenetrável.

Roa segurou o ferro e pressionou a testa contra ele, tentando pensar.

Enquanto o fazia, a vela se apagou.

Roa decidiu encontrar Theo e Rebekah, contar que havia encontrado a saída e pedir mais tempo para obter a chave.

Ela foi até o portão do palácio e descobriu quatro ferrolhos enormes, cada um deles espesso como um cavalo e duas vezes mais comprido, mantendo as portas enormes travadas com firmeza. O número de soldats ao longo do portão havia triplicado e todos permaneciam retos como flechas, olhando cautelosos para Roa.

Ela ordenou que eles abrissem o portão.

Um deles se apiedou da rainha.

— A comandante agora tem autoridade sobre o portão do palácio em estado de emergência.

— O quê? — Roa franziu o cenho. — O que isso significa?

— Significa que não podemos aceitar ordens do rei nem da rainha. Somente da comandante.

Dax tinha feito aquilo? Passado o controle completo para Safira?

Tolo.

Ela se virou e marchou direto para os aposentos do rei.

Antes

O oponente de Roa deslizou sua tecelã do céu pelo tabuleiro quadriculado esculpido em marfim. Só tirou os dedos da peça quando ela a pegou com seu espírito corrompido, suspirando de maneira rude.

— Por que você precisa ser tão óbvio?

O filho de onze anos do rei olhou para cima.

— Como estou sendo óbvio?

— Você avançou primeiro com a tecelã do céu. Você a usa para fazer todas as suas capturas. Obviamente a favorece.

— E isso é ruim?

— Sim.

— Pode me explicar?

Roa inspirou e expirou. Não fazia ideia de como ia passar dois meses inteiros com aquele garoto burro. Mas o pai havia incutido nela a importância de ensinar um adversário mais fraco a melhorar. Porque quão maior fosse o oponente, maior era o desafio.

Nunca se acomode com o fácil, *ele dizia.* Sempre escolha o desafio.

Então Roa disse ao garoto na frente dela:

— Assim que percebo qual é sua peça favorita, ela se torna sua fraqueza.

Dax a olhou por um momento, considerando a lição, depois olhou para sua tecelã do céu, feita de marfim.

— Então, o que devo fazer?

— Criar distrações. — Ela tocou suas peças para mostrar a ele, primeiro o espírito corrompido, depois o dragão. — Tente não favorecer nenhuma peça em específico. — Se não puder evitar, não deixe seu oponente perceber qual é.

— Porque assim que ele descobre minha fraqueza sabe como me derrotar?

Finalmente, *pensou Roa.* Progresso.

— Nunca se revele. — Ela deslizou seu dragão pelo tabuleiro gravado em pedra. Esculpido em ébano polido, ele brilhava como uma noite sem estrelas.

— É a segunda regra de deuses e monstros. — Roa levantou o rosto para olhá-lo. — Você lembra da primeira?

Dax moveu sua peça no tabuleiro. Quando ia posicioná-la, recostou-se e disse:

— Preste atenção.

— Sim! — Roa sorriu. — Muito bem.

— Não — disse Dax, batendo duas vezes no punho dela. — Estou dizendo para prestar atenção em mim, porque estou prestes a ganhar o jogo.

Roa franziu o cenho.

Aquilo não podia ser verdade.

Quando ela olhou, encontrou sua rainha aprisionada exposta e indefesa. Ela havia se distraído. E agora, se não conseguisse encontrar um jeito de bloqueá-lo, perderia sua rainha e, em consequência, o jogo.

Roa tirou os olhos do tabuleiro, espantada.

— Quer saber a terceira regra de deuses e monstros? — ele perguntou, sorrindo. — Acabei de inventar.

Roa cruzou os braços enquanto Dax se inclinava sobre o tabuleiro.

— Nunca subestime um tolo.

Vinte e nove



ROA BATEU NA PORTA DUAS VEZES ANTES DE ABRI-LA. Dax estava de pé na cama, colocando rapidamente a camisa e abrindo os lábios para mandar embora quem fosse.

Quando ele a viu, porém, seus dedos pararam na garganta, junto com a ordem.

— Roa.

A rainha empurrou gentilmente a porta entreaberta para espiar o interior do quarto.

Tirando o brilho morno de uma lamparina iluminando a cama com dossel, ele estava nas sombras. Mas tudo o que Roa precisava ver era a cama.

Que estava vazia.

Ela soltou a respiração.

— Preciso falar com você — disse, entrando.

Dax deixou os laços de novo. Como se não houvesse mais motivo para aquilo. Como se o esforço de parecer o mais atraente possível fosse totalmente desperdiçado com a esposa. Ela bateu a porta atrás dela.

Roa se virou e o viu passando uma mão pelos cachos castanhos.

— O portão do palácio está trancado.

Dax assentiu.

— Lembra da reunião? Que parte de “tranquem os portões do palácio” você não entendeu?

— Eles se recusaram a abrir para mim.

— Sim — o rei disse. — Porque ninguém tem permissão de entrar ou sair até Safira ter certeza de que é seguro.

— Nem mesmo a rainha?

Dax a estudou, franzindo a sobrancelha.

— Por que sair se tornou tão urgente?

— Porque preciso… — Roa parou. Mas era tarde demais. Dax sabia o que ela ia dizer.

Seu rosto ficou sombrio.

— Precisa ver Theo.

Roa nem sequer negou.

— E qual é a natureza dessa necessidade?

Roa ficou ruborizada com a pergunta.

Não isso, ela pensou.

Mas o que mais poderia dizer ao rei? Ela não podia contar a verdade, que era cúmplice da trama contra ele. Que precisava contar a Theo sobre a passagem secreta que levava ao palácio, a qual o próprio Dax havia mostrado a ela.

Então mentiu.

— Se acha que não tenho as mesmas necessidades que você, está enganado.

Dax ficou boquiaberto. E então sua mandíbula ficou rígida.

— Muito bem — disse ele. — Convencerei Safira a abrir o portão… Com uma condição.

Roa cruzou os braços.

— E que condição é essa?

Ele apontou para a parede sobre a cama, onde estavam as duas espadas cerimoniais com as quais haviam lutado na noite anterior.

— Precisa me derrotar primeiro.

Ele quer uma disputa?

— Mas agora? — ela perguntou, olhando para as janelas. O sol começava a se pôr nas muralhas da cidade. Ela precisava falar com Rebekah até a meia-noite.

— Por que esperar? — resmungou Dax, enrolando as mangas acima dos

cotovelos e tirando as botas.

Pelo olhar em seu rosto, Roa podia ver que havia ferido seu orgulho. Ele não ia abrir o portão, não importa o quanto implorasse.

Ela teria que vencê-lo rapidamente.

— Vamos, então.

Dax alcançou as espadas e jogou uma para ela. Roa a segurou, depois descalçou as sandálias.

Ele ergueu a lâmina.

— Estou morrendo de curiosidade de saber: o que há de tão especial no herdeiro do Céu?

Roa ergueu sua arma em resposta e ficou em posição de combate, pronta para acabar com ele.

— Theo não flerta com metade do reino — disse ela. — Nem dorme com minhas amigas.

Dax baixou a espada.

— Esse é um nível bem baixo de exigência, devo dizer.

Roa avançou. Dax mal a bloqueou, caindo para trás enquanto ela golpeava.

— É uma piada para você?

— O quê? — ele perguntou enquanto as espadas colidiam.

— Dormir com minhas amigas.

Dax a afastou, franzindo a testa.

— Está *me* acusando de fazer isso?

Roa baixou a espada, lembrando da última noite deles na Casa da Música. Do som de Dax e de mais alguém do lado de dentro.

— Ouvi vocês — disse Roa, a raiva pulsando dentro dela. — *Na casa do meu pai*. No corredor, indo para nosso quarto.

— Vocês quem?

— Você e Lirabel!

Ele arregalou os olhos.

— Você acha… — Sua voz soava estranha. — Acha que dormi com *Lirabel*?

Roa segurou a espada com mais força, olhando para ele.

— O reino inteiro pensa isso.

— Não estou nem aí para o que o reino inteiro pensa — disse ele, olhando-a aborrecido. — Me importo com o que *você* pensa.

— É isso que eu penso.

Ele olhou para ela como se as palavras o estripassem.

— Eu não estava com Lirabel. Não estava nem na casa naquela noite.

Roa estreitou os olhos, pensando em todo o tempo que os dois haviam passado sozinhos. Lirabel não ficava tanto tempo com mais ninguém.

— E no mar de areia, quando Theo foi nos ajudar, você não estava na tenda dela?

Ele esfregou os olhos bruscamente.

— Pelas estrelas, Roa. É realmente isso que pensa de mim?

— Você se recolheu antes de todo mundo naquela noite — disse a rainha. — Quando entrei, você não estava lá.

— Não, *você* não estava lá. — Ele segurou o cabo com mais firmeza. — Você não foi para a cama, então eu saí para ver se estava bem. — Dax desviou os olhos. Seu rosto estava tenso. — Eu não devia ter me preocupado. Você estava com Theo. Estava *mais* do que bem, não é?

Havia dor em seus olhos, como se Roa não fosse uma mulher, e sim uma faca afiada.

Roa relembrou aquela noite, os momentos antes de ir para a cama. Theo a pedira para ficar. Havia passado os braços em sua cintura e dado um beijo em seu pescoço.

E ela havia permitido.

Se o rei não estava na tenda de Lirabel, nem na dele…

Dax viu, ela pensou. Aquilo estava estampado no rosto dele. Roa e Theo haviam ficado sozinhos na tenda. *E Dax vira tudo.*

Roa olhou para os pés descalços.

— Se não estava no nosso aposento na noite anterior à partida da Música, então quem era?

— Jas e Lirabel.

Roa voltou a olhá-lo, surpresa.

— O quê?

— Eu sabia que você não ia dormir comigo. E eles precisavam de um lugar. Então deixei que ficassem no nosso quarto. — O rei sacudiu a cabeça. — Fui dormir no telhado do abrigo do jardim naquela noite. *Sozinho*.

Roa o encarou.

Jas e Lirabel. Não podia ser.

— Ela não suporta meu irmão. Sempre que ele chega, Lirabel vai embora.

O rei sacudiu a cabeça, incrédulo. Como se não pudesse acreditar que teria que explicar aquilo a Roa.

— As três irmãs mais novas dela estão sob tutela na sua casa, Roa. Lirabel

está à mercê da generosidade do seu pai. Por que agiria diferente?

Roa franziu o cenho.

— Como assim? Está querendo dizer que meus pais desaprovariam o relacionamento dos dois?

O silêncio foi sua resposta.

Roa recuou, saindo da posição de combate.

— Está me dizendo — continuou ela — que todo esse tempo Lirabel tem estado secretamente apaixonada pelo meu irmão?

Vocês nos deram um lugar aqui tão facilmente, Lirabel dissera uma vez a ela. *Poderiam tirá-lo de nós com a mesma facilidade.*

Na época, Roa considerara que o medo da amiga não fazia sentido. Que razão os pais teriam para deixar que ela e as irmãs passassem fome?

Aquele era o motivo de Lirabel. O que tinha medo de contar à amiga.

Ela estava apaixonada pelo herdeiro de uma grande casa, mas não tinha nada a oferecer a ele — riqueza, contatos ou qualquer família além das irmãs mais novas. Lirabel não tinha nada para convencer os pais de Roa de que era algo além de uma garota sem posses tentando ascender socialmente.

É por isso que sempre o rejeitou e ignorou?, Roa se perguntou. *Porque pensava que, se meus pais tomassem conhecimento do caso, fariam exatamente o que temia?*

Os pais de Roa desaprovariam o relacionamento, mas só de início. Mudariam de opinião porque haviam ensinado Roa e seus irmãos a pensar por si mesmos e tomar suas próprias decisões. Respeitariam a escolha de Jas.

E se não fosse o caso… bem, Roa poderia fazê-los mudar de ideia.

Outro pensamento lhe ocorreu. Ela olhou para Dax.

— Isso quer dizer que o bebê é *dele*?

É exatamente o que isso quer dizer, dizia o olhar do rei.

Roa permaneceu parada, tentando absorver aquilo.

— Foi por isso que ela nunca me contou. — Roa verbalizou o que acabara de perceber, lembrando da discussão na casa do barão Silva. — Ela acha que não a considero digna de um dia ser senhora da Casa da Música. Acha que eu ficaria do lado dos meus pais.

Que a amiga pudesse pensar algo do tipo, que não contaria para Roa um segredo de tamanha importância por estar assustada… doía. E a deixava com raiva de si mesma.

Como posso ter falhado tanto com ela?

— Você não estava prestando atenção — disse Dax.

E então ele atacou.

Dax a derrotou, movendo-se com fluidez com os passos que ela havia lhe mostrado e golpeando forte com a parte plana da lâmina entre os ossos dos ombros.

Ela fez uma careta e esticou a mão para o pé da cama.

— Roa… — Ele soltou a arma e segurou seus ombros gentilmente. — Machuquei você?

— Não — ela mentiu, trincando os dentes para conter a pontada de dor e se virando para encará-lo, então estreitando os olhos. — O golpe foi bem executado.

Dax a encarou, procurando um traço da dor que sabia haver causado.

— Levei uma semana para aprender aquele movimento — disse ela.

Um pequeno sorriso ergueu sua boca.

— Tive uma professora melhor do que você.

O elogio relaxou algo nela. Quando notou, Dax se aproximou e a beijou.

Foco, ela disse a si mesma, afastando-se para olhar o céu. O sol havia sumido por trás dos muros do jardim, mas ela ainda tinha tempo. Não precisava falar com Rebekah antes da meia-noite.

Dax tirou a camisa e a jogou de lado. A pele em volta dos pontos tinha uma aparência terrível, mas estava começando a se curar. E a chave…

A chave.

Roa olhou para o padrão no fim do eixo: dois dragões entrelaçados. O mesmo do portão que levava para fora do palácio.

Dax tirou os cachos encharcados de suor da testa e depois se espreguiçou, revirando os ombros.

Roa precisava daquela chave.

Mas, primeiro, precisava vencê-lo para poder contar suas descobertas a Rebekah.

Ela atacou e quase o acertou, mas ele se esquivou rapidamente, passando por baixo dela. Dax sorriu e voltou à posição de luta que havia memorizado. Como ele havia aprendido tão rápido? Na noite anterior, segurava uma espada como se fosse um objeto estranho. E ela já não o conseguia vencer?

Era estranho demais.

Sorrindo para ela, Dax esticou o punho, girando a lâmina de um jeito que Roa já vira antes. Mas onde? Não era um truque que havia ensinado a ele.

Porque o rei não é tão indefeso quanto finge ser.

Contudo, aquilo ainda não passava de suspeita. Roa precisava provar sua teoria. Então usou um movimento que sabia não ser justo. Um que seu pai reprovaria, caso visse. Um que derrotaria Dax.

Roa avançou rápido na direção dele, golpeando para a frente. O rei a bloqueou e ela atacou de novo. Quando Dax se esquivou, Roa enganchou seu tornozelo atrás do joelho dele e o fez cambalear. Por um milagre, ele se reequilibrou. Mas antes que pudesse se recuperar completamente, Roa o desarmou.

A espada dele caiu no chão aos seus pés. Ela estava prestes a dar o golpe final, mas Dax pisou com o calcanhar na ponta da espada. Quando o cabo subiu, ele o pegou no ar e atacou num movimento pendular que Roa com certeza não havia lhe ensinado.

Assim que a espada desceu, ela aparou a parte achatada com a palma.

— Quem te mostrou isso?

Dax piscou.

— O quê?

— O que acabou de fazer. Quem te ensinou esse movimento?

Dax baixou a espada, olhando para ela.

— Você?

Roa pressionou as palmas no peito dele e o empurrou. A parte de trás das pernas dele acertaram a cama, e o rei caiu sentado nela.

— Você é um mentiroso.

Seus olhos se iluminaram com aquilo.

— Nunca menti pra você.

— Está mentindo agora.

— Eu disse que era uma perda de tempo. Não é culpa minha se está ocupada demais me julgando como todo mundo faz.

Roa o encarou.

— O que quer dizer com isso?

— Minha prima é a comandante, Roa. Minha irmã já foi a caçadora de dragões mais feroz do reino. Cresci com as duas ao meu lado. Acha mesmo que deixariam eu me tornar um rei indefeso?

Roa abriu a boca, mas as palavras não saíram.

Ele a havia manipulado. Vinha manipulando uma filha da Casa da Música como se fosse uma tola qualquer.

— Se já sabia como manejar uma espada, então o que fizemos esse tempo

todo? Por que me deixou ensinar algo que já sabia?

— Por que você acha? — ele disse tranquilamente, desviando os olhos.

— Não sei! — ela gritou. — Por isso estou perguntando!

Ele disse em voz baixa:

— Odeio ver você correr para ele, Roa.

A raiva uivante dentro dela morreu.

— Para… Theo?

É esse o motivo disso tudo? Theo?

A raiva se acendeu em Roa.

— Bom, odeio ver você flertando com toda garota bonita que passa na sua frente. Seduzindo. Se derretendo com os sorrisos. Levando qualquer uma para a cama com você.

Seus olhos ficaram sombrios.

— Não faço nada disso. — Ele sacudiu a cabeça. — E você *o ama*.

Aquelas palavras pareceram sugar toda a sua energia.

Roa abriu a boca. Depois a fechou.

Não amo. O pensamento a surpreendeu.

Ela já havia amado Theo. Ou pensado que amava. Mas aqueles sentimentos não existiam mais.

— Você flertou com praticamente todas as mulheres da minha casa quando estávamos lá — Roa sussurrou.

Dax cobriu o rosto com uma mão.

— Isso foi… indelicado. — Ele baixou a espada. — Minha única defesa é que eu estava com raiva de você. Pelas estrelas, sinto como se sempre estivesse com raiva de você. — Ele levantou da cama e se aproximou do fogo, olhando para as brasas. — Você corria para Theo *todas as noites*. — Ele fechou os punhos. — Só casou comigo porque não confiava em mim. Porque achou que eu não protegeria os nativos.

Roa o encarou. Os argumentos eram verdadeiros.

— Você só casou comigo porque precisava de um exército — ela argumentou.

— Roa. — Ele abriu as mãos. — Não foi por isso que me casei com você.

Ela estava prestes a exigir que lhe dissesse o motivo verdadeiro. Mas algo a impediu.

O murmúrio se acendeu, brilhante e forte. A ligação que compartilhava com a irmã reverberou dentro dela.

O medo escaldante de Essie inundou Roa enquanto olhava para a varanda.

O sol havia se posto. A lua estava nascendo.

Ainda tenho tempo…

E então uma dor explodiu dentro dela, como uma espada cortando seu ombro. Como um fogo esturricando seu braço.

A dor de Essie.

Roa gritou. Assustado, Dax foi até ela. A rainha cambaleou para trás, se afastando dele, e tropeçou na barra do vestido. Ela desabou com força no chão de pedra, batendo os cotovelos. Mas a dor da queda não era nada comparada à dor da irmã.

Ela partia Roa em duas.

A rainha ouviu os guardas de Dax gritando. Ouviu-os entrarem de repente no quarto, seus passos frenéticos e barulhentos no chão. Ouviu Dax murmurando. Mas, assim como Essie, eles pareciam estar a um mundo de distância.

Essie. Algo aconteceu com ela.

O que Rebekah tinha feito?

Roa tentou levantar e caiu de novo.

Em vez de sentir a pedra fria contra a bochecha, dois braços fortes a pegaram. Uma voz falou seu nome. O som a trouxe de volta.

Enquanto o rosto preocupado de Dax entrava em foco, ela percebeu que estava chorando.

— O que foi? — Dax a observou, com os olhos arregalados de medo, o sulco entre suas sobrancelhas mais profundo do que nunca. — Está ferida?

Não eu, ela pensou. *Minha irmã.*

— Por favor, Dax. Abra o portão.

Trinta



NA MANHÃ SEGUINTE, o rei disse a Safira para abrir os portões. Ela o aconselhou a não fazer aquilo. Dax insistiu. Então Safira se recusou.

O que se seguiu foi uma discussão que abrangeu quase três corredores do palácio e ocupou a manhã inteira.

Por fim, ao meio-dia, Safira desistiu. Relutante, ordenou que o portão do palácio fosse aberto para a rainha. Roa e suas guardas cavalgaram direto para a hospedaria onde Theo se hospedava, uma viagem que durou o dobro do tempo usual. Devido às multidões se reunindo para a Renúncia, as ruas principais de Firgaard estavam lotadas. Quando Roa chegou à hospedaria, não encontrou sinal de Theo.

Seu ombro ainda queimava como fogo, e a dor a impulsionou. Precisava descobrir o que havia acontecido à irmã. Desesperada para encontrar Essie, ela montou novamente na sela de Poppy e seguiu para o único lugar onde ele poderia estar. Aquela viagem também levou mais tempo do que deveria. Em certo ponto, Roa gritou para que um aglomerado de visitantes saísse do caminho, sem sucesso. Era difícil se mover.

Safira teria conseguido abrir caminho, Roa tinha certeza. Mas ela estava no palácio, supervisionando as medidas de segurança.

Finalmente, Roa chegou ao forte do barão Silva. Ela deixou as guardas no pátio e correu para dentro.

Dois criados levaram Roa a um aposento no segundo andar. Quando ela bateu na porta, Theo a abriu. Tinha olheiras profundas sob os olhos e carregava uma caixa de cobre nos braços.

Ele recuou, deixando-a entrar. Dois guardas entraram atrás dela, fechando a porta e assumindo posição rente à parede.

— O que aconteceu? — Roa puxou o lenço para trás da cabeça. — Onde está Essie?

Theo engoliu em seco, seus braços apertando com mais força a caixa de cobre.

Roa olhou para o objeto que ele segurava.

— É para você — disse Theo, mas não a soltou.

Roa tocou a caixa. Tinha um padrão recorrente de penas gravado.

— Me deixe ver — ela disse, muito gentilmente.

Seu rosto ficou tenso, mas ele não a impediu. Apenas segurou a caixa como se seu próprio coração estivesse batendo dentro dela.

Roa abriu os fechos, então, muito devagar, ergueu a tampa.

No fundo de veludo repousava uma única asa branca.

A asa de Essie.

O branco puro das penas, o coto ensanguentado onde fora arrancado do corpo, o osso saindo da carne… Roa não conseguiu desviar os olhos, embora o horror e o nojo da visão a afogasse como uma onda.

Ela levou o punho à boca.

Não…

Theo estava inflexível.

— É culpa minha.

Não, pensou Roa. *É minha.*

— Você se distraiu — disse uma voz atrás dela.

Roa se virou. Rebekah estava de pé diante dela, vestida de escarlate, com o cabelo solto sobre as costas.

— O que você fez? — Roa grunhiu, querendo ir para cima dela. Querendo apertar os dedos em volta de sua garganta elegante e apertá-la.

Atrás dela, Theo fechou a caixa, mas não a soltou.

Rebekah cruzou as mãos diante dela.

— Eu disse que não posso me dar ao luxo de ter você fazendo jogo duplo.

Roa a encarou.

— Do que está falando?

Rebekah andou calmamente até uma mesinha adornada com uma garrafa de vidro e três taças de prata.

— Ontem recebi informações confusas. — Ela ergueu a garrafa e começou a servir. — Há rumores circulando no palácio. Dizem que o rei está mais apaixonado do que deixa transparecer. Dizem que finalmente está conquistando a rainha. — Rebekah parou de servir e encarou Roa. — Dizem que vocês dois são mais próximos do que parecem.

Roa a encarou, com os lábios se abrindo.

— E você acreditou nos rumores? — Ela fechou os dedos junto às palmas. — Foi por isso que arrancou a asa da minha irmã?

— Sim, para lembrar o que está em jogo.

Roa se lembrou da noite em que Dax a encurralou no estábulo, acusando-a de fazer um acordo com Rebekah. Do vestígio de medo que ouviu em sua voz.

Agora ela sabia do motivo.

Ela tentou respirar enquanto observava Rebekah servir o vinho escuro e rico com firmeza na última taça de prata, com muita suavidade e calma. Como se não tivesse acabado de fazer uma crueldade com Essie.

— Você é um monstro.

— Pare com isso. Quando fizer a troca, a asa não vai fazer diferença. Nada importará. A verdadeira forma de sua irmã será restaurada.

Rebekah ergueu uma taça e a ofereceu a Roa.

A rainha queria pegá-la e jogar o vinho na cara dela, mas recusou-o com uma sacudida solene de cabeça.

— Além disso, você não veio prestar contas ontem à noite — Rebekah disse enquanto passava o vinho a Garnet. — Então podemos dizer que cumpri minha promessa antecipadamente. — Ela se virou para encarar Roa, com seus olhos escuros. — Onde estava?

Os punhos da rainha tremeram.

— Os portões do palácio foram trancados. Não tive como chegar. Eu estava tentando…

— Trancados? — Rebekah arqueou uma sobrancelha. — Como assim?

Roa explicou sobre o ataque, o trancamento dos portões do palácio e como Safira queria fechar os da cidade também, além de cancelar a celebração da Renúncia, mas Dax a impedira. Ele tinha tomado a decisão naquela manhã.

Enquanto explicava, ela analisou o aposento, procurando algum sinal da

irmã.

— Nada disso importa — disse Rebekah, dispensando-a com um gesto. — O plano é entrar pela passagem secreta. Podemos levar um pequeno grupo para dentro, assumir e aí abrir os portões para o restante dos nossos homens.

— Só tem um problema — disse Roa. — A passagem está trancada.

Theo e Rebekah a olharam atentos.

— O quê?

Roa desviou os olhos, com as mãos ainda fechadas em punhos, pensando na frágil asa branca. Ela havia se aliado a um monstro, e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Enquanto Essie fosse uma prisioneira, teria que jogar aquele jogo.

— Mas eu sei onde está — ela sussurrou, pensando em Dax sem camisa e brilhando de suor enquanto lutavam em seu quarto duas noites antes. Na chave pendurada em seu pescoço.

Doía pensar no que precisava fazer, mas Roa não podia entrar em conflito. Não depois do que Rebekah tinha feito com Essie. Agora ela sabia como era imprevisível. Da próxima vez, faria algo ainda pior.

Rebekah queria saber de tudo. Roa contou a ela sobre a passagem que havia encontrado, que conectava os aposentos dela e do rei, e levava para a cidade.

— Para qual parte?

— Próximo à forja do ferreiro no novo alojamento.

— Precisamos da chave.

Antes Roa tinha que confirmar que sua irmã estava viva.

— Quero ver Essie primeiro.

Rebekah olhou para os guardas.

— Garnet? Busque o pássaro para a rainha.

Ele saiu e voltou com uma gaiola balançante de ferro, então a colocou na mesa à frente de Roa. Ela se aproximou, segurando as barras e olhando para o falcão branco tremendo no chão.

Essie…

O lado esquerdo do seu corpo estava enfaixado. Ela continuava alongando a asa, como se esquecesse que só possuía uma, então se desequilibrava, machucando-se ainda mais.

— Meu pai cauterizou a ferida para que não sangrasse até a morte.

Que gentil, Roa pensou com amargura.

Aqueles olhos prateados foram de Roa para Theo e Rebekah. Como se não

reconhecessem mais sua irmã no aposento cheio de ameaças.

— Essie? — Roa desejou poder voltar atrás. Desejou que nunca tivesse ido para Firgaard ou concordado em ajudar Dax. Desejou ter permanecido na savana.

Essie tremeu ainda mais. Seu olhar prateado voltou para Roa e nela permaneceu.

Vou tirar você daí, ela pensou. *Vou te libertar.*

A mente de sua irmã permaneceu fria e escura.

— Sinto que tenhamos chegado a isso, Roa. Mas não é só você que está se arriscando. Não vou permitir que comprometa o restante de nós. Se quer minha ajuda para salvar sua irmã, precisa cumprir as ordens que recebeu. Está entendendo?

Roa entendia perfeitamente. Entendia quem estava com a vantagem. Enquanto Rebekah tivesse Essie, ela poderia obrigá-la a fazer o que quisesse.

— Você precisa conseguir a chave hoje à noite.

Roa ergueu o olhar. *Hoje à noite?*

— A Renúncia só começa amanhã.

— Não podemos arriscar que falhe novamente — disse Rebekah. — Pegue a chave e entregue para mim até a meia-noite.

Ela não disse o que aconteceria se Roa não o fizesse.

A resposta estava dentro de uma caixa de latão.

Roa voltou ao palácio se sentindo entorpecida. A multidão nas ruas tornava praticamente impossível atravessar a cidade, então Roa e suas guardas desviaram pelo caminho mais longo, usando ruas mais distantes do centro e, portanto, menos abarrotadas.

A viagem levara boa parte do dia, e já estava quase anoitecendo. Os corredores dos aposentos reais estavam mais quietos do que de costume, com quase nenhum soldat à vista. Acompanhada por suas guardas, ela pensava na chave pendurada no pescoço de Dax. No que ele havia admitido na noite anterior. Em como estivera enganada a seu respeito.

Ela pensou em roubar aquela chave e entregá-la para o inimigo dele.

O que estou me tornando?

Roa afastou a pergunta da sua mente, preferindo pensar em Essie, sem asa e encolhida em uma gaiola. O que era aquela pequena traição em comparação com o que precisaria fazer no final? Antes de a Renúncia terminar, Roa seria

culpada do pior dos crimes: regicídio.

Quando abriu as portas para seus aposentos, a rainha parou de repente na soleira.

Cheirava a flores. À sua casa.

Flores de jacarandá, ela pensou, respirando o aroma adocicado.

Por toda parte.

Estavam espalhadas pelo chão, como um carpete lilás, cujo cheiro preenchia o quarto. Roa entrou, deixando as portas se fecharem atrás dela.

Alguém deveria contar a ele que você prefere flores de jacarandá, Dax dissera a ela algumas noites antes.

Ela devia ter se endurecido ao vê-las. Mas tudo o que tinha de resistente havia se quebrado ao ver a asa de Essie.

Roa pegou uma das flores. Ergueu suas pétalas macias na altura do rosto e respirou o aroma tranquilizador. Sentando-se no chão, ela se esticou para pegar mais, reunindo-as no vestido.

Sua pulsação ficou mais forte enquanto se levantava, caminhando entre as flores derramadas, tentando não amassar as pétalas, e saindo para a varanda.

O céu estava manchado de laranja e rosa quando ela olhou para os aposentos de Dax, que estava sentado na superfície semicircular de mármore da balaustrada da varanda, com os ombros pressionados contra a parede, de frente para seus aposentos. Quando o olhar de Roa encontrou o dele, o rei ergueu o cálice em sua mão em um brinde.

Mas ele não sorriu. E sua testa estava franzida. Ela havia deixado o palácio mais cedo sem nenhuma explicação sobre a noite anterior. Ele achava que Roa havia ido encontrar Theo. Dava para notar que vinha se preocupando com aquilo na varanda.

O rei e a rainha observaram um ao outro por um longo momento enquanto o sol baixava no céu. Como dois oponentes, um de cada lado de um tabuleiro de deuses e monstros, esperando o movimento do outro.

Dax agiu primeiro. Inclinando a taça, ele deu um longo gole antes de se impulsionar para fora da borda de mármore. Mesmo de toda aquela distância, Roa podia ver a chave pendurada em seu pescoço. Sustentando o olhar, ele fechou a mão sobre o coração, em uma saudação dos nativos, depois desapareceu no brilho laranja de seus aposentos.

Roa respirou fundo.

Ela sabia o que precisava fazer. Sabia que, caso contrário, haveria uma segunda asa em uma segunda caixa de cobre, ou algo pior. Sabia que, antes

daquela noite terminar, seu coração estaria quebrado, não importava a escolha feita.

Era só uma questão de decidir com qual dor conseguiria viver.

Trinta e um



ROA NÃO LEVOU UMA LAMPARINA CONSIGO. Àquela altura, já sabia de cabeça o caminho até o aposento de Dax. Enquanto caminhava pela passagem escura, seus dedos tremiam deslizando ao longo das paredes. Seu estômago dava um nó.

Ela parou na frente da porta oculta, pressionou o trinco e a empurrou.

O rei-dragão estava sozinho, esticado em sua cama. Seus cotovelos estavam tortos e suas mãos atrás da cabeça. Sua boca estava curva para baixo e sua testa, comprimida em uma careta delicada enquanto ele encarava o teto.

Dax não sentou quando Roa entrou. Só se virou para olhar.

Seu olhar a percorreu. Ela vestia um caftã. Ele mesmo lhe tinha dado aquela roupa. Era roxo, da cor de nuvens de tempestade escuras, e a seda era tão pura que quase chegava a ser transparente. Combinava com a flor de jacarandá atrás da orelha de Roa.

Ele a olhava com pura ternura. Seu rosto estava aberto, permitindo que ela o lesse. Deixando que soubesse tudo o que estava pensando, desejando e querendo.

— Achei que nossas aulas tinham acabado — disse o rei, sentando, com as

mãos na estrutura de madeira da cama embaixo dele.

— Não vim aqui para isso — disse ela.

Dax estava descalço. As mangas da camisa estavam dobradas acima dos cotovelos e os laços da gola estavam frouxos. Como se achasse que as roupas o aprisionavam.

— Então para quê?

Roa olhou para seu pescoço. Enquanto seu olhar recaía sobre a chave pendurada nele, sentiu uma vontade súbita e estranha de contar tudo ao rei.

Seria uma péssima ideia, claro. Seria o jeito mais rápido de selar o destino de Essie, sem falar do dela própria.

O custo da traição era morte, e Roa certamente o estava traindo.

Mas o custo de não prosseguir com o plano era a vida de Essie.

Quando ela não respondeu, ele fez outra pergunta.

— Como vai o seu amigo Theo? — O rei abaixou a cabeça, evitando o olhar de Roa, mas ela sabia no que pensava. Havia lhe dado todos os motivos para pensar aquilo.

— Dax — ela sussurrou. — Eu não quero Theo.

Quando ele levantou o rosto de novo, ela viu sua dúvida. *Então o que quer?*

Muito abaixo da superfície, algo tamborilou dentro dela. Algo que Roa não havia se permitido desejar antes. Porque ele era o inimigo. Porque preferia Lirabel. Porque ela precisava salvar sua irmã.

Só que apenas um daqueles motivos se mantinha verdadeiro.

Roa se abraçou, com um medo repentino de seu próprio coração conflituoso.

Reunindo coragem, ela se aproximou da cama.

— Não estou interessada em ser uma entre muitas — disse, enquanto entrava lentamente entre suas pernas dobradas. Dax apertou as mãos em torno da borda de madeira da cama. Como se não confiasse em si mesmo se as soltasse.

— Diga que você é meu — Roa sussurrou, olhando para ele. — Ou não vou te aceitar.

Ele inclinou a cabeça para trás, erguendo os olhos para ela.

— De quem mais eu seria?

Roa pensou em sua reputação. Em todas as garotas para quem sorrira e que levara para a cama.

— Foi você quem me ensinou a nunca me revelar. — Ele soltou a cama,

com os olhos fixos nela. — Que me ensinou que, assim que meu inimigo descobre minha fraqueza, sabe como me vencer. — O rei deslizou as mãos para os quadris dela, segurando-a mais perto. — Então escondi minha verdadeira fraqueza por trás de rumores, flertes e pistas falsas. Porque, se meus inimigos soubessem o quanto me importa, iam tirá-la de mim.

Roa franziu o cenho, boquiaberta, enquanto via o jogo a partir da perspectiva dele, do outro lado do tabuleiro. E com clareza.

Com o rosto virado para ela, Dax disse:

— A única garota que eu já quis é aquela dormindo do outro lado do jardim.

Eu?, ela pensou. *Eu sou sua fraqueza?*

A constatação veio com uma onda de afeto.

Roa pressionou-o contra a cama. Dax permitiu. Ele prendeu a respiração enquanto ela se debruçava sobre ele, plantando as mãos uma de cada lado de sua cabeça, afundando em seu quadril.

Ela tentou separar seu objetivo do seu desejo, mas estava tudo misturado.

Enfiando os dedos em seus cachos, ela o beijou. Dax fez um barulho suave e a aproximou, apertando-a. Então a rolou de costas, depois se ajustou para alinhar seus corpos.

— Qual é o verdadeiro motivo da sua vinda? — ele sussurrou, seus olhos um turbilhão de emoções.

Ela apreciou suas bochechas, que pareciam ásperas de novo.

— Vim porque quero estar aqui.

Aquilo era tanto verdade quanto mentira.

Ele tirou a camisa e a jogou de lado. A chave estava exposta agora, balançando entre eles. Roa a tocou, passando os dedos pelos dragões entrelaçados, então Dax tirou a corrente e a deixou no chão.

Seus dedos deslizaram para fora do seu campo de visão. Sua respiração acelerou e suas mãos tocaram de leve sua barriga e seus quadris, depois escorregaram sob a seda do seu caftã, incendiando seus nervos. Quando suas palmas passaram suavemente por suas coxas nuas, Roa ficou tensa e prendeu o ar.

Dax parou, observando-a.

— Você está com medo — ele percebeu, erguendo o corpo. Ar frio correu entre eles enquanto a olhava.

— É só que… Sei o que esperar. — Suas bochechas queimaram. — Sei que haverá dor.

Seu rosto suavizou.

— Ah, Roa, não. Não precisa doer. — Ele pressionou a testa na dela. — Eu disse que nunca vou te machucar.

Ela pensou na noite em que se entregara a Theo.

— Você não tem como saber — Roa sussurrou.

Dax franziu ainda mais o cenho, analisando-a.

— Claro que tenho.

Ela deveria tê-lo impedido naquele momento. Contado tudo a ele.

Mas, se o fizesse, nunca salvaria a irmã. Ela precisava ir até o fim naquele jogo, ou Essie não seria apenas punida, mas perdida para sempre. E, apesar da guerra travada no coração de Roa, ela amava a irmã mais do que tudo e todos.

Deveria ter sido Dax a morrer naquela noite, oito anos antes, não Essie.

Roa precisava consertar aquilo.

Precisava da irmã de volta.

Mais fundo do que todas essas coisas, no entanto, residia uma simples verdade: agora que era tarde demais, agora que estava totalmente fora do seu alcance, Roa queria aquilo. Queria *ele*. Queria ser amada pelo rei.

E foi.

Mais tarde, Roa escutava o som da respiração dele, tentando não a memorizar. Tentando não precisar sentir a batida do coração de Dax nas suas costas, ou o peso do braço dele passado de forma protetora à sua volta, mesmo enquanto dormia.

Enquanto o ouvia respirar, tentou empurrar aquele novo desejo ardente de volta para o lugar de onde viera.

Roa fechou os olhos, tentando se lembrar do seu objetivo. Tentando afiá-lo como uma faca.

Essie.

A chave.

Meia-noite.

Soltando-se de Dax, ela foi para a beira da cama. Olhou para o chão e encontrou a camisa dele. E então a chave.

Seus olhos queimaram enquanto a pegava e passava a corrente sobre a própria cabeça.

Lá fora, no céu noturno, a lua tinha quase alcançado seu ápice.

Roa se vestiu rapidamente. Pouco antes de cruzar a passagem, olhou de volta para a cama, onde Dax dormia, sem consciência da sua traição. Seu olhar percorreu seus cachos gentis, as orelhas que se destacavam um pouco demais, a linha sólida de seus ombros.

Ela se virou para não o ver mais, depois entrou na passagem. Quando finalmente chegou ao portão de ferro trancado, tirou a corrente do pescoço. Sua mão tremia enquanto encaixava a chave na fechadura. Seu estômago se revirava enquanto a abria.

Veio um clique agudo, como o som do coração de Roa se quebrando, então o portão se abriu.

Ela deveria ter se sentido triunfante.

Em vez disso, chorou.

Trinta e dois



ROA SAIU NA RUELA ESCURA E FECHOU O PORTÃO. Ao longe, ouvia os ruídos de Firgaard. A música e os gritos do mercado noturno. Com tantos viajantes visitando a capital para a Renúncia, ela estava lotada. Mas aquele trecho da rua permanecia vazio. Silencioso.

Roa não conseguia tirar o gosto de Dax da boca. Não conseguia banir a lembrança dele deitado ao lado dela na cama, seu coração batendo contra o dele, suas pernas entrelaçadas.

Quem ela seria quando tudo terminasse?

Um monstro, percebeu.

Mas parar significava perder Essie para sempre.

De repente, silhuetas emergiram das sombras. Homens de Rebekah. Pela contagem aproximada de Roa, devia haver cerca de cinquenta deles. Possivelmente mais escondidos nas sombras.

Por que havia tantos? O plano era se infiltrar no palácio durante a Renúncia. No dia seguinte, não naquela noite.

Pela altura, pela linha dos ombros, pelo andar orgulhoso, Roa reconheceu alguém cujo rosto estava encoberto pelo capuz.

Rebekah parou diante da rainha e esticou a mão, com a palma para cima.

— Me dê a chave.

Ela espiou por cima do ombro da outra.

— Onde está Theo?

— Seu amigo se mostrou… desleal.

A boca de Roa ficou seca como algodão.

— O que quer dizer com isso?

— Meus homens estão à procura dele neste momento — disse Rebekah. — Houve uma mudança de planos. Me dê a chave.

Roa tocou a chave em seu pescoço, mas não a entregou.

— Primeiro Essie.

— Como sei que não há uma legião de soldats nos esperando aí dentro?

Roa encarou a profundeza das sombras sob o capuz.

— Como sei que Essie está a salvo? Ou que você não vai matar minha irmã no momento em que conseguir o que deseja?

Rebekah gesticulou para um dos homens atrás dela. Ele se adiantou e ergueu uma gaiola familiar. Dentro dela, um falcão com uma única asa se encolhia, seus olhos prateados brilhando na noite.

— Já me traíram uma vez esta noite. Não vou arriscar uma segunda.

— Eu já arrisquei tudo esta noite — Roa argumentou. — Então precisa confiar em mim.

Rebekah ficou em silêncio. Após um momento, ela grunhiu:

— Está bem. Fique com ela. Só nos leve para dentro.

O coração de Roa ficou pesado como pedra enquanto os levava na direção do portão. Ela o abriu e entrou primeiro. Rebekah olhou para a escuridão à sua frente, com a respiração pesada.

— Venho esperando por esse dia há muito tempo — disse ela.

Os homens atrás dela a seguiram.

Isso é errado. O pensamento passou pela mente de Roa como um pulso. *Muito errado.*

Ela balançou a cabeça. Não podia se dar ao luxo de pensar aquilo. Sempre soubera quais seriam as consequências dos seus atos.

Não havia como voltar.

Quando chegaram aos seus aposentos, Roa abriu a passagem secreta e entrou. Rebekah foi atrás dela. A noite tinha um tom preto-azulado além das janelas. A chama das lamparinas queimava baixo. Flores de jacarandá murchas ainda cobriam o chão.

— Quantos guardas ficam a postos do outro lado da porta? — Rebekah perguntou.

Roa disse a ela.

Uma dúzia de homens assumiu posição ao longo da parede perto da porta do quarto de Roa.

Precisavam fazer isso em silêncio e secretamente. Não podiam chamar nenhuma atenção da comandante do exército, que estaria ocupada com a segurança de Firgaard na véspera da Renúncia. Precisavam tomar o palácio com um passo de cada vez.

Rebekah sacou sua adaga e a pressionou contra a garganta de Roa.

— Chame-os — disse ela.

A rainha hesitou, se perguntando o que Rebekah faria assim que Celeste e as demais entrassem.

A mulher pressionou com mais força e Roa sentiu o aço afiado cortar sua carne.

Então chamou.

Mas nada aconteceu.

Vários segundos se passaram e… silêncio.

— De novo — Rebekah ordenou.

Relutante, Roa chamou Celeste e depois Saba e Tati. Desejando que houvesse um jeito de alertá-las.

Mais uma vez, o silêncio foi a resposta.

Rebekah sinalizou para alguém ir olhar. Um homem abriu a porta e saiu, depois voltou.

— Não tem ninguém do lado de fora.

Os pelos na nuca de Roa se arrepiaram. Suas guardas nunca abandonavam os postos. Safira ia demiti-las em um segundo caso o fizessem.

Algo estava errado.

Enquanto pensava naquilo, uma pequena faísca de esperança ganhou vida dentro de Roa. Se as guardas não estavam ali, os homens de Rebekah não poderiam machucá-las.

Rebekah tirou a lâmina da garganta de Roa e foi olhar. No momento em que voltou, fixou os olhos na rainha. Talvez pela primeira vez, havia algo parecido com medo neles.

— Onde estão?

O palácio estava vazio. Não havia nenhum soldat de guarda. Nenhum criado caminhava pelos corredores. Rebekah abriu o portão desprotegido e deixou seus homens passarem sem qualquer resistência. Eles vasculharam cada canto em sombras, jardim e corredor, mas não havia sinal do rei ou de mais ninguém.

Enquanto isso, Roa procurava no quarto de Dax.

Tudo estava quieto e silencioso, a cama se destacando grande e vazia. Os rostos nas tapeçarias penduradas nas paredes pareciam observá-la, fazendo sua pele se arrepiar em cautela.

A faca da Tecelã do Céu estava embainhada na panturrilha de Roa, sob o vestido, bem ao lado da faca de Essie. O cabo da foice estava firme em sua mão. Ela estava suficientemente armada. Ainda assim, tremia enquanto chamava o nome de Dax na escuridão.

Ninguém respondeu.

Ela caminhou suavemente para a varanda, mas encontrou apenas as estrelas brilhando acima. O céu estava clareando. Logo amanheceria. Era o dia da Renúncia.

Depois do pôr do sol, Roa poderia fazer a troca. Poderia salvar a irmã.

Só precisava encontrar Dax.

Um som repentino veio debaixo dela, como uma pancada. Roa ouviu risadas masculinas e olhou para baixo, procurando no jardim.

Perto da parede do arco, ela viu as silhuetas.

Dois deles tinham armas sacadas. Permaneciam em um anel em volta de um jovem de joelhos, que estava sendo agredido.

Ela se inclinou sobre a balaustrada, tentando enxergar melhor. Viu o mais alto deles começar a desatar a fivela do cinto. Então desabotoar a calça.

A visão a fez franzir o cenho. Dali, parecia que eles… iam urinar no jovem.

Ou algo pior.

De repente, ela soube exatamente quem estava ajoelhado ali.

Dax.

Roa não pensou em como estavam em vantagem. Só mordeu o aço da foice, mantendo-o seguro entre os dentes.

Então se ergueu sobre a varanda e saltou para baixo.

Trinta e três



A RAIVA BROTOU TEMPESTUOSA EM ROA enquanto ela se movia rapidamente pelos caminhos de terra do jardim na direção das vozes. Com o cabo da arma firme na mão, ela avançou sobre os homens.

— Se dão valor às suas vidas — Roa grunhiu quando os viu — é melhor irem embora. *Agora.*

Os homens olharam para cima, com as risadas morrendo. Os sorrisos sumiram ao ver a rainha nativa.

Dax também levantou o rosto, olhando para a esposa de onde estava ajoelhado. Tinha um machucado no rosto. Seus cachos estavam uma bagunça. Seus olhos pareciam sombrios com o peso da traição enquanto ele olhava para a chave pendurada no pescoço de Roa.

— Volte para dentro, nativa. — Graças à luz das poucas tochas espalhadas nos muros do jardim, ela viu Garnet. A cicatriz cortando seu lábio o entregava. — Você não quer assistir a isso. Levaremos o rei até você e Rebekah quando terminarmos.

— Não ouviu o que acabei de falar? — Ela encarou Garnet mesmo com o coração batendo errático, seu corpo preparado para avançar se ele a

desafiasse novamente.

Os outros três se aproximaram, as mãos buscando os cabos das armas.

Os sentidos de Roa ficaram alertas.

Ela não podia vencer todos. Nem podia deixar Dax à sua mercê.

— Largue a arma, nativa. Ou vai se juntar a ele.

Roa olhou para o marido, que estava levantando atrás dela. Seus olhares se encontraram. Em um segundo, algo silencioso se passou entre eles. Dax assentiu, o movimento tão discreto que foi quase imperceptível.

— Eu disse — Garnet rugiu — para largar a arma.

Roa a jogou no chão. A ponta caiu próxima ao pé esquerdo de Dax.

— Boa garota.

Antes que as palavras saíssem de sua boca, Dax desceu a bota sobre o aço. O cabo da arma quicou contra o caminho de terra e voou para cima.

Dax a pegou. Roa sacou a faca da irmã.

Os dois homens diretamente diante deles olharam descrentes. Como todo mundo, tinham caído completamente na farsa de Dax ser um espadachim de quinta categoria.

Enquanto hesitavam, Roa e Dax atacaram. Com um grito feroz, a faca dela afundou no coração de Garnet, enquanto Dax abria o peito do soldado ao lado dele usando a foice de Roa.

Isto é pela minha irmã, pensou Roa, enquanto Garnet arregalava os olhos em choque.

O cheiro de sangue quente e ferroso tomou o ar. Ambos os homens caíram.

Roa tirou a faca de Garnet. Ela e Dax se viraram para encarar o segundo grupo de homens de Rebekah, que só agora se recuperava da desorientação e sacava as armas.

— Onde estão todos? — ela perguntou rapidamente ao rei. — Por que o palácio está vazio?

— Sabíamos que haveria um ataque — disse ele, mantendo os olhos no inimigo. — Safira evacuou o palácio.

Roa franziu o cenho. O palácio inteiro? Não era possível. Rebekah tinha espiões por toda parte. Ela saberia se um palácio inteiro de soldats e empregados tivesse fugido pelo portão da frente no meio da noite.

A menos que não tenham saído pelo portão da frente…

— Na contagem de três — Dax murmurou, fazendo Roa voltar a prestar atenção no perigo iminente.

Como se fossem um, eles golpearam. O oponente de Roa era duas vezes

maior, mas também duas vezes mais lento. Ela cortou e estocou repetidas vezes. Pouco depois, o homem estava desarmado, com as costas prensadas contra a parede embaixo do arco, os olhos implorando e as mãos erguidas para se render.

Roa ouviu um corpo cair na terra atrás dela.

— Eu acabo com ele — disse Dax, parando ao lado dela.

— Acha que não consigo?

— Não — disse Dax, pegando o sabre da mão dela e dando uma morte rápida ao homem. Ela observou o veio de sangue vermelho-escuro correr pela parede de gesso enquanto seu corpo deslizava para o chão. — Só não queria que você estivesse armada quando eu fizesse *isso*.

Erguendo ambas as lâminas, Dax se virou para ela.

Daquela vez, foi Roa quem bateu com as costas na parede, com duas armas ensanguentadas voltadas contra ela.

Os pensamentos de Dax estavam estampados em seu rosto. Ele se lembrava do modo como ela havia entrado em seu quarto no início da noite. Do modo como havia subido em sua cama.

Ele a visualizava esperando que caísse no sono, depois pegando a chave do chão.

Destrancando o portão.

Eu nos arruinei, Roa pensou. *Arruinei tudo.*

Ou talvez estivessem arruinados havia muito tempo.

Desde o dia em que a irmã dela morrera no lugar dele.

— Chegou uma mensagem hoje à noite — o rei disse em voz baixa. — Dizia que havia uma ameaça dentro do palácio. — Ele segurou as duas armas da maneira adequada e as ergueu como um espadachim experiente. — Rezei para todos os deuses que não fosse você.

Roa ergueu o queixo, mesmo que seu coração vacilasse.

— Mas a prova está bem aqui, pendurada no seu pescoço.

Dax a olhava como se ela não fosse a garota com quem havia feito amor mais cedo. Como se aquela garota não existisse mais para ele.

E não existe, Roa percebeu. *Nunca mais poderei ser aquela garota depois do que fiz esta noite.*

Dax se aproximou.

— Você planejou isso tudo com ela? A melhor maneira de me seduzir?

Roa podia ouvir o som de seu coração partindo em suas palavras.

Ela conhecia a sensação. Seu coração se partira em um milhão de pedaços

no dia da morte de Essie.

E estava se partindo naquele mesmo instante.

Roa tentou se fortalecer contra aquilo. *Você chegou até aqui. Só precisa avançar um pouco mais.*

Ela pensou em Essie trancafiada naquela gaiola. Desaparecendo. Sumindo para sempre…

— O que você fez com a garota que eu amo? — Dax se aproximou. Seus olhares se encontraram. — Eu a quero de volta. — O rei soltou a foice de Roa na grama e tocou gentilmente sua bochecha. — Devolva-a para mim.

Ela não sabia o que era mais perigoso: seu aço, seu toque ou suas palavras.

— Aquela garota se foi — disse Roa, pensando em tudo o que havia feito e em tudo o que ainda precisava fazer. — Não desperdice seu amor com ela.

Ele baixou a espada.

— Acha que o amor é frágil assim? Como uma flor que se despedaça em uma tempestade? O amor é outra coisa. — Dax se aproximou um pouco mais. — O amor verdadeiro é o aço mais forte que existe. É uma lâmina que pode ser derretida, cuja forma pode ser alterada a cada batida de um martelo. Mas ninguém é capaz de quebrá-la. Nem mesmo a morte.

Roa o encarou. O que ele estava dizendo? Que ainda a amava, depois de tudo?

— Você é um tolo — ela sussurrou, as palavras machucando sua garganta.

E então, enquanto ele mantinha a arma abaixada, ela o empurrou com força o suficiente para fazê-lo cambalear.

Roa encontrou sua foice caída na grama. Em um segundo, estava com o punho de alabastro na mão, a lâmina curva erguida e pronta para atacar.

Mas Dax atacou primeiro. Roa mal percebeu o brilho do aço vindo na sua direção.

As lâminas se chocaram. Dax a forçou para trás, atacando sem parar. Roa se abaixou, sem parar de se mexer para que ele não conseguisse prendê-la contra outra parede.

Foi só aí que percebeu o quanto ele vinha se segurando.

Ela mal conseguia se defender dos seus golpes.

Sua arma furiosa desceu sobre a dela, derrubando-a de sua mão. Ele a empurrou, do mesmo modo que ela o havia empurrado. Roa tropeçou e caiu no chão com tudo. A dor percorreu seus cotovelos.

Um segundo depois, Dax a prendeu sob o corpo. Uma mão segurava seus punhos sobre a cabeça, enquanto a outra mantinha a arma na sua clavícula.

Chocada com a derrota rápida, Roa o encarou. Estavam de nariz colado agora, com a respiração pesada.

— Você não é o tipo de garota que é comprada pelo poder — disse ele, emanando calor sobre ela. — Por que fez isso?

Ali, a luz das tochas dos jardins dava um brilho dourado à sua pele. Só por um instante, ele pareceu quase divino sobre ela. Como se o próprio Namsara, o deus dourado do dia, tivesse descido àquele poço de escuridão só para interrogá-la.

Roa contou o que ele queria.

— Você não é quem eu pensei que fosse — ela sussurrou, com os olhos em seu rosto. *E então, de repente, era.* — Pensei que havia quebrado todas as suas promessas. Pensei que não se importasse. Pensei que fosse um rei perigoso.

A pressão na sua garganta amenizou… só um pouco.

— Mas mesmo quando descobri a verdade… ainda precisava salvar minha irmã.

Ao ouvir aquelas palavras, ele ficou rígido.

— O quê?

— Essie nunca fez a travessia. — Roa sustentou seu olhar, desafiando-o a não acreditar. Mas Dax conhecia as histórias do seu povo. Sabia sobre a Tecelã do Céu, almas que não atravessavam e o motivo da Renúncia. — Ela está aprisionada. Eu preciso libertar minha irmã.

Havia um vinco profundo na testa dele. Com a lâmina ainda pressionada na garganta dela, Dax disse:

— Continue.

Roa olhou além dele, para o céu iluminado, pensando na faca da Tecelã do Céu embainhada sob o vestido. No que ela precisava fazer assim que o sol se pusesse.

— Quando alguém morre no lugar de outra pessoa, uma troca pode ser feita. Mas precisa acontecer na Renúncia.

Ela podia vê-lo tentando relembrar tudo o que sabia a respeito. Tudo que seus tutores haviam lhe ensinado, tantos anos antes.

— Devia ter sido você — ela sussurrou, olhando em seus olhos. — Não ela. — Você deveria ter morrido.

— Como Sunder — disse ele. Aquilo surpreendeu Roa. Ela não esperava que Dax se lembrasse da história. — O homem que enganou a Morte. Então ela levou outra pessoa no lugar dele.

Antes que Roa pudesse responder, um som interrompeu a conversa. Passos soaram vindos do arco, e depois vozes. Uma em particular deixou tanto Dax quanto Roa tensos.

Rebekah.

Antes que ela entrasse em seu campo de visão, a escuridão os engoliu. Uma sombra negra voou sobre suas cabeças. Roa sentiu o vento no rosto, sentiu a terra estremecer sob o impacto de um grande peso. Um som familiar ecoou pelo jardim: vários estalos altos em rápida sucessão.

Ela conhecia somente uma criatura que se comunicava com estalos.

Dax olhou para trás. O que viu o fez levantar.

Assim que o peso dele saiu de cima dela, Roa se levantou também, agarrando sua foice.

Um dragão pairava sobre ela, suas escamas escuras parecendo ébano polido. Um olho estava cego, o outro a encarava, fendido.

— *Kozu.* — Roa recuou.

Um segundo dragão parou atrás do primeiro, com metade do tamanho de Kozu. Suas escamas douradas brilhavam no azul do crepúsculo e seus dois chifres cinza se retorciam na direção do céu.

Dois cavaleiros apearam. O primeiro era Safira, que imediatamente se aproximou do rei, percebendo tudo: a arma ensanguentada em sua mão, o machucado em seu rosto, todo o espaço entre ele e a rainha. Quando Roa viu quem era a segunda cavaleira, sua respiração vacilou.

A jovem tinha cabelos escuros trançados sobre um ombro. Uma cicatriz de queimadura cobria metade do seu rosto e pescoço. Havia duas lâminas gêmeas embainhadas nas suas costas.

Asha.

— Venha — ela disse ao irmão, enquanto seus olhos negros brilhavam na direção de Roa.

Dax obedeceu, passando por Safira e indo até o dragão dourado, então subindo facilmente nas suas costas. Como se tivesse feito aquilo uma centena de vezes.

Roa deveria ter tentado impedi-lo. Deveria ter chamado ajuda. Deveria ter feito alguma coisa, qualquer coisa, para detê-lo.

Mas, mesmo desesperada para salvar Essie, sabia exatamente o que aquilo custaria.

Ela amava o garoto, o *rei*. Ele não era tudo o que ela temia, e sim tudo que seu povo precisava.

Para salvar sua irmã, Roa destruiria muito mais do que Dax. Destruiria a si mesma.

— Eu sei o que Essie é — disse Asha, com urgência em sua voz. — Eu sei o que ela está se tornando.

Se tornando? Roa se virou para a irmã de Dax. O que poderia saber sobre aquilo? Ela era uma draksor.

Como se percebesse sua dúvida, Asha disse:

— Sei algumas coisas sobre ligações. E lealdade.

Lealdade. Eis algo que Roa conhecera um dia. Mas e naquele momento? Havia alguém que ela não houvesse traído?

Minha irmã, ela pensou. Olhando para a foice em sua mão, Roa sussurrou:

— Tenho que salvar Essie.

Asha sacudiu a cabeça.

— Você tem que *renunciar* a ela, Roa. É sua ligação que a está mantendo prisioneira.

Roa ficou tensa ao ouvir aquelas palavras. Pensou naquela noite no telhado. Nos cachos de Essie escorrendo por seus dedos enquanto ela se jogava para salvar o filho do rei. Em Essie caindo no lugar de Dax.

Roa fechou os dedos com tanta força que suas juntas doeram.

Dax era a razão de Essie ter caído no telhado. Se o aprisionamento de sua irmã era culpa de alguém, era dele.

Os passos no arco se aproximaram. Asha olhou na direção do som enquanto Kozu esticava as asas, dizendo a ela que era hora de partir. Safira, que já estava montada no primeiro dragão, chamou a prima pelo nome. Mas Asha permaneceu onde estava, olhando a foice na mão de Roa, como se estivesse com medo de dar as costas.

Naquele momento, mais do que o fogo ardente da raiva ou a lâmina perfurante do luto, Roa sentiu a sombra da vergonha. Nos olhos de Asha, ela viu o que havia se tornado.

Ela soltou a arma.

— Vá — Roa sussurrou. — Depressa.

Asha foi até Kozu e montou atrás de Safira, depois passou seus braços em segurança em volta da cintura da prima. Enquanto fazia aquilo, os homens de Rebekah tomaram o jardim.

Kozu sibilou, se agachando. No momento em que avançaram, o imenso dragão negro voou sobre suas cabeças e foi para o telhado.

Roa olhou para a criatura dourada deixada para trás. Sentindo o perigo, ele

abriu suas asas elegantes. Ainda assim, esperou, perfeitamente parado, pelo comando de seu cavaleiro. Enquanto Rebekah gritava e a quantidade de homens aumentava, Dax hesitou de cima das costas do dragão, olhando para uma única pessoa. Como se fosse partir seu coração deixá-la para trás.

O som do aço sendo sacado o fez tirar os olhos de Roa. Ele se abaixou sobre o ombro da criatura, estalando a língua suavemente.

O dragão saltou com ele para o céu.

Trinta e quatro



— PRIMEIRO VOCÊ MATA MEUS HOMENS, depois deixa Dax escapar?

Enquanto Rebekah andava em círculo ao seu redor, Roa permanecia de pé no meio da carnificina, exausta e de coração partido por causa da irmã.

As mãos de Rebekah estavam apertadas em punhos e tremendo. Seu cabelo estava solto sobre o rosto. Ela tinha olheiras profundas.

Infelizmente para Roa, um dos homens havia sobrevivido ao ataque e contado tudo a Rebekah.

— O que está planejando?

Roa mal a ouviu. Pensava em como havia deixado Dax partir. Ao fazê-lo, havia condenado Essie?

O que foi que eu fiz?

— Quero ver minha irmã — disse ela, se virando para sair do jardim.

Quatro homens armados bloquearam imediatamente seu caminho.

— Prendam ela — disse Rebekah.

Roa sacou sua última arma.

Quando agarraram seus braços, ela tentou lutar, usando os cotovelos e joelhos. Roa bateu os calcanhares nas canelas deles. Mas havia muitos, e os

homens a seguravam com vontade, arrancando a faca da Tecelã do Céu dos seus dedos. Ela caiu na terra com uma batida suave.

— *Me soltem* — Roa uivou.

Rebekah pegou a faca e a guardou em sua faixa.

Só então um par de passos frenéticos soou vindo do arco. Mãos foram levadas às armas. Todos se viraram, prontos para lutar.

Mas era só um dos homens de Rebekah, um jovem de cabelo castanho cortado curto.

— Senhora. — Ele estava sem fôlego e se dobrou sobre si mesmo. — Sumiu.

— O que sumiu? — A voz de Rebekah saiu afiada como uma lâmina.

— Acho… Acho que é melhor ver por si mesma.

Eles arrastaram Roa de volta para os aposentos reais. Ela não lutou. Não havia motivo. Rebekah estava com a faca da Tecelã do Céu, e Roa estava cercada e sobrepujada. Teria que esperar o momento certo para escapar e encontrar Essie.

Tochas queimavam nos candeeiros enquanto a luz do início da manhã se infiltrava sorrateira, espantando as sombras dos corredores. Eles passaram pela sala do trono e pararam quando chegaram ao corredor das fontes.

Sete fontes fluíam naquele pátio sem telhado. Entre elas, cresciam jardins geométricos, cheios de árvores, arbustos e flores de todos os tipos. O grupo parou na fonte maior, cercada por hibiscos brilhantes em floração e cedros altos.

O som agradável da água caindo ecoava pelo corredor quando Rebekah parou de repente.

Roa olhou em volta.

A gaiola de Essie estava diante delas. Mas havia algo errado.

Estava destroçada, com as barras negras retorcidas e abertas.

Vazia.

Mas não era só aquilo. Havia dois corpos caídos em meio aos arbustos. Roa reconheceu o primeiro como o homem que carregava a gaiola de Essie. Ele e seu companheiro estavam deitados no chão, com o pescoço quebrado.

Não havia sangue. Nenhum sinal de luta. O culpado por aquilo tinha agido rapidamente.

Uma sensação gelada percorreu Roa.

— O que aconteceu aqui? — Rebekah exigiu saber.

Ninguém respondeu.

Começou, pensou Roa, olhando para o sol nascente. Era a Renúncia chegando. As almas que não haviam feito a travessia retornariam à sua forma verdadeiras e caminhariam entre os vivos.

Essie? Roa procurou nas árvores, nas fontes. *Onde você está?*

Ela buscou o murmúrio e descobriu que havia sumido.

Não pode ser…

Roa procurou de novo. Mas não havia nada lá.

O murmúrio estava morto dentro dela.

Rebekah olhou da gaiola quebrada para a rainha.

— Sabe quem fez isso?

Roa sabia.

— Um espírito corrompido — ela sussurrou.

Eles a arremessaram em um quarto sem janelas ou grades.

Roa nunca tinha visto o interior de uma cela. Nativos não tinham coisas como calabouços. Aquela estava fria, úmida e escura. Cheirava a podridão, e a única luz que entrava vinha da fresta na base da porta.

Era como um túmulo de pedra. Sufocando-a.

Era assim que Essie se sentia todos os dias?

Mas a Renúncia tinha chegado, e Roa vira a gaiola vazia.

Onde quer que estivesse, Essie estava livre de sua forma de pássaro.

Roa bateu na porta. Quando a ignoraram, bateu mais alto, exigindo que a deixassem sair. Só tinha um dia para encontrar Dax. E, naquele lugar sem janelas, não tinha como dizer quanto tempo havia se passado.

Quando suas batidas se provaram inúteis, Roa começou a perambular pelo chão encardido.

Essie, cadê você?

Ela queria sua irmã, a única que poderia apaziguar a dor solitária dentro de si. A pessoa a quem ela pertencia.

Mas Essie não estava lá. As palavras de Asha tinham garras.

É sua ligação que a está mantendo prisioneira.

Quando a porta foi aberta, o brilho dourado das masmorras a iluminou. Rebekah estava na soleira, bloqueando a luz e encarando Roa, com a faca da

Tecelã do Céu guardada em sua faixa.

Ela não estava sozinha. Atrás dela se enfileiravam os sete conselheiros que tinham tramado contra Roa na biblioteca. Os mesmos que Dax havia mandado prender por traição.

Rebekah devia ter encontrado as celas e os libertado.

Com qual objetivo?

— Hora de ir — ela disse enquanto quatro homens entravam na cela e agarravam Roa.

Daquela vez, Roa não resistiu: simplesmente deixou que a arrastassem para fora.

— Quanto tempo se passou?

Rebekah, que caminhava à frente, não respondeu.

— Para onde está me levando?

— Para a praça da cidade.

Roa ficou tensa. Era onde a sentença de Asha tinha sido pronunciada. Era onde as execuções se realizavam.

— Por quê? — ela sussurrou.

— Vamos oferecer ao rei algo a que ele não pode resistir.

De repente, Roa conseguia adivinhar o próximo movimento de Rebekah. Podia ver como ela manipularia as peças no tabuleiro para garantir o resultado que desejava.

Mas Dax já havia se provado igualmente bom em movimentar suas peças. Em jogos de estratégia.

— Ele vai saber que é uma armadilha — Roa sussurrou.

Rebekah sorriu de volta para ela, confiante, e o pavor brotou em Roa.

Trinta e cinco



JÁ PASSAVA BASTANTE DE MEIA-NOITE quando Rebekah e os antigos conselheiros do rei arrastavam Roa pelas ruas lotadas, amarrada e amordaçada. À sua volta, ela ouvia os murmúrios de espanto e as perguntas confusas.

Para onde estão levando a rainha?

Onde está o rei?

Todos na multidão vestiam máscaras da Renúncia. Esculpidas em madeira. Pintadas de branco. Escondendo sua identidade e tornando impossível distinguir quem era quem.

Ainda assim, Roa procurou a irmã.

Vocês deveriam estar todos em casa, com a porta trancada, ela pensou enquanto observava a multidão mascarada. Foi como Roa soube que os rostos atrás das máscaras não pertenciam a nativos. Eles já estariam reunidos em volta do fogo-coração naquele momento, com a porta aferrolhada e as luzes apagadas.

Enquanto a arrastavam, Roa ouviu Rebekah gritando, fazendo acusações à rainha nativa, dizendo para toda a Firgaard o que ela merecia.

Roa não precisava ouvir as acusações, porque sabia o que fizera.

Havia conspirado contra o rei.

Deixado seus inimigos entrarem no palácio.

Traído totalmente o soberano, seus amigos e seu povo.

Ela sabia o que merecia.

Essie, cadê você?

De algum lugar na multidão, Roa pensou ter ouvido alguém gritando seu nome. Mas, quando olhou, viu somente máscaras inertes, e a luz do fogo brilhando sobre elas.

— Roa, aqui!

Ela olhou de novo, tentando ver quem era. Mas as máscaras deixavam todo mundo igual.

Finalmente, Roa a viu.

Lirabel.

Ela havia baixado sua máscara da Renúncia só por um momento, permitindo que a amiga a identificasse.

Lirabel lutava para chegar até ela. Roa poderia ter firmado o pé. Poderia ter dificultado que a arrastassem, pelo menos até a outra alcançá-la.

Mas então Rebekah também capturaria Lirabel. Roa não podia deixar aquilo acontecer. Tinha prometido que manteria a amiga em segurança.

De repente, a multidão os engoliu, e Roa perdeu Lirabel de vista. Seus captores a arrastaram adiante, machucando-a conforme afundavam os dedos em seus braços. No momento em que entraram na praça pública, Roa viu o bloco de execução, sua superfície retalhada pelas sentenças que havia executado. A madeira estava manchada de sangue.

Seu estômago se revirou com a visão.

Rebekah não faria isso…

Ela não poderia…

Ao lado dele, estava o carrasco largo e musculoso. Segurando com as duas mãos o cabo da maior e mais pesada espada que Roa já vira.

O sangue dela gelou.

Os homens de Rebekah formaram um círculo em volta do bloco, mantendo a multidão afastada. Um deles agarrou os ombros de Roa, fazendo-a a ficar de joelhos com tanta força que a dor a fez engasgar.

A corda atando seus punhos machucava sua pele. Sua mordaça cortava os cantos de sua boca. Roa olhou para o mar de rostos mascarados, procurando um mais do que qualquer outro…

Essie, onde está? Preciso de você.

— Esta noite julgaremos uma traidora! — Rebekah gritou para a multidão, com o rosto brilhando à luz do fogo.

Roa, que quase não estava sentindo as mãos amarradas, olhou para o alto dos prédios e muros da cidade. Uma lua crescente pálida pairava sobre as montanhas da Fenda, e o céu estava iluminado ao leste.

— Por sabotar a segurança da nossa cidade…

Roa desviou os olhos e viu as tochas queimando as mãos da multidão perplexa. Como faróis luminosos.

— Por tramar a morte do rei.

Um movimento na praça chamou sua atenção. Alguém se adiantou, abrindo caminho pela multidão que não sabia de que lado ficar, se da rainha nativa ou dos conselheiros do rei.

— Declaramos Roa da Casa da Música…

— Solte ela, Rebekah.

Roa se endireitou, tentando enxergar.

Logo após o círculo de homens, o rei em pessoa tirou sua máscara e soltou-a aos seus pés. Uma tempestade de murmúrios tomou a multidão.

Dax, ela pensou, com o coração se apertando. *Você caiu nas garras dela.*

Os murmúrios estavam ficando mais altos e raivosos. De início, pareceu a Roa que a multidão estava se revoltando contra Dax por sair em defesa da sua rainha traidora. Só que… Não.

Cada vez mais pessoas paravam perto do rei para mostrar que estavam ao seu lado. A fúria de Firgaard não era direcionada a Dax nem a Roa, mas à mulher que havia arrastado sua rainha pela praça e a declarado traidora quando o rei estava visivelmente seguro.

O povo de Firgaard estava do lado deles.

Dax estava lá. A maré estava virando. Rebekah havia perdido. E, ainda assim, não parecia preocupada.

— Como desejar. — Rebekah assentiu levemente com a cabeça, depois foi até onde Roa estava ajoelhada. A rainha sentiu o aço frio de uma lâmina passar entre seus punhos enquanto Rebekah cortava as cordas.

Suas mãos estavam livres.

Rebekah a colocou de pé, em seguida agarrou seu punho com firmeza, pressionando o cabo da faca da Tecelã do Céu na sua palma e fechando os dedos de Roa em volta dele.

A rainha olhou nos olhos sombrios e brilhantes da outra, ansiosos por vingança.

— Agora é sua chance de salvar sua irmã — disse Rebekah. E então, virando-se para Dax, a desafiou — Se você a quer, venha buscar.

Enquanto os guardas se dividiam e Dax passava por eles, Rebekah virou Roa na direção do rei e lhe deu um pequeno empurrão. A rainha cambaleou e olhou para cima, encarando o garoto que amava.

Era esse o plano desde o início, Roa percebeu. *Que eu matasse Dax com toda a Firgaard assistindo.*

Aquilo garantiria que houvesse testemunhas do assassinato do rei pelas mãos de Roa. Rebekah finalmente teria o que queria. Dax morto e Roa destronada.

Sua rival tinha vencido.

Porque logo o sol ia nascer e a Renúncia teria terminado. Quando aquilo acontecesse, a chance de salvar Essie estaria perdida.

Se Roa quisesse libertar a irmã, precisava agir naquele instante, antes que a noite terminasse.

Dax se adiantou, afrouxando a mordaça dela e tirando-a de sua boca.

— Eu te disse o que faria — Roa sussurrou, olhando para ele. — Por que veio me salvar? Por que caiu direto na armadilha?

— Por que, se não fosse por mim, Essie não teria morrido — disse ele, esfregando o dedão na mandíbula. — Porque isso está destruindo você. — Ele pôs as mãos fortes em seu rosto quente. — E porque eu te amo.

Por um segundo, Roa viu o garotinho sentado do outro lado do tabuleiro de deuses e monstros. Eles haviam chegado ao fim do jogo. Roa precisava fazer seu movimento, e ele deixaria.

Lágrimas queimaram em seus olhos enquanto ela olhava para o céu clareando, depois para a lâmina branca murmurante em suas mãos.

— Estou pronto — disse ele, como se lesse seus pensamentos.

Roa ergueu a faca.

E então uma voz cortou a noite.

— Cadê minha irmã?

Roa parou. Seu coração começou a bater alto e veloz.

Ela conhecia aquela voz.

Virando-se, viu uma garota se destacar da multidão. Usava um vestido azul-celeste na altura dos joelhos. Tirando os cabelos trançados, parecia um reflexo da rainha.

— Essie — Dax e Roa disseram ao mesmo tempo.

Mas o murmúrio ainda estava silencioso. Roa procurou desesperadamente

pela conexão, mas descobriu que não havia nada.

Restara apenas uma ferida aberta. Um vazio absoluto.

Como se aquela não fosse nem de longe sua irmã.

Atrás do círculo de soldados de Rebekah, Essie viu Roa. Seus olhares se encontraram. Ela notou que os olhos da irmã não eram mais castanho-escuros, mas prateados.

— Aí está você. — Essie sorriu, mas não era seu sorriso costumeiro. Era algo mais frio e faminto. — Estive te procurando a noite inteira. — Essie olhou para os homens que a separavam de Roa. — Me deixem passar.

Eles não deixaram, e sacaram suas armas.

O sorriso de Essie se transformou em um rosnado. Ela ergueu a mão e, quando a desceu, o pescoço deles estalou como gravetos. A luz em seus olhos se apagou. Eles desabaram no chão.

Corrompidos.

A palavra invadiu a mente de Roa, mesmo que lutasse contra ela.

Não…

Mais soldados os substituíram. Eles também desabaram, ficando de joelhos. Seus olhos se arregalaram e seus dedos apertaram sua própria garganta enquanto Essie os estrangulava até a morte sem nem os tocar.

Quando os corpos caíram no chão, o silêncio na praça era devastador.

Roa olhou para a irmã enquanto os gritos começavam, como uma onda colidindo de um muro ao outro. A multidão se empurrava, tentando fugir do horror parado ali no meio.

Mas Roa sabia que aquela ainda era sua irmã. Ainda era *Essie*. Só que deturpada. Contaminada. Transformada.

Seu espírito estava corrompido.

Ela pensou nos homens mortos ao lado da gaiola quebrada. Pensou no que levara a Casa da Sombra à ruína. Pensou no espírito corrompido que não havia deixado ninguém na família vivo além da cachorra.

Mais do que todas aquelas coisas, Roa pensou na Renúncia anterior.

Não quero mais estar aprisionada, sua irmã dissera a ela naquela noite. *Quero ser livre.*

E se Roa havia entendido errado?

E se, ao não renunciar a Essie, ela a tivesse mantido presa, enjaulada, incapaz de atravessar?

Quando Essie tentou chegar até Roa, ninguém a impediu.

— Eles machucaram você? — Seu olhar prateado parecia afetuoso.

Roa sacudiu a cabeça em negativa e tocou a irmã. Sua bochecha estava quente e macia, e era tão familiar a suas mãos que dava à rainha vontade de chorar. Ela puxou a irmã para perto, abraçando-a com força.

Com o murmúrio silenciado, com sua ligação desfeita, Roa não podia ouvir os pensamentos e sentimentos da irmã. O que significava que Essie tampouco podia ouvir os dela.

— Pensei que não fosse me encontrar — Roa sussurrou, com as bochechas coladas nas dela.

— Sempre vou te encontrar — disse Essie.

— Pensei que tinha ido embora.

Essie balançou a cabeça e se afastou, olhando nos olhos de Roa.

— Estou aqui. E não vou deixar que nada nos separe de novo.

Roa se virou para Dax, então segurou a mão da irmã com força. Com os dedos entrelaçados, ela memorizou o calor da palma de Essie. A pulsação alinhada à dela.

— Sinto muito — disse Roa, olhando direto para o rei. — Nunca foi minha intenção machucar você.

Dax vacilou, olhando das mãos entrelaçadas para o rosto de Roa.

— Nunca pretendi nos separar — disse ela, apertando a mão de Essie, sem querer soltá-la jamais.

Enquanto a faca sobrenatural zumbia contra sua pele, ela pensou na risada alta da irmã, na visão do seu sorriso luminoso, e no calor reconfortante do seu espírito.

— Tudo o que sei sobre o amor, aprendi com você — ela sussurrou, sua visão turvando. — Você me ensinou que às vezes amar significa agarrar firme.

Seus dedos apertaram a faca. A que desatava almas de seus corpos.

Com a irmã ao seu lado, Roa ergueu a lâmina.

— E que às vezes…

As lágrimas desceram pelas bochechas.

— Às vezes significa deixar partir.

Dando as costas para o rei, Roa enfiou a faca no coração corrompido de sua irmã.

Trinta e seis



O AR SAIU NUM SUSPIRO DOS PULMÕES DE ESSIE. Ela olhou para o cabo da faca da Tecelã do Céu enterrado no seu peito. Seus olhos prateados se arregalaram. Suas pernas fraquejaram.

Roa a segurou antes da queda, agachando-se no chão e apoiando-a em seus braços.

O murmúrio se acendeu, alto e feroz entre elas. O tom prateado desapareceu dos olhos de Essie, e suas íris cor de ébano retornaram. Ela encarou Roa, resoluta.

— Sinto muito — Roa sussurrou.

Essie tocou o rosto da irmã.

— Não — a garota sussurrou. — *Eu agradeço.* — Ela abriu um sorriso débil, enquanto lágrimas de gratidão escorriam por suas bochechas. — Obrigada por me libertar.

Um som como um suspiro surgiu enquanto Essie fechava os olhos e se dissolvia em uma névoa brilhante e prateada.

A névoa envolveu Roa, beijando suas mãos, seu rosto, seu cabelo. Ela ouviu a risada da irmã dentro de si, leve, feliz e *livre*.

Apenas por um momento, a névoa se agrupou na forma de um falcão,

subindo alto, circulando Roa uma vez.

E depois desapareceu.

Para sempre.

O luto cravou suas garras em Roa. Um som de rachar almas brotou de dentro dela. Dax olhou, sem entender ao certo o que havia acontecido, ouvindo somente o som do coração partido de Roa.

Ele se ajoelhou diante dela.

Dax estava tão preocupado com Roa que se esqueceu dos homens atrás dele. Esqueceu quem os levara até ali.

Aço brilhou atrás dele.

A rainha viu Rebekah pegar a espada do carrasco com as duas mãos e erguê-la sobre o rei, prestes a dar um golpe mortal.

Roa gritou para avisá-lo, mas era tarde demais.

A espada desceu.

Ela tirou Dax do caminho, colocando-se na frente.

Mas alguém parou entre eles. Metal colidiu contra metal. Roa ergueu os olhos e encontrou… Theo. Interceptando o golpe.

O herdeiro da Casa do Céu sacou sua segunda arma, defendendo Roa e Dax.

Além dele, mais membros de sua casa saíram da multidão, sacando suas armas para enfrentar os homens de Rebekah. Com eles chegou Safira, com seu brasão de namsara brilhando forte e uma miríade de soldats às suas costas.

Um rugido irrompeu sobre eles, como um trovão no céu, enquanto um imenso dragão negro descia com as asas abertas. A terra sacudiu com seu peso, e os homens de Rebekah se acovardaram ao encarar seu único olho fendido.

Kozu.

Nas costas do primeiro dragão estava Asha, com Torwin atrás dela. Como se fossem um, eles desmontaram. A antiga iskari sacou as lâminas gêmeas das bainhas às suas costas, seu olhar mortal enquanto Kozu batia os dentes afiados e lançava com a cauda os homens de Rebekah mais próximos sobre as árvores. Torwin encaixou uma flecha no arco no exato instante em que Lirabel parou ao seu lado, sacando o dela. Juntos, eles miraram em Rebekah.

Enquanto o primeiro dragão espreitava, todos eles formaram um círculo de proteção em volta do rei e da rainha. Atrás, os soldats de Safira e da Casa do Céu mantinham os homens de Rebekah afastados.

Quando Roa voltou a olhar, Theo havia desarmado Rebekah e a forçava a ficar de joelhos.

A comandante desembainhou suas armas e avançou até Rebekah, que estava ajoelhada, com a lâmina de Theo em sua garganta. Safira se abaixou, forçando a filha do barão a olhá-la nos olhos. Embora tivesse falado baixo, Roa a ouviu.

— Você tinha razão, Bekah. Meu lugar nunca será entre vocês. — Safira olhou para Torwin de um lado, para Asha de outro e depois para Dax atrás. Por fim, se virou para Roa. — Meu lugar é aqui, defendendo aqueles que amo.

Enquanto Safira se levantava, Asha parou ao lado dela, passando um braço reconfortante pelos ombros da prima.

— Levem-na embora.

Trinta e sete



NAS SEMANAS SEGUINTES À PASSAGEM DE ESSIE, Roa se sentiu como um soldado que havia voltado do campo de batalha sem um membro, convencida de que ainda podia senti-lo.

Mas não era um membro que sentia. Era sua irmã. O murmúrio vinha brilhando fracamente desde que Roa enfiara a faca da Tecelã do Céu no coração dela. Não era tão brilhante ou caloroso quanto fora, mas estava *lá*. Como se a ligação com Essie, que havia partido para sempre daquele mundo, continuasse íntegra de alguma forma.

Ela contou aquilo para Lirabel nas cartas que escrevia quase diariamente.

A amiga havia voltado para as savanas semanas antes para se preparar para seu casamento. Uma celebração aconteceria no dia seguinte nos jardins da Casa da Música.

Roa afastou o pensamento, tentando se concentrar na assembleia que tinha pela frente, porque, quando pensava naquilo, a tristeza brotava como sangue de um corte. Ela queria estar lá, vendo seu irmão e sua amiga mais antiga se unirem sob os jacarandás exuberantes da Música. Roa queria ser a pessoa a prender flores no cabelo de Lirabel, passar água de rosas atrás das suas orelhas e ajudá-la a entrar no vestido.

Mas ela precisava estar *ali*, em Firgaard. Porque o novo conselho, que representava o reino em vez de ter suas posições vendidas, havia se reunido para votar. Eles estavam ali para decidir se a antiga lei contra regicídio continuaria válida ou se era chegado o momento de derrubá-la.

O rei e a rainha precisavam estar presentes.

A luz dourada do sol entrava pelas janelas no crepúsculo invasor, e a sala redonda da assembleia se enchia de espectadores, deixando o ar quente e abafado. Roa contou uma dúzia de pessoas dormindo em suas cadeiras ou encostadas nas paredes. Tinha sido um longo dia discutindo e debatendo. Com um membro do conselho ausente por motivo de doença, a votação terminava sempre em empate.

Para resolver o impasse, o conselho decidiu dar um voto ao rei.

Que foi quando o ronco começou.

Cada pessoa no local olhou horrorizada na direção do som. Roa suspirou, olhando também.

Dax estava encolhido em sua cadeira pálida de mármore, com a imagem de uma coroa gravada no encosto da cabeça. Sua bochecha estava apoiada no punho, seus cachos castanhos caíam sobre os olhos, e seu peito subia e descia com os roncos.

Roa havia passado noites o suficiente na cama dele para reconhecer o som de seus roncos.

Aqueles eram falsos.

Dax tinha contido sua energia o dia todo. O joelho dele não parara de pular desde o momento em que se sentara naquela cadeira até quando a votação empatara pela terceira vez. Na verdade, se Roa olhasse de perto, podia ver que se mantinha inquieto.

Algo o animava. E um Dax animado não era um Dax sonolento.

Ele estava simulando sono. E Roa sabia por quê.

Aquele novo conselho sempre se submetia ao seu rei. Era a opinião de Dax que seus membros buscavam dentro e fora das reuniões da assembleia, nunca a de Roa. E ali estavam eles novamente, esperando a decisão do rei.

Mas, se estava dormindo, ele não poderia votar.

— Minha rainha? — A conselheira mais velha olhou para Roa. Era uma skral com cabelo grisalho comprido solto nas costas.

A rainha desviou os olhos de seu marido, concentrando-se nos dez homens e mulheres que aguardavam sua decisão.

— Qual é seu voto?

Uma memória veio a Roa. Ela pensou no dia da sua conquista. Lembrou de ficar de pé na névoa ao lado da irmã, segurando a lâmina enquanto Essie recusava a dela.

— As histórias antigas dizem que pertencemos uns aos outros. — Roa repetiu para a sala as palavras ditas por Essie naquele dia. — Se isso é verdade, então nossos inimigos não são nossos inimigos, mas nossos irmãos e irmãs.

Ela parou, olhando para a plateia de skrals, draksors e nativos. Todos eles inimigos em algum ponto, unidos sob um único domo. Ainda havia muito trabalho a ser feito.

— A menos que tratemos todas as vidas como sagradas — Roa prosseguiu, pensando em Rebekah e nos outros, culpados por traição, esperando sua sentença nas celas sombrias do calabouço —, mesmo aqueles que causaram um mal indefensável… Nunca teremos paz. — Ela olhou para os rostos de Firgaard, todos prestando atenção nela. Sua rainha. — Então voto para derrubarmos a lei.

O salão ficou em silêncio. Por um momento, Roa se preparou para a dissidência. Para o salão irrompendo em revolta.

No entanto, o silêncio se transformou em sussurros. Os sussurros em murmúrios. Os murmúrios em uma conversa calma. Ninguém gritou. Ninguém a acusou de tentar sabotar Firgaard, o rei ou o trono.

O conselho assentiu.

— Então está feito.

Roa relaxou, recostando-se em sua própria cadeira de mármore enquanto os membros se viravam, falando em voz baixa enquanto escreviam a declaração e a assinavam. Além deles, a plateia se levantou e começou a sair. A sala foi tomada por conversas.

Quando Roa notou que o ronco ao seu lado havia cessado, ela se virou e viu Dax sentado direito, observando-a.

— Você é impossível — disse ela.

Ele abriu um sorriso charmoso.

Roa se sentiu enfraquecer. Era uma presa fácil para ele. Então estreitou os olhos.

— Não me olhe assim.

Ele se inclinou sobre a cadeira dela, pondo o cotovelo no apoio.

— Quer dizer assim? — Seu olhar suavizou, se fixando no dela.

— Isso — ela murmurou, se aproximando de seu calor.

— Estou só admirando minha rainha. — Ele beijou sua testa, onde repousava um aro de ouro. — Não existe ninguém como ela.

Naquela noite, pouco antes de apagarem as luzes, Roa saiu para a varanda. Sua camisola esfregava nos joelhos e seus pés descalços tocavam os ladrilhos frios. Havia chovido a noite inteira e, apesar de uma neblina ter deixado tudo cor de prata, Roa conseguia distinguir a sacada do outro lado do jardim.

Embora fosse seu quarto, ela não dormia nele desde a noite em que salvara a irmã. Agora, quando a dor da solidão ameaçava engoli-la por completo, ela pressionava as costas nas de Dax e pegava no sono com a batida do seu coração. Se sonhava com Essie só para acordar e lembrar que havia partido, Dax a abraçava enquanto ela chorava.

Todas as vezes.

O cheiro repentino de hortelã a envolveu, tirando-a de seus pensamentos. Roa virou a cabeça e ouviu.

Silêncio.

Ela esperou, com um sorriso nascendo em seus lábios.

Mais silêncio.

— Sei que está aí — disse, quando conseguiu sentir o calor dele em suas costas.

Dax deixou o ar escapar em um sorriso exasperado.

— Como pode sempre saber?

Seus braços quentes a envolveram pela cintura. Roa encostou-se nele.

— Queria fazer uma surpresa — Dax sussurrou em seu ouvido. — Minha estrela.

Roa estava prestes a dizer que ele precisava se empenhar mais, mas aquelas palavras a interromperam.

Minha estrela.

— Por que me chama assim? — Ela se apoiou nele, encostando sua bochecha na barba rala dele.

Dax apertou os braços em torno dela.

— Antes da revolta, eu sabia o que queria: proteger minha irmã, Safira e nosso povo. E tinha consciência do que me custaria: precisaria me opor ao meu pai. Mas, toda vez que eu pensava no que precisava fazer, duvidava de mim mesmo. Me convenci de que nunca seria forte, inteligente ou bravo o bastante para tomar o trono do rei-dragão mais poderoso da história.

Ele virou o rosto para Roa, encostando sua testa na dela.

— Naqueles momentos, quando eu me sentia mais perdido, quando pensava em desistir e deixar morrer o sonho de um mundo melhor, eu pensava em você, do outro lado do mar de areia. Nos imaginava sentados em volta de um tabuleiro de deuses e monstros. Enquanto jogávamos, eu perguntava o que *você* faria e o que gostaria que eu fizesse. Quando fazia isso, não me sentia mais perdido. Conseguia ver o caminho com clareza. — Ele acariciou o ponto atrás da orelha dela, depois olhou para o céu. — Como um marinheiro que precisa dos céus para encontrar o caminho de casa, você era minha estrela, brilhando durante a noite. Me ajudando a encontrar meu caminho.

Roa ficou imóvel com aquelas palavras tão bonitas.

Ela se virou, procurando-o. Mas, no momento em que viu Dax, suas mãos pararam. Roa franziu a testa ao ver o lenço azul-escuro em volta do pescoço dele, depois tocou a jaqueta justa de couro.

— Por que está vestido assim? — a rainha perguntou, notando que as mãos dele estavam cobertas com luvas de couro escuro.

Ele entrelaçou os dedos nos dela.

— Eu falei que tenho uma surpresa — disse o rei, levando-a pelas cortinas para dentro do quarto. — Venha se vestir.

Ela deixou que ele a conduzisse, mas olhou por cima do ombro para o céu noturno bloqueado pelas cortinas.

Agora? Ela tinha acabado de vestir sua camisola.

— Por quê? O que…

A batida alta veio de cima, sacudindo o quarto e interrompendo a pergunta.

Roa olhou para o telhado.

— O que foi isso?

Dax deu de ombros, sorrindo de leve.

Alguém pulou do telhado para a varanda, as botas ecoando alto pelo piso. Roa olhou cautelosa para Dax, depois seguiu na direção do som.

Afastando as cortinas, ela encontrou Safira apoiada na balaustrada, com as pernas cruzadas e as mãos segurando na borda de mármore. A comandante vestia uma jaqueta preta e luvas, e seu cabelo preto estava preso para trás.

— Roa — Safira olhou de cima a baixo sua camisola, claramente decepcionada. — Você não está pronta.

Uma sombra encobriu Roa. Ela olhou para cima e viu a cabeça de ônix de Kozu olhando diretamente para ela, com a boca firmemente fechada e o olho

amarelo fendido a observando. Asha estava agachada ao lado do primeiro dragão, na beira do telhado, com o cabelo preso em sua trança habitual e o rosto parcialmente oculto por um lenço. Seus olhos pretos a espiavam.

— Sério, Dax? — Asha gritou ao ver Roa de camisola. — Você só tinha *uma* tarefa!

— O que está acontecendo? — Roa perguntou a elas.

— Eu deveria garantir que você estivesse pronta quando elas chegassem — disse Dax ao sair, segurando uma pilha de roupas dobradas: jaqueta, luvas, calça de lã, botas e um lenço amarelo-claro. — Se vestir isso, contarei tudo.

Roa ergueu o queixo, em desafio.

— Primeiro me conte do que se trata, então penso se me arrumo ou não.

De repente, um segundo rosto sinuoso olhou para Roa de cima do telhado. Era o dragão dourado no qual Dax havia escapado na manhã da Renúncia. Menor e mais elegante que Kozu, com as escamas reluzindo sob a luz enevoada das estrelas.

Ele fez um estalo para Roa.

Ela recuou com cuidado, direto para Dax.

— Não fique com medo — disse ele, com o braço em volta da cintura dela.

— Com medo? — ela sussurrou. — De um dragão olhando para mim como se eu fosse sua próxima refeição?

Dax sacudiu a cabeça.

— Ela é gentil. E eu vou voar com você.

Roa ficou tensa. *Voar comigo?*

Ela se afastou do rei, olhando dele para Safira e depois para Asha logo acima.

— Era *essa* a surpresa?

Dax, que estava cobrindo o nariz e a boca com o lenço, parou no meio e o baixou.

— Não quer ver o casamento de Lirabel?

Roa ficou boquiaberta. Depois fechou a boca.

— *Essa* é a surpresa — disse Safira.

— Ah — Roa sussurrou. Conforme se dava conta do fato, seus lábios se abriram num sorriso vagaroso. Seu coração brilhou dentro do peito. Ela olhou para Dax, que a observava com uma expressão carinhosa. Então Roa lançou os braços ao redor dele e beijou sua boca com força.

— Não temos tempo para isso — Asha gritou do telhado.

— Obrigada — disse Roa, beijando Dax mais uma vez antes de agarrar as

roupas, entrar e se vestir.

Quando ressurgiu, Asha e Saf já estavam montadas em Kozu no telhado. Dax e o dragão dourado a esperavam na varanda.

— Esta é Faísca — ele disse.

A fêmea encarou Roa com seus olhos claros fendidos. Tinha cheiro de fumaça e areia. Ao se aproximar, a rainha se deu conta de que não fazia ideia de como montar em um dragão.

Vendo aquilo, Dax apoiou um joelho no chão e juntou as mãos para ajudá-la. Ele a impulsionou para cima, indicando que pisasse logo atrás do joelho de Faísca e segurasse no calombo do osso do ombro. Foram necessárias várias tentativas, mas Faísca permaneceu estoicamente parada e, depois de algum tempo, Roa finalmente conseguiu subir.

Dax a seguiu com facilidade. Como se em todas aquelas tardes em que ele sumia, estivesse fazendo aquilo. Quando ele passou o braço em volta dela, olhou para Asha e Safira, montadas em Kozu.

— Pronta?

Antes que Roa pudesse responder, Faísca se agachou, abriu suas asas douradas e saltou para o céu.

*

Eles voaram pela noite. Roa pegou no sono encolhida dentro da jaqueta de Dax. Quando acordou, a serra surgia no horizonte. Ela conseguia distinguir as luzes da Casa da Música ao longe. Lanternas, velas e fogos-corações estavam acesos. O dia nascia. Embora o céu estivesse se iluminando ao leste, as estrelas ainda brilhavam no céu.

Roa ergueu os olhos. Brilhando diretamente sobre eles havia uma estrela que nunca tinha visto. Uma que ardia um pouco mais brilhante que o resto.

Ela recostou a cabeça no ombro de Dax, observando-a.

Kozu voava abaixo deles. Roa podia ouvir o som abafado de Asha rindo de algo que Safira dissera. Em algum ponto da noite, outro dragão se uniu a eles. O lenço do cavaleiro mascarava seu rosto, mas pela altura e forma esguia, Roa sabia que era Torwin.

Faísca os levou para cada vez mais perto da Casa da Música. Os campos passavam sob eles. Todo aquele tempo, o murmúrio brilhava quente dentro de Roa. Dizendo a ela que Essie estava próxima. Que a ligação que compartilhavam sempre estaria ali, quer Essie fosse uma presença física ou

não. Quer estivesse viva ou não.

Porque era exatamente como Dax dissera. O amor resistia a tudo. Até à morte.

Especialmente à morte.

AGRADECIMENTOS

Muito amor e gratidão a:

Heather Flaherty, por sempre me apoiar.

Kristen Pettit, por pegar a bagunça que era este livro e conduzi-la na direção de algo melhor.

Rachel Winterbottom, por amar esta história mesmo quando era uma confusão completa e me ajudar a corrigi-la até o último minuto (*vários* últimos minutos!).

Todos da HarperTeen, especialmente Elizabeth Lynch, Renée Cafiero, Allison Brown, Michelle Taormina, Audrey Diestelkamp, Bess Braswell, Olivia Russo, Martha Schwartz e Vincent Cusenza.

Gemma Cooper, porque sem ela eu nunca teria encontrado meu caminho até a Gollancz.

Todo mundo da Gollancz, pelo apoio entusiasmado e por fazer eu me sentir em casa do outro lado da lagoa. Mais especialmente: Stevie Finegan, a companhia mais agradável para comprar livros; Paul Stark, por fazer um audiobook que (como minha mãe gosta de dizer) é “ainda melhor que o livro-livro”; Cait Davies, por cuidar do marketing dos meus livros de um modo incrível (e por ser minha guia em Londres!) e Gillian Redfearn, por ser incrível, brilhante e generosa.

A equipe da HarperCollins Canada por todo o trabalho que fizeram deste lado da fronteira, especialmente Ashley Posluns, Shamin Alli e Maeve O’Regan!

Myrthe Spiteri, por sua sabedoria e seu apoio.

Meus agentes, editores e tradutores no exterior: sou muito grata a todos

vocês. Ver minhas histórias em idiomas diferentes do meu é ver magia acontecendo no mundo real.

Jenny Bent e a equipe da agência Bent, pelo tremendo trabalho que fazem em meu nome para eu poder me concentrar no que mais amo: escrever.

Bibliotecários e livreiros que conheci ao longo do caminho, por sua gentileza, seu entusiasmo e seu apoio.

Anna Priemaza, Faith Boughan e Gareth Wronski, pela solidariedade no primeiro ano. Isabel Ibanez Davis, por me manter responsável quando eu precisava escrever este texto. Tomi Adeyemi, por seus comentários certeiros e por ser a voz da razão. Chris Cabena, por me dizer que o livro tinha falhas para que eu pudesse melhorá-lo. Boyce Roberts, Cheryl McCarron e Wayne Bartlett, por pegarem uma autora perdida e ajudá-la a se divertir.

Cada um dos meus familiares e amigos: por ocuparem duzentos lugares no meu lançamento. Por se vestirem como meus personagens no Dia das Bruxas (tia Mary, te amo). Por comprarem meus livros, darem a conhecidos e virá-los de frente nas prateleiras (minhas desculpas a livreiros de toda parte). Eu não gostaria de fazer esse trabalho sem todos vocês!

Minha mãe, por seu amor incondicional e seu exemplo iluminador. Meu pai e Jolene, pelo apoio constante.

Joe, por estar lá durante todo processo — nos dias bons, felizes e esperançosos, nos dias ruins, loucos e tristes — e por ser um incrível companheiro de aventura e vida.

Pa, por me mostrar que há momentos para se apegar e momentos para abrir mão, e que isso não significa que o amor acabou. Sua vida e sua morte me ensinaram que o amor sempre triunfa.

Meus leitores e fãs, por seu apoio esmagador, pelas fotos incríveis dos meus livros no Instagram, as mensagens de carinho e encorajamento, resenhas, fanart e tudo o mais. Obrigada do fundo do coração.

E para você que precisa ouvir isso: amor de verdade não é apenas mais forte do que a morte. Amor de verdade transforma os vivos, transforma o mundo. Nunca se esqueçam de quem são e do tipo de amor que são capazes de oferecer: um que desafia a morte e muda o mundo.



NINTH STREET
PHOTOGRAPHY

KRISTEN CICCARELLI cresceu no vinhedo de seu avô em Ontário, no Canadá. Já trabalhou como cozinheira, livreira e ceramista, mas agora se dedica à escrita de livros sobre dragões perigosos, garotas rebeldes que sabem usar armas como ninguém e o poder transformador das histórias.
@kristenciccarelli

Copyright © 2018 by Kristen Ciccarelli

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Caged Queen

CAPA, ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO kakofonia.com

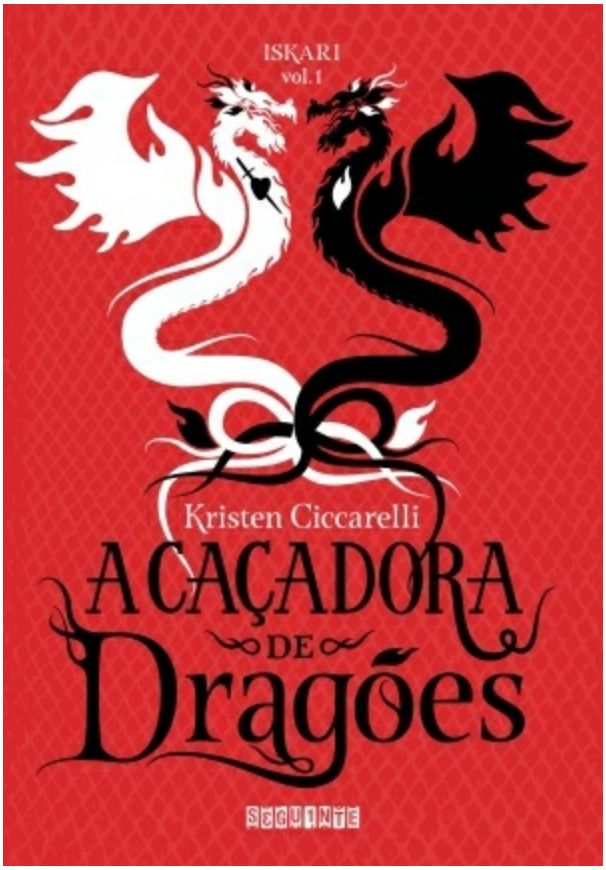
MAPA Elsa Kroese

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-5451-372-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br
/editoraseguinte
@editoraseguinte
Editora Seguinte
editoraseguinte
editoraseguinteoficial


ISKARI
vol. 1
Kristen Ciccarelli
A CAÇADORA DE Dragões
SEGUINTE

A caçadora de dragões

Ciccarelli, Kristen
9788554511388
408 páginas

Compre agora e leia

Primeiro volume de uma trilogia fantástica, em que dragões e humanos estão em guerra — e cabe a uma garota matar todos eles.Quando era criança, Asha, a filha do rei de Firgaard, era atormentada por sucessivos pesadelos. Para ajudá-la, a única solução que sua mãe encontrou foi lhe contar histórias antigas, que muitos temiam ser capazes de atrair dragões, os maiores inimigos do reino. Envolvida pelos contos, a pequena Asha acabou despertando Kozu, o mais feroz de todos os dragões, que queimou a cidade e matou milhares de pessoas — um peso que a garota ainda carrega nas costas.Agora, aos dezessete anos, ela se tornou uma caçadora de dragões temida por todos. Quando recebe de seu pai a missão de matar Kozu, Asha vê uma oportunidade de se redimir frente a seu povo. Mas a garota não vai conseguir concluir a tarefa sem antes descobrir a verdade sobre si mesma — e perceber que mesmo as pessoas destinadas à maldade podem mudar o próprio destino.

Compre agora e leia


Serina foi criada
para ser a garota perfeita.
Agora precisa ir contra
tudo o que aprendeu
para escapar da prisão.
GRAÇA
& FÚRIA
TRACY BANGHART
SEGUINTE

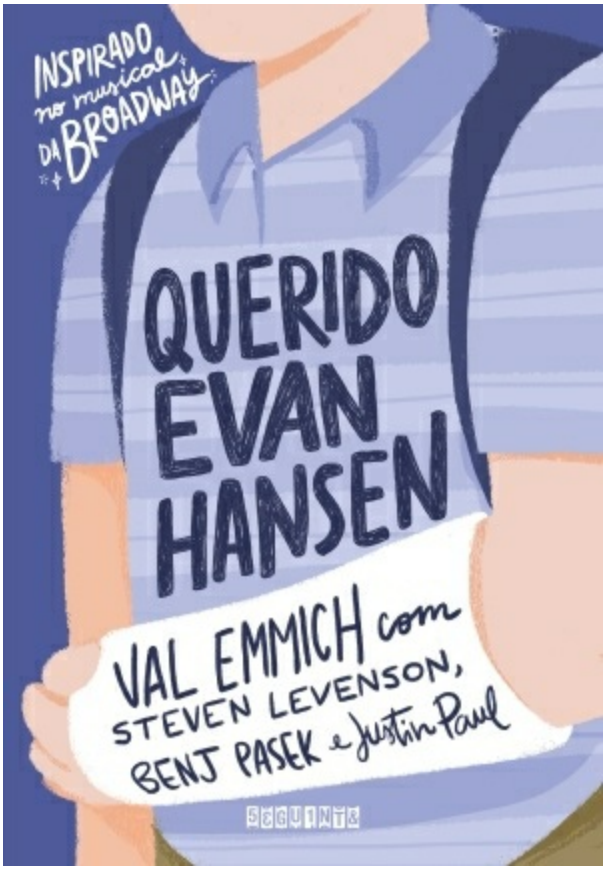
Graça e fúria

Banghart, Tracy
9788554512019
304 páginas

Compre agora e leia

Duas irmãs lutam para mudar o próprio destino no primeiro volume de uma série de fantasia repleta de romance, ação e intrigas políticas.Em Viridia, as mulheres não têm direitos. Em vez de rainhas, os governantes escolhem periodicamente três graças — jovens que viveriam ao seu dispor. Serina Tessaro treinou a vida inteira para se tornar uma graça, mas é Nomi, sua irmã mais nova, quem acaba sendo escolhida pelo herdeiro.Nomi nunca aceitou as regras que lhe eram impostas e aprendeu a ler, apesar de a leitura ser proibida para as mulheres. Seu fascínio por livros a levou a roubar um exemplar da biblioteca real — mas é Serina quem acaba sendo pega com ele nas mãos. Como punição, a garota é enviada a uma ilha que serve de prisão para mulheres rebeldes.Agora, Serina e Nomi estão presas a destinos que nunca desejaram — e farão de tudo para se reencontrar.

Compre agora e leia


INSPIRADO no musical da BROADWAY
QUERIDO EVAN HANSEN
VAL EMMICH com STEVEN LEVENSON, BENJ PASEK e Justin Paul
SEQUINTE

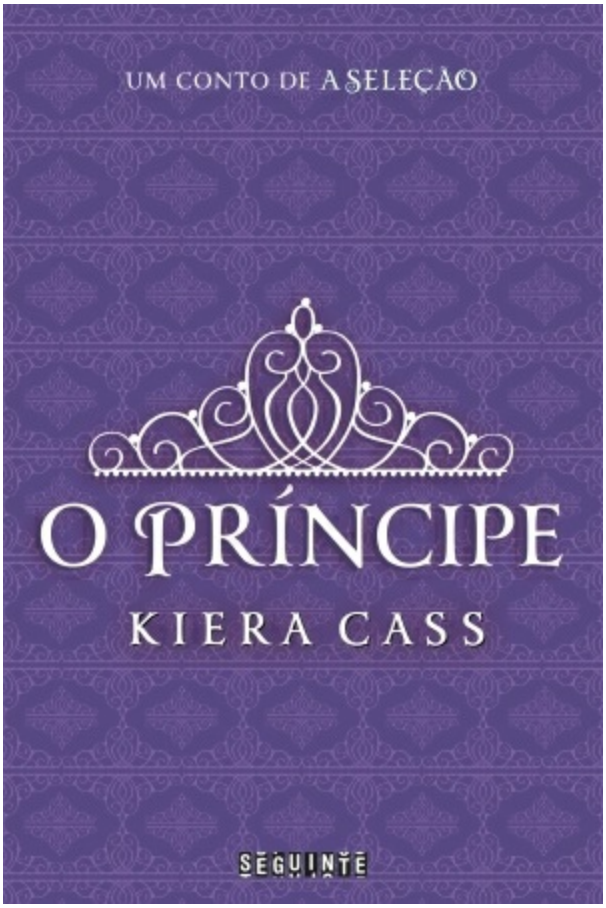
Querido Evan Hansen

Emmich, Val
9788554513481
336 páginas

Compre agora e leia

Dos criadores do premiado musical da Broadway Dear Evan Hansen, esta é uma história emocionante sobre solidão, luto, saúde mental e amizades inesperadas. Evan Hansen sempre teve muita dificuldade de fazer amigos. Para mudar isso, decide seguir as recomendações de seu psicólogo e escrever cartas encorajadoras para si mesmo, com esperança de que seu último ano na escola seja um pouco melhor. O que não esperava era que uma das cartas fosse parar nas mãos de Connor Murphy, o aluno mais encrenqueiro da turma.Quando Connor comete suicídio e sua família encontra a carta de Evan, todos começam a pensar que os dois eram melhores amigos. Sem conseguir explicar a situação, Evan acaba refém de uma grande mentira. Ao mesmo tempo, graças a essa (falsa) amizade, o garoto finalmente se aproxima de Zoe, a menina de seus sonhos, e passa a ser notado no colégio. No fundo, Evan sabe que não está fazendo a coisa certa, mas se está ajudando a família de Connor a superar a perda, que mal pode ter?Evan agora tem um propósito de vida. Até que a verdade ameaça vir à tona, e ele precisa enfrentar seu maior inimigo: ele mesmo.Best-seller do New York Times"Mesmo no formato de livro, a história de Evan Hansen canta. Leitura obrigatória, especialmente para quem já se sentiu invisível."Becky Albertalli, autora de Com amor, Simon"Querido Evan Hansen é uma poderosa reflexão sobre o luto, a depressão e as várias formas como estamos presentes (ou não) na vida daqueles que estão em nosso redor sem nem perceber."David Arnold, autor de Mosquitolândia

Compre agora e leia


UM CONTO DE A SELEÇÃO
O PRÍNCIPE
KIERA CASS
SEGUINTE

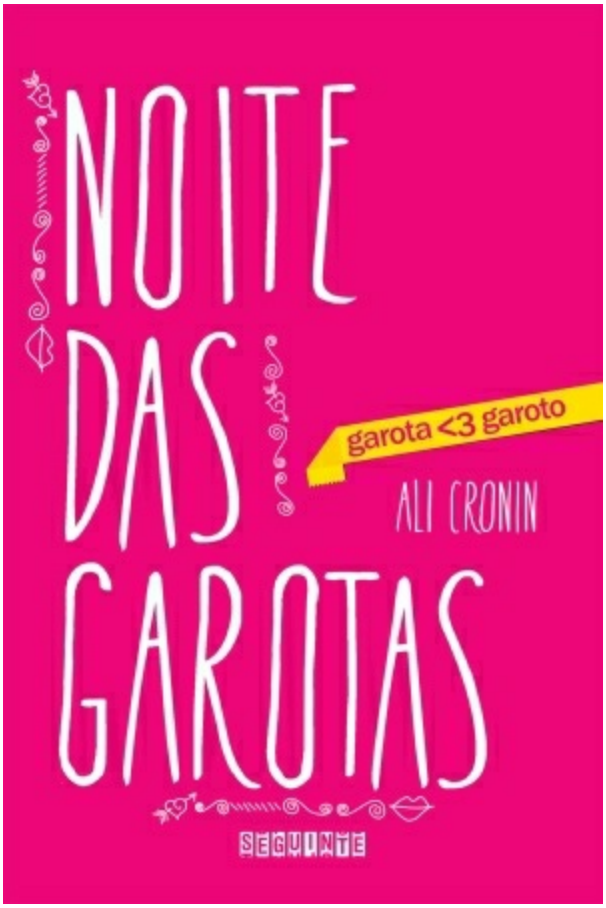
O príncipe

Cass, Kiera
9788580866827
72 páginas

Compre agora e leia

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

Compre agora e leia


NOITE DAS GAROTAS
garota <3 garoto
ALI CRONIN
SEGUINTE

Noite das garotas

Cronin, Ali
9788543802336
18 páginas

Compre agora e leia

Conto gratuito que precede o 1º volume de Garota <3 Garoto (Nada é para sempre). Quatro garotas e três garotos de dezoito anos. Prepare-se para acompanhar seu emocionante último ano na escola... Sarah está indo se encontrar com as outras garotas para passarem um tempo juntas e colocarem as novidades em dia. O que elas aprontam enquanto os garotos não estão olhando?

Compre agora e leia

Table of Contents

Folha de rosto
Sumário
Dedicatória
Mapa
Regras para a Renúncia
A faca da Tecelã do Céu
Um
Um conto de duas irmãs
Dois
Um povo dividido
Três
A colheita branca
Quatro
Cinco
Três meses antes
Seis
Três meses antes
Sete
Dois meses antes
Oito
Antes
Nove
Dez
Antes
Onze
Antes
Doze
Antes
Treze
A história de Essie
Catorze
Sem irmã
Quinze
Uma visita inesperada

Dezesseis
A não renunciada
Dezessete
A Tecelã do Céu
Dezoito
Dezenove
Vinte
A última Renúncia
Vinte e um
Um espírito corrompido
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Sozinha
Vinte e oito
Antes
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Agradecimentos
Sobre a autora
Créditos